



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Raphael Coelho Neto

**Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena*
en el Exilio/Literatura Chilena, *Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile* (1977-1989)**

Belo Horizonte
2016

Raphael Coelho Neto

Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile* (1977-1989)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Tradição e Modernidade

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Profa. Dra. Adriane Vidal Costa

Belo Horizonte
Setembro de 2016

983.0647 C672e 2016	Coelho Neto, Raphael Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica e Araucaria de Chile (1977-1989) [manuscrito] / Raphael Coelho Neto. - 2016. 370 f. : il. Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia 1. História - Teses. 2.Ditadura e ditadores - Chile. 3.Exílio - Teses. 4.Intelectuais - Teses. 5. Chile – História – Teses. I. Costa, Adriane Aparecida Vidal. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
---------------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



"Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica e Araucaria de Chile (1977-1989)"

Raphael Coelho Neto

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:


Prof. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa
UFMG


Prof. Dra. Gabriela Pellegrino Soares
USP


Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta
UFMG

Belo Horizonte, 03 de outubro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço imensamente à minha orientadora Adriane Vidal Costa. O conhecimento e o rigor intelectual transmitidos por ela, acrescidos da sua atenção, generosidade, dedicação e paciência, foram fundamentais na minha trajetória até aqui. Este trabalho certamente é fruto do nosso esforço conjunto e serei sempre grato por isso.

Agradeço aos meus pais, Rafles e Lúcia, pelo carinho e pelo apoio constante e incondicional que me deram por toda a vida, especialmente ao longo destes dois anos. Dificilmente teria condições de realizar este trabalho se não existissem o suporte afetivo e a presença constante deles junto a mim, mesmo estando, por vezes, a centenas de quilômetros de distância. Minha gratidão por eles é eterna.

Às minhas irmãs, Rachel e Luciana, pela companhia fiel e amistosa, e, claro, por me aguentarem diariamente. Reconheço que minha pecha de ranzinza, muitas vezes, se justifica.

Agradeço à minha avó (e madrinha) Geninha e à minha amiga Nazinha. Tenho uma consideração enorme por elas, pelo carinho que sempre tiveram por mim e pela firmeza de caráter e sabedoria que apresentam.

Aos meus amigos de vida e de incontáveis bares: Daniel Fernandes, Bernardo Sena, Eduardo Borges, Edson Alexandre Santos Real, Felipe Munaier, Felipe Soares, Luis Henrique, Rodrigo Sanches Caixeta – querido Caixetinha -, Débora Raiza Rocha, Marco de Sena, Charles Júnior, Lauren Rial, Lays Souza, Thiago Vitral, Adriana Souza – minha comadre -, e meu querido compadre comunista, Luiz Carlos Bittencourt, de quem me aproximei ainda mais nos últimos meses pela afinidade política, atuando na resistência necessária nestes “maus tempos da lida”.

Aos meus companheiros de trabalho na UFMG, de sofrimento, mas também de bares e boas conversas, claro: Pamela Emilse Naumann Gorga, André Mascarenhas Pereira, Luan Aiuá Vasconcelos, Warley Alves Gomes, Marina Helena Meira Carvalho e, especialmente, Thiago Henrique Oliveira Prates, amigo, grande pessoa e ótimo companheiro de trabalho, parceiro ideal “do exílio”.

A todos os companheiros de UFMG e colegas do grupo de pesquisa “Dimensões culturais e políticas do exílio latino-americano” pela troca de ideias, conhecimentos e experiências, em especial a Júlia Melo, Fabrício Seixas, Mahira Caixeta, Natália Iglésias, Carol Drummond, Carol Andrade, Bruna Afonso, Lúcia Generoso, Isadora Vivacqua, Máira Máximo Nascimento e Emmanuel dos Santos, os três últimos também “chilenos”, como eu.

Agradeço enormemente aos professores Rodrigo Patto Sá Motta e Mateus Fávaro Reis pelas importantes colaborações ao meu trabalho durante o exame de qualificação e ao longo de todo o mestrado.

Aos professores chilenos Pedro Bravo-Elizondo e Juan Armando Epple pelas informações concedidas sobre a revista *Literatura Chilena*. Desde o primeiro contato, via e-mail, mostraram-se atenciosos e dispostos a colaborar com a minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo fundamental financiamento de minha pesquisa de mestrado. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais pela atenção e pelo apoio conferidos durante o desenvolvimento da pesquisa e da escrita desta dissertação, em especial à Edilene e ao Mauricio.

Por fim, não menos importante, muito antes o contrário, agradeço afetuosamente à Carolina Paulino Alcântara, Carolzita, pelo companheirismo, compreensão e carinho

em todos os momentos. A presença dela junto a mim é fundamental. A ela dedico meu trabalho.

RESUMO

No contexto da ditadura militar chilena (1973-1990), *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* surgiu como uma revista de exílio, cuja primeira edição foi publicada em Los Angeles, nos Estados Unidos, pela editora *Ediciones de la Frontera*, em janeiro de 1977. Foi fundada e dirigida pelos escritores e poetas chilenos Fernando Alegría (1919-2005) e David Valjalo (1924-2005). A revista *Araucaria de Chile* foi fundada em maio de 1977 por iniciativa de intelectuais chilenos exilados, alguns deles com estreitos vínculos com o Partido Comunista de Chile (PCCh), como o político, escritor e ensaísta Volodia Teitelboim (1916-2008) e o editor e escritor Carlos Orellana (1928-2013). A existência de ambas as revistas no exílio, ao longo de mais de 10 anos, reunindo em suas páginas parte importante da intelectualidade chilena e latino-americana, demonstrou a relevância que elas tiveram para a divulgação da produção cultural, marcada politicamente pela causa chilena de resistência a Augusto Pinochet. Assim, diante da importância de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* como instrumentos de resistência cultural e política no exílio, buscamos desenvolver um estudo comparativo entre elas, com o objetivo de analisar como debateram e veicularam ideias a respeito do exílio, do papel dos intelectuais e da literatura de resistência política entre 1977 e 1989. Temos como proposta central deste trabalho compreender a trajetória e o projeto coletivo das revistas por meio do recorte proposto. Dessa forma, implica-nos perceber de que maneira os colaboradores e os textos publicados dialogaram com os respectivos editorialismos programáticos das revistas, pautados na resistência política a partir dos valores e ideários das esquerdas chilenas e latino-americanas.

Palavras-Chave: *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*; *Araucaria de Chile*; resistência cultural e política; exílio; Ditadura Militar no Chile.

ABSTRACT

In the context of the Chilean military dictatorship (1973-1990), *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* has emerged as an exile magazine, whose first issue was published in Los Angeles, United States, by *Ediciones de la Frontera* publishing house in January 1977. It was founded and directed by Chilean writers and poets Fernando Alegría (1919-2005) and David Valjalo (1924-2005). The *Araucaria de Chile* magazine was founded in May 1977 on the initiative of exiled Chilean intellectuals, some of them with close ties to the Communist Party of Chile, as the politician, writer and essayist Volodia Teitelboim (1916-2008), who became its director, and also the editor and writer Carlos Orellana (1928-2013), who was appointed its editorial secretary. The existence of both magazines in exile for over 10 years, gathering in its pages an important part of the Chilean and Latin America intelligentsia of that period, demonstrated the importance they had for the reception and dissemination of a cultural production politically marked by the resistance against Chile's Augusto Pinochet dictatorship. Thus, given the importance of *Literatura Chilena* and *Araucaria de Chile* magazines as instruments of cultural and political resistance policy in exile, we sought to develop a comparative study between them, aiming to explore how they debated and broadcasted ideas about the political exile, the role of the intellectuals and the political resistance literature from 1977 to 1989. The central purpose of this study is to understand the history and the collective project of these magazines through the proposed cut. Therefore, we aim to examine how their collaborators and their published texts dialogued with their programmatic editorials of the magazines, guided by the political resistance, and based on the values and ideals of the Chilean and Latin American Left.

Keywords: *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica; Araucaria de Chile*; cultural and political resistance; exile, Chile's military dictatorship.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Capas da primeira e da trigésima primeira edições da revista *Literatura Chilena* 74
- Figura 2** - Capas da primeira e segunda edições da revista *Araucaria de Chile* 93
- Figura 3** - Capas das edições de número 41 e 29 da revista *Araucaria de Chile* 94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE 1: As trajetórias político-culturais de <i>Literatura Chilena</i> e <i>Araucaria de Chile</i> no exílio	42
CAPÍTULO 1: Ditadura, exílio e a trajetória das revistas	43
1.1 O golpe militar e a ditadura chilena	43
1.2 O exílio chileno	55
1.3 Formação, materialidade e circulação das revistas <i>Literatura Chilena</i> e <i>Araucaria de Chile</i>	62
CAPÍTULO 2: Resistência e culturas políticas socialista e comunista em <i>Literatura Chilena</i> e <i>Araucaria de Chile</i>	106
2.1 A noção de resistência e os elementos das culturas políticas comunista e socialista no Chile	106
2.2 A composição dos respectivos editorialismos programáticos das revistas	115
2.3 A resistência dos intelectuais e os valores das culturas políticas socialista e comunista no Chile	152
PARTE 2: Entre a criação artístico-literária e o engajamento político no exílio: as redes e o papel dos intelectuais	182
CAPÍTULO 3: A formação de redes e o debate sobre o exílio e o compromisso dos intelectuais	183
3.1 A formação de redes intelectuais no exílio e a resistência à ditadura pinochetista	183
3.2 O debate sobre o exílio e a função dos intelectuais nas revistas	202
PARTE 3: A veiculação de uma literatura de resistência política em <i>Literatura Chilena</i> e <i>Araucaria de Chile</i>	240
CAPÍTULO 4: Literatura e política nas revistas: reflexões acerca da trajetória e do legado de Pablo Neruda e Gabriela Mistral	241
CAPÍTULO 5: “Esa Literatura que surge de un cerco de púas”: debates sobre a literatura de testemunho e a função da literatura	285
CONSIDERAÇÕES FINAIS	335
ANEXOS	342
REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS	347

INTRODUÇÃO

O golpe militar de 11 de setembro de 1973, no Chile, iniciou uma ditadura de quase 17 anos marcada por um alto grau de censura, repressão e violência política imposto à sociedade chilena pelo governo de Augusto Pinochet (1973-1990), sem precedentes na história do país. Por conseguinte, o exílio foi uma alternativa necessária a muitos intelectuais, que não tardaram a buscar em diversos países condições para viver e produzir.

A crítica literária Paloma Vidal¹ destacou que a resistência dos intelectuais chilenos no exílio, no contexto da ditadura de Augusto Pinochet, organizou-se, principalmente, em torno de duas revistas de cultura e política: *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile*. O mesmo constatou a historiadora chilena Carmem Norambuena, que, ao analisar a produção cultural dos seus compatriotas no pós-golpe militar de 1973, sobretudo no exílio, referiu-se às duas revistas como significativos bens culturais de resistência política. Segundo Norambuena:

No cabe duda que entre las producciones culturales más relevantes de la comunidad chilena exiliada están las revistas *Literatura chilena en el exilio*, a cargo de Fernando Alegría y *Araucaria de Chile* dirigida por Volodia Teitelboim. [...] En ellas figuró, de una u otra forma, gran parte de la intelectualidad chilena en el exilio.²

Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica foi uma revista de circulação trimestral. Sua primeira edição foi publicada em Los Angeles, nos Estados Unidos, pela editora *Ediciones de la Frontera*, em janeiro de 1977. Foi fundada

¹ VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

² NORAMBUENA, Carmem. El exilio chileno: río profundo de la cultura ibero-americana. *Sociohistórica: Cuadernos del CISH*, n. 23-24, 2008, p. 176.

e dirigida pelos escritores, ensaístas e críticos chilenos Fernando Alegría (1919-2005) e David Valjalo (1924-2005). O primeiro, como veremos no Capítulo 1, teve relevante trajetória literária no Chile; o segundo destacou-se como poeta e editor, vivendo muitos anos nos Estados Unidos. Ambos tiveram vínculos estreitos com o governo socialista de Salvador Allende (1970-1973).

A revista denominou-se, inicialmente, *Literatura Chilena en el Exilio*, permanecendo com este nome até abril de 1980. Em 1981, ela apresentou mudanças: Fernando Alegría deixou a direção, que ficou a cargo de David Valjalo, e sob a alegação de abarcar igualmente as criações literárias e artísticas do exílio e do Chile, passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Contudo, as linhas centrais de sua atuação cultural e política contra a ditadura permaneceram, não tendo ocorrido modificações mais substanciais em relação a seu projeto original. Ao nos referirmos à revista, quando demarcarmos aspectos que se referem a ela de um modo geral, abarcando suas duas etapas e sua trajetória como um todo, utilizaremos o nome simplificado de *Literatura Chilena*.

Publicada até 1994 e totalizando 58 números, a revista passou por alterações em seu formato e em sua periodicidade a partir de 1987, quando se tornou uma antologia de poemas em versão monográfica e anual, não mais atuando política e culturalmente contra Augusto Pinochet. Circulou no exílio entre 1977, ano de sua fundação, até 1989, ano em que ocorreram as eleições que deram a vitória ao democrata-cristão Patricio Aylwin, demarcando o fim da ditadura pinochetista. Após a ditadura militar, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, de maneira irregular, foi editada e publicada em Santiago de Chile, do número 51 ao 58. Contudo, interessa-nos analisar suas edições de 1977 até 1987, período em que a revista, trimestralmente, resistiu, no exílio, à ditadura militar de Augusto Pinochet no Chile.

A revista *Araucaria de Chile* foi fundada oficialmente em maio de 1977, na cidade de Roma, após decisão de intelectuais chilenos exilados em distintos países da Europa. Alguns deles, os que viriam a se tornar os nomes centrais da revista, possuíam estreitos vínculos com o Partido Comunista de Chile (PCCh), como o político, escritor e ensaísta Volodia Teitelboim (1916-2008), que se tornou seu diretor, e o editor e escritor Carlos Orellana (1928-2013), nomeado secretário de redação, o que, na prática, estabelecia a ele o papel de principal editor de *Araucaria de Chile*. Teitelboim, embora escritor de trajetória relevante, notabilizou-se no Chile, certamente, pela longa militância no Partido Comunista, tendo sido um dos principais integrantes do seu Comitê Central.

Como afirmamos, a decisão para a criação de *Araucaria* ocorreu em 1977, porém a revista começou a circular, de fato, em 1978, tendo por sede de sua redação a capital francesa, Paris, onde se encontrava exilado Carlos Orellana, quem acompanhou de perto toda a produção do impresso. Em 1984, a redação de *Araucaria de Chile* estabeleceu-se em Madrid, pois ali era impressa pela editora *Ediciones Michay*, desde seu primeiro número. Ao mudar a sede para a capital espanhola, concentrou-se, assim, todo o processo de execução e distribuição de suas edições. A revista foi publicada, ininterruptamente, ao longo de 12 anos, totalizando 48 números. Com o fim da ditadura, embora Carlos Orellana pretendesse transferir a sede de *Araucaria* para Santiago, publicando-a no Chile, a revista encerrou sua produção em 1989, não obstante seu último número, uma edição dupla, tenha saído apenas no começo de 1990, ainda no exílio em Madrid.

A existência de ambas as revistas ao longo de mais de 10 anos, reunindo em suas páginas parte importante da intelectualidade chilena e latino-americana, sobretudo a do exílio, demonstrou a relevância que tiveram para a recepção e divulgação da produção

cultural, marcada politicamente, de uma maneira geral, pela causa chilena de resistência à ditadura de Pinochet. A forte ligação dos diretores e editores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* às esquerdas, bem como dos principais colaboradores das revistas, consistiu em indicativos relevantes a respeito da atuação cultural e política dos impressos, questão central que buscaremos aprofundar ao longo desta dissertação.

Assim, diante da importância das duas revistas como instrumentos de resistência cultural e política no exílio, propomos desenvolver um estudo comparativo entre elas, com o objetivo de analisar como debateram o exílio, o papel dos intelectuais e a literatura de resistência política entre 1977 e 1989. Temos como proposta central deste estudo compreender a trajetória e o projeto coletivo de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* através das publicações tangentes a esse recorte temporal e temático. Dessa forma, implica-nos perceber de que maneira colaboradores e textos publicados dialogaram com a perspectiva editorial de esquerda das revistas. Justificamos o recorte temático em razão da recorrência com que as reflexões e debates sobre ditadura, exílio, intelectuais e literatura, de maneira correlacionada, foram veiculadas nos impressos, contribuindo, significativamente, para a construção de ideias culturais e políticas relativas a um dos momentos mais traumáticos da história do Chile.

Quando falamos em literatura de resistência política, ressaltamos a importância da literatura de testemunho ou *testimonios*, sobre a qual nos dedicamos de maneira mais específica no capítulo final desta dissertação. Contudo, torna-se fundamental que esclareçamos que nossa ênfase não se deu apenas na literatura resultante do pós-golpe, que se colocou cultural e politicamente contra a ditadura. Para além disso, tratamos de entender como *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, ao veicularem predominantemente uma literatura engajada, apropriaram-se, também sob uma ótica

política e comprometida, de duas figuras canônicas da literatura chilena, Gabriela Mistral e Pablo Neruda.

Ao mencionarmos a literatura de testemunho publicada nas duas revistas, interessou-nos tanto as prosas (em geral contos e fragmentos de romances) quanto os poemas, os de exílio e aqueles que foram produzidos no Chile. Pautados, fundamentalmente, pela resistência política à ditadura, os testemunhos foram, nas revistas, o principal meio, do ponto de vista literário, para a veiculação da denúncia, da oposição e da memória dos escritores de esquerda em relação à intensa repressão e violência do governo autoritário de Augusto Pinochet. Ademais, através da crítica literária, dos ensaios, dos discursos e das entrevistas, importou-nos perceber como os colaboradores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* analisaram a função da literatura, o gênero *testimonio* e o papel do intelectual diante da ditadura e do exílio.

Entendemos que o relevo dado ao papel do escritor/intelectual e à literatura chilena nas duas revistas não foi casual. O diretor de *Literatura Chilena en el Exilio*, Fernando Alegria, e o editor da revista, David Valjalo (diretor do impresso em sua segunda fase), foram escritores e críticos de importante trajetória intelectual, especialmente o primeiro. O mesmo pode ser dito em relação à *Araucaria de Chile*, ao levarmos em conta que Volodia Teitelboim, além de político com destacada posição no Partido Comunista de Chile, foi escritor, ensaísta e crítico literário reconhecido em seu país, embora com um peso menor quando comparado a Fernando Alegría. Carlos Orellana, por sua vez, marcou sua trajetória intelectual como importante editor no Chile e no exílio.

Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica foi receptiva à grande parte da produção literária chilena do pós-golpe: a do exílio e a que chegava clandestinamente do Chile. *Araucaria de Chile*, em relação à *Literatura*

Chilena, abarcou de forma mais plural e ampla as produções artístico-culturais: literatura, cinema, artes plásticas, música e teatro. Contudo, nela foi dedicado espaço considerável de páginas, em todas as edições, à literatura de resistência política, com ênfase na produção intelectual exílica de viés latino-americanista e não apenas chilena.

O marco temporal deste trabalho se explica pela criação de *Literatura Chilena en el Exilio* em 1977, na Califórnia, Estados Unidos, até o ano de 1989, quando *Araucaria de Chile*, como mostramos, encerrou sua publicação, com o fim da ditadura e do exílio chileno. Como afirmamos, embora tenha lançado seus dois últimos números em 1990, a edição e organização dos mesmos foram feitas em 1989. Explicando os problemas financeiros para a publicação dos dois últimos números de *Araucaria*, seu secretário de redação, Carlos Orellana, afirmou que a edição dupla 47-48 “cubría el semestre final de 1989, completando el ciclo de nuestros doce años de vida. Empezó a circular a principios del año 90 [...]”.³

Também devemos pensar que, embora o governo de Augusto Pinochet tenha durado, oficialmente, até 11 de março de 1990, estudiosos, como Manuel Antonio Garretón, por exemplo, consideraram que a ditadura militar chilena se encerrou no ano de 1989, após o plebiscito de 5 de outubro de 1988 - previsto na Constituição de 1980 -, que decretou a não permanência do ditador Pinochet por mais oito anos de mandato.⁴ Inserem-se nesse contexto as eleições presidenciais e parlamentares de 1989, que elegeram novos mandatos políticos após mais de quinze anos, dissolvendo o governo militar com a eleição de Patricio Aylwin, candidato da coalizão de partidos oposicionistas, a *Concertación de Partidos por la Democracia*.

³ ORELLANA, Carlos. Bitácora personal de una historia colectiva. *Araucaria de Chile: Índice General* (1978-1989). Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 30.

⁴ GARRETÓN, Manuel Antonio. *Partidos, transición y democracia en Chile*. Santiago: FLACSO, n° 443, 1990.

O recorte temporal demarcado correspondeu à análise de todos os 48 números de *Araucaria de Chile* e das 42 primeiras das 58 edições publicadas por *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Lembrando que, após a 42ª edição, a revista encerrou sua publicação trimestral, organizando-se com formatos monográficos dedicados à antologia de poemas chilenos, não atuando mais, portanto, como um instrumento de resistência cultural e política à ditadura. Todas as edições de ambas as revistas se encontram disponíveis no site <http://www.memoriachilena.cl>.

Não obstante a relevância das duas revistas, para a comunidade chilena, tenha sido constatada pela bibliografia especializada na análise do exílio, da literatura, das artes e/ou da repressão política no Chile nas décadas de 1970 e 1980,⁵ *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* não têm sido objetos de investigação e estudo, de maneira mais substancial e frequente, pelos pesquisadores da temática referente ao exílio intelectual. Tampouco com uma abordagem historiográfica comparativa, como propomos neste estudo. Com maior frequência, ambas foram utilizadas como fonte e não objeto de estudo, como no caso dos trabalhos de Loretto Rebolledo González⁶ e Jaume Peris Blanes⁷ sobre a repressão política, o exílio chileno e os testemunhos, ou nas críticas literárias de Juan Armando Epple⁸ e César Diaz-Cid,⁹ que se utilizaram da

⁵ Além dos trabalhos de Paloma Vidal e Carmen Norambuena citados anteriormente, ver: NÓMEZ, Naín. Transformaciones de la poesía chilena entre 1973 y 1988. *Estudios Filológicos*, n. 42, Valdivia, p. 141-154, sep. 2007; CANALES, Sol Marina Garay. *Memoria y exilio a través de la obra de escritores chilenos exiliados en Alemania (1973-1989): una apertura al otro*. 486f. Tesis Doctoral. Universidad Autónoma de Madrid. Facultad de Filosofía y Letras, 2011.

⁶ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Exilios y retornos chilenos. *Revista Anales*, Séptima Serie, n. 3, p. 177-187, julio 2012; REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Vivir con miedo, morir en el terror: Chile (1973-1990). *Ecuador Debates*, Quito, p. 91-104, diciembre del 2003.

⁷ BLANES, Jaume Peris. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008.

⁸ EPPLÉ, Juan Armando. La literatura chilena del exílio. *Texto Crítico*, n°. 22-23, p. 209-237, julio-diciembre de 1981; EPPLÉ, Juan Armando. Acercamientos a la literatura testimonial de Chile. *Revista Iberoamericana*, v. LX, n° 168-169, p. 1144-1159, julio-diciembre de 1994.

⁹ DÍAZ-CID, César. El discurso testimonial y su análisis literario en Chile. *Revista Electrónica: Documentos Lingüísticos y Literarios UACH*, n° 30, 2007. Disponível em: www.humanidades.uach.cl/documentos/linguisticos/document.php?id=1354. Acesso em: 19/05/2015.

revista *Araucaria de Chile* como meio para a análise da literatura chilena de exílio, incluindo os *testimonios*.

Não constatamos estudos de fôlego sobre *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Há um trabalho pequeno em extensão e de caráter mais descritivo realizado pelo chileno Pedro Bravo-Elizondo e pela norte-americana Judy Berry-Bravo sobre a revista, contendo informações importantes relativas a Fernando Alegría e a David Valjalo.¹⁰ Não podemos deixar de nos referir ao relevante estudo, no Brasil, da historiadora Êça Pereira da Silva, que possuiu como objeto de pesquisa *Araucaria de Chile*.¹¹ Em seu livro, a autora tratou de temas amplos e variados veiculados na revista, desde a perspectiva do exílio, passando pela criação artística e cultural chilenas nesse contexto, as impressões sobre a América Latina, até a ligação de membros relevantes na produção de *Araucaria* com o Partido Comunista chileno – além de Volodia Teitelboim e Carlos Orellana, também o jornalista Luis Alberto Mansilla e o crítico e professor acadêmico Luiz Bocaz. A autora nos legou um importante trabalho historiográfico a respeito da fundação e da circulação da revista ao longo de seus 12 anos, contribuindo significativamente para a compreensão de sua relevância no que tange à produção cultural no exílio.

Referente à *Araucaria de Chile* e à *Literatura Chilena*, além de tentarmos desenvolver as temáticas tangentes ao recorte proposto nesta dissertação, buscaremos contribuir com os estudos sobre as revistas culturais e políticas chilenas a partir de aportes teórico-metodológicos específicos que se colocam como centrais em nosso

¹⁰ BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. *Literatura Chilena en el Exilio*: Fernando Alegría y David Valjalo. Iquique: Ediciones Campvs, Universidad Arturo Prat, 2007.

¹¹ SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile (1978-1990)*: a intelectualidade chilena no exílio. São Paulo: Alameda, 2013. Em artigo publicado na revista eletrônica da ANPHLAC, Êça Pereira da Silva abordou, de forma mais analítica, a produção artística chilena no exílio e no Chile publicada em *Araucaria de Chile*, incluindo a literatura, o teatro, a música, as artes plásticas, o cinema e a tapeçaria. Consultar: SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile*: uma revista de resistência cultural. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 10, p. 83-125, jan./jun. 2011.

trabalho. De modo a pensar as revistas como objeto de análise e não apenas fontes, trazendo à tona, portanto, suas trajetórias, defendemos que as temáticas e abordagens frequentemente veiculadas em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* estiveram diretamente ligadas aos respectivos *editorialismos programáticos* de cada uma delas.

Por *editorialismo programático*, em diálogo com a proposta teórica e metodológica de Fernanda Beigel, compreendemos a perspectiva editorial política e militante de um determinado periódico, alinhada à sua vertente cultural. O conceito de editorialismo programático, embora brevemente desenvolvido por Beigel em *Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana*, nos é extremamente importante, na medida em que pressupõe a articulação, no interior dos impressos, entre política e literatura, com vistas à construção de uma arte engajada. Dessa maneira, torna-se importante para nós pensarmos de que modo tal articulação poderia materializar-se, por meio das revistas, em novas formas de difusão cultural atreladas às aspirações políticas, por vezes revolucionárias.¹² Ressaltamos que a ideia de editorialismo programático nos permitiu entrelaçar os respectivos projetos coletivos de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, marcadamente políticos, com a literatura publicada em suas páginas, bem como com as perspectivas sobre o papel do intelectual desenvolvidas pelas revistas.

A partir dessa abordagem teórico-metodológica, faz-se essencial reforçar que as duas revistas, embora as compreendamos como nossas fontes precípuas, constituem-se, sobretudo, nossos objetos de análise. Essa proposição configurou-se de tal maneira por entendermos que o nosso objetivo central não consistiu em fazer uma análise isolada dos textos literários, da crítica, dos ensaios e discursos publicados nelas, mas conjugá-los e analisá-los de modo a estabelecer cruzamentos com a trajetória política e

¹² BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopia y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, año 8, n° 20, marzo 2003, p. 108.

intelectual de seus editores e principais colaboradores, assim como buscar um diálogo sistemático com os editorialismos programáticos de ambas.

De forma inovadora, dada a ausência historiográfica a respeito da comparação entre as duas revistas, procuramos tratar de tais questões no sentido de compreender como *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* divulgaram, analisaram e consolidaram em suas páginas críticas à ditadura de Augusto Pinochet por meio dos debates e das reflexões sobre o exílio, os intelectuais, a literatura e a resistência política. Em razão da nossa abordagem comparativa, buscamos nos atentar para as aproximações e divergências entre as revistas e no interior de cada uma delas a partir do recorte temático proposto, compreendendo o caminho percorrido por cada uma delas na resistência à ditadura no Chile. Objetivamos, neste trabalho, construir um quadro amplo de produção, divulgação e análise de textos fortemente identificados com o político, visto que estiveram marcados pela denúncia da violência aplicada pelas ditaduras chilena e latino-americanas durante as décadas de 1970 e 1980.

Sobre o *método comparativo* na História, não poderia nos escapar alguns esclarecimentos. Não estamos fazendo uma história comparada propriamente dita. Isso porque tal forma de abordagem historiográfica, em geral, propõe a comparação de épocas, sociedades, contextos e/ou países distintos, com a finalidade de se extrair pressupostos que permitam entendimentos peculiares da História.¹³ Ao compararmos dois impressos de mesma natureza, temporalmente coincidentes, oriundos e produzidos fundamentalmente em função das mesmas razões, embora com matizes próprios e em lugares de exílio distintos, estamos, basicamente, nos apropriando de elementos

¹³ PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*. Universidade de São Paulo, n.º 153, p. 11-33, 2005; BARROS, José D'Assunção. História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas, n.º13, p. 7-21, 2007; THEML, Neyde, BUSTAMANTE, Regina da Cunha. História Comparada: olhares plurais. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXIX, n. 2, p. 7-22, 2003.

inseridos na metodologia historiográfica da comparação. É de nosso interesse fazer analogias entre dois objetos de estudo, identificar semelhanças e diferenças entre suas realidades, perceber variações de modelos semelhantes e os sujeitar a análises de comportamento diante de situações específicas.¹⁴ Essa forma de abordagem da História busca confrontar dois ou mais objetos de modo que os traços fundamentais de um coloquem em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e não no outro, por exemplo, ou as variações de intensidade relativas à mútua presença de características comuns.

Neyde Theml e Regina da Cunha Bustamante defenderam que, mais do que “comparar o comparável”, aos moldes do que propôs Marc Bloch em seu estudo sobre os reis taumaturgos na França e na Inglaterra, deve ser caro, aos estudiosos desse tipo de abordagem comparativa, observar as especificidades e as diferenças daquilo que se estuda. Deve-se indagar acerca dos fatores que as determinam, visando compreender a dinâmica e as imbricações entre os diferentes aspectos que moldam um dado objeto sob observação. As autoras afirmaram que, ao colocar em comparação experiências distintas, produzem-se, frequentemente, espaços de inteligibilidade e novas reflexões.¹⁵

Utilizando-nos da abordagem comparativa entre as revistas, pensamos ser possível mostrar (e confrontar) que as profusas criações culturais, durante a ditadura, tiveram em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* verdadeiros campos de interação, difusão e debate das novas propostas políticas, estéticas e temáticas que despontavam, sobretudo, no exílio.

As revistas de cultura e política como fonte e objeto de estudo na História

¹⁴ BARROS, José D'Assunção. História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas, n°13, 2007, p. 10-11.

¹⁵ THEML, Neyde, BUSTAMANTE, Regina da Cunha. Op. Cit., p. 7-22.

No contexto de renovação da História Política, em confluência também com a emergência da História Cultural, novos objetos, como os impressos, foram ressignificados pela historiografia francesa, em especial, e, por conseguinte, também pela brasileira. Como apontou Tania Regina de Luca, “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970” no Brasil.¹⁶ De fonte, os periódicos passaram a ser considerados também, por muitos estudiosos interessados na trajetória de jornais e revistas, objetos de pesquisa e estudo na História, demandando o desenvolvimento de ferramentas teóricas e metodológicas para melhor tratamento desses impressos. Devemos, contudo, ressaltar as características gerais de um tipo específico de impresso com os quais trabalharemos: as revistas culturais com forte viés político.

As revistas culturais tiveram um papel relevante nos âmbitos culturais e políticos latino-americanos ao longo do século XX. Torná-las objetos de investigação vem se consumando como prática recorrente entre os pesquisadores da história cultural, história política, história das artes e história da literatura na América Latina. Mais do que fonte complementar a determinado estudo, apontou Regina Crespo, as revistas transformaram-se no objeto principal de muitos estudos de história política, literária e cultural. Segundo a autora, pesquisadores que se dedicam à América Latina têm analisado as revistas culturais em vários aspectos: sua inserção político-cultural, sua função social, sua relação com outras revistas e seu papel na criação ou questionamento de cânones literários e artísticos.¹⁷ Para analisarmos as revistas *Literatura Chilena* e

¹⁶ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 118.

¹⁷ CRESPO, Regina. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010, publicación en CD-ROM, p. 2.

Araucaria de Chile, adotaremos essas abordagens. As duas revistas foram verdadeiros instrumentos de debate da intelectualidade chilena e latino-americana, constituindo-se em atores importantes no exílio ao marcar identidades, reivindicar mudanças políticas no Chile e nos demais países do Cone Sul submetidos às ditaduras militares, além de lançarem diretrizes para a promoção e estabelecimento de uma literatura que se relacionava fortemente com o político.

As revistas culturais constituem-se em instrumentos imprescindíveis para o estudo dos movimentos ocorridos no âmbito literário de determinado país ou região, em dado momento histórico. Com a diversidade de seu conteúdo, oferecem-nos com maior dinamismo as inovações estéticas, temáticas e ideológicas de escritores ou de movimentos literários em seu sentido mais lato. Nesses impressos, são debatidos os temas da atualidade em seu momento exato, fornecendo-nos uma visão ampla da dinâmica de atração e rechaço entre os grupos políticos e literários. Frequentemente, são reeditados textos de escritores consagrados, como foi o caso, nas revistas que estudamos, de Gabriela Mistral e de Pablo Neruda, demarcando o vínculo desses impressos ao legado literário e político de dois dos maiores nomes da literatura chilena. Pensamos que as revistas de caráter literário mais acentuado, como *Literatura Chilena*, que publicaram, predominantemente, poemas, contos e fragmentos de romances, além de ensaios e críticas literárias, podem ser concebidas como um tipo de revista cultural. *Araucaria de Chile*, por sua vez, foi uma revista cultural que se dedicou a publicar textos e debates de grande variedade temática, relacionados não apenas com a literatura, mas com a cultura em geral, assim como com campos científicos diversos das Ciências Humanas. Em *Araucaria* e *Literatura Chilena*, as expressões culturais coexistiram intimamente com a veiculação de posicionamentos políticos, o que nos levou a concebê-las como revistas de cultura e política.

Consideramos as revistas de cultura e política meios ideais para o estudo dos debates da crítica literária e dos ensaios. Como defendeu Roxana Patiño, cada época constrói um desenho particular das relações da crítica com os outros discursos e com os espaços de circulação desses discursos.¹⁸ As revistas culturais e políticas seriam, então, fontes privilegiadas para a análise de tais debates. Certos paradigmas da crítica ganham espaço preferencialmente nas revistas, difundindo novas práticas e novos projetos, o que nos permite visualizar correntes artístico-literárias que formam parte de um período cultural e político específico.¹⁹

Como sustentaram Beatriz Sarlo²⁰, Regina Crespo²¹ e Mateus Fávaro Reis²², as revistas em geral devem ser compreendidas como atores do seu tempo presente, como instrumentos de comunicação que objetivam influenciar o comportamento político de grupos e coletividades. Em comparação com os jornais, as revistas possuem um tempo de elaboração maior e não estão submetidas ao imediatismo das notícias, o que, *a priori*, proporcionaria maior reflexão e a criação de textos mais analíticos.²³

Compartilhamos da ideia de Carlos Altamirano²⁴ quando ele afirmou que as revistas culturais constituem-se em uma “forma de agrupamiento y organización de la *intelligentsia*”, através das quais resulta possível estudar “las direcciones y las batallas del pensamiento en las sociedades modernas y hacer el mapa de las líneas de

¹⁸ PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs). *Modernidades alternativas na América Latina*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 461-462.

¹⁹ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopia y Praxis Latinoamericana*. Año 8, n° 20, marzo 2003, p. 110.

²⁰ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du CRICAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n° 9-10, 1992, p. 9-15.

²¹ CRESPO, Regina. Op. Cit., p. 1-15.

²² REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla* (Uruguai e Chile, 1932-1974). 426f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

²³ CRESPO, Regina. Op. Cit., p. 2.

²⁴ ALTAMIRANO, Carlos. Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 19.

sensibilidad de una cultura en un momento dado”. Em consonância com essa perspectiva, e com a qual também concordamos, Beatriz Sarlo defendeu que as revistas culturais, nas quais frequentemente atuam a intelectualidade mais proeminente de seus países, são comumente dirigidas por um coletivo, e “informan sobre las costumbres intelectuales de un período, sobre las relaciones de fuerza, poder y prestigio en el campo de la cultura”.²⁵ Regina Crespo acrescentou que as revistas culturais e literárias, como resultado de uma ação coletiva, de um projeto coletivo, representam o ponto de vista de um grupo de intelectuais, tornando-se instrumentos de intervenção ideológica na arena político-cultural.²⁶ Vistas em uma perspectiva histórica e como conjunto, observou Roxana Patiño que

as revistas permitem estudar, com uma precisão maior, os processos de conformação de ideologias literárias e culturais, os mecanismos de instauração e consagração de um tipo de discurso em detrimento de outros, a constituição de certa classe de intelectual erigido a “voz autorizada”[...]. As revistas culturais abrigaram a crítica como intervenção política, [...] uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual, e não fora dele.²⁷

Dessa maneira, percebemos as revistas como preciosos lugares para a análise do movimento das ideias, assim como podemos concebê-las como espaços de sociabilidade intelectual.²⁸ Elas estimulam a construção de redes intelectuais na medida em que materializam, em papel, os pensamentos de grupos intelectuais que, em geral, possuem propostas políticas comuns.²⁹

Como propôs Claudio Maíz, devemos interpretar as revistas culturais como publicações periódicas que nos permitem vislumbrar o registro de um momento da

²⁵ SARLO, Beatriz. Op. Cit., p. 15.

²⁶ CRESPO, Regina. Op. Cit., p. 3.

²⁷ PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 460-461.

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit., p. 249.

²⁹ CRESPO, Regina. Op. Cit., p. 5.

cultura através dos debates, difusão de estéticas, divulgação de autores estrangeiros, traduções, enfim, o clima intelectual imperante em determinado momento histórico, tudo isso visto pela ótica da noção de redes,³⁰ que aqui chamamos de redes intelectuais.

Entendemos por *rede intelectual* “una forma de sociabilidad y una cadena de contactos e interacción entre artistas, gente de letras, editores y otros tipos de agentes culturales, ligados por convicciones ideológicas o estéticas compartidas”³¹, embora essa condição não elimine, como veremos com as revistas objetos de nossa análise, as divergências dentro dos grupos, as “batalhas internas e externas, tanto políticas quanto culturais”.³² Ainda assim, no caso das revistas em geral, torna-se importante que ressaltemos que, apesar da possibilidade de existir discursos polifônicos em seu interior, o que permitiria o debate entre essas vozes, tornando as revistas potencialmente ricas para a pesquisa, sobressai nelas aquilo que os contatos sistemáticos por meio de redes reforçam, quais sejam, os projetos intelectuais de fundação de um impresso periódico, uma visão de mundo compartilhada que constrói discursos relativamente unificados, em suas linhas gerais.

Segundo Eduardo Devés-Valdés, a real constituição de uma rede demanda frequência e densidade em relação à comunicação entre seus membros, o que faz com que a espontaneidade inicial dos contatos entre intelectuais se institucionalize com a realização de associações, congressos e publicações, por exemplo. As formas de relação entre aqueles que integram uma rede podem ser variadas, abarcando os contatos pessoais, as correspondências, os encontros nos mesmos congressos, as publicações e os debates nos mesmos impressos periódicos, os comentários ou resenhas em livros, as citações recíprocas, os diálogos e as polêmicas. Percebemos que em *Literatura Chilena*

³⁰ MAÍZ, Claudio. Las re(d)vistas latinoamericanas y las tramas culturales: redes de difusión en el romanticismo y el modernismo. *Cuadernos del CILHA*, v. 12, n. 14, 2011, p. 73.

³¹ ALTAMIRANO, Carlos. Op. Cit., p. 18-19.

³² REIS, Mateus Fávaro. Op. Cit., p. 21.

e *Araucaria de Chile*, todas essas formas de relação estiveram presentes. Ademais, as redes intelectuais podem ser fortalecidas por vinculações diversas, como as profissionais, as afetivas, as familiares, as religiosas e, no nosso caso, em especial, as vinculações políticas.³³

Em se tratando da formação e atuação política das revistas de exílio, acreditamos que as características que envolvem o conceito de redes intelectuais apresentam-se compatíveis a esta pesquisa, possuindo intensa correspondência com aquilo que pensamos a respeito dos editorialismos programáticos de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*. Quando nos situamos nas perspectivas das redes, acreditamos estar vinculados ao eixo de análise, proposto por Helenice Rodrigues da Silva, que enfatiza um determinado momento histórico, conjuntural, que apresenta visões de mundo, esquemas de percepção e modalidades próprias de pensar e de agir por parte dos intelectuais.³⁴

Para este estudo, cabe a nós destacarmos a formação de redes intelectuais a partir de três fatores principais. Começamos pela proximidade política, que congregou grande parte dos escritores e intelectuais colaboradores das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* dentro do espectro ideológico das esquerdas, o que não impediu certas especificidades e diferenças ao se veicular ideias políticas nas revistas, como veremos. Torna-se essencial mencionarmos que a maioria dos colaboradores de ambas as revistas pertenceram ou, no mínimo, mantiveram-se próximos ao governo de Salvador Allende. Além dos elos formados a partir desses aspectos políticos, acreditamos que a condição do exílio contribuiu, sobremaneira, para que se efetivassem redes transnacionais em função da oposição à ditadura de Augusto Pinochet. A

³³ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Universidad Santiago de Chile, 2007, p. 30-32.

³⁴ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002, p. 12.

organização, em países distintos, de encontros e congressos em solidariedade à causa chilena, bem como a fundação de editoras, como mostraremos no terceiro capítulo, deixaram claro os sistemáticos contatos entre escritores e artistas durante o exílio. Por fim, estreitamente ligado aos dois fatores indicados, as redes intelectuais foram ainda mais reforçadas em decorrência da fundação e existência das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* no exílio por pouco mais de 10 anos. Ambas possibilitaram contatos em suas respectivas redações e, principalmente, propiciaram debates frequentes em suas páginas, tendo como princípio básico de união a resistência política à ditadura militar no Chile.

Compartilhamos da concepção de *intelectual* cunhada por Carlos Altamirano, segundo a qual eles se notabilizam por serem atores do debate público, intérpretes da nação que transmitem publicamente seu pensamento, podendo atingir desde círculos restritos de letrados até setores mais amplos da sociedade.³⁵ Por sua vez, Jean-François Sirinelli concebeu duas acepções de natureza sociocultural para o termo intelectual, sendo uma mais extensa, marcada pela noção de mediador cultural, abrangendo escritores, jornalistas, professores secundários, eruditos etc., e outra mais restrita, amparada na noção de engajamento na vida social.³⁶ Consideramos que esta última acepção, a de engajamento e intervenção crítica no espaço público, torna-se central para pensarmos o intelectual exilado. Acrescentamos, a essas perspectivas, que a condição de intelectual necessita do reconhecimento e legitimidade adquiridos junto a seus pares e à sociedade em geral, conferindo à intelectualidade significativo capital cultural e

³⁵ ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006, p. 102; ALTAMIRANO, Carlos. Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 9.

³⁶ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 242-243.

simbólico³⁷ que permita a esse segmento social falar em nome do grupo ou da sociedade que representa.

Acreditamos, em consonância com o que propuseram Altamirano e Sirinelli, que os colaboradores das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* foram mediadores culturais, produtores e transmissores de ideias, engajados na vida social da América Latina, participantes do debate público, postulando interpretações acerca das condições políticas que os envolviam. Contudo, apesar de termos por base tais categorizações mais abrangentes expressas por Altamirano e Sirinelli, partimos, sobretudo, do pressuposto de François Dosse, segundo o qual a definição de intelectual não deve ser concebida *a priori*, submetida a conceituações normativas.³⁸ Logo, compreendemos de forma mais detida, historicizada e comparativa a noção de intelectual, tendo como suporte os próprios debates veiculados nas revistas a respeito da função do escritor e do intelectual no exílio e nos países sob ditaduras. Buscamos analisar o papel dos diretores, editores e principais colaboradores de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, ressaltando os aspectos políticos que os uniram, suas trajetórias política e intelectual, sem deixar de apreender as respectivas divergências, como explicitado anteriormente. Devemos ressaltar que os dois impressos possuíam intelectuais e escritores que escreveram concomitantemente em ambos, o que, por si só, permite pensar em diálogos frequentes entre eles, não excluindo as divergências, como veremos nos próximos capítulos.

Mediadores das redes intelectuais³⁹, Volodia Teitelboim e Carlos Orellana, como diretor e editor da revista *Araucaria de Chile*, respectivamente, e Fernando Alegría e

³⁷ A esse respeito, ver o conceito de capital cultural e simbólico em BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*: itinerario de un concepto. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

³⁸ DOSSE, François. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: PUV, 2006, p. 34.

³⁹ A noção de mediadores de redes, cuja função seria estabelecer o enlace com outras redes regionais ou mesmo transnacionais, como é possível pensar para o exílio, foi extraída do artigo de PITA GONZÁLEZ,

David Valjalo, como principais produtores de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*, uniram todos os esforços na tentativa de canalizar a resistência cultural e política, desde o exílio, por meio da junção de parte significativa da produção intelectual chilena e latino-americana. Cabe a nós, neste momento, realizarmos reflexões acerca da noção teórica de exílio político e, por conseguinte, das características gerais das revistas produzidas por intelectuais exilados.

Exílio intelectual e as revistas como resistência cultural e política

O exílio dos intelectuais latino-americanos foi algo marcante para a história da América Latina desde o século XIX, como apontou Ángel Rama:

El exilio no es una invención reciente en la América Latina: toda su historia independiente de siglo y medio largo ha estado acompañada por obligados desplazamientos del equipo político e intelectual de los diversos países, que encontró en estados vecinos y en Europa, temporaria acogida mientras en sus patrias se hacía imposible su tarea.⁴⁰

O fenômeno da perseguição aos intelectuais, levando a um processo massivo de exílio, foi comum em todos os países que vivenciaram governos autoritários, como as ditaduras militares. Tratou-se de uma questão sintomática, que evidenciou o intuito de eliminar a presença, em território nacional, daqueles opositores políticos que estiveram legitimados pela sociedade a falar em nome dela, influenciando, por conseguinte, a opinião pública.⁴¹

Alexandra. Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales. In: MONTIEL, Celia del Palacio; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (coord.). *Voces en papel: La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México, Universidad Autónoma de Chiapas. 2008, p. 77-85.

⁴⁰ RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exilado*. Nueva Sociedad, Buenos Aires, n. 35, março-abril, p. 95-105, 1978.

⁴¹ COELHO NETO, Raphael; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Revistas de intelectuais exilados como objeto de pesquisa: o caso de *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*. *Faces da História*, Assis-SP, v.1, nº1, jan.-jun., 2014, p. 131.

Sobre o *exílio*, Mario Sznajder e Luis Roniger destacaram o sentido político do termo. Entenderam-no como um mecanismo institucionalizado de exclusão política, social e cultural – utilizado ao longo do processo histórico da América Latina independente como ferramenta para eliminar a dissensão política –, mediante o qual cidadãos envolvidos na política ou na vida pública são forçados a abandonar seu país de origem, impossibilitados de regressar até que se tenham alterado as circunstâncias políticas.⁴² Tal procedimento teria o intuito de manter o controle da esfera pública, por parte do Estado, condenando ao desterro aqueles que, de alguma forma, posicionaram-se contrários às políticas oficiais e ao *status quo*. Essa definição, segundo Sznajder e Roniger, abarcaria tanto quem sofreu perseguição direta das autoridades e agentes a serviço do Estado (ou de atores políticos violentos, como os grupos paramilitares), quanto aqueles que escolheram sair do seu país por sentirem-se ameaçados ou por atravessarem problemas existenciais que se originaram no político.⁴³ Dessa maneira, na visão dos autores, o sentido de coação e a ameaça à integridade física seriam os fatores principais que marcariam a necessária saída do território de um Estado.

Interessante observarmos, portanto, a partir desse tipo de interpretação, o fator político como central para o trabalho conceitual com o termo *exílio*, o que o distinguiria, por exemplo, da noção de *migração*. Esta, embora não esteja de todo desvinculada das tomadas de decisões políticas estatais, atrelar-se-ia predominantemente a fatores e adversidades de ordem econômica. Além disso, como desenvolveram Sznajder e Roniger, o exílio pressupõe, por parte daqueles que o sofrem, o sentido de uma condição adversa temporal e passageira, o que provocaria nos exilados uma atitude de resistência à mera aculturação e adaptação ao país que os recebeu. Assim, eles

⁴² SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013, p. 31.

⁴³ *Ibid*, p. 31.

permaneceriam apegados à sua formação cultural, persistindo, em geral, o desejo de retornar a seu país de origem.⁴⁴ Essa característica estaria mais presente dentre os exilados, diferenciando o exílio, novamente, da migração, bem como da concepção de *refugiado*, que, não obstante se vincule diretamente a situações políticas extremadas e de violência, como as guerras e/ou conflitos étnicos, aqueles que se inserem nessa condição teriam a tendência, como os migrantes, a buscar uma acomodação física e cultural nos países para os quais se destinaram.⁴⁵ A proibição de retorno do indivíduo ao país natal, como apontou Luis Roniger, pareceu-nos ser a condição que especifica ainda mais a experiência do exílio, o que não ocorreria, necessariamente, com as demais categorizações de mobilidade social.⁴⁶

Todavia, embora concordemos com as perspectivas teóricas de Sznajder e Roniger desenvolvidas sobre o exílio, buscaremos, como enfatizamos também em relação ao conceito de intelectual, não perder as idiossincrasias que o termo apresentará nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. A despeito de partirmos do pressuposto de sua condição ser política, qualquer generalização conceitual sobre o exílio, *a priori*, sem a sua devida contextualização, pode incorrer em precipitação de nossa parte. O próprio Roniger alertou para esse aspecto, quando afirmou que as categorias que intentam definir a especificidade do exílio e dos exilados, na realidade, podem se confundir nas comunidades deslocadas, possibilitando a cada indivíduo vivenciar distintas etapas em seu caminho seguido fora das fronteiras dos Estados de

⁴⁴ Ibid, p. 41-45.

⁴⁵ Além desses, outros termos aparecem como similares à ideia de exílio, como expatriação, asilo político e diáspora. Para maiores esclarecimentos em relação à comparação e à distinção entre os termos, ver SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit, p. 37-41; e BOLZMAN, Claudio. De los europeizados a los deslocalizados: una tipología de las migraciones sudamericanas hacia Europa. In: ARTIGAS, José del Pozo (comp). *Exiliados, emigrados y retornados chilenos en América y Europa, 1973-2004*. RIL Editores: Santiago, 2006, p. 13-35.

⁴⁶ RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editorra FGV, 2011, p. 40.

origem. Assim, tornar-se-ia difícil e, por vezes, quase inútil, a suposta identificação antecipada entre refugiados, migrantes e exilados. Caberia, portanto, a observação da interação específica desses indivíduos “nas comunidades diaspóricas e as relações entre sua situação em lugares de reinstalação e redes transnacionais”, o que poderia ajudar a definir o caráter particular em cada movimento de saída forçada.⁴⁷

Nesse sentido, a perspectiva de categorização dos desterrados pode partir dos próprios sujeitos históricos que sofreram essa experiência. Sznadjer e Roniger citaram, por exemplo, o ponto de vista do intelectual naturalizado chileno Ariel Dorfman⁴⁸ – colaborador de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Sendo apresentado aos benefícios materiais que a condição de refugiado possibilitaria, de acordo com o Estatuto da ONU de 1951, tais como atenção médica, capacitação para inserir-se em um emprego e cursos do idioma do país de asilo,⁴⁹ Dorfman optou, deliberadamente, por ser um exilado. Sua escolha se justificou por entender que a condição de exilado se

⁴⁷ Ibid., p. 44.

⁴⁸ Ariel Dorfman nasceu na Argentina em 1942. Mudou-se para os Estados Unidos com seus pais aos dois anos de idade, onde viveu até os doze anos, quando se estabeleceu no Chile até o golpe que derrubou Salvador Allende. Colaborou com várias iniciativas culturais da e/ou para a Unidade Popular, sobretudo junto à Editora Nacional Quimantú. Partiu para o exílio inicialmente na França, depois foi para a Holanda e, por fim, viveu nos Estados Unidos, país onde passou a residir depois de um rápido retorno ao Chile em 1990, com o fim da ditadura pinochetista. É tido como um intelectual que transcende os gêneros, escrevendo contos, romances, poesias, dramaturgia, crítica cultural, crítica literária e ensaios. Antes do golpe militar, foi professor de Literatura na *Universidad de Chile*, especializado em literatura infantil. Em sua produção intelectual, anterior ao exílio, destacaram-se, no âmbito da crítica e do ensaio, *El teatro de Harold Pinter* (1968); *Imaginación y violencia en America* (1970); *Para leer al Pato Donald* (1971), em parceria com Armando Mattelart. Como apontou Sonia Mereles Olivera, em toda sua obra, de uma maneira geral, enfatizam-se temas como o trauma causado pela ditadura, o exílio, a tortura, a reconciliação nacional, a memória e a ideia de resistência à supremacia e à dominação. Assim, evidencia-se, a nosso ver, a presença marcante da política em suas criações intelectuais, dotando-as de um caráter comprometido. Sobre Dorfman, ver: OLIVERA, Sonia Mereles. Cruzando las fronteras del género: Mario Benedetti y Ariel Dorfman. *Cuadernos Americanos*, n° 131, 2010, p. 59; CLARO-MAYO, Juan. Dorfman, cuentista comprometido. *Revista Iberoamericana*, Vol. XLVII, Núm. 114-115, p. 339-345, Enero-Junio 1981; IBACETA PÉREZ, Guilda. Acercamiento a la crítica/ficción de Ariel Dorfman: del dominio a la liberación. *Espejo de Paciencia*, p. 16-23, 2000.

⁴⁹ Segundo Thiago Henrique Oliveira Prates, diferentemente da categoria *exilado*, que não foi contemplada por qualquer *corpus* legislativo, a de *refugiado* é uma categoria legal, estabelecida, em 1951, pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Foi instituída legalmente de modo a tratar dos eventos ocorridos na Europa, expandido, posteriormente, em 1967, para os processos similares ao redor do mundo. PRATES, Thiago Henrique Oliveira. “O mundo não acaba no Malecón”: exílio, intelectuais e dissidência política nas revistas *Encuentro de la Cultura Cubana* e *Revista Hispano-Cubana* (1996-2002). 249f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015, p. 86.

contrapunha à de refugiado por ser mais ativa, carregando um sentido que o projetava para sua “odiseia como algo que se originaba en mí mismo y no en las fuerzas históricas que bullían fuera de mí alcance”.⁵⁰ Assim, percebe-se nessa autoproclamação de exilado de Ariel Dorfman uma tentativa de manter certa autonomia sobre sua condição de desterrado e perseguido político, adotando uma atitude ativa de combate à condição política vigente em seu país, no caso, a ditadura militar no Chile.

No nosso entender, a postura de Ariel Dorfman alinhou-se com aquilo que Sznajder e Roniger conceberam conceitualmente para o exilado, qual seja, a sua vontade, ainda que limitada, de manter o controle sobre suas decisões vitais. Pensamos que esse tipo de conduta condiz, outrossim, com a resistência da intelectualidade chilena no exílio, ao produzir, por exemplo, revistas culturais de claro teor político combativo em relação à repressão perpetrada pelo governo de Augusto Pinochet.

Complementando a noção do exílio, Luis Roniger afirmou que essa forma de institucionalização da exclusão social configurar-se-ia em uma espécie de solução intermediária, por parte do Estado, para lidar com os oponentes políticos. O desterro se converteu, ao longo do século XX, em um mecanismo amplamente usado pelos Estados autoritários da América Latina como complemento ao encarceramento e às execuções. Em sua análise, o exílio seria menos extremo que a execução e o encarceramento, o que, supostamente, evitaria um possível ciclo de retaliações pessoais ou de grupos, limitando, por conseguinte, a expansão do conflito e a disseminação da violência estatal física e explícita.⁵¹ Tratou-se, assim, de mais uma forma de utilização deliberada da violência do Estado diante das divergências com segmentos da sociedade civil.

⁵⁰ DORFMAN, Ariel. *Apud* SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013, p. 50-51.

⁵¹ RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editorra FGV, 2011, p. 33; RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e

Outras perspectivas de trabalho teórico com o exílio vincularam-se menos aos traços político-institucionais, interpretados por Sznajder e Roniger,⁵² e mais a aspectos idiossincráticos de ordem sociocultural. Para Denise Rollemberg, por exemplo, o exilado, sem conhecer plenamente os códigos sociais e culturais do país que o recebe, torna-se, particularmente, marginalizado, vivenciando o choque cultural no cotidiano, lutando para refazer sua identidade.⁵³ Podemos pensar que essa condição de buscar refazer-se, enquanto sujeito portador de um manancial identitário e cultural próprio, decorre exatamente porque, como explicitou Ángel Rama, o exílio submete aqueles que o sofrem a processos de transculturação, a experiências sociais violentas e a brutais mutações em razão da obrigatoriedade de viver em ambientes culturais e de sociabilidade distintos do seu ambiente de origem.⁵⁴

Perspectiva semelhante acreditamos encontrar na concepção de exílio presente em Edward Said, para quem os exilados, privados de um dos principais referenciais identitários do período moderno, o pertencimento à nação, tendem a não se adaptar às pátrias que os acolhem(ram). Eles as percebem, portanto, como provisórias, cultivando em si, conseqüentemente, um sentimento de orfandade.⁵⁵ A ideia, com a qual estamos de acordo, que interpreta que os desterrados concebem o exílio como experiência temporária, encontrou-se também, como vimos, em Mario Sznajder e Luis Roniger. Em

exclusão política no século XX. *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, 2010, p. 93.

⁵² Não obstante enfatizassem a importância de uma análise matizada do contexto no qual se efetivaram os exílios políticos, em linhas gerais, dentro da perspectiva sociopolítica e institucional a respeito de suas teorizações acerca do exílio, Mario Sznajder e Luis Roniger sustentaram que existiu uma estrutura comum de três fatores que, em interação, marcariam o exílio na América Latina nos séculos XIX e XX: o Estado que expulsa, a comunidade exilada e o país anfitrião. A essa estrutura triangular, no século XX, um quarto elemento, de crescente importância, foi incorporado, qual seja, “una arena global preocupada por el derecho humanitario internacional y los derechos humanos”. SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013, p. 26.

⁵³ ROLLEMBERG, Denise. Exílio: Refazendo identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 39-73, 1999.

⁵⁴ RAMA, Ángel. Op.Cit., p. 95-105.

⁵⁵ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

outro trabalho, Edward Said acrescentou que a dificuldade dos exilados, a maioria deles, não consiste somente em serem forçados a viver longe do seu país, mas, sobretudo, em ter de viver com a lembrança de que se encontram no exílio, situando-se em um estado intermediário no qual não se está ampla e culturalmente integrado ao novo ambiente social nem totalmente liberto do seu lugar de origem.⁵⁶

Acreditamos ser igualmente importante a compreensão dessas visões clássicas apresentadas sobre o exílio, que compartilharam da noção a respeito da experiência do desterro enquanto vivências de padecimento tanto individuais quanto coletivas, o que, por conseguinte, interferiria nas produções intelectuais submetidas a essa condição.

Como expressou Claudio Bolzman, o problema dos exilados consiste precisamente no fato das ditaduras não só os expulsarem de seus países, mas buscarem também os excluir da história e de um possível protagonismo político em suas sociedades locais. Todavia, ponderou o autor, isso não significa necessariamente que os anos no exílio sejam um período perdido, ineficaz e de profundo deslocamento por parte desses atores políticos e/ou intelectuais, tampouco que os objetivos das ditaduras tenham sido alcançados. No exílio, vozes dissidentes aos Estados repressores podem ser potencializadas. Complementou Bolzman:

En todos los países donde residen, una parte considerable de los exiliados se organiza colectivamente y contribuye desde la distancia a la lucha contra los regímenes represivos y a la solidaridad con la oposición local a estos

⁵⁶ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 56-57. Torna-se necessário fazermos algumas ponderações ao “estado intermediário” sugerido por Said ou a tendência ao retorno dos exilados apresentada por Sznajder e Roniger. Foram estes últimos, inclusive, quem, no último capítulo de seu estudo, apontaram para a problemática do regresso dos exilados, contendo diversos níveis de possibilidade. As mudanças provocadas nos países de origem dos exilados durante as ditaduras militares, sobretudo no Chile, e o impacto, negativo ou positivo, da experiência do exílio fizeram com que a relação com o país natal, ao retornarem, nem sempre ocorresse de modo tranquilo e reconciliatório. As decisões e os caminhos do pós-exílio foram e podem ser múltiplos, incluindo a dificuldade de reinserção na sociedade de origem, fator que poderia provocar a volta (ou permanência) aos países anfitriões que concederam asilo político aos exilados. Ver SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 364-371.

gobiernos. Esto también les da un sentimiento de tener un lugar social, de ser útiles gracias a su compromiso político.⁵⁷

A atuação política dos exilados tendeu a reforçar os laços entre eles e muitos políticos e intelectuais dos países nos quais residiam. A atitude de oposição dos desterrados junto a comunidades e a órgãos internacionais buscou provocar, em grande medida, o isolamento diplomático das ditaduras militares, de maneira a se instituir condições políticas democráticas. Tais condutas proativas de resistência dos exilados podem ser interpretadas como um processo desencadeado pela reflexão e redefinição da identidade dos indivíduos no exílio, operando-as, como apontou Mario Sznajder e Luis Roniger, na elaboração de tendências civis e políticas que se consubstanciariam em ativismo político.⁵⁸ Nesse sentido, podemos evocar a criação de revistas de cultura e política no exílio como forma de canalizar um modo específico de resistência que se efetivaria através da produção intelectual, impedida de se realizar, de maneira plural, politizada e crítica, no país natal.

Procuramos, na sequência, traçar características próprias das revistas culturais latino-americanas produzidas sob a condição do exílio, por acreditar que os estudos históricos têm dado pouca atenção às peculiaridades de impressos como *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. O que se percebe, predominantemente, na historiografia, são estudos acerca da produção intelectual no exílio por meio de obras literárias, acadêmicas e ensaios. Mas, e sobre as revistas de exílio especificamente? Mesmo que algumas pesquisas tenham se dedicado a analisar o conteúdo das revistas de exilados, é ainda notória a carência de reflexão, sobretudo teórica, acerca dessas fontes/objetos que carregam marcas próprias.⁵⁹

⁵⁷ BOLZMAN, Claudio. Op. Cit., p. 26.

⁵⁸ SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 54.

⁵⁹ Para percepção mais detida a respeito das revistas de cultura e política no exílio, sugerimos a leitura do nosso artigo COELHO NETO, Raphael; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Op.Cit., p. 124-146; e da

É essencial observarmos, em publicações feitas no exílio, como essa condição tende a marcar, profundamente, seu projeto editorial e sua produção, chegando mesmo a se constituir como pré-requisito de existência para certos periódicos, como foi o caso de *Araucaria de Chile* que, embora tentasse se transplantar para o Chile após a ditadura, não encontrou o apoio político e material necessário para a realização desse intuito, como explicamos no Capítulo 1. Algo similar podemos refletir acerca de *Literatura Chilena, Creación y Crítica* que, mesmo tendo alguns poucos números publicados em Santiago após a ditadura e o exílio, já não atuou de maneira cultural e política, permanecendo apenas a primeira vertente.

A criação intelectual e as narrativas submetidas ao exílio mobilizam os debates efetuados nas revistas e possibilitam diálogos constantes com os conteúdos políticos nelas presentes, assim como na escolha dos intelectuais colaboradores.⁶⁰ As revistas exílicas podem captar uma variedade significativa de imagens e formas discursivas, tornando-se fontes potencialmente ricas para a análise das narrativas do exílio. Nelas, torna-se possível contemplar artigos científicos, ensaios e variados gêneros literários, dentre os quais o *testimonio*, difundindo de distintas formas as representações dos intelectuais colaboradores acerca dos assuntos políticos de seus países.

Em geral, as revistas criadas no exílio buscam reconstruir o espaço de debate intelectual como resistência aos governos ditatoriais, oferecendo, aos intelectuais, acesso a públicos leitores que, de acordo com Angél Rama, ao refletir sobre os possíveis receptores das mensagens dos escritores exilados, encontravam-se em distintas circunstâncias. Eles seriam predominantemente três: o público majoritário do país ou

tese de COUTO, Cristiano Pinheiro de Paula. *Intelectuais e exílios: confronto de resistências em revistas culturais Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia* (1978-1984). 243f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

⁶⁰ COELHO NETO, Raphael; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Op. Cit., p. 136.

cultura na qual se está exilado; o público também amplo de seu país de origem com o qual se aspira manter comunicação, escapando, de algum modo, aos obstáculos colocados pelas ditaduras para a circulação de sua mensagem; e, por fim, aos interlocutores mais específicos pertencentes à população exilada. Desses, o intelectual exilado estaria propenso a priorizar como público, segundo Ángel Rama, sua comunidade de origem, portanto seus compatriotas em seu próprio país ou aqueles exilados. Como, no primeiro caso, sua produção intelectual tende a circular apenas de maneira clandestina, já que a condição política ditatorial impede o alcance a um público mais amplo, a população exilada é provavelmente a mais interessada e com a qual a mensagem transmitida atinge maior sentido, por viver as mesmas circunstâncias do escritor: a sobrevivência em outro país; a nostalgia de suas origens; o esforço por manter seu peculiar modo de vida e suas tradições culturais que bruscamente lhe foram retirados; a esperança de transformações em seus países que permitam a recomposição de uma sociedade democrática.⁶¹

Embora concordemos com Ángel Rama quanto às possibilidades de público para aqueles que escrevem do exílio, acrescentamos que, junto a elas, existe a interlocução com um público importante e ainda mais amplo, a comunidade internacional. Pensamos que tanto *Literatura Chilena* quanto *Araucaria de Chile* cumpriram também a função de denunciar a repressão e as atrocidades cometidas pela ditadura militar no Chile, buscando alertar, sensibilizar e influenciar a opinião pública estrangeira, dando a conhecer um tipo de informação completamente distinta à emitida pelos órgãos oficiais do Estado autoritário. Nesse sentido, a atuação pública dos escritores e dos intelectuais e a literatura de testemunho cumpriram funções primordiais, como analisamos nos Capítulos 3 e 5, respectivamente.

⁶¹ RAMA, Ángel. Op. Cit., p. 95-105.

Por todas as possibilidades de interlocução apresentadas e pelas condições de produção dos impressos, evidencia-se a centralidade do político nos textos veiculados pelas revistas culturais de exílio, sejam eles de natureza acadêmica, ensaística ou literária. Devemos pensar esse tipo de revista como um meio essencial de comunicação e divulgação dos trabalhos intelectuais, além de dar notoriedade a indivíduos que se encontravam marginalizados em seus países de origem.⁶²

Pensamos, assim, que *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, enquanto revistas de exílio, possibilitaram a formação de redes intelectuais transnacionais em torno de proposições políticas de esquerda, alternativas ao governo pinochetista e sua adesão, por exemplo, ao neoliberalismo dos *Chicago Boys*. As duas revistas, assim como o exílio, efetivaram a construção de redes intelectuais de resistência política à ditadura chilena e, por extensão, aos demais Estados autoritários do Cone Sul, redes estas que contribuíram para a difusão de visões de mundo e valores políticos comuns.

Assim, será de nosso interesse, neste trabalho, demonstrar que as perspectivas de resistência de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, como projetos coletivos atrelados a seus respectivos editorialismos programáticos, efetivaram-se a partir de visões de mundo pertencentes às culturas políticas comunista e socialista, respectivamente, como desenvolvemos, especialmente, no Capítulo 2.

De modo a melhor alcançarmos nossos objetivos propostos, este trabalho encontra-se dividido em três partes. A primeira contempla a formação e a trajetória político-cultural de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* no exílio. Essa parte abarca os Capítulos 1 e 2. O primeiro versa sobre o contexto do golpe e da ditadura militar no Chile, bem como sobre o exílio intelectual chileno que proporcionou o surgimento das revistas que estudamos. O intuito central desse capítulo é o de apresentar a história de

⁶² COELHO NETO, Raphael; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Op. Cit., p. 138.

Literatura Chilena e *Araucaria de Chile*: suas origens, seus fundadores e editores, os países em que foram produzidas, possíveis locais de circulação, a materialidade das revistas, número de páginas, valores da assinatura, suas seções - em especial aquelas dedicadas ao ensaio, aos discursos, à crítica literária, aos poemas e às narrativas testemunhais -, e as primeiras evidências dos projetos coletivos de cada uma por meio de seus editoriais de fundação. Vale, mais uma vez, apontar que a metodologia utilizada, ao levantarmos essas e outras informações sobre as revistas, foi sempre comparativa, tentando evidenciar as proximidades e aquilo que as diferenciou no que diz respeito a suas características gerais, o que contemplou a trajetória política e intelectual de seus fundadores, editores e principais colaboradores. No segundo capítulo, tendo como centralidade os aportes teóricos de resistência e das culturas políticas, buscamos compreender a trajetória política das revistas, aprofundando nos principais aspectos dos seus editorialismos programáticos.

Na Parte 2, que contempla o Capítulo 3, propomos uma discussão baseada na análise dos debates estabelecidos em *Araucaria de Chile* e em *Literatura Chilena* acerca do escritor/intelectual no contexto de ditadura e de exílio, sua relevância política enquanto resistência e oposição aos governos ditatoriais na América Latina, com destaque para a ditadura militar no Chile. O papel do intelectual foi amplamente debatido pelas revistas. A atuação pública dos intelectuais no exílio possibilitou uma série de encontros divulgados e, por vezes, promovidos pelas revistas, reforçando e/ou impulsionando a formação de redes. A força do exílio chileno e a ativa atuação conjunta dos intelectuais foram percebidas através das várias iniciativas culturais e políticas levadas a cabo pelas revistas. As reflexões sobre a função do escritor/intelectual contemplaram especialmente o exílio e vincularam resistência política e ideários das esquerdas chilenas e latino-americanas.

Em estreita conexão com a Parte 2, temos por objetivo, na Parte 3, que abrange os dois últimos capítulos, compreender como os colaboradores de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* debateram sobre a função político-social da literatura no contexto da ditadura de Augusto Pinochet. No Capítulo 4, interessou-nos analisar de que forma a crítica especializada, publicada nas revistas, retomou figuras emblemáticas da poesia chilena, em especial Pablo Neruda e Gabriela Mistral, e de que maneira elas dialogaram com a literatura política vigente, ainda que situadas em contextos de produção literária distintos. Isso nos possibilitou perceber, através do conceito de redes intelectuais, como as revistas buscaram situar a literatura testemunhal do pós-golpe na longa história da literatura chilena de viés político. No quinto e último capítulo, buscamos compreender como a crítica literária, os ensaios, os discursos e as entrevistas publicadas nos impressos analisaram e promoveram a literatura de testemunho produzida durante a ditadura militar chilena. Ao analisarmos a literatura testemunhal nas revistas, em diálogo com a crítica sobre esse gênero, procuramos contemplar sobre o que versavam esses textos. Nosso intuito foi analisar suas principais temáticas, sobretudo o viés de denúncia, por parte da esquerda chilena, da violência política e as memórias da resistência, das prisões e dos “campos de concentração” nos poemas e nas narrativas.

Ao final, tendo como eixos centrais as categorias de editorialismo programático, redes intelectuais, resistência e culturas políticas, esperamos ter sido capazes de esboçar, comparativamente, por meio do recorte adotado, traços característicos dos projetos coletivos de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* e de suas respectivas atuações na resistência político-cultural à ditadura chilena.

PARTE 1: As trajetórias político-culturais de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* no exílio

Nesta primeira parte de nosso estudo, o eixo de discussão compreendeu o golpe militar de 1973, a construção da ditadura pinochetista e o exílio chileno. A questão central consistiu em apresentar informações acerca da formação e da circulação de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* no exílio, além de analisarmos os principais aspectos de seus editorialismos programáticos. Neste aspecto, tivemos por base os textos de apresentação de cada número, que emitiam a posição política das revistas (os editoriais), ancorando-nos, teoricamente, nos conceitos de resistência e culturas políticas.

CAPÍTULO 1: Ditadura, exílio e a trajetória das revistas

1.1 – O golpe militar e a ditadura chilena

O golpe militar do dia 11 de setembro de 1973 no Chile destituiu do poder o então presidente constitucional Salvador Allende, eleito em 1970 pela Unidade Popular (UP), coalizão política composta por partidos de esquerda que propunha a "via chilena para o socialismo". A UP tinha como eixos o Partido Comunista (PCCh) e o Partido Socialista (PS). Contudo, abrigou também em sua composição a Ação Popular Independente (API), o Partido Radical (PR), o Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU) e o Partido Social-Democrata (PSD).⁶³ De uma maneira mais geral e sumária, a “via chilena para o socialismo” consistiu no projeto - o que envolveu tentativas de formulações teóricas e de exercício prático - de construção do socialismo no Chile através da utilização dos aparatos institucionais do país, ou seja, dentro de uma legalidade democrática, sem rupturas drásticas com o quadro político-institucional vigente, embora se buscasse alterá-lo. Tais condições lhe conferiram um caráter de originalidade se comparadas a perspectivas revolucionárias mais ortodoxas, sobretudo na América Latina, que visavam a implantação do socialismo pautadas por vias insurrecionais e rupturistas de tomada do poder pela luta armada, especialmente a partir do exemplo da Revolução Cubana em 1959. No caso da via chilena, pressupunha-se, por exemplo, politicamente, a manutenção do pluralismo de partidos, inclusive na composição do governo.

De acordo com o sociólogo chileno Tomás Moulian, a Unidade Popular, por meio da via chilena, buscava realizar transformações profundas na esfera da produção, modificando a propriedade, mas sem tomar de assalto o poder, sem uma revolução

⁶³ AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 15.

política, negando a teoria clássica bolchevique. A UP pretendia levar a cabo transformações tendo como perspectiva o avanço até o socialismo através da acumulação de forças no Estado.⁶⁴ Do ponto de vista social, o sentido de democracia presente nas propostas de transformação da UP amparava-se na ampliação da participação popular nas questões políticas, culturais e econômicas.⁶⁵

Sobre o golpe militar no Chile, Alberto Aggio analisou, prioritariamente, os conflitos políticos internos do governo da Unidade Popular, decorrentes, segundo o autor, da heterogeneidade de sua composição política à esquerda. Para Aggio, a ação política e de governo da UP não conseguiu expressar-se consensualmente através de um projeto claro de construção do socialismo pela via institucional-democrática, aspecto central do seu programa. A identificação integral entre ambas – democracia e socialismo – “acabou por não se configurar numa linha política clara e hegemônica nem no interior do governo nem entre os partidos que o apoiavam”. Soma-se a isso, a forte oposição sofrida no parlamento por meio da Democracia Cristã (DC) e do Partido Nacional (PN), travando institucionalmente o governo de Salvador Allende. Junto à ausência de um claro projeto que unificasse os partidos de esquerda que compunham a UP, a direita chilena pressionava o governo através de forte campanha ideológica, visando a quebra de sua legitimidade diante da sociedade.⁶⁶ O golpe de Estado ocorreu em meio a esse cenário de fragilidade política da UP e união entre as forças sociais da

⁶⁴ MOULIAN, Tomás. La vía chilena al socialismo: itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 35-36.

⁶⁵ Sobre o governo da UP no Chile, seu programa e as vicissitudes políticas enfrentadas ao longo de seus quase três anos de governo, ver AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002; BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005; GARCÉS, Joan. *El estado y los problemas tácticos en el gobierno de Allende*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1974; CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución: la izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo” (1956-1970)*. Santiago: LOM Ediciones, 2010; MOULIAN, Tomás. *Fracturas: de Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

⁶⁶ AGGIO, Alberto. Op. Cit., 2002, p. 29-31; p. 153.

direita chilena e setores das Forças Armadas do país. Estes justificaram sua ação expondo a necessidade de restaurar a unidade nacional e retirar o Chile do “caos econômico” e da “ilegitimidade política” sob o governo dos “marxistas”, denominação aplicada de modo pejorativo de maneira a conotar supostos danos materiais e morais na sociedade chilena provocados por um governo de esquerda, como o foi a UP.⁶⁷

O golpe militar no Chile não poderia ser debatido sem a devida referência à participação dos Estados Unidos, através do então presidente Richard Nixon (1969-1974), do seu secretário de segurança, Henry Kissinger, e da CIA (Central de Inteligência norte-americana), no apoio ideológico, estratégico e material às forças da direita chilena, incluindo grupos terroristas de extrema direita, como o *Patria y Libertad*. O país teve, segundo a tese central defendida por Luiz Alberto Moniz Bandeira, papel fundamental no financiamento e na articulação do golpe, atuando junto às forças golpistas chilenas desde a eleição de Salvador Allende em setembro de 1970, contribuindo para criar um clima de desestabilização política, econômica e social e investindo, todo o tempo, no terror psicológico incutido na população chilena, sobretudo na classe média, no empresariado e nos comerciantes.⁶⁸ Não obstante não concordemos com o peso demasiado dado por Moniz Bandeira aos Estados Unidos na articulação da derrubada de Salvador Allende, como se fosse o principal ator da trama do golpe, a participação norte-americana foi, de fato, de grande relevância para esse desfecho, o que ajuda a entender a construção de argumentos fortemente anti-

⁶⁷ Ver, ainda, no que tange às negociações, às ambiguidades e às contradições geradas no processo de construção e aplicação do projeto da “via chilena al socialismo” pelas distintas perspectivas político-ideológicas dos partidos da esquerda da UP, CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución: la izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “via chilena al socialismo”* (1956-1970). Santiago: LOM Ediciones, 2010; MOULIAN, Tomás. *Fracturas: de Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

⁶⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Aberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

imperialistas da esquerda chilena após a implantação da ditadura, como veremos nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*.

Bombardeado e incendiado o Palácio presidencial *La Moneda*, morto o presidente Salvador Allende, presos seus partidários e simpatizantes, controladas as ruas por tanques e militares armados de metralhadoras, ao meio-dia de 11 de setembro o golpe já se encontrava consumado.⁶⁹ Afirmou Loretto Rebolledo González: “las imágenes de La Moneda incendiándose, la muerte de Salvador Allende, las hogueras de libros quemados en las calles por los militares [...] marcan el inicio de un período de 17 años en que los chilenos vivieron amenazados por el fantasma del miedo”.⁷⁰ Nos dias que sucederam ao golpe, foram praticadas prisões massivas em operações que invadiram bairros, fábricas, universidades, hospitais e edifícios públicos, ocasionando mortes e desaparecimentos. Os detidos pelas operações das forças repressivas militares foram levados ao Estádio Nacional e ao Estádio de Chile, a instalações militares e a inúmeras prisões e “campos de concentração” criados à medida que a repressão avançava. Grande parte desses centros de detenção estiveram marcados por sessões de interrogatório e tortura que, por vezes, levaram à morte muitos que as sofreram.⁷¹

Após o golpe, formou-se a Junta Militar de governo, composta pelo general Augusto Pinochet (Comandante em Chefe do Exército), pelo general Gustavo Leigh (Comandante da Força Aérea), pelo general Cesar Mendonza (Diretor do corpo de *Carabineros*) e pelo almirante José Toribio Merino (da Armada). A Junta decretou estado de sítio em todo o território chileno, dividido em zonas controladas pelos

⁶⁹ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Vivir con miedo, morir en el terror: Chile (1973-1990). *Ecuador Debates*, Quito, diciembre del 2003, p. 92.

⁷⁰ Ibid., p. 95.

⁷¹ ROJAS, María Eugenia. *La represión política en Chile: los hechos*. Madrid: IEPALA Editorial, 1988, p. 25. Segundo a autora, os principais campos de prisioneiros políticos ou “campos de concentração” foram *Chacabuco*, *Pisagua*, *Tres Alamos*, *Tejas Verdes*, *Puchuncaví*, *Ritoque*, *Isla Quiriquina* e *Isla Dawson*. Dentre os centros de tortura, também praticada em muitos “campos de concentração”, citamos *Casa Londres*, número 38, *Clínica Santa Lucía* e *Villa Grimaldi*. Falaremos mais sobre a repressão e os “campos de concentração” no Chile a partir da análise da literatura de testemunho, no Capítulo 5.

comandantes militares de cada região, que atuaram, nesse primeiro momento, com alto grau de autonomia na repressão aos apoiadores do governo de Salvador Allende, aos trabalhadores, aos líderes sindicais e aos militantes de esquerda em geral.⁷²

Priscila Carlos Brandão Antunes,⁷³ Fabiana de Souza Fredrigo⁷⁴ e Pablo Policzer⁷⁵ indicaram o gradativo aumento do controle estatal sobre a população chilena através, inicialmente, de decretos-leis que aumentaram o poder político do Executivo. Até a promulgação da Constituição de 1980,⁷⁶ tais decretos foram minando os canais de politização da sociedade, sancionando a ilegalidade dos partidos e proibindo todas as atividades públicas.⁷⁷ Lembremos, também, que o Congresso Nacional já havia sido fechado imediatamente após a ascensão do governo militar, no dia 14 de setembro de 1973. Outra medida implantada e que revelou a natureza autoritária do Estado chileno pós-1973 foi a criação da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA). Embora atuasse

⁷² PEREIRA, Anthony. *Ditadura e repressão: o autoritarismo e o estado de direito no Brasil, no Chile e na Argentina*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 59.

⁷³ ANTUNES, Priscila Carlos Brandão. *Serviços secretos e democracia no cone sul: premissas para uma convivência legítima, eficiente e profissional*. Niterói: Impetus, 2010.

⁷⁴ FREDRIGO Fabiana de Souza. *Ditadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível (1973-1989)*. Franca: UNESP, 1998.

⁷⁵ POLICZER, Pablo. A polícia e a política de informações no Chile durante o governo Pinochet. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 22, 1998, p. 325-356.

⁷⁶ Após um extenso processo, chegou-se a um acordo para promulgar uma constituição e, entre julho e agosto de 1980, a Junta Militar entregou o texto final elaborado a partir das propostas redigidas por uma Comissão Constituinte e o Conselho de Estado, corpo assessor criado em 1976. A constituição foi ratificada mediante um polêmico e contestado - pelos opositores da ditadura - plebiscito, realizado no dia 11 de setembro de 1980, entrando em vigência seis meses depois. Em linhas gerais, as disposições do texto estruturavam uma “democracia autoprotégida”, constituída por mecanismos elaborados para salvaguardar a ordem interna institucional. Dentre os dispositivos legalmente instituídos, foi proibida a existência de partidos marxistas, estabeleceu-se um conjunto de membros não eleitos no Senado para moderar a maioria eleita e as Forças Armadas foram elevadas à condição de garantidoras da ordem institucional, com Comandantes em Chefe irremovíveis dos seus cargos. O texto constitucional estabelecia os próprios marcos de uma transição, com datas para a realização de um plebiscito em 1988, em que se escolheria sobre a permanência ou não de Pinochet na presidência do país por mais oito anos, e o fim da ditadura militar, independentemente do resultado do plebiscito, em março de 1990. Sumariamente, a Constituição de 1980 passou muito longe de ser fruto de um debate popular, tendo sido imposta à população, institucionalizando o *status quo* da ditadura e outorgando a Pinochet novas faculdades repressivas. Um dos principais ideólogos e redatores do texto foi Jaime Guzmán, assessor constitucional da ditadura, do qual falaremos adiante. Mais informações, ver: BARROS, Robert. *La Junta Militar: Pinochet y la Constitución de 1980*. Santiago: Editorial Sudamericana, 2005.

⁷⁷ FREDRIGO, Fabiana de Souza. Op. Cit., p. 22.

desde fins de 1973, a DINA foi oficialmente instituída em 1974. O Decreto n° 521, de 11 de junho deste ano, incumbia o órgão a

colaborar com o governo chileno de forma imediata e permanente, por proporcionar de forma sistemática e devidamente processada, toda informação requerida, no sentido de adequar suas resoluções no campo da segurança e do desenvolvimento nacional e por adotar as medidas necessárias ao resguardo da segurança nacional e ao desenvolvimento do país.⁷⁸

Na prática, em nome da segurança nacional, a DINA, chefiada pelo coronel Manuel Contreras, concentrou as medidas repressivas contra os opositores do governo, atuando de maneira mais detida na procura e severa punição aos integrantes do Partido Socialista, do Partido Comunista e do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR).⁷⁹ Em razão do excesso de violência contra os “inimigos” do Estado e do consequente desgaste provocado à administração da Junta Militar, em especial a figura de Augusto Pinochet, diante da opinião pública, a DINA foi substituída em agosto de 1977 pela *Central Nacional de Informaciones* (CNI), que daria prosseguimento às suas atividades repressivas, ainda que em menor proporção.⁸⁰ Os militares buscavam definir a situação do Chile como uma guerra aos inimigos internos da nação – os marxistas e os adeptos da política de Salvador Allende – prolongando por tempo indefinido esse suposto “estado de emergência e crise”, convertendo um governo militar em uma ditadura altamente repressiva.⁸¹

⁷⁸ ANTUNES, Priscila Carlos Brandão. Op. Cit., p. 182.

⁷⁹ Sobre a DINA, seus membros, métodos, estrutura, técnicas de tortura aplicadas, as circunstâncias de captura e assassinatos, ver SALAZAR, Manuel. *Las letras del horror: la DINA*. Santiago: LOM Ediciones, 2011.

⁸⁰ POLICZER, Pablo. Op. Cit., p. 335; ANTUNES, Priscila Carlos Brandão. Op. Cit., p. 186. A DINA esteve envolvida nos assassinatos do ex-Comandante em Chefe do Exército chileno durante o governo de Salvador Allende, o general constitucionalista Carlos Prats, ocorrida em Buenos Aires no ano de 1974, e do ex-Ministro das Relações Exteriores de Allende nos Estados Unidos, Orlando Letelier, em 1976, ocorrida na capital do país, Washington. Ambos morreram em decorrência de atentados à bomba orquestrados pela DINA, o que provocou forte desgaste desse órgão junto à comunidade internacional.

⁸¹ GARRETÓN, Manuel Antonio *apud* REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Vivir con miedo, morir en el terror: Chile (1973-1990). *Ecuador Debates*, Quito, diciembre del 2003, p. 92.

Loretto Rebolledo González explicou que à repressão indiscriminada dos primeiros dois anos da ditadura, seguiu-se uma estratégia repressiva, por parte da DINA e demais serviços de informação da Força Aérea, da Armada e dos Carabineros, mais seletiva e sigilosa, alvejando, sobretudo, os militantes dos três partidos chilenos de esquerda supracitados. A autora fez questão de apontar que as invasões em casas, as detenções, os assassinatos e os desaparecimentos ocorreram ao longo dos 17 anos de ditadura, métodos de repressão constantemente retomados como demonstração de força e controle sobre a população por parte do governo de Augusto Pinochet.⁸²

Durante a década de 1970, o poder Executivo, antes dissipado pelos militares da Junta, paulatinamente concentrou-se em Pinochet, a ponto deste, ao contrário das ditaduras militares do Brasil e da Argentina, por exemplo, conduzir a política do país até o final da ditadura, em 1989, personificando um dos governos mais repressivos da América Latina nesse contexto.

Aprofundando essa ideia, a historiadora chilena Verónica Valdivia definiu como *pinochetismo* o processo de personalismo da ditadura no Chile, que possuiu forte relação com a construção de um caráter projetual, marcado pela refundação total do país. Isso pressupunha uma guerra contra o marxismo que se daria tanto na frente política como também na social e na econômica, possibilitando novas estratégias de desenvolvimento e novos sistemas de crenças e valores apresentados à população chilena.⁸³ Na perspectiva da autora, o centralismo de poder em Augusto Pinochet passava pelo estabelecimento de uma nova institucionalidade, consubstanciada na Constituição de 1980. A aliança entre os gremialistas, liderados pelo jovem advogado Jaime Guzmán, e os neoliberais, economistas formados na Escola de Chicago – os

⁸² REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Op. Cit., 2003, p. 100.

⁸³ VALDIVIA, Verónica. Pinochetismo e guerra social no Chile. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 123.

denominados *Chicago Boys* –, que pautaram a política-econômica da ditadura, ofereceu as bases de sustentação civil do projeto de institucionalização do pinochetismo.⁸⁴

Em 1966, universitários contrários ao projeto de democratização das instituições de ensino por meio da reforma universitária - encampada por estudantes ligados à esquerda e ao centro político -, organizaram-se em torno ao *Movimiento Gremial de la Universidad Católica*. Justificavam sua organização apontando para o rechaço ao que entendiam por “politização das organizações estudantis”.⁸⁵ O influente intelectual Jaime Guzmán postulou a autonomia dos “cuerpos intermedios” - ou seja, das entidades da sociedade civil -, em relação ao Estado e aos partidos políticos, princípio que deu base ao movimento conhecido como gremialismo. Seus integrantes eram contrários a um Estado intervencionista, presente nas esferas sociais e desenvolvimentista. Ademais, faziam oposição ao alto grau de politização da sociedade chilena através do fortalecimento dos partidos de esquerda desde, pelo menos, a década de 1960. Anticomunista, antiliberal politicamente e de viés conservador e autoritário, o *Movimiento Gremial* participou da campanha do candidato da direita, Jorge Alessandri, durante as eleições presidenciais de 1970 que deram a vitória ao socialista Salvador Allende. Com a UP no governo, os gremialistas transformaram-se em ferrenhos opositores de suas políticas.

Como afirmou Verónica Valdivia, desde suas origens, o gremialismo se constituiu, no Chile, como uma “nova direita”. Diferentemente da direita tradicional e histórica, associada a uma vertente oligárquica do país, os gremialistas, através da liderança doutrinária de Jaime Guzmán, buscaram estabelecer sólidas relações com suas

⁸⁴ Ibid., p. 129. Ao utilizarmos a expressão *pinochetismo* ou *ditadura pinochetista*, ao longo deste trabalho, estaremos amparados nesse sentido desenvolvido pela historiadora chilena.

⁸⁵ MUÑOZ TAMAYO, Víctor. “Chile es bandera y juventud”. Efebolatría y gremialismo durante la primera etapa de la dictadura de Pinochet (1973-1979). *Historia Crítica*, Universidad de los Andes, núm. 54, septiembre-diciembre, 2014, p. 199-200.

bases sociais,⁸⁶ com as quais a velha direita estabelecia vínculos de caráter clientelista ou paternalista. Além disso, traçaram prontamente o inimigo a ser combatido, a esquerda chilena, adotando um virulento discurso anticomunista, sustentado mesmo após o golpe militar e a derrota dos projetos políticos socialistas da Unidade Popular.⁸⁷ Guzmán foi um dos principais ideólogos da institucionalidade autoritária da ditadura.

A respeito da implantação do neoliberalismo no Chile, o outro sustentáculo da institucionalização do pinochetismo, Pilar Vergara apontou que, desde o início da ditadura, as concepções econômicas predominantes corresponderam a uma ideologia liberal, ainda que de uma forma pouco consistente. As concepções neoliberais dos *Chicago Boys* ganharam força e representatividade no governo de Augusto Pinochet nos anos que se seguiram a 1975, principalmente através da liderança do ministro da economia, Sergio de Castro.

Foram denominados de *Chicago Boys* os jovens economistas chilenos que realizaram cursos de pós-graduação na Universidade de Chicago, EUA, após um convênio realizado em 1955 entre a Faculdade de Economia da Universidade Católica de Santiago, de onde eram egressos, e o departamento de Economia da Universidade norte-americana. Influenciados irrestritamente pela ortodoxia neoclássica da Escola de Chicago, ao regressar, esse grupo de economistas assumiu o Departamento de Economia da Universidade Católica, de onde começaram a influir sobre o meio político e empresarial do país e difundir suas concepções por distintos veículos de

⁸⁶ O pensamento de Jaime Guzmán exerceu forte influência sobre a *Federación Estudiantil de la Universidad Católica* (FEUC), controlada pelos gremialistas desde o final da década de 1960. Durante a ditadura, Guzmán e seu círculo mais próximo trabalharam diretamente com a *Dirección de Organizaciones Civiles* da *Secretaría General de Gobierno*, estando sob a responsabilidades dos gremialistas a direção de uma das secretarias dependentes de tais organismos, a *Secretaría Nacional de la Juventud* (SNJ). MUNÓZ TAMAYO, Víctor. Op. Cit., p. 204.

⁸⁷ VALDIVIA, Verónica. Los guerreros de la política. La Unión Demócrata Independiente, 1983-1988. In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez *et al* (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, v. II, 2008, p. 143-148. Da mesma autora, sobre as origens do gremialismo, ver também VALDIVIA, Verónica. *Nacionales y gremialistas: el “parto” de la nueva derecha política chilena, 1964-1973*. Santiago: LOM Ediciones, 2008.

comunicação,⁸⁸ sendo seu “porta-voz” principal o jornal *El Mercurio*. O neoliberalismo, introduzido substancialmente no Chile pelos *Chicago Boys* e instrumentalizado pelo Estado autoritário durante a ditadura, propunha, essencialmente, uma sociedade sem política e baseada na iniciativa privada, com a economia calcada no mercado livre, privado e aberto comercial e financeiramente para o capital externo, sem a intervenção estatal como agente regulador.

Segundo Eugenio Tironi, “el Estado fue retirado de su papel directo en la producción: más de cuatrocientas empresas en manos públicas fueron entregadas a particulares, que se beneficiaron de subsidios apreciables”.⁸⁹ Se, teoricamente, a imbricação entre Estado autoritário e neoliberalismo pareceu paradoxal, na prática, o sistema político “revelou-se *sine qua non* para o sucesso do projeto neoliberal”.⁹⁰ Os estudos sócio-históricos a respeito da junção entre autoritarismo e neoliberalismo, na qual se apoiou a ditadura militar no Chile, foram categóricos ao apontar que, para além do âmbito econômico, essa parceria buscou expandir-se para as esferas sociais, consubstanciando o projeto de refundação da sociedade chilena pretendido pelo Estado ditatorial. Esse processo passou, fundamentalmente, pela deslegitimação do governo de Salvador Allende e o estabelecimento de uma nova institucionalidade que modificaria as bases da sociedade chilena, “introduzindo em todas as esferas os mecanismos de mercado”.⁹¹

⁸⁸ VERGARA, Pilar. *Auge y caída del neoliberalismo en Chile: un estudio sobre la evolución ideológica del régimen militar*. Santiago de Chile: FLACSO, n. 216, 1984, p. 64-65.

⁸⁹ TIRONI, Eugenio. *Autoritarismo, Modernización y Marginalidad: el caso de Chile (1973-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1990, p. 135.

⁹⁰ FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Ditadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível (1973-1989)*, Franca, UNESP, 1998, p. 111.

⁹¹ GARRETÓN, Manuel Antonio. Mobilizações populares, regime militar e transição para a democracia no Chile. *Lua Nova*, São Paulo, n° 16, março de 1989, p. 91; VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2015, p. 123. De acordo com Verónica Valdivia, a refundação do país, na visão dos militares, passou necessariamente por uma “guerra social” travada contra o marxismo e contra a força dos partidos de esquerda no Chile antes do golpe. Para tal, começou-se a trabalhar com o imaginário da população chilena, bem como buscou-se, ancorada na lógica neoliberal de Estado subsidiário, amparar, com políticas

Neoliberais e gremialistas, mais do que possíveis divergências, tiveram muitos aspectos em comum. Ambos surgiram da mesma instituição, a *Universidad Católica*, e um dos principais redutos do gremialismo, além da Escola de Direito, de onde despontou Jaime Guzmán, foi a Escola de Economia, centro irradiador das ideias neoliberais. Gremialistas e neoliberais defediam o capitalismo e a iniciativa privada como motores do desenvolvimento econômico, em oposição ao intervencionismo estatal. Compartilhavam também a descrença na política partidária e parlamentar, muito embora os princípios do gremialismo tenham dado origem ao partido *Unión Demócrata Independiente* (UDI), fundado por Jaime Guzmán em 1983. Por conseguinte, desejavam uma ordem autoritária sustentada por um Executivo forte, embora não intervencionista na economia, e um Parlamento apenas fiscalizador.⁹²

Além dessas duas bases ideológicas e de apoio na sociedade civil, a institucionalização da ditadura pinochetista passou, obviamente, também pela luta por consenso dentro das Forças Armadas em torno à figura de Pinochet. Esse processo culminou na derrocada dentro da instituição do chefe da Força Aérea, Gustavo Leigh, um dos principais articuladores do golpe, porém opositor ferrenho da vertente de institucionalização da ditadura baseada no neoliberalismo e na personalização do poder em Pinochet.⁹³

Além de Verónica Valdivia, outro autor chileno que analisou a gradativa personalização da ditadura, na figura de Augusto Pinochet, foi Carlos Huneeus. Em nossa interpretação, assim como Valdivia, o fez ressaltando o papel de setores direitistas da sociedade chilena, os gremialistas e os *Chicago Boys*, junto à forte liderança política de Pinochet. Porém, diferentemente da historiadora chilena, Huneeus, de certa forma,

públicas, os setores da população de extrema pobreza, entendidos como segmentos sociais mais suscetíveis à arregimentação política pelas ideias de esquerda.

⁹² VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2008, p. 142-146.

⁹³ VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2015, p. 129.

reduziu o papel das Forças Armadas ao longo da ditadura, destacando, dessa maneira, o peso da autoridade e da centralização do comando político exercido pelo ditador. Tanto assim que Carlos Huneeus preferia caracterizar o sistema político pós-1973 como “régimen de Pinochet”, e não ditadura militar.⁹⁴

Diferentemente dos posicionamentos mais críticos de Pilar Vergara e Eugenio Tironi, com os quais comungamos, quanto à combinação perversa entre autoritarismo do Estado e modelo econômico neoliberal no Chile,⁹⁵ Carlos Huneeus interpretou que o país teria entrado, com as medidas ortodoxas neoliberais, em uma rota de modernização e desenvolvimento econômico crescente. Sua leitura, digamos, mais amena dessa conjuntura, ainda que o autor não tenha negligenciado o aspecto atroz da repressão política, fez com que Huneeus caracterizasse a ditadura militar como “desenvolvimentista”.

Preferimos argumentar que se tratou de um modelo econômico neoliberal, com toda a carga negativa de desigualdades provocadas na sociedade chilena. Acreditamos ter sido perversa a ditadura, como dissemos, no sentido de que, do ponto de vista político, à medida que a repressão e o terror avançavam sobre a sociedade, especialmente sobre os militantes e simpatizantes das políticas de esquerda, crescia vertiginosamente o número de mortos, desaparecidos, torturados e exilados. Do ponto de vista econômico, as opções monetaristas dos economistas “de Chicago”, além de ter provocado um forte processo de empobrecimento de significativa parcela da população, aprofundando a desigualdade social no Chile, sobretudo a partir da crise econômica de 1982, fizeram, por conseguinte, com que muitos chilenos tentassem deixar seu país também por esse fator, além, obviamente, da atroz repressão institucionalizada.

⁹⁴ HUNEEUS, Carlos. *El régimen de Pinochet*. Santiago: Sudamericana, 2000.

⁹⁵ Não podemos deixar de mencionar, dentro dessa vertente altamente crítica, o importante sociólogo chileno Tomás Moulian. Ver MOULIAN, Tomás. *Chile actual*. Anatomía de un mito. Santiago: LOM Ediciones, 1997.

1.2 – O exílio chileno

Podemos afirmar que o Chile, pelo menos até 1973, foi um dos principais receptores de intelectuais exilados latino-americanos desde meados do século XIX, quando os argentinos Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi, Vicente Fidel López e Bartolomé Mitre, opositores da ditadura de Juan Manuel de Rosas na Argentina, encontraram asilo político no país vizinho. Pautados por ideias políticas liberais, embora com valores sociais conservadores, esses eminentes argentinos trabalharam na imprensa local de distintas cidades chilenas e exerceram forte influência intelectual durante o exílio. Na década de 1930, o país recebeu importantes peruanos apristas exilados que conformaram redes intelectuais e políticas, dentre eles Luis Alberto Sánchez, Ciro Alegría, Manuel Seoane e Carlos Manoel Cox.⁹⁶ O Chile também recebeu espanhóis republicanos a partir de 1939, após o fim da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e o início da ditadura de Francisco Franco. O país voltou a ser polo de atração de exilados na década de 1960 e no início da década de 1970, durante o governo de Salvador Allende. Muitos intelectuais, políticos e militantes de esquerda brasileiros, por exemplo, fugindo da ditadura militar instaurada com o golpe de 1964, estabeleceram-se no Chile e puderam participar da política local, atraídos, principalmente, pela experiência socialista e democrática da Unidade Popular de Allende e pela possibilidade de trabalhos em importantes instituições internacionais de pesquisa e ensino. Paulo Freire, Celso Furtado, Plínio de Arruda Sampaio, José Serra e Fernando Henrique Cardoso foram alguns dos brasileiros exilados no país nesse período.⁹⁷

⁹⁶ Ver MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 146-166.

⁹⁷ Acerca do Chile enquanto importante lugar do exílio, Ver SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 124-137.

A imposição do exílio a opositores políticos, pelo Estado chileno, ocorreu em outros momentos da história política do país, com destaque para o governo de Gabriel González Videla (1946-1952). Nesse período, com o Partido Comunista chileno colocado na ilegalidade pelo então presidente, foi marcante o exílio de parte importante dos seus membros, como o poeta Pablo Neruda⁹⁸ e o diretor da revista *Araucaria de Chile*, Volodia Teitelboim. Contudo, foi com o golpe de 1973 que se provocou um fenômeno massivo de exílio chileno, sem precedentes nesses termos, assim como o exílio em série de muitos latino-americanos que haviam encontrado refúgio no país e que se identificavam com a perspectiva de revolução socialista-democrática projetada pela presidência de Allende, como foi o caso dos brasileiros.⁹⁹

Na perspectiva de Loretto Rebolledo González, “jamás en la historia de Chile se había registrado una salida forzada de chilenos tan masiva en tan corto plazo y hacia lugares tan diversos como la iniciada a partir de septiembre de 1973”.¹⁰⁰ O massivo exílio de chilenos, predominante entre os anos de 1973 e 1978, resultou, em grande medida, da repressão política da Junta Militar aos militantes e políticos dos partidos da esquerda chilena, sobretudo aqueles que integraram ou possuíam proximidade com a UP e com governo de Salvador Allende. O exílio chileno foi marcado por uma grande quantidade de intelectuais, artistas, profissionais e estudantes universitários, aos quais se agregaram, em menor proporção, operários, campesinos e técnicos.¹⁰¹

⁹⁸ A respeito, ver COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

⁹⁹ SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 137. Sobre o exílio de brasileiros no Chile e, depois, com o golpe, em outros países, como a França, ver: MARQUES, Teresa Cristina Schneider. *Militância política e solidariedade transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Tese. 272 f. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

¹⁰⁰ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Exilios y retornos chilenos. *Revista Anales*, Santiago, Séptima Serie, nº 3, julio 2012, p. 178.

¹⁰¹ Ibid, p. 181.

Pablo Yankelevich afirmou que o exílio chileno foi altamente politizado, por ter sido consequência da expulsão do poder de dirigentes governamentais, partidários e uma ampla parcela de seus seguidores. Resultou de uma resposta extremamente violenta ao projeto socialista que se tentava implementar através do Estado. Saíram para o exílio, portanto, “os sobreviventes de um governo e milhares de seus simpatizantes, à diferença de outros casos, nos quais o exílio aparece como produto de uma atividade de dissidência ou oposição ao regime da vez”.¹⁰²

Ainda que esse componente particular, no caso chileno, tenha sido central, quando falamos de exílio no Chile após 1973, uma das principais dificuldades é delimitar de modo preciso as razões para a saída expressiva de chilenos, o que influi nos modos de leitura e interpretação dos números levantados que quantificam tal fenômeno. Em outras palavras, constatar se se trataram de exilados políticos ou de emigrantes motivados por razões econômicas, como apontou Êça Pereira da Silva.¹⁰³ Loretto Rebolledo González indicou ainda outros argumentos que tornaram ou ainda tornam difícil a computação precisa do número de exilados chilenos:

Establecer el número exacto de exiliados chilenos es una tarea inútil; las cifras son inciertas y contradictorias por razones de diverso orden. Por el deseo de las autoridades de la época de minimizar el problema, la información oficial es poco fiable; por otra parte, porque en muchos casos quienes salieron del país buscaron no dejar registro de su salida a la espera del reingreso posterior. A ello hay que agregar que quienes abogaban por el retorno de los exiliados consideraban que, siendo mayor la magnitud de personas involucradas, se ejercería una mayor presión sobre las autoridades. Por ello se hablaba de un millón de chilenos exiliados.¹⁰⁴

¹⁰² YANKELEVICH, Pablo. Estudar o exílio. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 15-16.

¹⁰³ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 62.

¹⁰⁴ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Op. Cit., 2012, p. 179.

Em razão das dificuldades metodológicas apontadas, a pretensão de se discriminar precisamente a quantificação dos exilados tornou-se pouco ou nada efetiva, o que pudemos constatar pelos dados que tivemos acesso.

Êça Pereira da Silva nos mostrou que a menor estimativa encontrada por ela foi de 200 mil chilenos que se exilaram durante a ditadura. A fonte de tais números foi a *Oficina Nacional del Retorno* (ONR), órgão criado no primeiro governo após o pinochetismo, o de Patricio Aylwin, visando a reinserção social dos exilados.¹⁰⁵ É possível confrontar esse dado apresentado como sendo a menor quantificação de exilados chilenos durante a ditadura militar, visto que o estudo de Anthony Pereira apresentou um número bem mais baixo, embora ainda elevado e não menos trágico, de 40 mil chilenos exilados entre 1973 e 1989. Pereira mencionou como fonte a Comissão Nacional Chilena sobre Verdade e Conciliação, de 1993.¹⁰⁶ Segundo dados da *Anistia Internacional*, consultados por Claudia Rojas Mira e Alessandro Santoni, no ano de 1974 já havia 150 mil chilenos no exílio.¹⁰⁷ Loretto Rebolledo González, remetendo aos respectivos estudos de Claudio Bolzman e Carmen Norambuena, apresentou-nos uma cifra de cerca de 400 mil chilenos no exílio.¹⁰⁸ As mais altas quantificações vão de 450 mil a 1 milhão de exilados, sendo que esse dado de 1 milhão foi apresentado pela revista *Araucaria de Chile* no primeiro e sétimo editoriais, tendo por fonte as estimativas da Igreja Católica chilena.¹⁰⁹

Como se nota, alguns números desse fenômeno, se confrontados, tornar-se-iam discrepantes. Não cabe a nós, portanto, referendarmos uma ou outra estimativa, embora

¹⁰⁵ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 62.

¹⁰⁶ PEREIRA, Anthony. Op. Cit., p. 56.

¹⁰⁷ ROJAS MIRA, Claudia; SANTONI, Alessandro. Geografía política del exilio chileno: los diferentes rostros de la solidaridad. *Perfiles Latinoamericanos*, n. 41, enero/junio 2013, p. 124.

¹⁰⁸ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Op. Cit., 2012, p. 179.

¹⁰⁹ Assim postulou o editorial de abertura da revista *Araucaria de Chile*: “Cálculos estimativos de la Iglesia Católica consideran que un millón de chilenos aproximadamente están obligados al éxodo y a distribuirse en un exilio por cinco continentes”. EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 5.

seja importante observamos os números levantados por alguns estudos. Ao fazermos a leitura das estimativas apresentadas, devemos, mais que tudo, constatar que se tratou, certamente, de um exílio massivo, evidenciando uma tragédia social que afetou inúmeras famílias no Chile durante a ditadura militar.

Assim, de fato, torna-se tarefa arduosa expor uma estimativa mais exata quanto a esse fenômeno, embora podemos, certamente, entender o exílio chileno, após o golpe, como um acontecimento trágico e violento, levando milhares de pessoas, cujas vidas estiveram ameaçadas pela ditadura militar, a buscar alternativas de sobrevivência em outros países. Se pensarmos que as medidas econômicas, em especial no caso chileno, não podem ser dissociadas, de maneira alguma, do projeto político mais amplo da ditadura, ao combinar autoritarismo e neoliberalismo, de modo a extirpar os valores da esquerda e modificar amplamente os modos de vida da sociedade do país, então, acreditamos ser desnecessário entrar nesse mérito de diferenciação entre os “tipos” de exilados, se motivados ou obrigados a sair do país por razões políticas ou econômicas. Apoiando-nos nessa interpretação, podemos afirmar que o exílio massivo no Chile foi motivado por razões certamente políticas, combinando a repressão e a violência estatal com o modelo econômico adotado, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1970.

Muitos foram os locais de destino dos exilados chilenos, evidenciando uma dispersão progressiva. Mario Sznajder e Luis Roniger nos apresentaram importantes números a respeito. Por exemplo, em 1974, já havia 15 mil exilados chilenos na Argentina e 1.500 no Peru, para apontarmos apenas dois países da América Latina, nesse momento. Em 1976, com o golpe militar na Argentina, os exilados chilenos tiveram que buscar asilo político em outros países, configurando aquilo que Sznajder e Roniger definiram como exílio serial. Segundo os autores, com os sucessivos golpes

militares na América Latina, o *Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados* (ACNUR) “intervino y reubicó hasta 30.000 refugiados y exilados chilenos en otros países de América Latina, de Europa y en Australia”.¹¹⁰

Dados parciais para o ano de 1984, de acordo com Jaime Llambias-Wolff, dão conta de que quase 47% dos chilenos exilados permaneceram na América Latina (sendo que a Venezuela recebeu 44% desse contingente) e 37% foram para a Europa Ocidental (10% na Espanha, 8,3% na França, 6,6% na Itália e 5,5% na Suécia). A América do Norte recebeu 8% desses chilenos, sendo a maioria, 6,7%, no Canadá. Para a Austrália partiram 5% dos exilados, enquanto que a Europa Oriental e a África totalizaram juntas 3%. No total, foram quase 120 países os destinos de chilenos que tiveram de deixar seu país por conta da ditadura.¹¹¹

Como podemos perceber, tratam-se de dados parciais, por vezes conflitantes com outras fontes de informação, mas que nos dão, de qualquer maneira, uma dimensão importante do exílio chileno. A partir da leitura de todos os percentuais e números apresentados, acreditamos ser possível problematizar a totalidade de 40 mil chilenos exilados, informação sustentada por Anthony Pereira. Essa estimativa parece ter sido

¹¹⁰ SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 206.

¹¹¹ LLAMBIAS-WOLFF, Jaime. The voluntary repatriation process of chilean exiles. *International Migration*, v. 31, n. 4, p. 579-599, 1993. Embora os países citados tenham sido praticamente os mesmos daqueles mencionados por Llambias-Wolff e por Sznajder e Roniger, outras foram as cifras levantadas por Carmem Norambuena quanto aos principais destinos dos exilados chilenos: Argentina (50,7%), Estados Unidos (7,87%), Venezuela (6,18%), Canadá (3,85%), França (3,68%), Itália (2,38%), Suécia (2,38%) e Austrália (2,21%). As diferenças de porcentagem se explicam, em primeiro lugar, porque enquanto os autores trabalharam com informações referentes ao ano de 1984, Norambuena não especificou qual o período analisado, dando a entender que se tratou de uma porcentagem geral, abarcando todo o período da ditadura. Outra explicação está na própria dificuldade de se computar com precisão o número de exilados nesses países, além das fontes de informações dos dados terem sido supostamente distintas para cada análise. Êça Pereira da Silva nos apresentou ainda outras estimativas sobre os países que mais receberam exilados chilenos: França com 10%, Suécia e Canadá com 9% cada um. A autora citou a Argentina, embora por um curto período, em razão do golpe militar de 1976 no país, e a Venezuela como outros destinos para os quais confluíram um contingente significativo de exilados chilenos. Ver NORAMBUENA, Carmen. Exilio y retorno. Chile. 1973-1994. In: GARCÉS, Mario; ROJAS, Maria Teresa; PINTO, Julio et. al (comps.). *Memoria para un nuevo siglo*. Chile, miradas a la segunda mitad del siglo XX, Santiago: LOM Ediciones, 2000, p. 173-188; SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 63.

dimensionada para baixo, enquanto que em *Araucaria de Chile*, ao se computar um milhão de chilenos no exílio, para cima.¹¹²

No que tange ao exílio dos intelectuais chileno, não podemos deixar de mencionar a conduta desses na oposição e na resistência política à ditadura pinochetista em diversos fronts, especialmente nos âmbitos político e cultural. A necessidade de sair do Chile e exercer, no exílio, suas funções artísticas e intelectuais se deu em razão da perseguição política, em primeiro lugar; pelo despojamento, através da intervenção militar, das possibilidades de trabalho; ou simplesmente por uma decisão pessoal, já que as condições e liberdades intelectuais para se produzir e receber cultura e conhecimento já não eram as mesmas. Mencionando o assassinato, pelos agentes da repressão, do diretor teatral, compositor e intérprete musical Víctor Jara, dias após o golpe, assim se expressou Carlos Orellana, editor de *Araucaria de Chile*, sobre o exílio dos intelectuais chilenos:

El brutal asesinato de Víctor Jara [...] bien puede ser mostrado como ejemplo emblemático de lo que fue la represión en el campo de la cultura en el [...] período de la Dictadura. Con posterioridad a este crimen imperdonable, no fue ni por oportunismo ni por frivolidad que centenares de cuadros ligados a virtualmente todos los dominios de la creación cultural, abandonaron el país.¹¹³

Nesse sentido, em estreita relação com o contexto apresentado, destacamos a criação das revistas culturais e políticas de exílio *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, concebidas fundamentalmente como instrumentos de resistência e espaço de sociabilidade intelectual, de reflexão e de debate a respeito da cultura e da política chilena e latino-americana.

¹¹² Os números apresentados por nós condizem com o que indicou Hugo Cancino, que afirmou terem sido formuladas, por órgãos distintos ligados aos direitos humanos, cifras ao redor de 30.000 até 1 milhão de chilenos que abandonaram o país por razões políticas, entre 1973 e 1988. Ver CANCINO, Hugo. Exilio chileno e historiografía. *Sociedad y discurso*, Aalborg Universitet, Denmark, 2003.

¹¹³ ORELLANA, Carlos. Bitácora personal de una historia colectiva. *Araucaria de Chile: Índice General* (1978-1989). Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 11.

1.3 – Formação, materialidade e circulação das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*

Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica foi uma revista de circulação trimestral, publicada em Los Angeles, nos Estados Unidos, pela editora *Ediciones de la Frontera*. Em seu primeiro número, lançado em janeiro de 1977, o editorial de abertura expôs as questões centrais da fundação da revista: resistir à ditadura militar e estabelecer a unidade dos intelectuais chilenos progressistas, promovendo, desde o exílio, seus trabalhos de investigação e criação artística e literária.¹¹⁴ Inicialmente chamada *Literatura Chilena en el Exilio*, a revista foi fundada e dirigida por Fernando Alegría (1918-2005), contando também com David Valjalo (1924-2005) como seu cofundador e editor.

Fernando Alegría nasceu em Santiago de Chile, no dia 26 de setembro de 1918. Foi romancista, poeta, ensaísta, crítico literário e professor universitário. Titulou-se como professor de castelhano e filosofia no *Instituto Pedagógico da Universidade de Chile*, e se doutorou pela *Universidade da Califórnia*. Exerceu importante carreira como catedrático nas Universidades de *Berkeley* (1947-1967) e *Stanford* (1967-1988), nos Estados Unidos. Pertenceu à *Geração Literária de 1938*,¹¹⁵ movimento que se notabilizou pela abordagem temática sobre os problemas sociais e políticos nas obras dos escritores chilenos que o compuseram, muitos deles de orientação política marxista.

¹¹⁴ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Editorial. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 1.

¹¹⁵ Segundo Juan Armando Epple, a Geração Literária de 1938 modificou as tradições literárias vigentes, promovendo uma concepção de novela (romance) que explorava a relação dialética entre subjetividade e as determinações sociais do homem. Sua perspectiva buscou articular uma exploração poética e ficcional da realidade, transferindo atenção especial aos problemas sociais do Chile. Esse movimento literário caminhou lado a lado com a ascensão política da Frente Popular no Chile, através do presidente Pedro Aguirre Cerda (1938-1941). Dentre os principais escritores dessa geração, encontraram-se, além de Fernando Alegría, Francisco Coloane, Carlos Droguett, Guillermo Atías, Nicomedes Guzmán, Juan Godoy e Volodia Teitelboim. Informações disponíveis em: Ensayos de Juan Armando Epple. <http://www.memoriachilena.cl>. Acesso em 17/07/2016; BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. *Literatura Chilena en el Exilio*: Fernando Alegría y David Valjalo. Iquique: Ediciones Campvs, Universidad Arturo Prat, 2007, p. 18.

Não obstante tenha recebido reconhecimento nacional por suas novelas (romances), Alegría teve sua narrativa marcada pelos estudos biográficos de dois personagens da esquerda chilena: Luis Emilio Recabarren, fundador do Partido Comunista chileno, e Salvador Allende. As obras *Recabarren* (1938) e *Allende. Mi vecino el Presidente* (1989) foram definidas por Juan Armando Epple como “evocações poéticas da saga de heróis nacionais”, centradas em figuras-chaves da história política do Chile. Dentro dessa mesma perspectiva literária, destacando a figura de Salvador Allende em seus últimos momentos de vida, Fernando Alegría escreveu, no exílio, durante a ditadura militar, *El paso de los gansos* (1975), uma das primeiras novelas chilenas sobre o golpe, aproximação testemunhal acerca da derrota do governo da Unidade Popular.

Com o presidente socialista chileno, de quem foi amigo, trabalhou no governo da Unidade Popular como adido cultural na embaixada do Chile em Washington, Estados Unidos, de 1970 até o golpe de 1973.¹¹⁶ Permaneceu nos EUA durante a ditadura militar, desta vez como exilado, retornando ao Chile por um mês, em 1984, mediante autorização oficial.¹¹⁷ Alegría continuou vivendo nos Estados Unidos mesmo com o fim do governo de Augusto Pinochet, muito embora visitasse o país natal com alguma frequência. Em entrevista concedida ao autor desta dissertação, o professor

¹¹⁶ Sobre Salvador Allende, Fernando Alegría escreveu ainda uma biografia não ficcionalizada, destacando sua trajetória política até o golpe de 1973. Nela, afirmou, demonstrando todo seu apreço pela figura do ex-presidente socialista: “É possível que Allende, deliberada ou inconscientemente, conservasse através de sua vida e até o fim uma imagem que lhe era cara: a do cavalheiro chileno à antiga, sóbrio, varonil, patricio, audaz também, e até temerário. Jamais deixou de ser isso nas trágicas horas em que teve de combater, não mais embaralhando nomes de ministros, mas com uma metralhadora na mão e um capacete na cabeça”. ALEGRÍA, Fernando. *Salvador Allende: a paz pelo socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 86.

¹¹⁷ Ainda que vivendo e exercendo atividade literária e acadêmica nos Estados Unidos há algumas décadas, Alegría encontrava-se no Chile no momento do golpe militar. Teve de deixar imediatamente Santiago, retornando aos EUA e impedido de regressar ao país de origem. Sobre Fernando Alegría, informações disponíveis em: Ensayos de Juan Armando Epple. <http://www.memoriachilena.cl>. Acesso em 25/06/2013; José Miguel Varas. Recordando a Fernando Alegría. <http://www.voltairenet.org/article135365.html>. Acesso em 20/10/2016. Ver também BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. Op. Cit., p. 35.

chileno da Universidade de Pittsburg (EUA), Pedro Bravo-Elizondo, importante colaborador de *Literatura Chilena* em toda sua trajetória, confirmou que Fernando Alegría foi amigo pessoal de Salvador Allende e vinculado a seu governo, argumento que reforçou a ideia que buscamos sustentar acerca da posição política socialista do intelectual chileno.¹¹⁸ Mesmo antes da proximidade com o ex-presidente, Alegría teria tido afinidade com os valores do socialismo chileno, como afirmaram Pedro Bravo-Elizondo e Judy Berry-Bravo. Nas palavras desses dois autores, “desde muy joven [él] se identificó con las ideas socialistas”.¹¹⁹

Outro membro responsável pela direção da revista *Literatura Chilena en el Exilio*, David Valjalo nasceu em Iquique, no norte do Chile, em 1924. Ele adquiriu maior destaque intelectual como poeta, ensaísta, antologador e crítico literário através de obras como *Poemas de la resistencia* (1985), sua visão poética sobre o exílio, e *Antología de poesía chilena, a través del soneto* (1988), publicado na versão monográfica de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, que consistiu em uma antologia de sonetos chilenos desde o período colonial até a década de 1980. Nos Estados Unidos desde 1959, Valjalo, atuando também como diretor teatral, contribuiu para a difusão da arte latino-americana apresentando o teatro e a lírica por meio de seu “Teatro de Cámara”. Criou e manteve a editora *Ediciones de la Frontera*, voltada para a publicação da literatura chilena no exílio e da revista *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*.

Como Fernando Alegría, ele também trabalhou no governo de Salvador Allende, exercendo a função de adido cultural da UP, na Califórnia, Estados Unidos, onde se

¹¹⁸ BRAVO-ELIZONDO, Pedro. Entrevista concedida, via e-mail, ao autor deste estudo no dia 01/08/2016. Ver Anexo I.

¹¹⁹ BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. Op. Cit., p. 16.

manteve após o golpe militar de 1973.¹²⁰ O crítico e professor chileno Guillermo Araya, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, ressaltou o trabalho de David Valjalo como editor, apontando para seu engajamento contra a ditadura através do trabalho cultural no exílio. Em suas palavras, Valjalo era “impresor, enemigo de gigantes desaforados, gorilas alzados y toda clase de jayanes que ensucian la tierra”.¹²¹ Sobre sua poesia, segundo Pedro Bravo-Elizondo e Judy Berry-Bravo, “la muerte de su amigo Salvador Allende tras el golpe de estado incitó un cambio en su obra”.¹²² Nas palavras do próprio Valjalo: “yo no consideraba para mí la poesía política, pero ese día en 24 horas transformé mi poesía en forma natural”.¹²³

Fica claro, portanto, que Fernando Alegría e David Valjalo se envolveram na resistência política à ditadura pelo viés cultural, não apenas na produção da revista *Literatura Chilena*, mas atuando também como escritores e poetas. A trajetória intelectual de Fernando Alegría foi certamente mais pujante do que a de Valjalo, tendo tido uma carreira literária já consagrada no Chile antes do golpe. Ainda que sem ligações partidárias explícitas, ambos tiveram vínculos estreitos com a Unidade Popular e o governo de Salvador Allende, especialmente Alegría, amigo pessoal do ex-presidente, personagem histórico cuja imagem foi construída positivamente em alguns de seus livros.

Outros foram os integrantes que tiveram função central na revista. Os escritores, professores e críticos literários chilenos Nelson Osorio, Guillermo Araya, Jaime Concha e Juan Armando Epple compuseram o Conselho Editorial de *Literatura Chilena en el*

¹²⁰ Ver LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. David Valjalo. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Santiago, n. 52 al 54, 1990, p. 137-138; WYMAN, Eva Goldschmidt. *Los poetas y el general: voces de oposición en Chile bajo Augusto Pinochet (1973-1989)*. Santiago: LOM Ediciones, 2002, p. 463.

¹²¹ ARAYA, Guillermo. Un hombre yace sobre la pampa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 24, 1983, p. 17.

¹²² BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. Op. Cit., p. 45.

¹²³ VALJALO, David *apud* BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. Op. Cit., p. 45-46.

Exílio. O primeiro exilou-se na Venezuela, onde exerceu atividade acadêmica. Os dois últimos estiveram exilados nos Estados Unidos, onde construíram importante trajetória acadêmica como professores universitários e críticos. Juan Armando Epple foi professor de literatura na Universidade de Havard e Jaime Concha foi catedrático em Seattle. Em entrevista concedida ao autor deste trabalho, Epple, que integrou o Partido Socialista chileno, afirmou que foi preso pelos militares logo após o golpe, foi posto em liberdade algum tempo depois e, no ano seguinte, em 1974, foi novamente detido. Saiu da prisão e foi para o exílio graças a uma beca da Universidade de Harvad.¹²⁴ Preso, após o golpe, por três meses em Valdivia, cidade onde concorria ao cargo de reitor da *Universidad Austral*, o crítico Guillermo Araya saiu para o exílio em dezembro de 1973. Fora do país, construiu sua carreira acadêmica na Holanda, onde foi professor na Universidade de Amsterdã.

Todos eles, como afirmou Pedro Bravo-Elizondo em entrevista, tiveram de deixar o Chile porque atuavam como docentes nas universidades chilenas, ocupadas pelos militares após o golpe, e se identificavam com os ideais de Salvador Allende, incluindo a ele próprio, o entrevistado, que se encontrava nos Estados Unidos antes da ascensão dos militares, concluindo seus estudos de mestrado e doutorado. Praticamente todos eles, asseverou Juan Armando Epple em entrevista, participaram de projetos culturais junto ao governo Allende.¹²⁵

Perguntado se se considerava exilado mesmo vivendo nos Estados Unidos antes de ocorrer o golpe, Bravo-Elizondo afirmou que “un exiliado tiende a reconocerse con otros por el hecho de haber salido del país voluntariamente o no”. E, prosseguindo seu argumento, dando a entender que se considerava, sim, um exilado, afirmou que ao

¹²⁴ EPPLÉ, Juan Armando. Entrevista concedida, via e-mail, ao autor deste estudo no dia 04/09/2016. Ver Anexo II.

¹²⁵ Ibid.

terminar seus estudos em 1974, ainda que quisesse retornar, pelas condições em que se encontrava o Chile, “el regreso habría sido un error y me quedé”.¹²⁶

Nos dois primeiros números da revista *Literatura Chilena*, compunham o Conselho Editorial apenas Nelson Osorio e Jaime Concha. Juan Armando Epple e Guillermo Araya foram incorporados a partir da terceira edição. Nelson Osorio permaneceu em *Literatura Chilena* até a edição de número 7. Os demais estiveram no Conselho da revista em praticamente toda sua trajetória, à exceção de Araya, que faleceu no exílio em Amsterdã, no ano de 1983.¹²⁷ Em entrevista, questionado sobre qual função exercia em *Literatura Chilena*, além de frequente colaborador, Juan Armando Epple esclareceu que estava a cargo da seleção de colaboradores e, em alguns casos, da correção de textos originais que chegavam à redação da revista.¹²⁸ Sua resposta nos faz inferir que, provavelmente, também os demais membros do Conselho Editorial exerceram papel similar.

O importante escritor colombiano Gabriel García Márquez presidia o Comitê Internacional de *Literatura Chilena en el Exilio*, conferindo ao impresso projeção internacional. Outros nomes de importância na literatura e na crítica literária latino-americana fizeram parte desse Comitê a partir do segundo número da revista, dentre os quais os uruguaios Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Marta Traba e Ángel Rama, os argentinos Julio Cortázar, Ernesto Sábato e Manuel Puig, o nicaraguense Ernesto Cardenal e o mexicano Juan Rulfo. Esses intelectuais, diferentemente do que ocorreu com a revista *Araucaria de Chile* em relação a muitos deles, não colaboraram

¹²⁶ BRAVO-ELIZONDO, Pedro. Entrevista concedida, via e-mail, ao autor deste estudo no dia 01/08/2016. Ver Anexo I.

¹²⁷ Em razão de sua morte, como homenagem, a edição de número 24 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica* esteve inteiramente dedicada a esse acadêmico, crítico e importante colaborador da revista.

¹²⁸ EPPLÉ, Juan Armando. Entrevista concedida, via e-mail, ao autor deste estudo no dia 04/09/2016. Ver Anexo II.

significativamente com a publicação de textos em *Literatura Chilena*.¹²⁹ Embora não especificado na revista, acreditamos que a função deles, enquanto membros do Comitê Internacional, seria a de conferir à *Literatura Chilena en el Exilio* divulgação internacional, contribuindo na formação de redes de solidariedade à luta cultural e política chilena contra a ditadura.

Foram, no total, 58 números publicados da revista, cuja história pode ser dividida em dois momentos. O primeiro vai de janeiro de 1977 a abril de 1980, quando, até o 14º número, era denominada *Literatura Chilena en el Exilio*. O segundo momento iniciou-se no primeiro trimestre de 1981, quando passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, prosseguindo sua publicação, de modo quase ininterrupto, até 1991, ano em que os problemas financeiros da revista se agravaram, como afirmou David Valjalo na *Carta del Editor* da edição de número 55.¹³⁰ O impresso manteve-se, todavia, até 1994, com periodicidade irregular nos últimos anos, tendo publicado apenas mais três números. Com o fim da ditadura, as edições de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, do número 51 ao 58, foram publicadas em Santiago de Chile. No entanto, como explicamos na Introdução, interessa-nos analisar suas edições de 1977 até 1987, período em que a revista se opôs, no exílio, à ditadura militar no Chile, em um formato regular e trimestral. Após esse ano, como afirmamos, a revista passou a ter uma circulação anual, dedicando-se estritamente a antologar poesias chilenas.

¹²⁹ Gabriel García Márquez teve dois textos publicados na revista. O primeiro consistiu em uma mensagem destinada aos homens democráticos e progressistas, convocando-os a se reunirem em torno à entidade denominada HABEAS, destinada à denúncia e à proteção às vítimas de tortura e perseguição política na América Latina. O segundo texto foi seu discurso *La Soledad de América Latina*, proferido ao receber o Premio Nobel de Literatura, em 1982. Já Julio Cortázar publicou um único texto em *Literatura Chilena*, em que, através da análise do filme *Prisioneros Desaparecidos*, do cineasta chileno, no exílio, Sergio Castilla, denunciou a prática de tortura e desaparecimentos durante as ditaduras militares do Cone Sul. Ver GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. A todos los hombres democráticos y progresistas de América Latina y el Caribe. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, p. 1, 1979; GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. La Soledad de América Latina. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 23, p. 2-3, 1983; CORTÁZAR, Julio. Contra el olvido. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 14, 1979.

¹³⁰ VALJALO, David. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 55, 1991, p. 70.

Em carta a Fernando Alegría, que foi publicada como editorial do número 15, primeira edição com o nome *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, David Valjalo, agora com as funções de diretor e editor, explicou que a revista passou a se chamar assim porque seus editores entenderam que o título anterior, ao se referir apenas à literatura chilena no exílio, excluía aqueles que produziam literatura de dentro do Chile. Buscava-se, com isso, representar “no solo el exilio, sino a todos los chilenos” vítimas do autoritarismo da ditadura de Augusto Pinochet, e colaborar “desde el frente cultural a la restauración de la democracia en nuestra patria”.¹³¹ Manteve-se, portanto, o aspecto central do seu editorialismo programático, o de se opor a Pinochet e buscar a restauração da democracia.

Embora existisse a preocupação quanto ao nome da revista, evidenciamos que, em sua primeira fase, o impresso recebeu contribuições literárias vindas do Chile, grande parte delas assinadas sob pseudônimos, não obstante as colaborações de exilados fossem, de fato, majoritárias. O que, possivelmente, David Valjalo tenha tentado expressar foi que *Literatura Chilena, Creación y Crítica* passaria a ter, nessa fase e com o novo nome, uma amplitude ainda maior nesse aspecto, unindo igualmente trabalhos advindos do interior do país e do exílio. Nota-se, portanto, a atenção, por parte de David Valjalo, em conjugar as forças de combate à ditadura militar no Chile, utilizando como “arma” não apenas a produção intelectual chilena do exílio.

Em resposta, com tom de despedida, publicada como forma de editorial na mesma edição de número 15, Fernando Alegría, ao deixar a direção de *Literatura Chilena*, deu a entender que se tratava de um momento de transição da revista. Informou-nos, sem maiores especificações, sobre a solidariedade pessoal e institucional que ela possuiu em diferentes partes do mundo, indicando os principais locais em que

¹³¹ VALJALO, David. De David Valjalo a Fernando Alegría. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, 1981, p. 1.

circulou, como os Estados Unidos e o Canadá, únicos países mencionados pelo ex-diretor:

Después de tres años de esfuerzos por ofrecer a los escritores chilenos en el exilio una tribuna de firme y amplia base unitaria, damos por terminada esta etapa de nuestra lucha. Creemos que *Literatura Chilena en el Exilio* cumplió un noble propósito y que ocupará un sitio, modesto pero digno, en los anales del movimiento de liberación de nuestra patria. Con profunda gratitud nos dirigimos hoy a todos aquellos que nos brindaron su valiosa ayuda. Decimos gracias a nuestros hermanos escritores y a la comunidad chilena en general que, en diferentes países, mantiene inquebrantable su actitud solidaria, y gracias también a las instituciones universitarias y culturales que tan generosamente acogieron a nuestra revista. Queremos expresar nuestro especial agradecimiento a los escritores e intelectuales de Latinoamérica, Estados Unidos, Canadá y Europa cuyo amor hacia la tierra de Neruda y la Mistral se manifestó y sigue manifestándose en términos de espléndido apoyo a nuestra causa.¹³²

Apesar da mudança do nome na transição a uma segunda fase da revista, Valjalo preocupou-se em afirmar que *Literatura Chilena, Creación y Crítica* seria continuação de *Literatura Chilena en el Exilio*, mantendo-se, assim, os mesmos pontos de vista e posicionamento político. Perceberemos, a partir de análises de seus editoriais e de textos que versaram sobre a função dos intelectuais e da literatura durante a ditadura, que transformações ocorreram com a mudança de nome e de direção de *Literatura Chilena*, ainda que não muito significativas a ponto de se alterar profundamente seu editorialismo programático. Embora ambos os nomes evidenciassem a relevância da criação literária, a revista, em suas duas fases, veiculou publicações de caráter não estritamente literário, com temáticas que versavam sobre teatro, cinema e artes.

David Valjalo fez questão de enfatizar que *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, ao selecionar suas publicações, não estabelecia como critério a militância política de seus colaboradores, não obstante estimasse o envolvimento dos intelectuais na luta em que estavam empenhados, que não era outra senão a recuperação da

¹³² ALEGRÍA, Fernando. Respuesta de Fernando Alegría. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, 1981, p. 1.

democracia chilena.¹³³ Constatamos, aqui, uma contradição na sua afirmativa, visto que a participação de intelectuais, colaboradores da revista, na luta pela democracia pode ser considerada uma forma de militância política e engajamento. Podemos interpretar que, possivelmente, Valjalo entendia o sentido de militante como alguém vinculado a algum partido político, condição esta que ele buscava negar sistematicamente em relação à *Literatura Chilena, Creación y Crítica*.

Embora Valjalo tenha destacado tais características de *Literatura Chilena* - distintas, nesses aspectos, de *Araucaria de Chile*, como veremos - percebemos que as publicações da revista, nas duas etapas de sua trajetória no exílio, ressaltaram o teor político de seu conteúdo. Apesar de não ter tido vínculos com partidos políticos, como afirmou seu principal editor, torna-se essencial reforçar que tanto Fernando Alegría quanto David Valjalo atuaram no governo de Salvador Allende, ambos como adidos culturais nos Estados Unidos, e mostraram-se afeitos à personalidade e à trajetória política do ex-presidente, como poderemos constatar ao longo dos capítulos.

Outras transformações ocorreram na revista junto à mudança do nome. A partir da edição de número 15, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* passou a ter a direção colegiada, composta por David Valjalo, Guillermo Araya e pelo escritor e crítico Armando Cassigoli. Incluíram-se Conselhos Editoriais compartimentados, composto por especialistas chilenos em cada área. O que apareceu em primeiro plano e com maior número de componentes foi o conselho de *Literatura*. Integraram-no Juan Armando Epple e Jaime Concha – membros do Conselho Editorial anterior –, Naín Nómez, Víctor Valenzuela, Grínor Rojo, Mercedes Valdivieso, Juan Loveluck e Luis Ayzaguirre, todos chilenos com trajetórias como escritores, professores acadêmicos, ensaístas e críticos literários. O Conselho voltado para as *Plásticas* apresentou os artistas Mario Toral e

¹³³ VALJALO, David. Carta del Editor. *Índice general: Literatura Chilena, Creación y Crítica* (1981, 1982, 1983). Los Angeles: Ediciones de la Frontera, 1984, p. 3.

René Castro, sendo que este se encontrava desde a edição de número 10 da revista. No de *Cine*, o único responsável foi o destacado cineasta Patricio Guzmán¹³⁴; no de *Folklore*, o compositor e poeta, um dos principais nomes da *Nueva Canción Chilena*¹³⁵, Patricio Manns; e no de *Teatro*, esteve à frente Jorge Díaz. Outro nome que apareceu a partir dessa segunda fase foi o de Ana María Velasco, assistente do editor David Valjalo.

O Comitê Internacional cedeu espaço para o *Comité de Solidariedad*, cujos membros foram Fernando Alegría - que passou a exercer um papel secundário na revista, colaborando eventualmente com publicações -, o escritor Carlos Droguet, o cineasta Miguel Littín¹³⁶, os músicos, críticos musicais, compositores e professores Juan Orrego Salas e Juan Pablo Izquierdo, e os pintores Roberto Matta e Nemésio Antunes.

¹³⁴ Patricio Guzmán é autor do importante e premiado documentário *La batalla de Chile, la lucha de un pueblo sin armas*, que retrata os conflitos políticos vividos sob o governo da UP entre 1972 até o golpe de 1973.

¹³⁵ A *Nueva Canción Chilena*, de acordo com Natália Ayo Schmiedecke, reuniu músicos, tais como Víctor Jara, Rolando Alarcón, Patricio Manns, Isabel e Angel Parra, que pretendiam vincular seu ofício ao processo de mudanças políticas experimentadas pelo Chile no final da década de 1960 e início de 1970. Defendendo a renovação do cancionero popular, o movimento ficou fortemente identificado com o projeto da “via chilena ao socialismo” da UP. Do ponto de vista estético, tratou-se de um movimento artístico-político amplo, complexo e diversificado no que diz respeito às experimentações das formas das canções, das composições musicais e dos instrumentos utilizados, mas que adquiriu uma unidade “en la perspectiva ética frente a la injusticia y la miseria, un movimiento solidário en la convicción de que se vivía en un sistema injusto no solo en Chile sino en toda América Latina”. SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011, p. 233; SCHMIEDECKE, Natália Ayo. *Não há revolução sem canção: utopia revolucionária na Nova Canção Chilena (1966-1973)*. São Paulo: Alameda, 2015, p. 24.

¹³⁶ O chileno Miguel Littín, junto a Patricio Guzmán, foi um dos mais destacados diretores de cinema de seu país durante a presidência de Salvador Allende e, posteriormente, também no exílio. Segundo Alexandro de Sousa e Silva, no Chile, Miguel Littín foi o responsável pela redação do *Manifiesto de los Cineastas de la Unidad Popular* – documento publicado em *Literatura Chilena* e que analisaremos no Capítulo 2 -, dirigiu, por alguns meses, a estatal *Chile Films* e realizou o documentário *Compañero Presidente* (1971), direcionado a Allende. Além disso, em diversas oportunidades, concedeu entrevistas em que se colocava a favor do governo da Unidade Popular. Com o golpe militar de 1973, Miguel Littín exilou-se no México, consagrando-se como um cineasta militante e comprometido com as causas sociais e políticas chilenas. Entre suas obras fílmicas criadas no exílio estão *Actas de Marusia* (1975), *El recurso del método* (1978) e *La viuda de Montiel* (1979). As duas últimas foram adaptações dos trabalhos de Alejo Carpentier e Gabriel García Márquez, respectivamente. Littín regressou clandestinamente ao Chile no ano de 1985, com o objetivo de fazer um documentário sobre a realidade chilena depois de doze anos de ditadura. Sua incursão clandestina no país inspirou o livro de Gabriel García Márquez *La aventura de Miguel Littín Clandestino en Chile* (1986), após conversas entre ambos em Madrid, e resultou no documentário *Acta general de Chile* (1986), do próprio cineasta. Em 1990, com a volta da democracia, Miguel Littín retornou definitivamente ao Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-92834.html>. Acesso em: 14/07/2015; GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *La aventura de Miguel Littín*

Todos os nomes apresentados, desde os diretores, passando pelos membros dos Conselhos e do *Comité de Solidariedad de Literatura Chilena, Creación y Crítica*, foram de chilenos exilados com importante reconhecimento em suas áreas culturais. Tratou-se de um aspecto relevante, que indicou o traço nacional e identitário dado à cultura chilena pela revista. O viés latino-americanista, que não esteve ausente no impresso, foi muito mais presente, sobretudo pelos colaboradores e pelos temas tratados, na revista *Araucaria de Chile*. Outro aspecto de relevo em relação à *Literatura Chilena* consistiu em perceber que todos os nomes apresentados, muitos já presentes na revista em sua primeira fase, foram de intelectuais com interfaces, em maior ou menor grau, com a política chilena de esquerda, identificados com a Unidade Popular e com a projeção da “via chilena ao socialismo” de Salvador Allende. É importante termos isso em vista no sentido de buscarmos uma compreensão mais ampla da composição do projeto coletivo cultural e político da revista ao longo de sua circulação no exílio.

Do ponto de vista de sua materialidade, *Literatura Chilena* apresentava um formato simples, impressa em preto e branco em papel-jornal, contendo em média 36 páginas por edição. Somente sua capa e seu sumário apresentavam-se coloridos, porém sem maiores trabalhos gráficos, figurando, na primeira, apenas o nome da revista e a edição a qual pertencia.

clandestino en Chile. México: Editorial Diana, 1986; SILVA, Alexsandro de Souza e. “El cine de resistencia” de Miguel Littín no México durante o governo de Luis Echeverría (1970–1976). *I Jornadas de Trabajo Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. La Plata 26, 27 y 28 de septiembre de 2012, p. 1-14.

Figura 1 - Capas da primeira e da trigésima primeira edições da revista *Literatura Chilena*



Fonte: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3555.html#documentos>

Editada por *Ediciones de la Frontera*, embora com alguma qualidade tipográfica, como observou Juan Armando Epple,¹³⁷ a revista pareceu ter tido um modo de produção quase artesanal, tendo como principal e, possivelmente, única forma de aquisição de recursos a contribuição financeira de seus assinantes. Esclarecimento de David Valjalo, referente à iniciativa de impressão de *Literatura Chilena*, mostrou-nos as dificuldades para se conseguir recursos para a revista e, por conseguinte, indicou-nos essa tendência mais comedida, do ponto de vista material, em sua produção, sobretudo quando a comparamos com *Araucaria de Chile*:

Fernando Alegría quería que hiciéramos la revista en mi imprenta, pero como era muy chica le dije que si estaba loco, que sería un trabajo de quince días de prensa. Entonces se fue a México y a Europa a pedir plata a los partidos

¹³⁷ EPPLE, Juan Armando *apud* BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. Op. Cit., p. 61.

políticos y le dijeron que no. En vista de que la política no financiaba la cultura, me dio rabia y me decidí a imprimirla yo.¹³⁸

Em *Carta del Editor*, presente no *Índice General* publicado em 1984, referente a alguns números da segunda fase da revista, David Valjalo, referindo-se à trajetória do impresso até aquele momento, explicou que sua única fonte de recursos econômicos foi a colaboração de seus assinantes, insistindo que *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* não recebia nenhuma contribuição financeira de partido político, instituição cultural ou fundação.¹³⁹ Tais argumentos foram reforçados pelo editor em outros tantos editoriais ou *Carta del Editor*. Relembrando os onze anos de publicação da revista em seu último número em formato trimestral, David Valjalo mencionou que os problemas econômicos enfrentados por *Literatura Chilena* se agravavam por não possuir um aporte de recursos elevados.¹⁴⁰

As despesas com a produção da revista foram por um momento mitigadas porque, em seu período em Los Angeles, contava-se com um “pequeño taller impresor, razón por la cual los costos del proceso de producción eran absorbidos por el editor. Esto es: diagrama, tipografía, negativos, montaje, placas, prensa y compaginación”.¹⁴¹ Mesmo os recursos adquiridos pelas assinaturas, como ficou subentendido em alguns esclarecimentos de David Valjalo, parecem ter diminuído nos números finais de sua etapa trimestral, fazendo com que a revista passasse a circular anualmente, a partir de 1988, e se tornasse cada vez mais irregular, especialmente a partir dos anos 1990.

¹³⁸ CÁRDENAS, María Teresa. *Literatura chilena del exilio. Rastros de una obra dispersa. Exilio chileno. Exilio chileno, cultura y solidaridad internacional*. El Mercurio, 23/08/2003 (reproducción autorizada). Disponível em: <http://chile.exilio.free.fr/chap03f.htm>. Consultado em 14/03/2016.

¹³⁹ VALJALO, David. *Carta del Editor. Índice general: Literatura Chilena, Creación y Crítica* (1981, 1982, 1983). Los Angeles: Ediciones de la Frontera, 1984, p. 3. Essa ideia nos foi confirmada por Pedro Bravo-Elizondo em entrevista. De acordo com ele, *Literatura Chilena* nunca recebeu nenhum centavo de instituições políticas. Suas formas de recursos e sobrevivência foram as assinaturas e “el empuje de Valjalo”. BRAVO-ELIZONDO, Pedro. Entrevista concedida ao autor, via e-mail, no dia 01/08/2016. Ver Anexo I.

¹⁴⁰ VALJALO, David. *Carta del Editor. Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, s.p.

¹⁴¹ EDITORIAL. Tercera Etapa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 33-34, 1985, p 1.

Na primeira edição de *Literatura Chilena*, os valores da assinatura foram apresentados da seguinte maneira: um número saía ao preço de U\$ 3, enquanto que a assinatura anual, com os quatro números, custava U\$ 10 e, para instituições, U\$ 16. A partir da sua segunda fase, no ano de 1981, passou-se a anunciar valores de assinaturas completas, com cifras que giravam em torno de U\$ 16 para um ano, U\$ 28 para dois anos e U\$ 40 para três anos de assinatura. Para instituições, como as universidades, esses valores eram pouco maiores.

Por sua materialidade simples e pela pouca quantidade de páginas por edição, julgamos ser possível inferir que a revista, de fato, não teve maiores fontes de recursos. Isso nos faz pensar, embora não tenhamos, precisamente, esta informação, que a tiragem de *Literatura Chilena* não deva ter sido muito elevada, circulando, possivelmente, de modo predominante, entre a comunidade intelectual e acadêmica chilena do exílio nos Estados Unidos, no Canadá, no México e em parte da Europa. Não temos uma informação mais exata acerca da circulação da revista no Chile durante a ditadura, enquanto ela esteve no exílio. *Literatura Chilena*, em momento algum, informou a respeito disso. Levando-se em conta os frequentes contatos entre os intelectuais opositores da ditadura, inclusive no Chile, tudo indica que houve alguma circulação da revista no país, mesmo que de maneira escassa e clandestina. Pedro Bravo-Elizondo exprimiu a respeito: “la Revista circuló en Chile en forma encubierta, de mano en mano o fotocopias. El Correo nacional estaba en manos de la dictadura. Llegaba por medio de viajeros, amigos”.¹⁴²

¹⁴² BRAVO-ELIZONDO, Pedro. Entrevista concedida ao autor, via e-mail, no dia 01/08/2016. Ver Anexo I. Juan Armando Epple afirmou o mesmo na entrevista concedida ao autor deste estudo: “Era llevada [a revista] clandestinamente por viajeros que iban a Chile”. EPPLE, Juan Armando. Entrevista concedida ao autor, via e-mail, no dia 04/09/2016. Ver Anexo II. Sobre a tiragem de *Literatura Chilena*, Bravo-Elizondo afirmou não saber a respeito, e que a revista nunca publicou a informação. Somente David Valjalo tinha conhecimento dessa questão. Juan Armando Epple também não soube responder precisamente acerca desse aspecto, porém afirmou que a tiragem possivelmente tenha sido ampla.

Dada a constante, embora não majoritária, colaboração de acadêmicos norte-americanos e de chilenos inseridos nas universidades dos Estados Unidos, acreditamos que a circulação de *Literatura Chilena* tenha ocorrido frequentemente nesses ambientes mais literários e acadêmicos, não se expandido tanto para um público mais amplo, até em razão do teor mais especializado da revista, ora literário ora ensaístico, especificamente ligado à cultura chilena – em menor grau à latino-americana – e suas interfaces com a política, evidentemente.

Há outros elementos que nos ajudam a corroborar essa interpretação a respeito da circulação de *Literatura Chilena*. Na edição de número 2, na seção *Correspondencia*, destinada a publicar cartas dos leitores, intelectuais chilenos como Ariel Dorfman, exilado na Holanda, e Sergio Macías, ligado ao *Instituto Latinoamericano Universität Rostock*, na Alemanha, apontavam com entusiasmo a chegada da revista a suas mãos. Foram divulgados, ainda, cumprimentos de acadêmicos norte-americanos pela publicação da revista no exílio nos Estados Unidos, como Timothy Harding, da *California State University*, e Lawrence Ferlinghetti, da *University of California*, ambas em Los Angeles, sede da revista.¹⁴³

No número 3 de *Literatura Chilena en el Exilio*, na mesma seção, foram publicadas mensagens de cinco remetentes, quatro deles acadêmicos, todos saudando o surgimento do impresso na luta contra a ditadura e pela democracia no Chile. O único que não teria possuído, naquele momento, vínculos com o ambiente universitário teria sido Luís Domingues, escritor chileno e colaborador da revista, que escreveu de Nova Iorque, não obstante tenha exercido a função de diretor da Escola de Jornalismo da *Universidad Católica de Chile*. Os demais foram o filósofo e ensaísta colombiano Rafael Gutiérrez Girardot, da Universidade de Bonn, na Alemanha; os norte-americanos

¹⁴³ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Correspondencia. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, 1977, p. 33.

Barbara Trammell e Dan Trammell, da *University of California* e *University of Southern California*, respectivamente; Rafael Echeverría, Secretário Executivo da Secretaria Coordenadora de Acadêmicos Chilenos em Londres; e Donald e Marjorie Bray, do *Col. State University*, Los Angeles, cuja mensagem reproduzimos abaixo, dando mostras da receptividade de *Literatura Chilena* nos Estados Unidos por parte de uma intelectualidade mais progressista:

La República de Chile, la verdadera, la que según nuestras ideas de democracia y libertad, existe en el exilio. Con la Revista de Literatura Chilena, ésta se acrecienta, ya que los intelectuales de la tierra de Allende se incorporan a la lucha en forma organizada. Nosotros, los americanos concientes, respaldamos esta jornada de recuperación de la democracia chilena.¹⁴⁴

Além dos números 2 e 3 de *Literatura Chilena*, também a edição de número 9 e a de número 11 publicaram a seção *Correspondencia*. Na nona edição, destacamos, entre os interlocutores da revista, o democrata-cristão Esteban Tomic, que a saudou desde Caracas, na Venezuela; o escritor Jorge Montealegre, em Paris; e o colaborador de *Literatura Chilena* Bernardo Subercaseaux, acadêmico em Seattle, nos Estados Unidos. Em seu número 11, salientamos destinos e público até então não mencionados pela revista, como o operário Marcial Parada, exilado em Queensland, na Austrália, e Tomás Astorga, que escreveu para a revista da Finlândia.

A seção *Correspondencia* apareceu, de maneira irregular, apenas nas edições mencionadas. Uma estatística da origem das cartas e do público leitor nos revelou o seguinte: no total de 30 cartas publicadas nas quatro edições mencionadas, 14 eram oriundas dos Estados Unidos, 4 da Alemanha, 2 da França, 2 da Venezuela, 2 do Canadá, 1 do México, 1 da Holanda, 1 da Inglaterra, 1 da Finlândia, 1 da Itália e 1 da

¹⁴⁴ BRAY, Donald; BRAY, Marjorie. Correspondencia. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 32.

Austrália. Pelo menos 10 ou 1/3 delas eram de acadêmicos que identificaram as instituições as quais estavam vinculados.

Além de Fernando Alegria, David Valjalo, Juan Armando Epple e Jaime Concha, membros do Conselho Editorial que viviam exilados¹⁴⁵ nos Estados Unidos, importantes escritores que frequentemente colaboraram com a revista estiveram exilados, majoritariamente, nesse país ou no Canadá. *Literatura Chilena en el Exilio* destinou, inclusive, em duas oportunidades, sua seção *Poesía*, dedicada especialmente à produção poética do exílio, somente para escritores chilenos exilados nos dois países.¹⁴⁶ Verificamos, assim, uma importante rede intelectual de críticos, escritores e acadêmicos que se consolidou no exílio, sobretudo na América do Norte, em torno da revista. Rubí Carreño explicou que o exílio de intelectuais chilenos nos Estados Unidos, em especial aqueles ligados à literatura e à crítica literária, e os contatos estabelecidos entre eles durante o desterro foram possibilitados por três fatores centrais:

A las redes de intelectuales chilenos que ya se encontraban trabajando en ese país [como foram os casos de Fernando Alegria e David Valjalo]; a que muchos de los críticos poseían el grado de doctor otorgado por universidades de primer nivel y a la solidaridad de los académicos y jefes de departamento norteamericanos.¹⁴⁷

¹⁴⁵ No caso de David Valjalo e Fernando Alegria, que se encontravam por muitos anos nos Estados Unidos mesmo antes do golpe, pensamos que eles também podem ser considerados exilados na medida em que não podiam retornar para o Chile, caso pretendessem, a não ser de maneira clandestina, visto que certamente seriam encarados como inimigos da ditadura, correndo todos os riscos de violência possíveis.

¹⁴⁶ Em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 7, colaboraram os seguintes poetas chilenos exilados no Canadá: Gonzalo Millán, Jorge Etcheverry, Francisco Viñuela, Manuel Jofré, Javier Campos, Manuel Aránguiz, Jorge Cancino, Nelly Herrero e Naín Nómez. Em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 13, foram publicados poemas de escritores chilenos nos Estados Unidos: Óscar Hahn, Raul Barrientos, Jaime Giordano, Luís Domínguez, Pedro Lastra, Lucia Waizer Fuenzalida, Jaime Valdivieso, além dos próprios Juan Armando Epple, David Valjalo e Fernando Alegria. Estes três últimos, junto a Naín Nómez, no Canadá, além de editores, publicaram frequentemente na revista como ensaístas e críticos literários. No que tange aos críticos literário, musical e teatral chilenos exilados nos Estados Unidos, destacamos os frequentes colaboradores Bernardo Subercaseaux, Pedro Bravo-Elizondo e Marcelo Coddou.

¹⁴⁷ CARREÑO, Rubí. El exilio de la crítica chilena: aportes para una nueva agenda literaria. *Anales de Literatura Chilena*, año 10, n. 12, diciembre 2009, p. 132.

É importante deixar claro que, não obstante tenha existido a vinculação com uma intelectualidade que atuou no meio universitário, *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* não foi uma revista acadêmica, mas, sim, como já defendemos, cultural, de forte teor literário. O conteúdo e o formato de seus textos não seguiram, necessariamente, padrões acadêmicos. O gênero ensaístico foi um dos mais contemplados em suas páginas, além da abundante publicação de textos literários, entrevistas com personalidades da cultura chilena e, eventualmente, desenhos de artistas chilenos e fotografias. Embora o nome da revista, em suas duas fases, sugira que ela tenha sido estritamente literária, a consideramos um periódico cultural, por ter veiculado também críticas de cinema, de teatro, sobre a música chilena, com destaque para os músicos e grupos que compuseram a *Nueva Canción Chilena*, dedicando números especiais para esses três campos da cultura do Chile, seja a arte do exílio ou aquela feita no Chile. Ainda assim, não resta dúvidas de que a literatura, através de contos, poemas, trechos de romances, ensaios e críticas literárias, foi o que predominou na revista.

Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica seguiu uma estrutura (divisão e sequência das seções e dos textos) muito próxima ao longo de sua existência no exílio. Em linhas gerais, iniciava com um editorial em que buscava demarcar sua posição política de resistência à ditadura e, por conseguinte, seu editorialismo programático. Os editoriais combativos foram mais frequentes, constando em praticamente todos os números da revista, em sua etapa como *Literatura Chilena, Creación y Crítica*.

Após os editoriais, apresentavam-se análises em forma de ensaio ou crítica literária sobre alguma obra ou um movimento mais amplo no âmbito literário chileno, sobretudo no que concerne ao que se produziu após o golpe. Foi comum também

análises críticas sobre o cinema e, principalmente, acerca do teatro e do movimento da *Nueva Canción Chilena*, a cargo de intelectuais e críticos chilenos como Pedro Bravo-Elizondo, que se dedicou a estudar a história do teatro no Chile, e Bernardo Subercaseaux, sobre a *Nueva Canción*. No que tange à literatura, sobretudo a de resistência política à ditadura, ressaltamos as críticas de Jaime Concha, Juan Armando Epple, Marcelo Coddou e Soledad Bianchi, embora tantos outros críticos e ensaístas tenham se dedicado a compreender a dinâmica literária no país, publicando importantes textos na revista.

Na sequência, publicavam-se contos ou fragmentos de narrativas ficcionais ou testemunhais, que também apareciam nas páginas subsequentes à seção *Poesía*. Não havia seções nomeadas para os ensaios e críticas literárias, tampouco para os textos em prosa. As seções especificadas apareciam, aproximadamente, a partir da página 20 a 25 da revista, dependendo de cada edição, e iniciavam-se com a mencionada seção *Poesia*. Assim como esta, existiu em quase todos os números de *Literatura Chilena* a seção *Libros*, dedicada às resenhas de obras políticas e literárias. Existiram de maneira irregular as seções *Documentos*, com ofícios, cartas e mensagens de leitores, colaboradores ou de algum intelectual, e *Notas*, voltada para a publicação de informações e notícias diversas sobre encontros ou produções culturais de chilenos no exílio ou no próprio Chile. Essas três últimas seções estiveram presentes no final de cada edição, por volta da página 33 da revista. A partir do número 23, começou-se a publicar a seção de entrevistas denominada *Conversaciones*, com destaque para a série de interlocuções travadas entre o entrevistador, Eduardo Carrasco, diretor do conjunto musical chileno *Quilapayún*, e o entrevistado, Roberto Matta.

Como *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, a revista trouxe a inovação de publicar em todos os números, sempre na última página, a *Carta del Editor*, na qual

David Valjalo sintetizava, de forma explicativa, tudo o que foi abordado ao longo de determinada edição, tanto em relação aos textos publicados quanto no que dizia respeito a seus autores. Eventualmente, apontava-se ali, também, os problemas enfrentados por determinada edição, como algum atraso decorrente, em geral, das dificuldades financeiras para a impressão de certos números, embora, até 1987, não tenha deixado de ter uma periodicidade trimestral.

Foi recorrente na revista, em suas duas etapas, encerrar as edições com um epílogo na contracapa, em geral frases de escritores ou personagens da cultura e da política chilenas, que, ao serem retomados postumamente, sintetizavam alguma mensagem de resistência e combate que a revista queria transmitir naquele contexto de ditadura. Foram veiculadas passagens do pensamento do poeta, educador e jurista venezuelano Andrés Bello, um dos fundadores da *Universidad de Chile* em 1842, e dos poetas chilenos Vicente Huidobro, Gabriela Mistral e Pablo Neruda, bem como dos ex-presidentes Pedro Aguirre Cerda (1938-1941) e Salvador Allende (1970-1973).

Consideramos tais epílogos tão importantes quanto os editoriais e os textos publicados na revista, no sentido de compreendermos a construção do editorialismo programático de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Aqueles que julgamos mais significativos foram analisados nos capítulos seguintes.

A revista publicou imagens – fotografias, desenhos e pinturas de artistas chilenos - de maneira esparsa e não sistemática ao longo das páginas, já que em alguns números não se difundiu qualquer imagem, e nem sempre elas apareciam com as devidas referências. Nesse sentido, *Literatura Chilena* esteve bem aquém da divulgação das artes visuais que *Araucaria de Chile* proporcionou para os artistas chilenos e latino-americanos, tanto em suas capas quanto no interior da revista. Definitivamente, esse não foi um aspecto forte em *Literatura Chilena*.

Em 1985, a revista transferiu a sede da redação de Los Angeles para Madrid. As razões da mudança não foram muito bem esclarecidas por seu editor. Em *Carta del Editor* da edição 32, último número publicado nos Estados Unidos, David Valjalo deu a entender que os problemas financeiros de *Literatua Chilena, Creación y Crítica* poderiam se agravar com a transferência para a Espanha. Tais limitações materiais fizeram com que o editor levantasse dúvidas a respeito da continuidade da revista na Europa, pois, com a mudança de sede, não contaria mais com os auxílios operacionais do ajudante chileno Gerardo Muñoz e com os poucos recursos para impressão do *taller* “The Frontera Press”: “cambiaremos de residencia y ya no contaremos en nuestro domicilio con el modesto taller en el cual imprimimos la revista”.¹⁴⁸ Deduzimos, assim, visto que a mudança não traria, em um primeiro momento, melhorias práticas para a revista, que a transferência da sede de *Literatura Chilena* para Madrid poderia estar relacionada a necessidades pessoais que levaram seu editor e diretor a se mudar para a capital da Espanha.

A edição dupla 33-34, referente aos dois últimos trimestres de 1985, publicou em seu editorial, denominado de *Tercera etapa*, que debutou a fase madrilenha da revista, justificativas sobre o atraso na publicação, que saiu em dezembro desse ano, apresentadas a partir das dificuldades organizacionais em razão da transição ocorrida. Também ali se esclareceu que, a partir do presente número, não mais haveria um Conselho Editorial fixo. Este passaria a ser formado por *Directores Asociados*, convidados para cada edição, de acordo com a temática a ser explorada em cada novo número da revista.¹⁴⁹ Embora, por ausência de informações, não possamos explicar melhor sobre esse rearranjo consumado na produção de *Literatura Chilena*,

¹⁴⁸ VALJALO, David. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, 1985, s.p.

¹⁴⁹ EDITORIAL. Tercera etapa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 33-34, 1985, p. 1.

possivelmente ele teve relação com alguma contenção de custos ou, mesmo, dificuldades na organização de pessoal que pudesse colaborar na produção e impressão da revista. A direção colegiada passou a não mais existir, porém Ana María Velasco permaneceu, desde os tempos em que a revista se tornou *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, como assistente do editor David Valjalo. A edição dupla 33-34 esteve, assim, inteiramente dedicada à *Nueva Canción Chilena*, bem como ao *Canto Nuevo*, movimento musical similar ao primeiro e que se desenvolveu no Chile durante a ditadura. Os “diretores associados” desse número foram Patricio Manns e Eduardo Carrasco, expoentes da *Nueva Canción* e contumazes colaboradores da revista.

Uma vez situada em Madrid, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* estabeleceu-se na mesma rua onde se encontravam as sedes de *Araucaria de Chile* e de *Chile-América*, outra importante revista chilena de exílio que foi publicada em Roma de 1974 a 1983, voltada predominantemente para o debate político de esquerda. *Araucaria de Chile* transferiu sua secretaria de redação de Paris para a capital espanhola em 1984, como abordaremos à frente. Três anos após a mudança de *Literatura Chilena*, David Valjalo, em nota, deu os seguintes detalhes a respeito:

Paralela a Alcalá, cerca de la Puerta del Sol, en el corazón de Madrid antiguo [...] existe una calle de sólo una quadra de largo, cuyo nombre es Arlabán. Damos estos antecedentes porque suponemos que serán recogidos cuando se haga la memoria del exilio cultural. Allí, en el nº 7 están cobijadas la antigua Chile-América – por largo tiempo publicada en Roma – hoy convertida en un completo archivo documental y centro de información cultural y político, dirigido por Fernando Murillo [...]. Allí también nos encontramos instalados desde hace tres años, después de abandonar California. Quien tiene la antigüedad en dicha calle es “Araucaria de Chile” desde el traslado de su sede em París, donde inició sus actividades [...].¹⁵⁰

Pensamos, então, que a transferência de sede de *Literatura Chilena* para Madrid, estabelecendo-se no mesmo endereço de *Araucaria de Chile* e de *Chile-América*, longe

¹⁵⁰ VALJALO, David. *Araucaria de Chile cumple 10 años*, Madrid, 1987. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, p. 66.

de ter ocorrido por alguma casualidade, pode ter se dado, dentre outras conjecturas, em razão da possibilidade de estar ainda mais próxima à resistência cultural e política chilena no exílio, dando cabo a uma atuação intelectual conjunta e solidária entre os diretores e colaboradores dessas três importantes iniciativas culturais.

A edição dupla 41-42, de 1987, consistiu no último número da revista *Literatura Chilena* no formato em que se apresentou por 11 anos, desde sua fundação em 1977, qual seja, uma revista cultural e política trimestral, pautada na resistência à ditadura militar chilena. A partir da edição seguinte, em razão das dificuldades econômicas enfrentadas e pela coletânea de material poético que tinha em mãos, David Valjalo optou por organizar, ainda no exílio, duas edições anuais da revista, que possuíram abordagens específicas de modo a antologar poemas e obras culturais do Chile e da América Latina. A primeira, publicada em 1988 e correspondente aos números 43-44-45-46 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, dedicou-se à publicação de sonetos chilenos, desde os tempos coloniais até a geração atual da década de 1980. A segunda edição monográfica, referente ao ano de 1989, contemplando os números 47-48-49-50, teve como temática a mulher e a cultura no mundo hispânico, dando margem à publicação de análises ensaísticas e de poemas femininos.¹⁵¹ Nesta dissertação, não contemplamos essas edições por fugir do recorte temático que propusemos. Do número 51 ao 55, com periodicidade irregular e dando sequência à linha monográfica adotada, *Literatura Chilena* foi publicada em Santiago, após o fim da ditadura pinochetista.

Por sua vez, *Araucaria de Chile* foi fundada em maio de 1977, após um encontro de intelectuais em Roma, no qual se decidiu por sua criação. O editorial de lançamento da revista afirmou que o nome *Araucaria de Chile* foi uma referência a ícones da

¹⁵¹ LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. *Antología de poesía chilena a través del soneto (siglos XVII al XX)*. Madrid: Ediciones de la Frontera, 1988; LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. *Canción de Marcela: mujer y cultura en el mundo hispánico*. Madrid: Ediciones de la Frontera, 1989.

identidade chilena, que possuíam relação direta com a semântica da resistência, como a árvore típica da paisagem centro-sul do país e os povos araucanos. Diz-se que “Araucaria es no sólo el símbolo de un pueblo que resistió tres siglos al opresor. También es el árbol que, invierno o verano, representa la esperanza”.¹⁵² Assim, tal qual *Literatura Chilena*, a revista se propôs a ser meio de expressão das manifestações culturais chilenas, resistindo e combatendo, veementemente, desde o exílio, a ditadura militar no Chile.

A decisão de fundá-la esteve a cargo de escritores chilenos e de membros da direção do Partido Comunista de Chile no exílio, como o escritor e político Volodia Teitelboim (1916-2008). Integrante do Comitê Central do PCCh, ele tornou-se o diretor da revista.

Volodia Teitelboim nasceu em março de 1916 na cidade de Curicó, próximo a Chillán, centro-sul do Chile. Mudou-se para Santiago para estudar Direito na *Universidad de Chile*, em 1932. Ingressou, no mesmo ano, na *Juventude Comunista Chilena*, e foi um dos fundadores do histórico periódico comunista *El Siglo*, em 1940. Assim como Fernando Alegría, Volodia Teitelboim pertenceu à *Geração Literária de 1938*, embora não tenha tido o mesmo peso literário do primeiro. Inseriu-se definitivamente na carreira literária com a publicação, em 1935, junto ao escritor Eduardo Anguita, de *Antología de poesía chilena nueva*. Publicou os romances *Hijo del salitre* (1952), *Pisagua* (1957) e *La Guerra Interna* (1979), todos abordando, de alguma maneira, a violência política. *Pisagua*, sobre a clandestinidade do PCCh e a prisão de Teitelboim no “campo de concentração” de mesmo nome, durante o governo de Gabriel González Videla, e *La Guerra Interna*, sobre a repressão política na ditadura de Augusto Pinochet. Também escreveu biografias de personalidades literárias como

¹⁵² EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 7.

Gabriela Mistral e Pablo Neruda - poeta com quem manteve relativo contato -, obras estas publicadas, respectivamente, em 1983 e 1991. Ganhou o *Premio Nacional de Literatura* em 2002.

Contudo, mais do que escritor e ensaísta, Volodia Teitelboim teve destacada participação na política de seu país, tendo sido Senador pelo Partido Comunista de Chile, de 1965 até o golpe militar de 1973, e exercido o cargo de Secretário-Geral do PCCh, de 1989 a 1994. Ele próprio se definia como um homem “casado com a política e amante da literatura”, dando a entender a primazia da carreira política comunista, mais do que a literária. Exilou-se em Moscou, na URSS, após o golpe militar de 1973, vivendo nesse país por cerca de quinze anos, em todo seu exílio. Retornou ao Chile em 1988.¹⁵³

Na reunião em que se decidiu pela fundação de *Araucaria de Chile*, estiveram presentes, além de Volodia Teitelboim, Carlos Orellana (1928-2013), membro do PCCh, nomeado secretário de redação e principal editor da revista; o crítico Hernán Loyola e os escritores chilenos Sergio Muñoz Riveros, Omar Lara e Hector Pinochet. A reunião se deu em Roma por parecer, no primeiro momento, o melhor local, em termos de distância e deslocamento, para esses e demais intelectuais chilenos exilados em distintos países europeus. Volodia Teitelboim encontrava-se em Moscou; o poeta Omar Lara, em Bucareste, na Romênia; o crítico Hernán Loyola, na Hungria; o professor e poeta Sergio Muñoz Riveros exilou-se na Holanda; Hector Pinochet, na Itália; e Carlos Orellana, na França. Por viverem, todos, em países diferentes, ao contrário do que se pensou inicialmente, esse aspecto dificultou a pretensão inicial de que os membros que deliberaram sobre a fundação da revista fossem os mesmos a compor seu Conselho

¹⁵³ Informações em: Volodia Teitelboim, un infatigable testigo de la historia. <http://www.memoriachilena.cl>. Acesso em: 25/06/2013; SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile (1978-1989): a intelectualidade chilena no exílio*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 26-27.

Editorial.¹⁵⁴ O Comitê de Redação formou-se, portanto, pouco depois. O núcleo fundador de *Araucaria de Chile* manteve seu nexos com a revista, ao longo dos anos, por meio de publicações em suas páginas. Omar Lara, além de colaborador, passou a integrar o Conselho Editorial da revista a partir da edição de número 17, em 1982.

Araucaria de Chile foi fundada em Roma, mas a sede da sua redação foi, inicialmente, Paris, por três razões principais: a possibilidade de se instalar em um espaço cedido pelo jornal *L'Humanité*, porta-voz do Partido Comunista da França; por funcionar na cidade, em razão do exílio, o comitê de cultura do PCCh, que poderia acompanhar a produção de *Araucaria de Chile* e dar o apoio material necessário; e, especialmente, por viver exilado na capital francesa o secretário da revista, Carlos Orellana, quem vivenciou a redação do impresso de perto.¹⁵⁵ Posteriormente, em 1984, como mostraremos, *Araucaria* estabeleceu-se em Madrid por uma questão pragmática de execução e distribuição da revista, pois ela havia sido impressa na capital espanhola desde seus primeiros dias, pela editora *Ediciones Michay*.

Carlos Orellana nasceu na Guatemala, em 1928. Mudou-se para o Chile com sua família em 1941. Estudou na *Universidad de Chile* e titulou-se como professor de castelhano pelo *Instituto Pedagógico* dessa universidade. Iniciou sua militância na *Juventude Comunista do Chile*, em 1948, tornando-se membro, posteriormente, do Comitê de Cultura do PCCh. Profissionalmente, Orellana destacou-se como editor, trabalhando em editoras como *Ediciones del Litoral*, *Editorial Universitaria*, pertencente à Universidade Técnica do Estado (UTE), e a *Ediciones Michay*, que publicou, além de *Araucaria de Chile*, trabalhos de muitos intelectuais que com

¹⁵⁴ Ver ORELLANA, Carlos. Bitácora personal de una historia colectiva. *Araucaria de Chile: Índice General* (1978-1989). Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 14-15.

¹⁵⁵ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 28.

frequência colaboraram com a revista.¹⁵⁶ Ele publicou, em 1962, em parceria com Yerko Moretic, o livro *El cuento realista chileno*. Com o golpe militar, depois de três meses preso nos Estádios Chile e Nacional, Orellana desembarcou na França, como exilado, em dezembro de 1973.¹⁵⁷

Sobre Carlos Orellana, Êça Pereira da Silva o definiu como o personagem mais importante na elaboração da revista *Araucaria de Chile*, pois cabia a ele estabelecer contatos com os colaboradores, organizar as reuniões do Comitê Editorial, ler e selecionar os textos de colaboradores e leitores, enfim, organizar efetivamente cada edição de *Araucaria*. Nas palavras de Êça da Silva, “Volodia, devido a seu renome nos meios políticos e intelectuais, era o rosto público da revista, mas na oficina quem a fazia era Orellana”.¹⁵⁸ Como personagem central na Comissão de Política do Partido Comunista, a representatividade de Volodia Teitelboim como diretor transmitia à revista certa confiabilidade entre os membros mais importantes do partido, protegendo-a das ofensivas de setores pouco afeitos aos debates culturais no PCCh.¹⁵⁹

Contudo, como apontou Êça Pereira da Silva, nas memórias publicadas por esses dois personagens, ficou clara a importância de *Araucaria de Chile* na vida intelectual de cada um deles.¹⁶⁰ Enquanto Volodia Teitelboim pouco mencionou a revista, referindo-se a ela de maneira esparsa ao longo de sua extensa autobiografia,¹⁶¹ Orellana afirmou que o trabalho em *Araucaria* foi aquilo de mais enriquecedor e gratificante já realizado por ele, do ponto de vista profissional e político. Destacou, em sua autobiografia, que ele próprio, mais os colaboradores que o acompanhavam nos esforços de produção da

¹⁵⁶ Retomaremos essa questão no Capítulo 3.

¹⁵⁷ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 31. A respeito da experiência de Carlos Orellana como prisioneiro político e como exilado, durante a ditadura militar, ver suas memórias: ORELLANA, Carlos. *Penúltimo Informe: memoria de un exilio*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2002.

¹⁵⁸ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 30-31.

¹⁵⁹ Ibid., p. 48-49.

¹⁶⁰ Ibid., p. 48.

¹⁶¹ TEITELBOIM, Volodia. *La vida, una suma de historias (Antes del Olvido III)*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2003.

revista, disparavam “contra Pinochet con aquello que era lo nuestro, con las armas propias de nuestros saberes e intereses”.¹⁶²

O Comitê de Redação de *Araucaria de Chile*, que a integrou permanentemente até sua última publicação, foi composto pelos seguintes intelectuais chilenos exilados: Luis Bocaz, professor de literatura, crítico e ensaísta; Osvaldo Fernández, professor acadêmico de Filosofia; e o jornalista Luis Alberto Mansilla. O economista Alberto Martínez incorporou-se ao Comitê Central de Redação a partir do número 8 de *Araucaria de Chile*. Ao comentar sobre os membros principais da redação da revista, todos exilados em Paris, Carlos Orellana fez questão de lembrar o nome da professora acadêmica, crítica literária e ensaísta chilena Soledad Bianchi¹⁶³, presente até a edição de número 17, e que em “cuatro años de colaboración fue pieza valiosa en el establecimiento de fructíferos nexos con un amplio abanico de jóvenes escritores, prosistas y poetas, tanto del exilio como del interior [Chile]”.¹⁶⁴ Bianchi retirou-se do Comitê de Redação de *Araucaria* para se dedicar à carreira acadêmica no exílio em Paris, porém, permaneceu como constante colaboradora da revista, publicando vários textos.

Todos os mencionados membros do Comitê de Redação da revista tiveram em comum a docência em universidades chilenas, antes do golpe, e estrangeiras, sobretudo as francesas, após o golpe (Luis Bocaz já se encontrava na França dois anos antes, envolto às atividades acadêmicas nesse país). Todos eles exerceram funções de destaque no ambiente acadêmico, à exceção de Luis Alberto Mansilla, que marcou sua trajetória

¹⁶² ORELLANA, Carlos. *Penúltimo Informe: memoria de un exilio*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2002, p. 213.

¹⁶³ Soledad Bianchi nasceu em Antofagasta, cidade situada ao norte do Chile, em 1948. Realizou seus estudos de *Pedagogía en Castellano* pela *Universidad de Chile*, doutorando-se em Literatura pela Universidade de Paris, na França. Foi neste país que a intelectual chilena passou longos anos no exílio, entre 1975 e 1987. Após seu retorno a Santiago, atuou como professora na *Universidad de Chile*. Consultar informações em BIANCHI, Soledad. *Poesía chilena: miradas, enfoques, apuntes*. Santiago: Documentas/CESOC, 1990.

¹⁶⁴ ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 1994, p. 16-17.

intelectual no campo do jornalismo cultural e foi, posteriormente, ao exilar-se na Alemanha, diretor do *Boletín del Comité Exterior de la Central Única de Trabajadores*. Alberto Martínez, além de professor da Universidade de Reims, na França, foi diretor da *Dirección de Industria y Comercio* (DIRINCO), durante o governo da Unidade Popular.¹⁶⁵

Carlos Orellana, ao referir-se a esse núcleo de membros do Conselho Editorial de *Araucaria de Chile*, afirmou que

el diálogo y la discusión constante y apasionada en el interior de ese grupo nos permitían sentir que habíamos encontrado por fin aquello que tanto y tan fervorosamente anhelábamos desde hacía largo tiempo, años antes de que triunfara la Unidad Popular: el funcionamiento en el campo de la preocupación cultural de una inteligencia colectiva afincada en una visión marxista del mundo, capaz de reunir cualidades que nos parecían esenciales para legitimar una voluntad de ideología.¹⁶⁶

Essa citação evidencia a existência efetiva de uma rede intelectual de esquerda constituída no exílio a partir da revista, rede esta que poderia se fazer ainda maior, já que *Araucaria de Chile* veiculou textos de inúmeros colaboradores. Além das frequentes publicações de renomados escritores, ensaístas e estudiosos chilenos e latino-americanos, como Ariel Dorfman, Antonio Skármeta, Bernardo Subercaseaux, Fernando Alegría, Mario Benedetti, Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Eduardo Galeano, para citarmos alguns nomes, a revista passou por mudanças, principalmente depois que se transferiu para Madrid, em 1984, na composição do Conselho Editorial, ampliando os integrantes que ajudaram a produzi-lá. Ainda que com um caráter mais consultivo, visto que se encontravam em distintos países, incorporaram-se ao conselho de *Araucaria*, além do poeta Omar Lara, citado anteriormente, o engenheiro de minas e geofísico Armando Cisternas, o poeta Julio Moncada (por pouco tempo, pois faleceu em

¹⁶⁵ Mais informações sobre os integrantes do comitê de redação da revista *Araucaria* em ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 1994, p. 16-18; SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 32-36.

¹⁶⁶ ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 1994, p. 16.

1983), os jornalistas e escritores Leonardo Cáceres, Virginia Vidal e José Miguel Varas, e os professores universitários, críticos e importantes colaboradores também de *Literatura Chilena*, Jaime Concha, Pedro Bravo-Elizondo e Guillermo Quiñones. Além de todos esses intelectuais chilenos exilados, nos dois últimos anos de *Araucaria de Chile* foram buscados pontos de apoio com intelectuais que viviam no Chile ou já haviam retornado do exílio, como os jornalistas e escritores Hernán Soto, Pamela Jiles e Ligeia Balladares.¹⁶⁷

Araucaria teve, no total, 48 números, publicados, sem interrupção, a cada três meses, durante doze anos (1978-1990), constituindo, como apontou Carlos Orellana no *Índice General* da revista, um exemplar representativo da produção cultural dos intelectuais exilados. Foram cerca de 11 mil páginas, afirmou Orellana, que “proporcionaram una oportunidad excepcional para asomarse a lo que fueron algunos de los aspectos esenciales de la vida de nuestra emigración”.¹⁶⁸

Cada edição, em formato e extensão de livro (13.5 cm de largura por 21 cm de altura), possuiu cerca de 220 páginas, impressas em papel simples, sendo apenas as capas coloridas, que, em geral, eram elaboradas com fotografias ou a partir dos trabalhos de artistas plásticos latino-americanos, com destaque para as criações do chileno Roberto Matta e do brasileiro Gontran Neto. A organização das fotografias, pinturas e ilustrações, muito presentes nas capas e no interior da revista em toda sua trajetória, esteve a cargo de Fernando Orellana, filho de Carlos Orellana.¹⁶⁹

A seguir, apresentamos quatro capas em que é possível perceber mensagens político-sociais. A primeira foi a do número de abertura da revista, de autoria da artista chilena Gracia Barros. De acordo com Êça Pereira da Silva, essa arte consistiu em

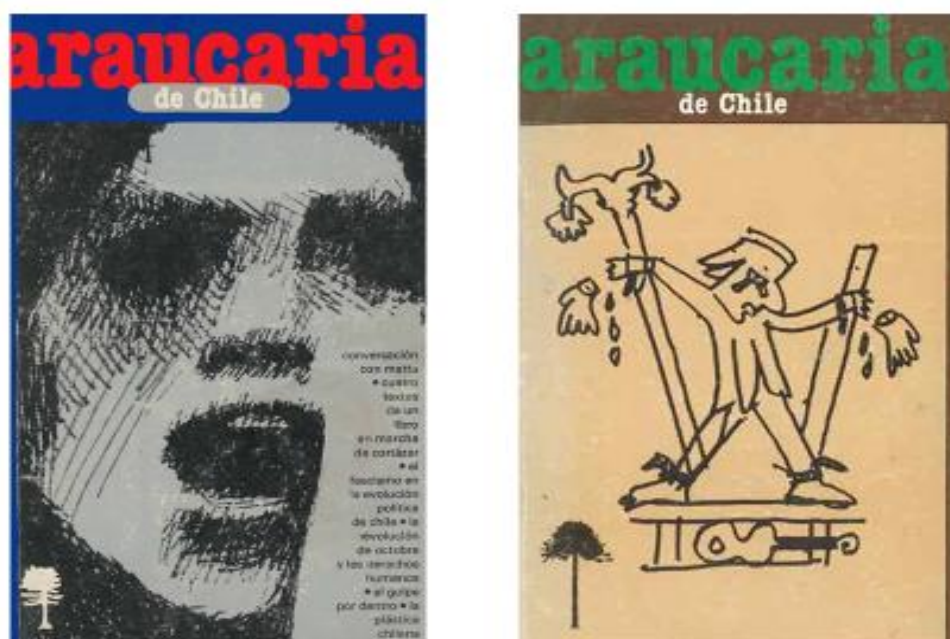
¹⁶⁷ Ibid, p. 17.

¹⁶⁸ Ibid, p. 10.

¹⁶⁹ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 37.

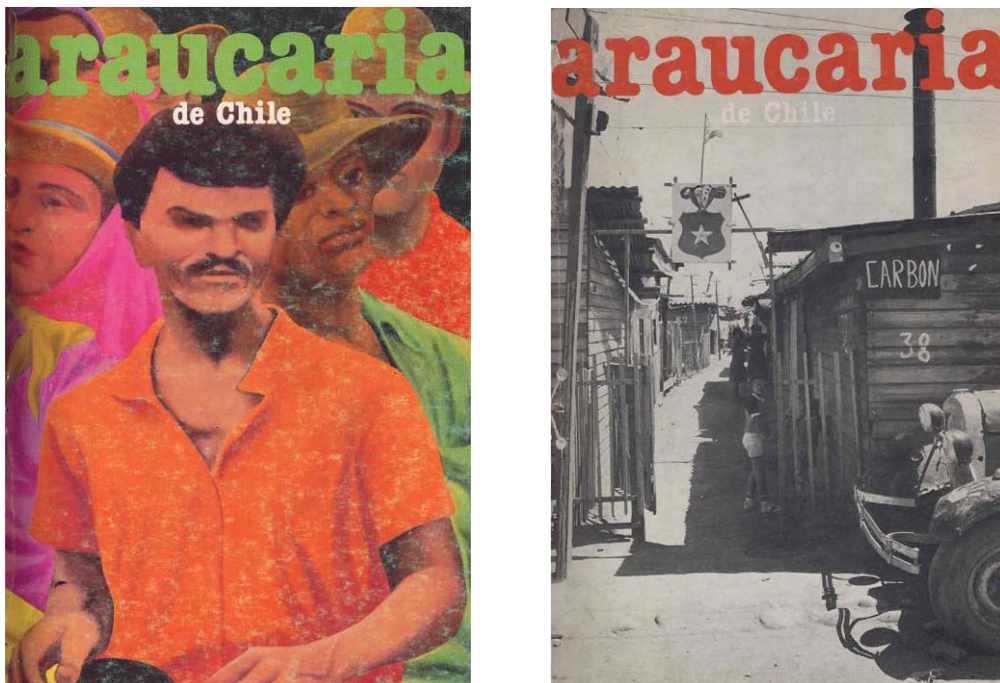
reprodução de uma das obras mais conhecidas da artista, *Multitud III*. Trata-se de uma obra com influências expressionistas, remetendo a um grito que podemos pensar ser de dor e, por que não dizer, também de busca ou necessidade de se expressar, em meio à censura e à repressão impostas no Chile. A capa da segunda edição, na qual se estampou um desenho de Roberto Matta, fez claras referências à repressão à cultura no Chile, com a representação de um artista torturado e seu violão situado abaixo. De maneira mais específica, o trabalho aludiu à trágica morte do compositor comunista Víctor Jara, violentamente torturado no Estádio de Chile – há relatos de que suas mãos foram esmagadas durante as sessões de tortura -, e assassinado pelas forças da ditadura. A terceira capa selecionada foi parte de um trabalho do artista plástico brasileiro Gontran Guanaes Neto, cuja pintura se destacou pela resistência, desde seu exílio na França, à ditadura militar brasileira (1964-1985). A imagem fez referência às classes trabalhadoras e populares. Por fim, a última capa, da edição de número 29, é uma fotografia de Fernando Orellana em que se retratou um dos bairros pobres de Santiago, conhecidos como *poblaciones*.

Figura 2 - Capas da primeira e segunda edições da revista *Araucaria de Chile*



Fonte: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3675.html#documentos>

Figura 3 - Capas das edições de número 41 e 29 da revista *Araucaria de Chile*



Fonte: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3675.html#documentos>

Embora as capas selecionadas retratassem uma arte política, presente e analisada sistematicamente nas páginas de *Araucaria de Chile*, fazemos a observação de que nem toda a arte estampada pela revista tinha como conteúdo a mensagem política explícita. *Araucaria* buscou conceder espaço àquilo que havia de criação, em uma ampla perspectiva estética, nas artes visuais do país e da América Latina no contexto das ditaduras no Cone Sul.

A revista teve seções diversas, algumas delas presentes em poucos números, outras, por outro lado, contempladas em quase todo o período de circulação do impresso. Por sua pretensão de abranger a cultura chilena em amplo aspecto e pelo número elevado de páginas, *Araucaria* possuiu seções mais variadas e perenes do que *Literatura Chilena*. A única seção presente em todas as edições da revista foi *Textos*, dedicada à literatura – poemas, testemunhos, trechos de romances, contos e, eventualmente, obras teatrais –, o que demarcou a relevância desse campo conferida pela

revista. Outras duas seções, *Crónicas* e *Temas*, estiveram em quase todos os números de *Araucaria de Chile*, respectivamente, em 45 e 44 das 48 edições. A primeira dedicou-se à divulgação de encontros, eventos e premiações relacionadas à cultura chilena e latino-americana, principalmente os que ocorreram no exílio. Já em *Temas*, publicaram-se ensaios, artigos, críticas literárias e entrevistas voltados para a cultura chilena que se produzia no contexto de circulação da revista. Foi comum, também, nessa seção, a retomada da obra e do pensamento de figuras de relevo da intelectualidade chilena e latino-americana, por exemplo, Pablo Neruda, Gabriela Mistral e Andrés Bello. Vale, ainda, a menção à seção *Éxámenes*, publicada em 42 números, com análises políticas e econômicas sobre o Chile, e às seções *Notas de Lectura*, presente em 43 edições e que esteve direcionada para as resenhas de obras políticas e literárias, e *Los Libros*, contendo críticas mais analíticas a respeito de livros recém-publicados, sobretudo por escritores chilenos no exílio. Nas duas últimas seções, concentrou-se boa parte das críticas literárias veiculadas pela revista.¹⁷⁰

Ainda que apresentasse um aspecto “monumental” e demandasse, por essa grandiosidade, energias intelectuais e organizacionais, apenas dois funcionários da produção de *Araucaria de Chile*, de acordo com Carlos Orellana, eram remunerados pelos trabalhos que realizavam: ele próprio, por se dedicar integralmente à revista, e Marcos Suzarte, que por dez anos foi o responsável pelos setores administrativos e de distribuição de *Araucaria*. Os demais, diretor, colaboradores e membros do Conselho Editorial, trabalhavam voluntariamente para a revista.¹⁷¹

Como se nota, ainda que Orellana argumentasse que *Araucaria de Chile* foi feita com material simples e que não possuiu grandes recursos, a revista foi financiada pelo PCCh e, possivelmente, contou com um número importante de assinaturas. Em crônica

¹⁷⁰ Sobre mais seções da revista, ver SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 36-38.

¹⁷¹ ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 1994, p. 27-30.

publicada pelo próprio Carlos Orellana no oitavo número da revista, em ocasião dos seus dois anos de publicação, ele afirmou que *Araucaria* havia duplicado sua tiragem em comparação com seu primeiro número, sem apresentar cifras, e que a revista teria alcançado cerca de 40 países. Assim como ocorreu com *Literatura Chilena*, a tiragem não era informada por *Araucaria de Chile*. Todavia, Êça Pereira da Silva, através de entrevista realizada com Carlos Orellana e Luis Alberto Mansilla, informou que a tiragem média da revista teria sido de impressionantes, para uma revista de exílio, 3 mil exemplares,¹⁷² o que evidencia um alto custo na produção de *Araucaria*, contradizendo a informação do seu editor quando afirmou que a revista não teve grande aporte financeiro.¹⁷³

Carlos Orellana referiu-se, com satisfação, à circulação clandestina da revista no Chile, fazendo-a chegar às mãos da resistência e, até mesmo, dos grupos apoiadores da ditadura, levando, assim, à “ira dos fascistas”, dando-nos uma amostra das formas de circulação do impresso e de sua recepção:

[...] Lo más importante: la revista llega a Chile. Venciendo el temor, las vallas policiales, Araucaria circula, se lee, se comenta; algunos de sus artículos son reproducidos a mimeógrafo; cada ejemplar pasa por decenas de manos. Y algo que nos honra: los ataques del tirano, en rueda de prensa. Las iras de los fascistas son un indicativo inequívoco de que nuestra ruta es la buena.¹⁷⁴

O custo de sua assinatura variou ao longo de sua publicação e conforme as correções monetárias. Em 1979, a assinatura custava U\$ 4, um número, e U\$ 15, os

¹⁷² SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 39.

¹⁷³ O histórico dirigente comunista Luis Corvalán, em suas memórias, explicitou que, além dos recursos que o partido já possuía, contou com ampla solidariedade no exílio, o que incluiu importantes contribuições financeiras de países socialistas como URSS, Cuba e República Democrática Alemã, mas também da Suécia, Itália e México. Essa explicação ajuda a entender as formas de aquisição de recursos por parte do PCCh no exílio que permitiram, dentre tantas outras demandas, gastos com os aparelhos culturais do partido, incluindo a revista *Araucaria de Chile*. Ver CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado*: memorias. Santiago: LOM Ediciones, 1997, p. 109.

¹⁷⁴ ORELLANA, Carlos. Dos años de Araucaria. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1979, p. 203.

quatro números daquele ano. Em 1982, para a aquisição dos números 17 a 20, os valores se encontravam em U\$ 24 para países da Europa e U\$ 25 para países de outros continentes. No ano de 1987, os valores estavam em U\$ 29, referentes aos números subsequentes do ano de 1988, quando a revista completaria 10 anos. Tais valores eram informados geralmente na última página da revista, e buscava-se fazer pacotes e preços promocionais para a assinatura de 4 ou mais números.¹⁷⁵ No anúncio da edição de número 38, pediu-se, por exemplo, para que se adquirisse a revista por meio do contato direto com a redação de *Araucaria de Chile* em Madrid ou através de contato com agentes e distribuidores locais. Assim, constatamos que a revista possuiu uma estrutura mínima de profissionalismo, com redação, impressão e pessoal para distribuição em distintos países da Europa e América Latina.

Como informado no editorial, comemorativo de seus cinco anos, da edição de número 20, publicada em outubro de 1982, além das assinaturas, *Araucaria de Chile* possuiu agentes de venda em 37 países, que recebiam regularmente exemplares e os distribuía. Em torno desses responsáveis pela circulação da revista se reuniam “siempre a amigos de ARAUCARIA, a círculos de lectores de ella”, possibilitando-nos inferir sobre o potencial considerável de alcance desse impresso.¹⁷⁶ Tantos países, nem todos de língua espanhola, nos faz pensar que parte do público leitor da revista foi composta pelos exilados chilenos e latino-americanos espalhados por países de idioma e cultura tão distintos. Além dos 37 países, *Araucaria* circulou, clandestinamente, no

¹⁷⁵ Esses valores foram consultados, respectivamente, nas edições de n. 5, 16 e 38.

¹⁷⁶ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 20, 1982, p. 8-9. Grifo do autor. Os seguintes países foram citados pelo editor: República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Argélia, Áustria, Austrália, Bélgica, Bulgária, Berlim Ocidental, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Tchecoslováquia, Dinamarca, Equador, Estados Unidos, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, México, Moçambique, Nicarágua, Noruega, Panamá, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, Suécia, Suíça, União Soviética, Venezuela, Iugoslávia. Além desses, mencionou-se que *Araucaria de Chile* teria circulado ainda no Brasil, na Argentina, nas Filipinas, na Índia, na Indonésia, em Israel, no Quênia, na Nova Zelândia e em Santo Domingo, países nos quais a revista não possuía agentes, mas onde teria chegado por meio de alguns assinantes.

Chile, como mostramos. Contudo, se em um primeiro instante, o simples fato da revista circular no Chile era motivo de euforia por parte de Carlos Orellana, a forma escassa e clandestina em que persistia sua penetração no país, anos depois, não satisfazia seus editores, que lamentavam o fato de *Araucaria de Chile* chegar em proporções mínimas, frustrando seu intento de se comunicar com o público que julgava ser o ideal pela mensagem de resistência que propalava: “El fascismo se ha jugado a fondo para cortarles estos víveres a quienes queríamos que fueran nuestros lectores privilegiados”.¹⁷⁷

À lamentação, apresentada no editorial, pelo fato de *Araucaria* não poder circular livremente pelo Chile, contrastou a satisfação de um leitor chileno, identificado na revista pelas iniciais E.C.T., de encontrar a revista em uma banca, situada, curiosamente, no centro de Santiago, embora tenha feito ressalvas quanto ao valor de aquisição. Na seção *De los lectores*, na qual se publicavam cartas dos leitores da revista, divulgou-se o seguinte: “Felicitaciones por haber logrado romper las barreras! Conocía por referencias Araucaria, y ahora me doy el gusto de ir a comprar en pleno centro de Santiago (un poco cara, eso sí)”.¹⁷⁸

Em julho de 1984, a sede da redação de *Araucaria* passou a ser Madrid, cidade onde a revista foi impressa desde seu primeiro número por razões de custos, da língua e das facilidades para a distribuição internacional.¹⁷⁹ Carlos Orellana justificou a transferência da secretaria de redação para a capital espanhola em nota divulgada para os leitores, assinantes, correspondentes e colaboradores da revista:

¹⁷⁷ Ibid, p. 8.

¹⁷⁸ E.C.T. De los lectores. *Araucaria en Chile*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 28, 1984, p. 8. Estatísticas similares as que realizamos em *Literatura Chilena* a respeito da origem das correspondências que chegavam à redação da revista não puderam ser feitas no caso de *Araucaria de Chile*, em virtude da enorme quantidade de cartas publicadas em praticamente todas as edições. Este seria um trabalho à parte, que escapa aos objetivos desta pesquisa, muito embora de grande relevância por poder captar, ainda que parcialmente, a recepção da revista. As informações sobre os possíveis lugares de circulação de *Araucaria* foram conseguidas por outros caminhos.

¹⁷⁹ ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 2002, p. 41.

Araucaria cierra su ciclo parisino. Aunque no tenía allí una oficina propiamente tal, la Secretaria de Redacción de la revista tuvo su sede en París durante siete años ininterrumpidos. Desde junio de 1977, fecha en que comenzaron los preparativos de su lanzamiento, hasta el mes de julio reciente, en que nos hemos mudado definitivamente a Madrid, unificando nuestros servicios. Esto nos permitirá racionalizar mejor nuestro trabajo, trasladarlo a un campo más amplio - el de la edición de libros - y acercarnos un poco más a Chile, que es finalmente lo más importante.¹⁸⁰

A ideia da mudança era concentrar na capital espanhola os serviços de impressão da revista com a edição de livros que a *Ediciones Michay* começava a realizar. Buscava-se também estar mais próxima, real e simbolicamente, dos chilenos na capital da Espanha. Não obstante o intento de se aproximar dos chilenos em Madrid, foi Paris, nas palavras do editor de *Araucaria*, a cidade que propiciou à revista o período de maior solidariedade e efervescência intelectual. Orellana, em artigo no qual descreveu a trajetória de *Araucaria de Chile* ao longo de seus dez anos, expressou-se de maneira afetuosa sobre a capital da França, recordando as relações intelectuais e de amizade que obteve na cidade e as constantes reuniões organizadas entre os membros do Comitê de Redação e os colaboradores, de modo a deliberar sobre as edições da revista. Mencionou significativos leitores e colaboradores, alguns deles em memória, que estiveram exilados na França, como Julio Cortázar e Julio Moncada.¹⁸¹ Comentou-se que, em Paris, “nunca faltó el diálogo, que se sostuvo siempre en todos los niveles, en citas grandes y pequeñas, con los interlocutores más variados, en términos a menudo polémicos pero en un clima invariable de comprensión y amistad”.¹⁸²

¹⁸⁰ ORELLANA, Carlos. Advertencia a lectores y colaboradores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, 1984, p. 9.

¹⁸¹ Carlos Orellana escreveu uma crônica em homenagem ao ex-integrante da equipe de redação da revista *Araucaria de Chile*, o poeta e membro do Partido Comunista chileno, Julio Moncada, morto em 1983 no exílio em Paris. Ver ORELLANA, Carlos. Julio Moncada, poeta muerto en el destierro. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 24, p. 148-150, 1983.

¹⁸² ORELLANA, Carlos. Al cabo de diez años. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, 1987, p. 28.

Em contraponto à solidariedade e ao bom clima intelectual para o desenvolvimento da revista obtidos em Paris, sobre Madrid, Carlos Orellana descreveu um ambiente de pouca colaboração e de certo desprezo por parte dos espanhóis em relação à revista, à exceção de alguns intelectuais, como o poeta comunista Rafael Alberti, amigo de Pablo Neruda e insigne colaborador da resistência dos intelectuais chilenos à ditadura de Augusto Pinochet. Na visão de Orellana, o tipo de tratamento prepotente dos espanhóis era dispensado habitualmente aos latino-americanos em geral, não sendo exclusivo aos membros da revista.¹⁸³ Como fatores possíveis para o entendimento das distintas formas de sociabilidade em cada país, Êça da Silva analisou que na França, o governo e os partidos de esquerda criaram ampla estrutura para dar asilo aos exilados chilenos, sob a liderança do embaixador francês no Chile, Pierre de Menthon.¹⁸⁴

Pouco mais de dois anos depois, na edição final de *Araucaria de Chile*, Carlos Orellana minimizou as críticas iniciais feitas à temporada da revista na Espanha. Afirmou que, aos primeiros anos de dificuldades no país, sobrevieram o acolhimento e a solidariedade dos espanhóis nos anos finais da revista em Madrid. Orellana destacou as homenagens rendidas à *Araucaria* em razão do encerramento de sua publicação no exílio, vindas tanto da capital espanhola como também de Barcelona.¹⁸⁵

A pretensão de Carlos Orellana, colocada nos últimos editoriais de *Araucaria de Chile*, era a de que, com o fim da ditadura e do exílio, a revista se estabelecesse, enfim, no Chile, junto aos chilenos. Contudo, com o isolamento político do PCCh ao final da ditadura, com o afastamento em relação ao partido de alguns membros importantes que integravam o núcleo de redação da revista, como Luis Alberto Mansilla, Luiz Bocaz e o

¹⁸³ Ibid, p. 29-30.

¹⁸⁴ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 51-52.

¹⁸⁵ ORELLANA, Carlos. Los adioses a/de España. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 47-48, p. 7-11, 1990.

próprio Carlos Orellana, e com a perda considerável de assinaturas e vendas, o projeto de transferência para o Chile não pôde ser consumado por falta de apoio financeiro. Por esta razão, Volodia Teitelboim, eleito, pelo Comitê Central, Secretário-Geral do PCCh em 1989, não encampou o projeto de continuidade da revista no Chile.¹⁸⁶

Com uma distância considerável entre as revistas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* em termos de estrutura de produção, o que envolveu, por exemplo, a rede de distribuição e a discrepância na quantidade de páginas entre os dois impressos de exílio, evidenciou-se uma organização e uma capacidade de angariar recursos certamente maior na primeira do que a que possuiu a segunda. *Literatura Chilena*, como afirmamos, caracterizou-se por uma produção mais “artesanal” e simples, subsistindo basicamente em função das assinaturas e dos esforços de seus diretores e editores, sobretudo através do trabalho realizado na redação por David Valjalo. Assim, a circulação e o alcance de *Araucaria de Chile* pareceu ter sido muito superior, percorrendo ambientes culturais diversos de vários países. *Literatura Chilena*, em que pesem suas limitações econômicas, também circulou por alguns países, como nos fez crer a origem das cartas enviadas à redação da revista e publicadas por ela. Contudo, seu alcance foi mais restrito, sendo seu público predominante os intelectuais que atuaram no meio acadêmico estrangeiro, em especial aqueles ligados à literatura.

O nome da revista, em suas duas fases, evocou a preocupação em dar espaço à produção literária chilena do exílio e de dentro do Chile, não obstante veiculasse ricas análises de obras e composições musicais, teatrais e do cinema, inclusive dedicando números especiais a esses campos da cultura do país.¹⁸⁷

¹⁸⁶ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 225.

¹⁸⁷ Em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, a edição de número 27 foi inteiramente dedicada ao cinema chileno, o mesmo ocorrendo com a edição dupla 33-34, sobre os movimentos da *Nueva Canción Chilena* e do *Canto Nuevo*, e 36-37, sobre a trajetória do teatro chileno, antes e durante a ditadura.

Araucaria de Chile, por outro lado, foi muito mais ampla em temas, conteúdos e colaboradores, diversa, portanto, na produção do conhecimento em suas páginas, se levarmos em conta que sua abordagem atravessou muitos domínios, como explicou Carlos Orellana durante evento realizado em Madrid, em 1988, por motivo de comemoração dos 10 anos da revista:

[Araucaria] abarca [...] la historia, la economía, la política, la educación, los problemas de la ideología y de la creación artística. Publica textos literarios - poemas, cuentos, capítulos de novelas, obras teatrales - y procura seguirle la pista a los acontecimientos de la actualidad del trimestre en Chile por la vía de la crónica, el reportaje, la entrevista y el testimonio.¹⁸⁸

Dez anos depois do editorial de lançamento da revista, Volodia Teitelboim reforçou a origem do nome em texto enviado ao *Comité de Amigos de la revista* no Chile, órgão que organizou, naquele país, a comemoração do décimo aniversário de *Araucaria de Chile*. Percebemos novamente a referência a elementos naturais e étnicos (mapuches) que remetiam à identidade de origem do Chile e que estiveram, portanto, simbolicamente, na formação da revista, evidenciando sua preocupação em conceder espaço a reflexões sobre o passado e o presente do país:

Reparen ustedes, por favor, un momento en el nombre. La revista se llama Araucaria de Chile. Araucarias hay en muchas partes del mundo. Pero esta publicación, como bien saben, sacó su denominación de la araucaria araucana, cuyo fruto, el pehuén, era el pan de los indomables mapuches. Se dio la paradoja que siendo natural de la cordillera de los Andes, naciera en el exilio, más cerca de los Apeninos, de los Alpes o de los Pirineos. Pero en su partida de bautismo en el extranjero se le puso intencionalmente el nombre de pila Araucaria y el apellido Chile. Así quedaba clara la voluntad inequívoca de sus padres. Sería una chilena desterrada que con el tiempo necesariamente retornaría a su tierra. Aunque no pudiera lograrlo, le dedicaría sus páginas.¹⁸⁹

¹⁸⁸ ORELLANA, Carlos. Las certidumbres de “Araucaria”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 191.

¹⁸⁹ TEITELBOIM, Volodia. “Araucaria de Chile” en Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 185.

Cabe a nós, neste momento, realizarmos uma reflexão importante acerca da retomada, pela revista, desde o título, das raízes identitárias chilenas a partir dos mapuches e da vegetação - representada pela árvore araucaria -, que remetem à região da Araucanía, sul do Chile. Adriane Vidal Costa explicou que o poeta Pablo Neruda, atuando como cônsul do Chile na Cidade do México, na década de 1940, publicou ali uma revista, junto ao escritor chileno Luis Enrique Délano, chamada *Araucania*, cuja capa trazia uma mulher araucana. Segundo a autora, o título e a capa da revista foram maneiras do poeta mostrar que a história chilena iniciou-se com os araucanos, e não com os conquistadores espanhóis, ressaltando também que a cultura indígena era parte essencial da formação cultural do país. O governo do Chile, à época, refutou essas referências para a história nacional, criticando a iniciativa de Neruda.¹⁹⁰ Buscamos esse exemplo de modo a mostrar que a construção da nacionalidade chilena, ao longo de sua história, foi um aspecto complexo que envolveu a seleção de elementos identitários e o descarte de outros. Nesse processo, a questão indígena tornou-se aspecto central de disputas, envolvendo, sobretudo, o reconhecimento de sua história étnico-cultural e as garantias de direitos sociais. *Araucaria de Chile*, assim como o fez Pablo Neruda, ao resgatar elementos representativos da região sul do Chile e da história do país, ainda que essa não fosse a questão primordial do seu editorialismo programático, colocou-se nesse debate, de maneira genérica, favorável à resistência contra a opressão, associando, aí sim, a história dos araucanos e da região da Araucanía com a história dos chilenos oprimidos pela violência e pelas formas de dominação impostas pela ditadura militar chilena.

Essa questão faz todo sentido quando pensamos que *Araucaria de Chile* se preocupou imensamente em debater a identidade e o processo histórico chilenos. Ainda

¹⁹⁰ COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 195.

assim, embora grande parte dos assuntos se voltassem, de fato, para a história do Chile e enfatizassem, sobretudo, problemáticas do país durante a ditadura pinochetista, a revista, até em razão da diversidade de colaboradores, abordou vários temas relativos aos demais países da América Latina. Em seu primeiro editorial, afirmou-se que “todo aquel estudio de Chile y de América Latina, proceda de donde proceda y en cualquier parte del mundo en que trabaje, considere estas columnas dispuestas”.¹⁹¹ Foi uma revista chilena, certamente, mas apresentou-se também fortemente latino-americanista, perspectiva que *Literatura Chilena* apresentou de maneira bem mais sutil, mantendo-se afincada majoritariamente aos temas e aos autores/colaboradores chilenos. Volodia Teitelboim assegurou a tendência latino-americana da revista que dirigia, dizendo que o Chile é “parte indivisible del continente” e que *Araucaria*, portanto, “debía empeñarse en recoger la colaboración de los mejores latinoamericanos”.¹⁹² Também Carlos Orellana sustentou essa marca importante do impresso, afirmando que

el golpe de Estado y sus consecuencias devastadoras pusieron fin de modo brutal a estos espejismos y probaron que nuestros problemas no eran en lo esencial diferentes de los que tienen los demás pueblos latinoamericanos. Araucaria se ha propuesto profundizar en esta constatación, pero no sólo en cuanto a establecer proximidades a propósito de nuestras tristezas. La identificación es más profunda y se da en todos los órdenes, de manera que compartimos el dolor de todas las derrotas así como el júbilo por todas las victorias.¹⁹³

Compreende-se, portanto, que os títulos das duas revistas, por si só, já nos indicaram muito acerca da linha editorial e de como teria se constituído, ao longo de suas trajetórias, o editorialismo programático de cada uma. No próximo capítulo, pautados especialmente nos eixos teóricos de resistência e culturas políticas, aprofundaremos nessa análise com o objetivo de compreender as questões centrais que

¹⁹¹ EDITORIAL. Op. Cit., 1978, p. 7.

¹⁹² TEITELBOIM, Volodia. Op. Cit, 1988, p. 186.

¹⁹³ ORELLANA, Carlos. Op. Cit, 1988, p. 192.

perpassaram as vertentes culturais e políticas de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*.

CAPÍTULO 2: Resistência e culturas políticas socialista e comunista em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*

2.1 - A noção de resistência e os elementos das culturas políticas comunista e socialista no Chile

Tentando esboçar um conceito de resistência, tendo por base a proposta teórica de Jacques Semelin, apontamos que essa categoria pressupõe resposta e confrontação a situações postas no presente que, em certa medida, provocaram ruptura em relação à ordem anterior dos envolvidos. Trata-se, então, de uma maneira de afirmar ou manter uma identidade ante a um processo brusco e, por vezes, violento de ruptura. Resistir requer uma ação plural e conjunta, que busque construir entre os membros de um grupo aquilo que Semelin chamou de “modes clandestins de liaison”, objetivando ganhar adeptos e reocupar o espaço público. Semelin afirmou ainda que para que a resistência se torne durável e eficaz, torna-se necessária a edificação de sistemas de comunicação que possibilitem o fortalecimento de uma identidade política, coordene sua organização e influa sobre a opinião pública. A busca pela adesão social é a força motriz de todo movimento de resistência, já que resistir, apontou o autor, pressupõe agir em comunidade e de maneira solidária, servindo a uma causa específica, atacando o poder, seus símbolos e discursos.¹⁹⁴

Nesse sentido, pensamos que a criação de revistas culturais e políticas no exílio, de oposição a governos autoritários, constitui um ato de resistência que permite consolidar laços identitários e de solidariedade entre seus aderentes, favorecendo a construção de redes intelectuais. As revistas proporcionam o compartilhamento de ideias e visões de mundo que, no caso de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*,

¹⁹⁴ SEMELIN, Jacques. “Qu’est-ce que ‘résister’?”, *Esprit*, Paris, n. 198, janvier 1994, p. 53-55.

estiveram voltados, de maneira predominante, para os valores das culturas políticas comunista e socialista, respectivamente.

De acordo com Serge Berstein, a *Cultura Política* corresponde a um sistema de representações compartilhadas por um grupo que, interiorizado, determina as motivações do ato político.¹⁹⁵ Compreendemos, pois, por cultura política, embasados da mesma forma nos estudos de Rodrigo Patto Sá Motta, um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas compartilhado por determinado grupo, expressando identidades coletivas e fornecendo leituras e modos de ver comuns do passado, bem como para projetos futuros.¹⁹⁶ O significado conceitual de *representação*, essencial para o entendimento de uma cultura política, foi compreendido por Rodrigo Sá Motta como “um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia”, podendo mobilizar, dessa maneira, “mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual”.¹⁹⁷ Podem ser edificados, por meio de representações e imaginários, os mitos e os heróis exemplares, assim como os inimigos mais odientos.¹⁹⁸

Uma cultura política, portanto, não prescinde de um processo constitutivo. Importa-nos apreender a construção de determinada cultura política como um processo social vivido, envolvendo a construção de um sistema de ideias relativamente formalizado e de crenças mais difusas, com vias a conquista do Estado e/ou do espaço público. Constitui-se importante refletirmos que a construção de redes intelectuais passa

¹⁹⁵ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO, Cecília (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 29-47.

¹⁹⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009, p. 21.

¹⁹⁷ Ibid., p. 21-22.

¹⁹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 17.

fundamentalmente pela adesão a práticas, discursos e valores presentes em determinada cultura política.

A cultura política comunista, cujos elementos foram veiculados predominantemente por *Araucaria de Chile*, possuiu como um dos momentos centrais de sua constituição a Revolução Bolchevique de 1917, na Rússia. De acordo com Rodrigo Sá Motta, a identificação com a liderança de Lenin e com o modelo revolucionário de 1917 constituiu a base dessa cultura política. Assim, o internacionalismo foi um dos valores principais na cultura política comunista, que possuiu como modelo para a implementação do processo revolucionário a União Soviética. O culto à URSS, ao partido, à unidade política e às figuras de seus fundadores e líderes foram elementos centrais interiorizados pelos seus aderentes, sistematicamente evocados no interior da cultura comunista.¹⁹⁹

No que diz respeito à cultura política socialista, o partido, seus fundadores e suas lideranças históricas também exerceram centralidade, mas possivelmente o que se destacou dentre seus valores internalizados por seus aderentes foi a ênfase nas questões fundamentalmente nacionais, a suposta autonomia política e a independência em relação aos ditames teóricos soviéticos. A recusa dos socialistas ao controle da *Internacional* fez com que frequentemente se avolumassem críticas aos comunistas, considerados dependentes das imposições teóricas da URSS, sendo, portanto, de acordo com a visão socialista, antinacionais e pouco democráticos internamente, dada a rigidez do seu partido. Sem admitir, em linhas gerais, o centralismo da organização comunista, entre

¹⁹⁹ Ibid, p. 22-23; COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 25.

os socialistas tendeu a existir uma maior diversificação de correntes políticas revolucionárias.²⁰⁰

Não obstante as críticas socialistas ao legado soviético, faz-se relevante ter em conta que comunistas e socialistas tiveram uma matriz marxista comum, que lhes legou valores pautados no cientificismo, no racionalismo, no igualitarismo e no laicismo. Partilharam símbolos e rituais, como a cor vermelha, o hino “A Internacional” e a comemoração do Primeiro de Maio.²⁰¹ Historicamente, guardavam, sobretudo, os mesmos objetivos, frequentemente evocados em suas linguagens revolucionárias: a justiça social e o advento de uma sociedade sem classes, alcançada por meio da coletivização, através da ação do Estado, dos meios de produção.²⁰² Ademais, as culturas políticas comunista e socialista, de maneira geral, não se limitaram a criar representações positivas que produziam identificação entre aqueles que as partilhavam, mas, igualmente, como fator de coesão do grupo, forjaram claramente os inimigos a serem combatidos, tais como o burguês, o capitalista, o fascista e o imperialista, neste último caso, especificamente, os Estados Unidos e tudo que o país representava em termos de expansão dos interesses econômicos, políticos e culturais.

Especificamente, no Chile, ainda que o conceito de cultura política transcenda as instituições partidárias, não podemos deixar de pensar, ao concebermos as culturas comunista e socialista, na centralidade que os partidos possuíram ao longo do século XX. O Partido Comunista chileno foi originalmente fundado como *Partido Obrero Socialista* (POS), em 1912, por Luis Emilio Recabarren, importante líder do movimento operário do norte salitrero chileno. Sob o impacto da Revolução Bolchevique de 1917 e a criação da Terceira Internacional em 1919, o partido transformou-se, em 1922, em

²⁰⁰ WINOCK, Michel. La culture politique des socialistes. In: BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 204-209.

²⁰¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. Cit., 2013, p. 21.

²⁰² WINOCK, Michel. Op. Cit., p. 210.

Partido Comunista, durante a convenção de Rancagua, dirigida por Recabarren.²⁰³ A origem do partido demarcou bem quais seriam as principais linhas políticas seguidas ao longo da trajetória do comunismo chileno: a estreita vinculação com o comunismo soviético; sua base social constituída majoritariamente por trabalhadores; a perspectiva de um partido de massas; e a visão institucionalista, etapista e moderada para se alcançar o socialismo, adotada desde princípios da década de 1930 até 1973, resultante da leitura do comunismo internacional de que se deveria cumprir as tarefas da “revolução democrático-burguesa”, em aliança com supostos setores “progressistas” e “nacionais” da classe dominante. Essas interpretações e perspectivas foram fundamentais para que o partido se conectasse estreitamente à via chilena ao socialismo e às propostas políticas de Salvador Allende, articuladas em torno da Unidade Popular desde 1969.²⁰⁴ O marxismo-leninismo consistia em aparato teórico que não podia ser questionado pela militância comunista, assim como a legitimidade dos dirigentes do partido. A unidade partidária “era el principio rector que movía a todo militante comunista, por lo que las disidencias no eran toleradas”.²⁰⁵ No âmbito da cultura chilena, no qual o PCCh exercia forte influência, o poeta e senador pelo partido, Pablo Neruda, converteu-se no grande símbolo comunista.²⁰⁶

Contudo, o golpe de Estado de 1973, a violenta repressão exercida contra os comunistas – provocando o assassinato e o desaparecimento de muitos dirigentes nacionais –, o exílio e a clandestinidade levaram a profundas reflexões que incorporaram

²⁰³ COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 139.

²⁰⁴ VALLEJOS, Rolando Álvarez. Cultura política y represión política: el caso del Partido Comunista de Chile. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV: EdPUCRS, 2013, p. 331.

²⁰⁵ Ibid., p. 335.

²⁰⁶ Além da forte influência nos sindicatos, o Partido Comunista influiu de maneira importante na cultura chilena. Pablo Neruda foi o nome mais representativo, mas outros, sobretudo os artistas e compositores da *Nueva Canción Chilena*, como Víctor Jara, a família Parra e os integrantes do conjunto Quilapayún, foram alguns dos militantes comunistas mais conhecidos, aliando arte e atividade política. Ver ORTIZ GONZÁLEZ, Edison. *El socialismo chileno: de Allende a Bachelet (1973-2005)*. Valencia: Prensa Latino americana; FIADELSON, 2007; SCHMIEDECKE, Natália Ayo. “*Não há revolução sem canções*”: utopia revolucionária na Nova Canção Chilena (1966-1973). São Paulo: Alameda, 2015.

novos elementos àqueles de longa duração presentes na cultura política comunista chilena. Desde início da década de 1980 e ao longo de quase dez anos, a violência política foi incorporada à retórica e às atividades reais da militância comunista, sobretudo a clandestina. A questão insurrecional e militar foi entendida como fator que ajudaria a promover a mobilização contra a ditadura de Augusto Pinochet, acelerando o retorno à democracia.²⁰⁷

Ao tentarmos desenvolver reflexões sobre a cultura política socialista no Chile, recorreremos ao fundamental estudo de Edison Ortiz González, que, em outros termos, utilizando-se conceitualmente da similar noção de *subcultura socialista*, analisou a formação do Partido Socialista, suas principais lideranças, a constituição social da militância e todas as vicissitudes pelas quais passou o socialismo no Chile até a ascensão de Michelle Bachelet (2006-2010) à presidência. O Partido Socialista de Chile foi fundado em abril de 1933, conformando, desde o início, uma pluralidade ideológica que o distinguia da centralidade e unidade estabelecida pelo Partido Comunista chileno. O coletivo socialista chileno foi, desde sua origem, social, política e culturalmente muito heterogêneo.²⁰⁸ Oscar Schnake, Marmaduke Grove e Salvador Allende foram os fundadores e primeiros dirigentes (secretários-gerais) do partido. Somou-se a estes Eugenio Matte, personagem importante na formação do PS. A origem social das principais lideranças e dirigentes socialistas ao longo da trajetória do partido, majoritariamente médicos, advogados ou sociólogos, representou a diversificação de sua militância, sobretudo quando comparada ao PCCh. Segundo Ortiz González, “la colectividad socialista nació en un estadio intermedio el partido de ‘cuadros’ y el partido

²⁰⁷ VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2013, p. 338-347.

²⁰⁸ ORTIZ GONZÁLEZ, Edison. *El socialismo chileno: de Allende a Bachelet (1973-2005)*. Valencia: Prensa Latino americana; FIADELSONO, 2007, p. 104.

de ‘masas’”,²⁰⁹ abrigando em seu seio não somente trabalhadores, mas setores médios, profissionais liberais e intelectuais. A diversidade de sua composição social e a formação democrático-burguesa de muitos de seus membros – precedentes de células comunistas e anarquistas, do Partido Radical, da maçonaria, como Salvador Allende, e até das Forças Armadas, como Marmaduke Grove -, “hizo posible el amplio y diverso lenguaje revolucionario, [...] construyendo su ‘imaginario social’ en que no tendrían cabida el capitalismo dependiente, el sistema agrario chileno, la oligarquía, ni el Chile monoexportador”.²¹⁰

Os socialistas chilenos utilizaram-se, como de praxe entre as esquerdas, do método marxista para a interpretação da realidade nacional. Contudo, diferentemente dos comunistas chilenos, tentaram-se manter independentes de modelos interpretativos externos e “centros de comando”, sobretudo o soviético. Segundo Carlos Altamirano, Secretário-geral do Partido Socialista de 1971 a 1979,²¹¹ a trajetória socialista esteve marcada pela autonomia para elaborar suas próprias concepções táticas e estratégicas de acordo com a realidade nacional, negando os receituários gerais. Em suas palavras, “a cada um impõe-se a tarefa de construir o socialismo por diferentes vias, métodos, características e formas de luta”.²¹²

Assim, Bernardo Subercaseaux, levando em conta os componentes políticos e culturais dos partidos e da militância em geral, o que incluiria o comportamento e o modo de ser, ao comparar comunistas e socialistas, concebeu os primeiros como sóbrios

²⁰⁹ Ibid., p. 129.

²¹⁰ Ibid., p. 110.

²¹¹ Ainda que com o golpe militar, com o exílio e com a clandestinidade dos militantes socialistas tenha ocorrido uma dispersão orgânica e ideológica entre 1973 e 1989, Carlos Altamirano, desde o exílio, permaneceu como Secretário-geral do PS até 1979, reconhecido, mesmo que não consensualmente, pela direção interior clandestina. Ver MUÑOZ TAMAYO, Víctor. El Partido Socialista de Chile y la presente cultura de facciones. Un enfoque histórico generacional (1973-2015). *Revista Izquierdas*, Santiago, n. 26, p. 218-255, enero 2016.

²¹² ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota: Chile (1970-1973)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, p. 21.

e austeros, de certo conservadorismo moral, e os segundos como portadores de tradição nacionalista e americanista, além de mais abertos em temas morais.²¹³

Se o Partido Comunista chileno manteve certa linearidade ao longo de sua trajetória até os primeiros anos da ditadura, o Partido Socialista, em razão das diversas correntes internas, tendeu a sofrer muito mais pugnas, divisões e mudanças em suas linhas estratégicas. De uma maneira geral, as coalizões de centro-esquerda caracterizaram as posições socialistas entre 1938 e 1946. Em 1957, produziu-se a unidade entre as frações dos *socialistas populares*, que chegaram a apoiar a experiência nacional-populista de Carlos Ibañez (1952-1958), e dos *socialistas de Chile*, o que levou à elaboração das teses da *Frente de Trabajadores*, resposta crítica dos socialistas à aliança com a burguesia pretendida pela *Frente de Liberación Nacional*, adotada pelos comunistas. Contudo, a posição mais radical do partido viria mesmo no Congresso de novembro de 1967, realizado em Chillán, promovendo uma guinada ainda mais à esquerda por parte dos socialistas. A partir de então, o PS assumiu-se como uma organização marxista-leninista em seu sentido mais ortodoxo, defendendo o uso da violência revolucionária contra o Estado burguês e a tomada do poder como objetivo estratégico.²¹⁴

Nesse momento, embora comunistas e socialistas chilenos compartilhassem valores como o anti-imperialismo, o antifascismo e o socialismo como fim último a ser alcançado, discrepavam frontalmente quanto aos caminhos de transformação social e política a serem adotados. No Chile, em fins de 1960 e início dos anos 1970, a interpretação que defendia a tomada do poder e a aplicação de meios insurrecionais

²¹³ SUBERCASEAUX, Bernardo. El imaginario político de transformación en Chile. *Contracorriente: Revista de historia social y literatura de América Latina*, v. 5, n. 3, 2008, p. 42.

²¹⁴ Ver ALTAMIRANO, Carlos. Op. Cit., 1979; ORTIZ GONZÁLEZ, Edison, Op. Cit., 2007; MOULIAN, Tomás. La vía chilena al socialismo: itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 35-56.

armados para a revolução socialista foi caracterizada pelo historiador Julio Pinto Vallejos como rupturista. Inseriam-se, nessa leitura, o *Movimiento de Izquierda Revolucionario* (MIR) e setores majoritários do Partido Socialista. A outra interpretação, denominada por Vallejos como gradualista, buscou compatibilizar democracia e socialismo através do Estado e das instituições vigentes, concebendo o socialismo como uma meta a ser alcançada gradualmente, utilizando meios menos traumáticos do que uma insurreição frontal.²¹⁵ Demarcando sua oposição à ortodoxia revolucionária marxista-leninista, essa proposta estratégica ficou conhecida como “via chilena ao socialismo”. À frente da coalização de partidos de esquerda, a Unidade Popular, Salvador Allende foi quem melhor personificou a via pacífica para o socialismo, tornando-se, entre 1970 e 1973, o único presidente socialista eleito na história da América Latina. Embora também presente no interior do PS, foi o Partido Comunista, na Unidade Popular, quem melhor encampou essa via gradualista para o socialismo.

A revista *Araucaria de Chile* difundiu sistematicamente os principais valores e ideários pertencentes ao repertório de representações da cultura política comunista no Chile, acompanhando e justificando, inclusive, a incorporação de novos elementos, como o uso da violência política contra a ditadura, como desenvolvemos no tópico seguinte deste capítulo. Já *Literatura Chilena*, ao longo de sua trajetória, tendeu a se vincular, pelos personagens, ideias e datas apresentados, às representações da cultura política socialista chilena, naquilo que ela carregou de mais allendista e gradualista, e menos rupturista e insurrecional. Afinal de contas, como afirmou Edison Ortiz González, a figura de Salvador Allende tornou-se um aspecto central no surgimento e consolidação da cultura política socialista, “impregnada hasta en su médula de la

²¹⁵ VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 9-33.

imagem [...] del ex presidente [...], quién con su liderazgo e influjo – sumado a su trágica muerte – ha marcado [...] el modo de ser de los socialistas de ayer, hoy y de mañana, influyendo significativamente en su *ethos*”.²¹⁶ Torna-se central deixarmos claro que retomar Salvador Allende e aludir à “via chilena ao socialismo”, em *Literatura Chilena*, em nossa interpretação, consumou-se na perspectiva da resistência cultural e política da revista à ditadura, não como solução ou alternativa à transição à democracia.

Vejamos, na sequência, a partir, principalmente, dos textos editoriais, como os elementos e imaginários socialista e comunista no Chile foram suscitados nas páginas das revistas objetos de nossa análise.

2.2 - A composição dos respectivos editorialismos programáticos das revistas

Aspectos muito relevantes do editorialismo programático de *Literatura Chilena en el Exilio* foram apresentados em seu editorial de fundação, texto, este, escrito de maneira sucinta e direta. Nele, evidenciou-se a preocupação da revista, após o golpe, com a fragmentação do âmbito cultural no Chile, em razão da saída em massa de artistas e intelectuais e a substituição de valores, pautados agora pelos discursos oficiais e pelos ensinamentos da Junta Militar. *Literatura Chilena* se propôs, então, a ser um meio de expressão para os intelectuais chilenos de esquerda no exílio, em especial aqueles ligados à pesquisa e à criação literária. Pretendia divulgar escritores de renome, mas também aqueles chilenos de menor reconhecimento artístico e literário. Seus editores enfatizaram a necessidade de enfrentamento à ditadura até que se restabelecessem as condições políticas democráticas no país:

La Revista de Literatura Chilena en el Exilio se funda por las siguientes razones: [...] Como consecuencia de las medidas tomadas por la dictadura se

²¹⁶ ORTIZ GONZÁLEZ, Edison. Op. Cit., p. 128.

ha producido un vasto éxodo de investigadores y escritores chilenos hacia países que les ofrecen garantías de libertad y facilidades en su trabajo. Creemos de toda necesidad vincular estrechamente a los intelectuales chilenos en el exilio, promover sus trabajos de investigación y creación y darles la amplia difusión que se merecen. Nuestra revista aspira a cumplir esta misión en el campo de la investigación y creación literarias. Así mismo, promoverá lazos de sólida cooperación y unidad con los escritores progresistas de todo el mundo. Declaramos nuestra firme voluntad de continuar esta publicación en el exilio hasta que se restablezcan en nuestra patria las condiciones de libertad y respeto a los derechos del hombre que han sido tradicionales del pueblo de Chile.²¹⁷

A importância da atuação conjunta dos chilenos no exílio contra a ditadura foi novamente apontada no editorial da segunda edição, assim como no editorial de seu oitavo número, quando a revista completou dois anos de publicação. Defendeu-se, na segunda edição, a necessidade de formação de uma “gran frente democrático antifacista”, e, na oitava edição, reafirmou-se a inalterável dedicação da revista “a una causa que, defendiendo los fundamentales derechos humanos, defiende el patrimonio cultural, no sólo de nuestra patria, sino también de todos los pueblos hermanos sojuzgados por el militarismo fascista”.²¹⁸ Na perspectiva desses editoriais, as posições políticas sectárias ou partidárias deveriam ser colocadas em segundo plano, em nome da unidade política pelos direitos humanos e pelas liberdades democráticas, como vemos na citação que se segue:

Hoy más que nunca la causa de la libertad democrática y la defensa de los derechos humanos exigen de todos los chilenos conscientes una dedicación fervorosa, organizada y entusiasta. Las más diversas y, hasta ahora, alejadas corrientes del pensamiento descubren rápidamente el camino cierto de la unidad. [...] El movimiento solidario avanza, destruye obstáculos, borra prejuicios y dogmatismos, preparándonos para el día en que se abran “las grandes alamedas por donde el hombre digno pase para construir una sociedad mejor”.²¹⁹

²¹⁷ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 1.

²¹⁸ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 1.

²¹⁹ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, 1977, p. 1. A ideia da unidade política contra a ditadura, dentro e fora do Chile, em contraposição à resistência pautada por interesses partidários, foi retomada ainda em outras edições, em suas duas fases, como na de número 3, na de número 35 e na edição 39, por exemplo.

A referência, entre aspas, às “grandes alamedas por donde el hombre digno pase para construir una sociedad mejor” foi uma apropriação direta da metáfora dita por Salvador Allende em seu discurso de resistência, proferido no palácio *La Moneda* na manhã de 11 de setembro de 1973, pouco antes de sua morte, no momento em que as Forças Armadas efetivavam a deposição do presidente, bombardeando a sede do governo chileno. Esse foi um dos primeiros indícios da apropriação recorrente feita pela revista acerca da imagem e dos discursos do ex-presidente.

Em que pese a argumentação dos editores de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* de que a revista teria se orientado por uma resistência apartidária à ditadura, buscando a unidade política em torno do restabelecimento da democracia chilena, consideramos ter existido uma forte aproximação de seu editorialismo programático com as projeções políticas da Unidade Popular, em sua vertente socialista mais allendista.

Literatura Chilena tendeu a se posicionar favoravelmente a períodos da história política do Chile em que a organização de frentes populares e partidárias progressistas, com conteúdos programáticos à esquerda ou de centro-esquerda, tiveram projeção exitosa no país. Ademais da Unidade Popular e tudo que ela representou politicamente para a esquerda chilena, a Frente Popular, que levou ao poder Pedro Aguirre Cerda (1938-1941),²²⁰ do Partido Radical, foi, com alguma frequência, mencionada de modo positivo na revista em sua segunda fase, especialmente em seus editoriais e epílogos.

²²⁰ O Chile foi o único país na América Latina a experimentar a vitória eleitoral de um governo baseado na política de formação de Frentes Populares, influenciada pela Internacional Comunista a partir de 1935, dado o entendimento do *Comintern* de que se fazia necessário a unidade política entre comunistas e demais forças políticas de modo a enfrentar o nazi-fascismo europeu. Assim como as Frentes Populares da França e da Espanha, no Chile postulou-se a necessidade de unidade política para se resistir a governos repressores. Nesse sentido, em oposição ao segundo governo de Arturo Alessandri (1932-1938), de traços autoritários, a Frente Popular chilena foi integrada pelos partidos Radical, Socialista e Comunista, consolidando uma coalizão de centro-esquerda. Eleito em 1938 por essa composição política e pertencente ao partido Radical, que, não obstante o nome, possuía propostas políticas marcadamente conciliatórias e moderadas, Pedro Aguirre Cerda iniciou um governo que, sem assumir feição

Dentro dessa perspectiva, no editorial de número 25 da revista, foram destacados três personagens centrais da história do Chile no século XX, nos quais se salientaram virtudes democráticas e populares, em contraposição à irracionalidade e brutalidade do ditador Augusto Pinochet. Foram eles: Pablo Neruda, Salvador Allende e Pedro Aguirre Cerda. Embora no interior dessa edição o enfoque recaia sobre Allende e a Unidade Popular, o editorial dedicou suas maiores reverências a Aguirre Cerda, exaltando os feitos do seu governo, tido como portador de elevadas virtudes democráticas, com raros parâmetros na história republicana chilena:

La historia dirá sin lugar a dudas que los tres años del gobierno del Presidente Aguirre Cerda han sido los más fecundos desde el nacimiento de la Republica, y al mismo tiempo, los más sanos en la práctica de una real democracia. Si se recuerda que el auge industrial con base en el petróleo, la electricidad y el acero, además de las manufacturas metalúrgica y textil, para nombrar sólo las principales; el fomento y auge del arte y la cultura en todas sus manifestaciones como nunca se había hecho con anterioridad, la edificación de escuelas cuyo número sobrepasó la totalidad de las construídas en el país desde su independencia, etc., se comprueba que un pueblo dueño de su destino, practicando la democracia y la autodeterminación, es capaz de dar un ejemplo único.²²¹

Na *Carta del Editor* de um dos números finais da revista, a edição de número 40 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, se, por um lado, David Valjalo negou

revolucionária, buscou implementar políticas que possibilitaram, segundo Alberto Aggio, a alteração da fisionomia econômico-social do Chile, estimulando um processo de modernização. Nesse momento, apesar das divergências internas da Frente Popular, reuniu-se politicamente “em torno de temas como a industrialização e a intervenção continuada do Estado na economia”. Aggio afirmou que o Partido Radical, à frente do governo, em um primeiro momento, com Aguirre Cerda, garantiu relativa estabilidade ao sistema político e “não se postou como obstáculo [...] à manifestação e defesa de interesses das camadas subalternas, em especial das urbanas”. Ainda segundo o autor, a política conciliatória e pragmática do partido Radical, a partir do governo de Aguirre Cerda, passou a ser ponto de referência na vida política do país, fortalecendo perspectivas democráticas do republicanismo chileno. O sociólogo Tomás Moulian expôs que o papel intervencionista do Estado, no sentido de controlar a iniciativa privada e de se estabelecer como árbitro das relações de trabalho, favorecendo tendências expansivas da legislação social, chocou-se com a mentalidade *laissez faire* das elites políticas da direita. Contudo, a capacidade de negociação dos radicais amenizou os conflitos com a direita oposicionista – liberais e conservadores –, ainda que internamente socialistas e comunistas, cada um a seu modo, não perdessem as aspirações socialistas de futuro. AGGIO, Alberto. *Frente popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 1999, p. 20 e p.127-128; MOULIAN, Tomás. *Fracturas: de Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006, p. 55.

²²¹ EDITORIAL. Los nombres de los hombres. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, 1983, p. 1.

qualquer ligação com interesses partidários no momento em que se buscavam soluções políticas para a transição para a democracia, por outro, ao final do texto, observamos novamente o apreço do diretor e editor da revista pelo governo de Aguirre Cerda. Na contracapa dessa edição, retomou-se, ainda, como epílogo, uma citação do livro do ex-presidente, *El problema industrial*, publicado em 1933, pensamento ao qual Valjalo fez referência. Na citação abaixo, percebemos a maneira devota como o editor abordou a Frente Popular chilena e a figura de Pedro Aguirre Cerda, demonstrando mais uma vez seus vínculos ideológicos e políticos com o governo do ex-presidente naquilo que ele possuiu de mais popular, atendendo aos interesses das camadas sociais dos trabalhadores chilenos:

Una vez más el valioso maestro, íntegro y responsable político, acude en nuestro auxilio para recordarnos su claro pensamiento, que en su oportunidad logró en parte materializar en un período que añoramos: Frente Popular chileno 1938/1941, digna época de la historia de Chile, con beneplácito unánime del pueblo trabajador. Don Pedro, como lo llamaba cariñosa y agradecidamente el pueblo, es un auténtico santo laico.²²²

Acreditamos que tamanha reverência a Aguirre Cerda se deva ao fato do poeta David Valjalo ter permanecido muito próximo estética e ideologicamente à Geração Literária de 1938, politicamente vinculada à Frente Popular e à forma de governo do ex-presidente. Ademais, como apontou Alberto Aggio,²²³ a política que se sustentava na conciliação e no diálogo, posta em prática no governo de coalizão de Aguirre Cerda, transformou-se em referência na vida política do Chile, no sentido de se buscar perspectivas democráticas dentro de um sistema político chileno até então marcado, em grande medida, por arroubos autoritários e oligárquicos. Mais do que isso, a Frente Popular e seus sucessivos governos, Pedro Aguirre Cerda, em especial, e Juan Antonio

²²² VALJALO, David. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 40, 1987, s.p.

²²³ AGGIO, Alberto. Op. Cit., 1999.

Ríos (1941-1946), à exceção do interregno antidemocrático de Gabriel González Videla, contribuíram por iniciar um processo de esquerdização do espectro político chileno que passou, fundamentalmente, pelo Estado e sua composição junto aos partidos comunista e socialista, além da proximidade com a *Confederación de Trabajadores de Chile*.²²⁴

A edição de número 16 de *Literatura Chilena*, segunda após a mudança de nome e de direção da revista, mostrou-nos que as marcas mais expressivas de seu editorialismo programático continuaram em relação à sua fase anterior. Como não poderia deixar de ser, os argumentos apresentados neste e em outros editoriais giraram em torno da resistência contra a ditadura militar no Chile, visando a (re)conquista da democracia no país. O discurso de proposição de uma frente unitária de oposição à ditadura, a partir da cultura, permaneceu, tal qual era defendido durante a circulação de *Literatura Chilena en el Exilio*.²²⁵

Apesar desses aspectos de permanência, constatamos que, a partir da citada edição 16, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* apresentou discursos ainda mais incisivos contra a ditadura em seus editoriais. Isso pode ser explicado pela mudança na direção do impresso, certamente. No entanto, não podemos perder de vista que, nesse momento, o contexto político chileno foi marcado pela institucionalização do pinochetismo – vide a Constituição de 1980 –, como bem nos apontou Verónica Valdivia,²²⁶ assim como foi afetado pelo início de um processo de agravamento da crise econômica que viveu o país, devido ao esgotamento na aplicação da política-econômica neoliberal.

Dessa forma, no editorial do número 16, vemos, ainda, como estratégia retórica de oposição, a comparação das Forças Armadas chilenas com as forças policiais da

²²⁴ SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011, p. 63-64.

²²⁵ EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, p. 1.

²²⁶ VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2015. Ver Capítulo 1, tópico 1.1.

Alemanha nazista. Além da repressão propriamente dita, a real formação “prussiana” do exército chileno²²⁷ ensinou ainda mais aproximações, feitas pela revista, entre a ditadura pinochetista e o nazismo:

La organización prusiana de este cuerpo armado permite la permanencia de una tiranía personal con todas sus extravagancias y arbitrariedades. El hecho de concentrar en sus manos el mando de tropas, lo transforma prácticamente en amo o propietario del país. Basado en estos considerandos insistimos en la realización de un trabajo unitario para mantener la llama y la supervivencia de nuestra tradicional democracia. Con la representación de la totalidad de las actividades intelectuales con predominio de personalidades sin militancia política, continuamos nuestra labor, formando un amplio frente cultural, en sólida oposición a la fuerza bruta.²²⁸

Também no editorial subsequente, optou-se por definir o pinochetismo como uma tirania e não uma ditadura. Afirmou-se que “la principal característica de la tiranía imperante es la del poder ostentado en forma unipersonal. Decimos categoricamente tiranía y no dictadura”.²²⁹ Entendemos que, ao adotar o termo *tiranía*, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* utilizou-se de uma estratégia de linguagem de modo a realçar suas críticas a Augusto Pinochet, denunciando a centralização política do governante, bem como a repressão, a violência, a censura e o exílio decorrentes dessa condição. Não nos cabe, portanto, entrar no mérito da diferenciação histórica entre um ou outro sistema de governo, mas, sim, entender o sentido da aplicação daquele termo pela revista, que, não obstante, não persistiu em sua utilização em outros números, predominando, nos editoriais e entre os colaboradores, as denominações “ditadura” ou “regime”, acompanhadas da expressão “fascista”. Este, sim, foi o principal vocábulo caracterizador do pinochetismo, empregado pelas esquerdas chilenas e incluído no

²²⁷ A respeito da influência alemã na formação do Exército chileno, ver: ARANCIBIA CLAVEL, Roberto. *La influencia del Ejército chileno en América Latina 1900-1950*. Santiago: Centro de Estudios e Investigaciones Militares, CESIM, 2002.

²²⁸ EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, p. 1. Também na edição 28 da revista, publicada no segundo trimestre de 1984, apresentou-se argumento similar em seu editorial.

²²⁹ EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 17, 1981, p. 1.

repertório de expressões constantemente utilizadas por *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, de modo a relacionar o autoritarismo da ditadura e das forças de direita com a experiência totalitária dos governos nazi-fascistas na Europa.

Dando sequência ao teor sistematicamente mais crítico dos editoriais em relação ao pinochetismo na segunda fase da revista, no número 18, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* levantou aspectos da ditadura a serem combatidos, desde sua atroz repressão e censura em relação à cultura, às instituições e às manifestações politizadas da sociedade chilena, até a política-econômica neoliberal posta em prática por Pinochet e sua equipe econômica:

Entonces se apropian de las armas y las disparan contra el pueblo. [...] Primero eliminan a los jefes civiles y políticos, luego destruyen las instituciones. Atacan a la masa de la ciudadanía engeguados y soberbios. Certeramente la intuición popular los llama gorilas. Representan una vuelta a la prehistoria, a la prehumanidad. Para esta caída hacia la caverna deben desandar los tiempos y los valores acumulados por la cultura humana. Deben deshacer la historia para instalar en un cementerio de escombros la contrahistoria. Prohiben las ideologías, menos la de la seguridad nacional. Abominan de lo extranjero, menos del irresistible dólar. Odian las teorías económicas, pero no la de las asoladoras bandas de Chicago. El único rigor que aman es el de la línea del uniforme. Lo juzgan suficiente para sentarse en la presidencia de la república, en los ministerios, en las rectorías de las universidades. El único lema que aman es viva la muerte, muera la inteligencia.²³⁰

Como se vê, a ditadura implantou um processo, segundo a revista, de destruição das conquistas humanas, indo na contramão da história. Portanto, tratou-se de uma condição denominada de “contrahistória”, retrocesso ao estado pré-humano, em que os valores sociais baseados na cidadania e no acúmulo de conhecimentos foram vilipendiados por uma espécie de “truculência grosseira” dos militares, metaforicamente representados na acepção do “gorila”, já presente no terceiro editorial de *Literatura Chilena en el Exilio*.²³¹ Na interpretação da revista, o *gorilismo* foi a versão latino-

²³⁰ EDITORIAL. Contrahistoria. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 18, 1981, p. 1.

²³¹ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 1.

americana do fascismo, resultado, portanto, da importação e apropriação *in loco* de suas doutrinas.²³²

Rodrigo Patto Sá Motta, em artigo, analisou as origens da representação do *gorila* e o sentido em que foi empregado nas disputas políticas durante a década de 1960 no Brasil, sobretudo nos momentos que antecederam o golpe militar. Não obstante o interesse do autor tenha sido entender o sentido dessa expressão no contexto político brasileiro, ele constatou que a origem da apropriação do “gorila” ocorreu na Argentina durante a década de 1950, contexto em que “a imagem do animal foi usada pelos peronistas de esquerda para atacar militares direitistas que se opunham ao peronismo”. No Brasil da década de 1960, esse sentido seguiu, como afirmou Motta, parâmetros ideológicos semelhantes aos utilizados na Argentina, quando se buscou atacar os golpistas direitistas.²³³ Podemos interpretar que, também entre as esquerdas no Chile e, especificamente, na revista *Literatura Chilena*, a apropriação do termo gorila guardou em si sentido próximo ao aplicado nos países vizinhos. Criticou-se de maneira quase burlesca, mas não menos veemente, os militares do golpe de 1973, de modo a associá-los a forças reacionárias e “fascistas”.

Ademais a esse aspecto, a oposição ao modelo econômico da Escola de Chicago voltou a ser veiculado, desta vez de maneira ainda mais intensa, nos editoriais da edição 20 e 21 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Em ambos, foram apresentadas críticas à ortodoxia neoliberal da ditadura chilena, que levava o país, naquele momento (primeiros anos da década de 1980), a uma grave crise econômica interna, ao crescimento da dívida externa e ao aprofundamento das desigualdades sociais. Segundo a revista, a política-econômica da ditadura Pinochet beneficiava “un pequeño grupo de

²³² EDITORIAL. Hay cosas que no se pueden discutir. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 20, 1982, p. 1.

²³³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 199.

oportunistas y especuladores, en desmedro de la mayoría de sus ciudadanos”. Com isso, no Chile, “junto con ser una cárcel colectiva, está creciendo un nuevo pueblo desnutrido y semianalfabeto”.²³⁴ A combinação entre a conjuntura política autoritária e a economia regida por cânones neoliberais só poderia provocar, segundo a editoria política da revista, a ruptura da normalidade constitucional, a abolição completa de qualquer forma de expressão democrática, a tortura, o genocídio, a hipoteca da estrutura produtiva, a fome, o desemprego coletivo, a incondicional entrega ao capital estrangeiro, o catastrófico endividamento do país.²³⁵ Com o neoliberalismo, operava-se no Chile “el aniquilamiento de la industria (nacida con el gobierno del Frente Popular - 1938/1941 - acero, electricidad, petróleo, manufactura metalúrgica y textil), de la educación, de la previsión social”. Esse sistema beneficiava apenas uma “minúscula derecha económica [...], a costa del endeudamiento del país y del sacrificio de los trabajadores”.²³⁶

Tais posicionamentos e léxicos utilizados demonstram que em *Literatura Chilena*, assim como em *Araucaria de Chile* (como veremos), ao longo de suas trajetórias, foram veiculados ideários políticos, pertencentes às esquerdas chilenas, que estiveram diretamente associados ao que Bernardo Subercaseaux denominou de imaginário político de transformação social no Chile. O autor entendeu por essa expressão um conjunto articulado de representações que possuiu núcleo ideológico e campo léxico e semântico comuns, envolvendo também uma dimensão cultural, o que em muito correlacionar-se-ia, em nossa visão, ao aporte teórico das culturas políticas,

²³⁴ Ibid, p. 1.

²³⁵ EDITORIAL. Basta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 21, 1982, p. 1. Além dos mencionados editoriais, destacamos que o da edição 26 (último trimestre de 1983), intitulado *Soberbia y Temor*, possuiu tom crítico semelhante, ao observar o processo de abertura política nos países vizinhos, como Argentina e Brasil, e a persistência e soberba de um modelo político ditatorial que levava o Chile à violência, ao empobrecimento e ao desemprego. Com o mesmo título do editorial do número 21 da revista e com retórica muito próxima, citamos também o texto de abertura da edição 29, publicada no terceiro trimestre de 1984.

²³⁶ EDITORIAL. Hay cosas que no se pueden discutir. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 20, 1982, p. 1.

visto que, ademais, ambos os conceitos incidem em uma focalização retrospectiva da memória histórica e em narrativas que se projetam ao futuro.

O imaginário político de transformação no Chile, que, segundo o autor, ganhou impulso na década de 1930 e projetou-se ascendentemente na sociedade do país até 1973, contemplou a relação entre os pólos da reforma e da revolução, ambos centrais quando se pensa a respeito das possibilidades de mudanças sociais, políticas e econômicas sob uma ótica progressista. Mais do que uma polarização excludente entre os dois pólos, Subercaseaux defendeu que, ao longo dessas décadas, houve, no Chile, entre os partidos políticos de centro-esquerda e de esquerda, bem como em setores cada vez mais amplos da sociedade civil, imbricações entre as possibilidades de reforma e de revolução. Em linhas gerais, enquanto a primeira procura transformar aspectos da ordem social, em benefício dos interesses dos setores populares e despossuídos, mas sem destruir, necessariamente, os fundamentos das relações de poder do Estado, a segunda aponta para mudanças estruturais do capitalismo em favor da ascensão e protagonismo dos setores populares no processo revolucionário. Embora pudessem guardar diferenças e disputas entre seus projetos, as noções de reforma e revolução possuíram, no Chile, na leitura que realizou o autor, aspectos que as vinculavam, como o papel protagonista do Estado no desenvolvimento e na realização das mudanças sociais necessárias, além do desvelo com o desenvolvimento econômico interno, em detrimento das intervenções externas. De acordo com Subercaseaux,

los cambios de nombre, las divisiones, oscilaciones y ciclos pendulares que se advierten en los partidos de centro y de izquierda, desde 1930 hasta la década de 1970, no son meros cambios formales, sino vaivenes que transuntan intereses [...] que en gran medida se desplazan por el imaginario [de transformação social e política].²³⁷

²³⁷ SUBERCASEAUX, Bernardo. El imaginario político de transformación en Chile. *Contracorriente: Revista de Historia Social y Literatura en América Latina*, v. 5, n. 3, 2008, p. 40-41.

Em determinados momentos da história política do Chile, os pólos da reforma e da revolução se aproximaram, como no final da década de 1930, com a formação da Frente Popular que elegeu inicialmente Pedro Aguirre Cerda. Contudo, foi durante a Unidade Popular que, nas palavras de Subercaseaux, reforma e revolução, que dão substância ao conceito de imaginário político de transformação, intercambiaram-se de maneira quase indistinta em razão de se almejar o socialismo sob a vigência do Estado de Direito e da democracia.²³⁸

Mais do que entrar no mérito específico de distinção entre reforma e revolução, interessa-nos entender, como propôs Bernardo Subercaseaux, que o imaginário político de transformação social no Chile compreendeu o giro crescente ao pensamento de esquerda à medida que ocorria maior democratização e politização da sociedade chilena a partir da década de 1930 até 1973, ainda que esse processo não tenha sido linear e tenham ocorrido momentos políticos autoritários. Tal processo de politização e de adesão cada vez maior aos valores das culturas políticas socialista e comunista é o que nos permite pensar, em termos de prestígio social e crescimento eleitoral, no fortalecimento dos partidos de esquerda no Chile.²³⁹ Segundo Subercaseaux, as ideias de transformação da sociedade tiveram raízes mais bem consolidadas com a Frente Popular de 1938, alcançando seu ápice com o governo da Unidade Popular. Importa-nos refletir que, não obstante o golpe militar tenha rompido com o crescente imaginário político de transformação no Chile, este persistiu no exílio através da leva de intelectuais e políticos de esquerda que tiveram de abandonar o país. De uma maneira

²³⁸ Ibid, p. 18-63. Tais proposições teóricas do autor já haviam sido apresentadas em SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011, p. 27-84.

²³⁹ Essa ideia também foi sustentada por Rolando Álvarez Vallejos, ao afirmar que o Chile viveu um progressivo processo de aprofundamento da democracia política e social (com vicissitudes), junto com o desenvolvimento de uma ampla influência cultural das forças progressistas e de esquerda. Tais forças tiveram um protagonismo parlamentar e social no país. VALLEJOS, Rolando Álvarez. *Cultura política y represión política: el caso del Partido Comunista de Chile*. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV: EdIPUCRS, 2013, p. 331.

geral, acreditamos que o imaginário de transformação, no contexto da ditadura militar, apresentou-se no exílio por meio de argumentos e práticas que demandaram mudanças políticas e sociais no Chile de modo a possibilitar justiça social, ampliação de direitos, condições democráticas e punição aos crimes cometidos pela ditadura pinochetista.

Pensamos, em confluência com o aporte teórico apresentado no tópico anterior deste capítulo, que o imaginário político de transformação deu suporte ao repertório de representações das culturas políticas socialista e comunista no Chile, presentes nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. A primeira revista, sob uma perspectiva frente-popular baseada no governo de Pedro Aguirre Cerda, mas que ganhou substância a partir dos elementos (ideias, datas e personagens) presentes na Unidade Popular em seu viés socialista-allendista, ou seja, aquilo que representou a “via chilena ao socialismo”; a segunda revista, *Araucaria*, diretamente ligada àquilo que havia de permanência na cultura política comunista, mas acompanhando também as vicissitudes sofridas por ela durante a ditadura. No contexto ditatorial, o principal inimigo de ambas as culturas políticas foi, certamente, Augusto Pinochet.

Junto à resistência à ditadura e, por conseguinte, às Forças Armadas que a compunham, interessa-nos perceber, na construção do editorialismo programático de *Literatura Chilena*, a inclusão, na visão crítica de seus editores, de parte da sociedade civil como corresponsável pelos problemas políticos e econômicos que o Chile atravessava durante a década de 1980. No editorial do número 30 da revista, afirmou-se que “la culpabilidad por los crímenes del régimen corresponde tanto a los que visten uniforme como a los cínicos civiles que forman parte de él [...]”.²⁴⁰ Embora, no texto, os editores tenham feito referência a uma elite financeira e especulativa que teria sustentado e, ao mesmo tempo, se beneficiado das políticas de livre mercado da

²⁴⁰ EDITORIAL. Un paralelo necesario. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 30, 1984, p. 1.

ditadura, em nossa interpretação, tendo por base, novamente, a autora Verónica Valdivia, o grupo social que amparou Augusto Pinochet pode ser ampliado para os gremialistas, que portaram ideologicamente, na sociedade civil, um discurso nacionalista, autoritário, corporativista e altamente anti-esquerdista.²⁴¹ Dessa forma, não apenas uma elite financeira, mas significativas parcelas conservadoras da sociedade do país foram beneficiadas e deram legitimidade à ordem pinochetista.

Como forma de enfrentar a ditadura e promover as produções culturais chilenas do exílio e do Chile, *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* indicou em alguns editoriais, a começar por seu primeiro número, que sua missão seria promover a literatura chilena em uma perspectiva ampla, difundindo colaborações de escritores chilenos importantes, como Ariel Dorfman e Fernando Alegría, por exemplo, mas também de jovens que debutavam na literatura em meio à censura, à repressão política e ao exílio. Em comum, muitos deles, jovens ou consagrados escritores, tiveram o fato de tematizarem, sob distintos aspectos estéticos, sobre a política, em um claro viés de resistência cultural à ditadura militar e ao autoritarismo:

Nuestros lectores han comprobado además que junto a ellos [os escritores reconocidos] han aparecido los nombres de nuevos escritores, muchos de ellos adolescentes, durante el golpe de estado y que ya están dando frutos definitivos. A través de esta tarea estamos demostrando la posición de la intelectualidad chilena, frente a la tragedia de nuestra república.²⁴²

O intuito de promover os trabalhos de novos escritores chilenos, que começaram a produzir em razão das circunstâncias políticas, ganhou ainda mais substância a partir do momento em que a revista passou a se denominar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Embora em *Literatura Chilena en el Exilio* houvesse colaborações de escritores

²⁴¹ VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2015, p. 126.

²⁴² EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, 1980, p. 1.

chilenos jovens de dentro do país, foi em sua segunda fase que eles, sobretudo os de reconhecimento literário ainda incipiente, obtiveram maior espaço na revista. O editorial do número 38, comemorativo de seus dez anos de publicação, fez questão de reforçar essa marca importante da revista, assim como em seu último volume publicado trimestralmente. Neste, David Valjalo realizou uma retrospectiva de *Literatura Chilena* nos onze anos em que circulou no exílio, afirmando que a revista foi instrumento cultural que comportou uma gama variada de escritores chilenos, com preferência para os mais jovens e de distintas militâncias, muito embora não aceitasse, por razões óbvias, aqueles que tivessem algum grau de relação ideológica com a ditadura ou que assim se expressassem em sua literatura:

Suponemos que hemos sido una base en la cual el creador, el artista y el intelectual han tenido una tribuna de expresión, para su creación en sí misma y a la vez representar el pensamiento en oposición a la fuerza. No está demás repetir que con amplitud se ha acogido sin sectarismos a las diferentes escuelas estéticas, a la totalidad de las generaciones, dando preferencia a las últimas, a los autores de las más diversas militancias.²⁴³

Soledad Bianchi, na terceira edição da revista *Araucaria de Chile*, publicou uma resenha na qual analisou *Literatura Chilena en el Exilio* até seu sexto número. A autora chilena destacou a importância da revista no contexto de resistência política e intelectual no exílio, e fez coro ao propósito propalado por *Literatura Chilena* nos editoriais, o de que se prestaria a ser plataforma de divulgação de experimentados e de jovens escritores, sobretudo aqueles que produziam uma literatura de resistência política:

Los poetas y narradores experimentados - y los ya clásicos -, los que nacieron por la necesidad de expresar el momento vivido y aquéllos que, por razones de edad, sólo ahora comienzan a producir, tienen cabida prioritaria en esta revista [...] Vocera y constructora de la unidad, condición básica para la

²⁴³ EDITORIAL. Misión cumplida?. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, p. 1.

derrota de la dictadura, esta publicación testimonia este propósito en la amplitud con que acoge a sus colaboradores.²⁴⁴

Dessa forma, afirmamos que tanto *Literatura Chilena* quanto *Araucaria de Chile* foram plataformas de promoção de escritores comprometidos e, por conseguinte, de uma literatura engajada politicamente, aspectos que buscamos desenvolver na Parte 3, nos Capítulos 4 e 5.

A revista *Araucaria de Chile*, em seu editorial de fundação, apresentou as linhas mestras de seu editorialismo programático que, de fato, sustentariam boa parte de sua trajetória cultural e política no exílio. Nele, enfatizou-se sua missão de se colocar enquanto bem cultural de resistência e oposição à ditadura “fascista” de Augusto Pinochet, afirmando que a iniciativa de criação da revista correspondeu aos anseios de pessoas “de una clara y permanente línea antifascista”.²⁴⁵ Afincada à sua origem comunista, sua resistência consumir-se-ia dentro de uma perspectiva de esquerda revolucionária, e, ainda que ressaltasse sua identidade chilena, seu viés latino-americanista também foi demarcado:

Bien se sabe que Chile no es una isla ni su tragedia combate un accidente ni un caso de excepción en América Latina. Su situación se conecta a los planes del imperio e integra el contexto de un continente donde grandes manchones ilustran el drama común de sus pueblos y sus intelectuales. *Araucaria*, siendo criatura de Chile, forma parte del paisaje andino y de la ecología continental. Mantendrá abierta su puerta para recibir, como a un hermano, el pensamiento revolucionario creador de América Latina.²⁴⁶

Percebemos, então, semelhanças com o editorial de lançamento de *Literatura Chilena en el Exilio*, que, se não demarcou tão explicitamente seu pertencimento às esquerdas (embora o fosse), como o fez *Araucaria de Chile*, buscou associar-se a

²⁴⁴ BIANCHI, Soledad. Literatura chilena en el exilio. *Araucaria de Chile*, n. 3, 1978, p. 224-225.

²⁴⁵ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 6.

²⁴⁶ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 6-7.

“escritores progresistas”,²⁴⁷ muitos deles anteriormente vinculados, de maneira política institucional ou ideológica, ao governo de Salvador Allende.

Araucaria, preocupada com o “apagão cultural”²⁴⁸ pelo qual atravessava o país, bem como com a fragmentação da cultura chilena de dentro - censurada e impedida de se manifestar em plenitude - e a do exílio, destacou que ela trabalharia com o intuito de “frustrar el intento de estrangular en un ámbito cerrado los valores del análisis, de la reflexión, de la crítica para impedir el hiato que se persigue en el movimiento de las ideas”. Trataria, portanto, de contribuir para a continuidade do processo de desenvolvimento dos diversos campos da cultura no Chile anterior ao golpe, convertendo-se em expressão unificadora da intelectualidade chilena dentro e fora das fronteiras. A revista manteve-se, também nesse aspecto, próxima aos objetivos colocados por *Literatura Chilena* em sua fundação, porém, diferentemente dela, não somente contemplaria, como apresentamos, as questões relativas à literatura e às artes, “sino a todas las áreas de la sociedad, de la ideología del saber”. Assim, *Araucaria de Chile* “viene a servir la idea de la unidad de la cultura nacional y la noción de que ella permanece vigente y creadora a pesar del fascismo”.²⁴⁹

No editorial do quarto número, o segundo após o texto de fundação da revista, reforçou-se que os problemas teóricos e práticos da cultura chilena e latino-americana consistiam na preocupação dominante de *Araucaria*, e que seu combate político central era restaurar a convivência pluralista e democrática no Chile. Pregou-se que a revista acolheria em suas páginas os mais amplos setores do pensamento latino-americano antifascista.²⁵⁰

²⁴⁷ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 1.

²⁴⁸ Tratou-se de expressão que carregou o sentido da atroz repressão sobre a cultura chilena nos primeiros anos da ditadura, impedindo sua livre manifestação. Ver SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., 2013.

²⁴⁹ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 6.

²⁵⁰ EDITORIAL. Aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 1.

Para nós, importa-nos compreender de maneira mais específica como se deu a luta política da revista no interior da perspectiva “antifascista”, tendo em conta que o Partido Comunista chileno, nos primeiros anos da ditadura, adotara a linha de “Frente Antifascista”²⁵¹, que teria influído sobre *Araucaria*.

Assim, no editorial de número 11, publicado no terceiro trimestre de 1980, a editoria política de *Araucaria de Chile* fez questão de deixar claro que a revista resultava do pertencimento anterior de seus membros à composição política e partidária da Unidade Popular, esclarecendo-nos um pouco mais com que viés político atuaria no campo antifascista. Nesse texto, foram lembrados positivamente os 10 anos que Salvador Allende ascendeu à presidência chilena, culminando naquilo que os editores da revista entenderam como a “etapa de nuestra historia en que la dignidad de su pueblo, su plenitud moral y espiritual alcanzaron su punto más alto.” Os editores complementaram sua posição sobre a UP, afirmando que se tratou de

experimento político audaz, original, revolucionario en una doble acepción. Fue además una generosa experiencia humanista de nuestro tiempo. No se explicaría, si no, la fascinación, el interés apasionado que suscitó en todo el planeta. Y la indignación y el horror con que se asistió a su derrumbe. Pasarán muchos años más, y la perspectiva permitirá que se convierta en verdad generalizada lo que para nosotros, partidarios de la Unidad Popular, nunca ha dejado de ser una certeza. Se hablará entonces, además, del “tiempo de Salvador Allende”, y nadie dudará tampoco del altísimo sitio que con su gestión política y con su muerte se ganó en la historia de nuestro Continente.²⁵²

Três anos depois, no editorial do número 23, recordou-se novamente a experiência política da Unidade Popular, em razão dos 10 anos da morte de Salvador Allende. Percebamos que *Araucaria de Chile*, em procedimento semelhante ao adotado por *Literatura Chilena, Creación y Crítica* em sua edição de número 25, não relembrou

²⁵¹ VALLEJOS, Rolando Álvarez. *Desde las sombras: una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980)*. Santiago: LOM Ediciones, 2003, p. 17.

²⁵² EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 11, 1980, p. 5.

diretamente o trágico golpe de 1973, mas optou por uma edição de homenagem a Salvador Allende e a Pablo Neruda. Aproveitou-se a data para também propor, em suas páginas, reflexões sobre o processo da experiência chilena para o socialismo. Segundo *Araucaria*, dez anos depois da morte de Allende, foi possível compreender o relevo enorme que foi se adquirindo, na história chilena, a personalidade do ex-presidente socialista, assim como a “trascendencia de los tres años de gobierno de la Unidad Popular, cuyos ecos y alcance son inversamente proporcionales a la brevedad del tiempo vivido”.²⁵³

Aqui, o reconhecimento da importância política do governo de Salvador Allende, por parte de *Araucaria de Chile*, mostrou-se coerente com a atuação do PCCh durante a Unidade Popular. Vale lembrar, portanto, que o partido foi o que mais próximo se manteve, dentre os demais partidos da coalizão, à “via chilena para o socialismo” defendida obstinadamente por Allende, mesmo diante do questionamento por parte majoritária do Partido Socialista, que propunha uma linha mais rupturista e menos institucional/legalista diante do processo revolucionário, propondo avanços que passavam pelo inevitável enfretamento com a direita e a não negociação com a Democracia Cristã no parlamento.²⁵⁴

Afirmar-se como uma revista antifascista e vinculada aos ideais políticos da UP fez com que *Araucaria* produzisse, tal qual *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*, editoriais altamente críticos à ditadura em diversos aspectos. A partir do número 13, tais textos, que nem sempre foram publicados em todas as edições até aquele momento, apareceram sob o epíteto *A los lectores*. Neste e

²⁵³ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, 1983, p. 5.

²⁵⁴ A esse respeito, ver: ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota: Chile 1970-1973*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979; AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002; MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

no editorial publicado na edição 14, a revista dedicou-se a exercer sua oposição à política educacional do governo militar, criticando a privatização do ensino universitário e a municipalização da escola primária na educação básica da população, procedimentos que desincumbiram o Estado da atuação direta nessa área e que estiveram inseridos na lógica neoliberal de um Estado mínimo e subsidiário.²⁵⁵ O que estava por trás das transformações no sistema de ensino primário e superior no Chile era o intento central para a ditadura de refundação do país, como foi percebido e criticado, com outras palavras, pela revista:

Se proponen demoler las bases fundamentales sobre las que ha descansado, en nuestro país, el orden cultural, la posibilidad de una convivencia y un desarrollo democráticos. [...] Pinochet quiere perpetuarse, perpetuar su régimen, y ya no le basta el asesinato simple, segar la vida de algunos miles. Se trata ahora de asesinar espiritualmente a millones, condicionarlos, conformarlos con una situación sin salida, irreversible. Arrebatarnos el presente y el futuro [...].²⁵⁶

Demarcando seu editorialismo programático com argumentos que se situavam no imaginário político de transformação das esquerdas chilenas, a oposição de *Araucaria de Chile* à ditadura se concentrou, essencialmente, na radical discordância da combinação ideológica que sustentou o pinochetismo, nefasta para a maioria da população do país: a lei do mercado e o caráter autoritário da ditadura nas relações com a sociedade. Nesse ponto, constatamos, mais uma vez, a proximidade entre as posições políticas críticas de *Araucaria* e *Literatura Chilena*:

²⁵⁵ A ideia de Estado subsidiário, que atuou com uma política micro, localizada, municipalizada, tentando assistir aos setores mais pobres da sociedade de maneira a vencer a guerra social de valores e crenças empreendida contra as concepções marxistas, ainda fortes na sociedade chilena, encontra-se em estudos da historiadora Verónica Valdivia. Ver, em especial, VALDIVIA, Verónica. Op. Cit., 2015 p. 121-141; VALDIVIA, Verónica. “Estamos en guerra, señores!”. El régimen militar de Pinochet y el Pueblo 1973-1980. *Historia*, n. 43, v. I, p. 163-201, enero-junio 2010. Sobre a ocupação dos militares nas universidades públicas e a privatização do ensino superior no Chile, ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. As políticas universitárias das ditaduras militares do Brasil, da Argentina e do Chile. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 37-60.

²⁵⁶ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 13, 1981, p. 5.

Doble precio, entonces. El precio material (el dinero), que operará como mecanismo de exclusión, relegando al noventa por ciento de los chilenos a la condición de masa semianalfabeta, marginal, inerte. Y el precio ideológico (el fascismo), que procurará complementar aquello con el diez por ciento restante modelado en el culto a las divinidades y mitos de la Escuela de Chicago.²⁵⁷

A veiculação dos valores presentes na cultura política comunista, coerentes com sua proximidade com o PCCh, ocorreu, especialmente, no editorial do número 8 de *Araucaria de Chile*, do último trimestre de 1979, no qual se anunciavam os textos que naquele número estariam dedicados ao poeta comunista Pablo Neruda, por um lado, e à Nicarágua revolucionária, por outro.²⁵⁸ Neste último caso, podemos dizer que, desde a edição anterior, iniciou-se uma série de publicações na revista que buscou analisar a vitória da Revolução Sandinista em 1979. Êça Pereira da Silva afirmou que, ao exercer sua perspectiva latino-americanista, pautada na solidariedade à esquerda entre os países latino-americanos, o processo revolucionário na Nicarágua foi um dos assuntos mais recorrentes na revista. O país, através de ensaios, artigos, entrevistas e poemas, foi tema em pelo menos onze edições da revista.²⁵⁹

Tal interesse não se deu, em nossa visão, apenas pelo calor dos acontecimentos, concomitantes à publicação de *Araucaria*, mas, sobretudo, efetivou-se em razão de que a experiência revolucionária nicaraguense, amparada na luta armada e de ruptura com décadas de ditadura somozista, constituiu-se como modelo, na perspectiva da esquerda comunista, para a reversão da situação política ditatorial no Chile. Em outras palavras, tratou-se da experiência de revolução latino-americana mais concreta, junto à Revolução Cubana, no sentido de ser possível pensar em uma mobilização popular

²⁵⁷ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 5.

²⁵⁸ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1979, s.p.

²⁵⁹ SILVA, Êça Pereira da. Op. Cit., p. 161.

visando a realização de transformações sociais e políticas para o Chile autoritário e neoliberal.²⁶⁰

As evidências de seu editorialismo programático foram se construindo e se apresentando mais nítidas com o transcorrer das publicações. Na 17ª edição, publicada no primeiro trimestre de 1982, *Araucaria* homenageou o Partido Comunista chileno com vários textos ao longo de suas páginas. No editorial, procurou-se, inicialmente, denunciar o ódio internacional incitado aos comunistas, para, enfim, postular-se como um impresso comunista e render homenagem aos 60 anos do partido no Chile. Embora em seu editorial tivesse se expressado de maneira a se colocar independente politicamente e aberta à gama de “pensamentos antifascistas”, mesmo aqueles com os quais ela pudesse discordar,²⁶¹ a revista, em meio à mudança de posição do PCCh no que tange à resistência à ditadura, afinava cada vez mais seu discurso com o que propagava essa agremiação política a qual estava diretamente ligada.

Na revista *Literatura Chilena*, esse tipo de edição comemorativa para homenagear o Partido Comunista chileno - ou qualquer outra agremiação política - não foi concebida, nem sequer mencionou-se a respeito em alguma de suas seções. Tratou-se de um indicativo interessante de distinção entre as duas revistas no que concerne à composição de seus editoriais.

Podemos pensar, portanto, que, se, em um primeiro momento, *Araucaria de Chile* não demonstrou ser uma revista que respondia explícita e fielmente aos ditames do Partido Comunista de Chile, a partir das reflexões sobre a adoção, pelo PCCh, da *Política de la Rebelión Popular de Masas* (PRPM), ela apresentou editoriais que em

²⁶⁰ Em um artigo, procuramos desenvolver análises das representações das revoluções cubana e sandinista pelos colaboradores de *Araucaria de Chile*, buscando aproximar tais publicações em suas páginas à linha política comunista da revista na luta contra a ditadura chilena. Ver COELHO NETO, Raphael. As representações sobre as revoluções cubana e sandinista na revista exílica *Araucaria de Chile* (1978-1990). *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*, México: UNAM, CIALC, n. 61, 2015, p. 157-184.

²⁶¹ EDITORIAL. A los lectores. Anticomunismo y un aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 17, 1982, p. 7.

muito se aproximaram das diretrizes políticas de resistência à ditadura postuladas pelo partido. Não sem antes provocar debates em seu interior, devemos esclarecer que, em 1982, a direção do PCCh teria entrado em consenso a respeito da forma de luta contra a ditadura no Chile, adotando a PRPM. Segundo Rolando Álvarez Vallejos, esse “radicalismo de masas”, a partir do qual o PCCh buscou reunir toda a militância comunista, viveu seu apogeu entre os anos de 1983 e 1986, período no qual teve vigência no Chile as *Protestas Nacionales*, série de mobilizações sociais ocorridas contra a ditadura pinochetista.²⁶²

Iniciada no dia 11 de maio de 1983 a partir da convocação da Confederação dos Trabalhadores de Cobre (CTC), as *Protestas* foram paulatinamente mobilizando amplos setores da sociedade civil chilena, insatisfeitos com a ausência de diálogo, com a lógica da repressão e com a desestruturação social e econômica provocada pela política-econômica neoliberal do Estado autoritário. Como defendeu Eugenio Tironi, as *Protestas* podem ser interpretadas como expressão “del desconcierto que produjo el agotamiento de la modernización liberal”, que se produziu com a crise econômica de 1983, culminando na ruptura momentânea, por parte do governo militar, com a ortodoxia monetarista e livre-cambista dos *Chicago Boys*.²⁶³

Manuel Antonio Garretón expôs que a crise do modelo transformador da ditadura militar existiu desde 1981, quando começou a fracassar o projeto econômico neoliberal, embora atingisse seu auge com as *Protestas*. Segundo o autor, a conjuntura de crise teria acarretado a fragmentação do bloco civil de apoio à ditadura, o isolamento do governo militar e um descontentamento crescente de setores médios, condições que

²⁶² VALLEJOS, Rolando Álvarez. ‘Aun temos pátria, ciudadanos’: el partido comunista de Chile y la salida no pactada de la dictadura (1980-1988). In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, v. II, 2008, p. 38.

²⁶³ TIRONI, Eugenio. *Autoritarismo, modernización y marginalidad: el caso de Chile (1973-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1990, p. 27-28.

revigoraram a mobilização popular e favoreceram a emergência pública dos partidos políticos.²⁶⁴

Devemos esclarecer que a atuação de todos os partidos políticos de esquerda durante a ditadura no Chile deu-se de maneira clandestina. A partir de 1983, com a instabilidade econômica e as *Protestas Nacionales*, o governo Pinochet iniciou uma relativa abertura política, embora as restrições ao debate público permanecessem e a violência de Estado convenientemente retornasse a cada mobilização social no espaço público, demarcando seu controle sobre a população. Essa conjuntura ensejou uma participação mais ativa dos partidos políticos, através das alianças pluripartidárias. Notabilizou-se, nesse sentido, a *Alianza Democrática*, lançada oficialmente em agosto de 1983 e que tinha em seu interior, com maior peso, a Democracia Cristã, contando ainda com a presença do Partido Socialista-Núñez, com o Movimiento de Acción Popular Unitaria – obrero-campesino (MAPU-MOC) e com setores minoritários da direita e do centro. Também surgiu, em setembro do mesmo ano, o *Movimiento Democrático Popular* (MDP), bloco com perfil político mais à esquerda, comportando partidos como o Partido Comunista, o Partido Socialista-Almeyda, o Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e setores do MAPU.²⁶⁵ O retorno efetivo e a atuação dos partidos políticos, tanto aqueles que já existiam, especialmente os de esquerda,

²⁶⁴ GARRETÓN, Manuel Antonio. Mobilizações populares, regime militar e transição para a democracia no Chile. *Lua Nova*, São Paulo, n° 16, março de 1989, p. 91.

²⁶⁵ Nesse aspecto, ver GARRETÓN, Manuel Antonio. Op. Cit., p. 87-102, março de 1989; FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Ditadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível* (1973-1989). Franca: UNESP, 1998. Durante o exílio, o Partido Socialista sofreu algumas rupturas, provocando o surgimento de frações políticas em seu interior. A mais significativa dessas rupturas ocorreu em 1979, dividindo o partido em dois grandes blocos. Por um lado, existiu a ala, liderada por Carlos Altamirano, que representou a aproximação dos socialistas chilenos exilados com redes de socialistas-democráticos na Europa Ocidental e com o revisionismo doutrinário da “renovação socialista”, promovendo um distanciamento com os socialismos reais do leste europeu. Altamirano cedeu sua dirigência política a outros líderes, que deram nome a essa corrente: PS Núñez (Ricardo Núñez) e PS Arrate (Jorge Arrate). Por outro lado, o bloco mais próximo ao socialismo real, com formas leninista de organização partidária e que propunha estratégias de aliança com o PCCh, ficou sob a liderança de Clodomiro Almeyda – PS Almeyda. MUÑOZ TAMAYO, Víctor. El Partido Socialista de Chile y la presente cultura de facciones. Un enfoque histórico generacional (1973-2015). *Revista Izquierdas*, Santiago, n. 26, enero 2016, p. 227-228.

tornados ilegais após o golpe, bem como os que foram criados durante a ditadura militar, estes de direita, como a *Unión Democrática Independiente* (UDI), partido com influências ideológicas dos gremialistas, estiveram condicionados à Lei dos Partidos de 1987, imposta pelo governo pinochetista. Com ela, o Estado ditatorial, já em um processo lento e restrito de transição à democracia, embora com a permanência de enclaves autoritários, buscava institucionalizar e regulamentar a atuação das legendas.²⁶⁶

As *Protestas Nacionales*, no geral, contaram com a participação de sindicatos, partidos políticos, estudantes universitários, parte da classe média e do empresariado, e dos *pobladores* (segmento social marginalizado, de renda econômica baixa e que certamente mais sofreu com o neoliberalismo chileno). Fabiana de Souza Fredrigo argumentou que o imaginário libertário e anti-sistêmico suscitado nas *Protestas Nacionales* foram essenciais para a revitalização da sociedade civil chilena no que se refere “à retomada de ação e à reconquista de um espaço para a prática da resistência”.²⁶⁷ Dado o processo de despolitização da sociedade no Chile imposto pela ditadura, a série de mobilizações foi responsável pela rearticulação social e política de setores da população, o que provocou a necessidade de se viabilizar formas de acordo ou enfrentamento com o Estado.²⁶⁸

A revista *Araucaria de Chile*, em editorial, saudou o início do intenso ciclo de mobilização popular contrário à ditadura de Augusto Pinochet, afirmando que

diez años después, el pueblo chileno ha encontrado los cauces adecuados para su protesta. Una sucesión de Jornadas Nacionales que van agrupando a

²⁶⁶ Para o entendimento acerca da dinâmica de atuação dos partidos de direita, de centro e de esquerda, antes e durante a ditadura, com projeções a respeito do processo de redemocratização, sugerimos GARRETÓN, Manuel Antonio. *Partidos, transición y democracia en Chile*. Santiago: FLACSO, n° 443, 1990.

²⁶⁷ FREDRIGO, Fabiana de Souza. Op. Cit., p. 122.

²⁶⁸ Ibid, p. 63-64.

núcleos más y más amplios de la población, que aumentan en audacia, que derriban las barreras finales del miedo y del hielo, que marcan el principio del fin del gran responsable de la peor década de desastre vivida por nuestro país.²⁶⁹

Nesse contexto, dissonante frente aos demais partidos que optaram por um certo diálogo, ainda que escasso, com o governo pinochetista, o PCCh (nesse aspecto, também o MIR), com seus quadros marcados pelo exílio ou pela clandestinidade,²⁷⁰ adotou, como dissemos, o enfrentamento direto contra a ditadura, negando qualquer possibilidade de negociação com Pinochet. A *Frente Patriótico Manuel Rodríguez* (FPMR) foi criada para organizar o aparato armado do Partido Comunista, a fim de se consumir sua oposição insurrecional.²⁷¹ Após intensos debates entre a cúpula do PCCh, a externa, referente aos membros da direção do partido que viviam no exílio, dentre eles o Secretário-geral da legenda, Luis Corvalán,²⁷² e o diretor de *Araucaria de Chile*, Volodia Teitelboim, e a interna, que compreendia aqueles que viviam clandestinamente no Chile, como a líder Gladys Marín, optou-se por adotar, não obstante a objeção inicial dos que viviam no exílio, a luta armada como parte das estratégias de enfrentamento à ditadura.²⁷³ Nas palavras de Álvarez Vallejos,

²⁶⁹ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, 1983, p. 5.

²⁷⁰ Sobre a experiência clandestina dos militantes comunistas no Chile durante os anos 1970, o que em muito contribuiu para o desenvolvimento das teses insurrecionais no interior do PCCh, ver VALLEJOS, Rolando Álvarez. *Desde las sombras: una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980)*. Santiago: LOM Ediciones, 2003.

²⁷¹ VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2008, p. 39.

²⁷² Luis Corvalán foi Secretário-geral do PCCh (cargo máximo da direção do partido) entre 1958 e 1989. Com o golpe, após passar mais de 3 anos preso nos “campos de concentração” Dawson, Ritoque e Tres Alamos, exilou-se em dezembro de 1976 em Moscou, na URSS. Retornou definitivamente ao Chile em 1988. Ver CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado: memorias*. Santiago: LOM Ediciones, 1997.

²⁷³ A esse respeito, também esclareceu Olga Ulianova. Segundo ela, alguns comunistas no exílio estavam contra a ideia militarista, como Orlando Millas. Contudo, embora oscilante, o dirigente máximo do partido, Luis Corvalán, pendeu à opção da violência política como forma de luta, retornando clandestinamente ao Chile para atuar por um tempo junto à direção interna, liderada por Gladys Marín. Assim, a nova estratégia se impôs no Partido Comunista chileno. ULIANOVA, Olga. El exilio comunista chileno. *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 39, n. 2, jul./dez. 2013, p. 227. Sobre o exílio da direção comunista chilena na URSS, ver, além de Ulianova: ORELLANA, Carlos. Op. Cit., 2002, p. 86-137.

desde el punto de vista del debate interno, en 1982 aparentemente amainó la tormenta provocada por las diferencias entre interior y el exterior. [...] Por ello, es posible afirmar que 1982 fue el año de la instalación de la nueva política comunista, llamada de “Rebelión Popular de Masas” [PRPM] desde fines de 1981. [...] La PRPM era un elemento estratégico, que contiene también elementos tácticos, políticos y político-militares.²⁷⁴

Luis Corvalán afirmou que os protestos no Chile contra a ditadura militar pinochetista “confirmaron la certeza de la política propiciada por el Partido Comunista en el sentido de combatir a la dictadura por todos los medios, tomando el camino de la rebelión”.²⁷⁵ A afirmação de Corvalán inseriu-se na interpretação majoritária do partido de que as *Protestas Nacionales* ensejavam condições reais pré-revolucionárias, que somente pelo conflito, aprofundando as táticas militares, poderiam levar à derrubada de Augusto Pinochet. De acordo com Rolando Álvarez Vallejos, no Chile da década de 1980, sobretudo a partir de 1983, com a adoção da *Frente Patriótico Manoel Rodríguez*,

del encuentro entre la tradición y la renovación, surgió una cultura política [comunista] que hemos llamado ‘radicalismo de masas’, es decir, una forma de vivir la militancia política que adoptó el tradicional apego a una lucha de masas de manera pragmática, muchas veces escasamente política, con las necesidades de las tareas militares.²⁷⁶

Faz-se premente retomar que a posição radicalizada do Partido Comunista chileno, durante a década de 1980, transformou profundamente sua linha e prática políticas traçadas tradicionalmente até o final da década de 1970, em que se priorizara, continuamente, a perspectiva de alianças amplas, frente-popular, de coalização esquerdista, similar à própria linha política adotada pela UP desde sua formação em 1969. Até por adotar uma posição mais conciliatória e de diálogo com setores

²⁷⁴ VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2008, p. 38.

²⁷⁵ CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado (memórias)*. Santiago: LOM Ediciones, 1997, p. 209.

²⁷⁶ VALLEJOS, Rolando Álvarez. ‘Aun temos pátria, ciudadanos’: el partido comunista de Chile y la salida no pactada de la dictadura (1980-1988). In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, 2008, p. 39.

progressistas diversos, o PCCh foi frequentemente julgado por outras legendas políticas, como o MIR e setores importantes do PS, como um partido reformista, distante, portanto, de uma veia verdadeiramente revolucionária.²⁷⁷

No entanto, essa posição radical, tradicionalmente utilizada pelo MIR e que se inseriu no repertório de discursos e práticas do PCCh, acabou por ser derrotada. Prevaleceu a união de partidos de centro-esquerda - reunidos na *Alianza Democrática* -, que resultou na criação, após o plebiscito de 1988,²⁷⁸ da *Concertación de Partidos por la Democracia*, responsável pelas negociações com a ditadura em busca de soluções político-institucionais para o retorno à democracia.

O editorial da 15ª edição de *Araucaria de Chile*, publicado em 1981, foi o primeiro a apresentar, de maneira mais clara, o direito de resistência defendido pela revista, amparado na defesa da legítima rebelião da população chilena, afetada duplamente pela pobreza econômica e pela violência da ditadura. Antes de argumentar nesse sentido, o editorial apresentou números da violência do Estado chileno, contestando possíveis argumentos de arrefecimento da repressão ditatorial durante os anos 1980. A revista citou o boletim publicado por uma Comissão de Direitos Humanos, sem especificar sua vinculação institucional, intitulado *Represión en Chile* –

²⁷⁷ Para aprofundamento nessa discussão, ver capítulo 2 de VALLEJOS, Rolando Álvarez. *Desde las sombras: una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980)*. Santiago: LOM Ediciones, 2003, p. 35-53. Ver também: VALLEJOS, Julio Pinto. *Hacer la revolución en Chile*. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.) *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 9-33; CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución: la izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo” (1956-1970)*. Santiago: LOM Ediciones, 2010.

²⁷⁸ O plebiscito realizado em 5 de outubro de 1988, no Chile, previsto pela Constituição chilena de 1980, no qual se deveria decidir pela permanência ou não de Pinochet por um novo período de 8 anos, deu vitória ao *No* e iniciou no país o processo de transição para a democracia. Eleições foram convocadas para o ano seguinte, e Patricio Aylwin, candidato da oposição unida, *Concertación de Partidos por la Democracia* (com exceção do PCCh e do MIR), as venceu, tornando-se o primeiro presidente chileno eleito após o golpe de 1973, assumindo a presidência do país em março de 1990. Para maiores informações sobre o plebiscito de 1988, as eleições de 1989 e o processo de redemocratização no Chile, ver GARRETÓN, Manuel Antonio. *A redemocratização no Chile: transição, inauguração e evolução*. *Lua Nova*, São Paulo, nº 27, p. 59-92, 1992.

Marzo de 1981, para levantar alguns números referentes à atuação repressiva da ditadura apenas no mês de março daquele ano:

Detenidos por el CNI [Consejo Nacional de Inteligencia] (con allanamiento): 26 personas; detenidos sin cargo: 2; detenidos en actos públicos: 45; detenidos por infracción a la Ley de Seguridad Interior del Estado: 4; procesados por infracción a la misma ley: 9; condenados por el mismo delito: 1; relegados y confinados: 8; asilados: 2; expulsados del país: 8; etc., etc.²⁷⁹

Esses números foram colocados em um contexto de repressão e instabilidade econômica vivida pela ditadura, conjuntura que fez crescer gradativamente a insatisfação popular de distintos setores da sociedade contra o pinochetismo, sobretudo os mais empobrecidos. Em meio aos protestos constantes, a ditadura justificava sua violência diante da sociedade como resposta às ondas de ataques insurgentes da população. *Araucaria de Chile*, então, questionou tais argumentos, afirmando que a violência contida nas forças de segurança do Estado manteve-se constante desde o início da ditadura, como estratégia de um governo antidemocrático e “fascista”. No editorial, lançou-se a seguinte questão, após as estatísticas levantadas:

¿Es necesario proseguir la enumeración para probar que el rasgo dominante de la vida chilena de hoy es el de la violencia? Creemos que no. Como no creemos tampoco necesario demostrar que no es el pueblo quien ha desencadenado la violencia, que no es el pueblo quien la provoca. No la ha provocado ni la ha buscado. Lo que no quiere decir que no pueda recurrir a

²⁷⁹ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, 1981, p. 5. Loreto Rebolledo González afirmou que a forte repressão política da ditadura existiu não apenas na década de 1970, mas ao longo de toda a década de 1980. Em suas palavras, “para el año 81 aparecen grupos o comandos secretos que ejecutan a disidentes políticos. El año 84 se reinstala el Estado de sitio ante el aumento de las movilizaciones y protestas callejeras. En 1985 se produce una serie de muertes ante presuntos enfrentamientos y se practican diferentes formas de amedrentamiento [...]. El año 86, posteriormente al fracasado atentado a Pinochet [por miembros da *Frente Patriótica Manuel Rodríguez*], recrudece la represión. Se producen redadas y allanamientos masivos a poblaciones. Son asesinados profesionales vinculados al partido comunista y al MIR. Tres sacerdotes católicos de origen francés son expulsados del país. En 1988, año del plebiscito en que gana la opción NO, hay 33 personas asesinadas. Las detenciones y maltratos a los detenidos llegan hasta el año 90”. REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loreto, Op. Cit., 2003, p. 102-103. Ver também DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 104-106.

ella, llegado el caso. [...] Rebelarse, ¿es legítimo o no hacerlo? Claro que es legítimo hacerlo.²⁸⁰

É possível destacar, portanto, que, assim como *Literatura Chilena*, a revista *Araucaria de Chile* procurou sistematicamente confrontar os discursos e a posição oficial do governo Pinochet. Contudo, não por acaso, em *Araucaria de Chile*, e não em *Literatura Chilena*, ganhou vazão em suas páginas a mudança na linha política do Partido Comunista de Chile.

A partir da edição de número 33, publicada no primeiro trimestre de 1986, *Araucaria de Chile* começou a veicular editoriais que, de maneira recorrente, apresentavam clara conexão com as diretrizes insurrecionais-militaristas elaboradas e levadas a cabo pelo PCCh.²⁸¹ Os editores da revista não hesitaram em criticar veementemente uma suposta saída pactuada entre a oposição e a ditadura, fazendo menção às tentativas de diálogo, visando a transição à democracia, empreendidas por certos segmentos políticos moderados, pertencentes ao bloco da *Alianza Democrática*. Sob o título *Lo que esperamos de 1986*, o texto ironizava a possibilidade de um suposto acordo nacional entre a oposição e Pinochet, argumentando que “ni de cerca ni de lejos” realizaria uma “búsqueda de consenso con quien, justamente, ha desencadenado la necesidad de concertarse para derribarlo”. Assim, segundo o editorial, buscando realizar uma leitura conjuntural amparada na pontencialidade revolucionária e insurgente da população, sobretudo das *poblaciones*, demonstrada a cada manifestação contra o pinochetismo, afirmou-se que

²⁸⁰ Ibid, p. 5.

²⁸¹ Dentro do ciclo de *Protestas*, o chamado “Paro Nacional” de 29 e 30 de outubro de 1984 marcou, segundo Álvarez Vallejos, um ponto de inflexão para o PCCh. A partir desse acontecimento, avaliado como exitoso do ponto de vista da mobilização que provocou, prevaleceu, definitivamente, no interior da direção do partido, a tese insurrecional e de sublevação nacional para derrubar a ditadura, aventada desde 1980. VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2008, p. 45.

el diálogo con el dictador es peor que un error: es una estupidez y roza de cerca, por decirlo serenamente, la traición. Un acuerdo no es ni más nacional ni más democrático porque proponga una retórica que, supuestamente, no despertará resistencias en el interior de las Fuerzas Armadas. Esto es sólo una ilusión. La conducta del ejército la definirá la dinámica de la lucha social; los militares saben, más que nadie, que las batallas las ganan los que disponen de mayor poder de fuego, lo que debe entenderse también en términos de "correlación de fuerzas políticas y sociales". [...] No puede ser verdaderamente nacional y tampoco democrático, un acuerdo que no tenga en cuenta con un mínimo de signo positivo la existencia en la vida política de Chile de corrientes que corresponden a realidades históricas probadas y profundas. El movimiento popular no es una entelequia, nadie lo ha fabricado en un laboratorio [...]. Descalificarlo [bajo el] pretexto de sus tendencias "antidemocráticas" es, devolviendo al acusador la acusación, "hacerle el juego a la dictadura".²⁸²

Dois números depois, *Araucaria* voltou a apresentar retórica muito similar em seu novo texto de abertura. Defendeu-se o direito de rebelião da sociedade chilena em relação à ditadura, legitimando sua ação como uma resposta necessária e eficaz à violência sofrida por ela desde 1973. Mais uma vez, respondendo às críticas que o PCCh recebia à época, direcionou seu recado crítico à oposição moderada – infere-se, em especial, à Democracia Cristã - e sua equívoca estratégia dialógica e consensual, na visão da revista:

Trece años son muchos años y mucho el dolor acumulado, y es natural que el pueblo decida que esta situación no puede seguirse tolerando. Quienes dicen abominar de la violencia, deberían meditar sobre la responsabilidad política y moral que les cabe en los esfuerzos de concertación.²⁸³

Os argumentos de franca discordância de *Araucaria de Chile* giravam em torno da iniciativa da oposição, chamada por ela de centro-direita, em derrotar Pinochet pela via institucional, tendo por base as eleições livres. A revista não concordava com esse jogo político estabelecido, aparentando uma situação político-social democrática, quando, na verdade, viviam-se condições anômalas, marcadas por relações autoritárias e

²⁸² EDITORIAL. A los lectores. Lo que esperamos de 1986. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 33, 1986, p. 5-6.

²⁸³ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 35, 1986, p. 5.

violentas. Os editores da revista sustentavam que não deveria haver negociações com um governo que feriu sistematicamente os direitos humanos com prisões sumárias, torturas, desaparecimentos e mortes em todos os segmentos da sociedade chilena. Diante dessa interpretação, propunha-se a derrubada imediata do ditador, aproveitando-se das energias subversivas sociais apresentadas nas *Protestas*.²⁸⁴

Tratava-se de um pensamento presente em *Araucaria de Chile* que reproduzia as elaborações teóricas do PCCh naquele momento, baseadas na interpretação, como dissemos, de que o contexto sociopolítico chileno apresentava as condições necessárias para a derrubada de Pinochet através de uma sublevação nacional. O nível de combatividade das massas populares, com certa dose de violência, demonstrado, sobretudo, no *Paro Nacional* de outubro de 1984, fez com que o comitê central do Partido Comunista chileno concluísse, em informe oficial lançado naquele mesmo ano, que amadurecia rapidamente no Chile “una situación revolucionária”, pois desenvolviam-se elementos fundamentais que a caracterizavam.²⁸⁵

Na edição de número 41, do primeiro trimestre de 1988, mencionou-se a organização de partidos na campanha pelo *No*, no plebiscito que decidiria, em outubro daquele ano, pela permanência ou não de Pinochet por mais oito anos como presidente do Chile. Os editores de *Araucaria* referiram-se à *concertación* pelo *No* de maneira crítica, embora não a negando completamente, afirmando que não bastaria a reunião de políticos em torno dessa campanha se não estivesse aliado a isso a necessária ação e mobilização social contra Pinochet. A tese defendida continuava a ser a do incitamento à desobediência civil, provocando a ingovernabilidade do país, pois havia ainda

²⁸⁴ Além das edições analisadas, essa posição apareceu ainda nos editoriais dos números 34, 36, 37 e 39.

²⁸⁵ VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2008, p. 48.

un Chile [...] con sus dramas y sufrimientos reales que no puede darse por inexistente o mucho menos superado. La dictadura sigue siendo la dictadura, Pinochet no ha renunciado [...] al ejercicio del terror, y las prácticas criminales fascistas [...] no son cosas [...] que sólo cuenten como recuerdos del pasado.²⁸⁶

No número seguinte, com uma posição menos beligerante, mas sem abandonar de todo a posição estratégica de acirramento dos confrontos contra a ditadura, *Araucaria de Chile*, novamente fiel às posições do Partido Comunista, aderiu de maneira crítica à unidade em torno da *Concertación de Partidos por el No*. Ainda que estivesse cética à própria realização do plebiscito de 1988, *Araucaria* propôs, em caso de vitória do *No*, para além da união entre os partidos da oposição, que se aprofundasse o processo de mudanças visando a transição para a democracia, e que isso se realizasse sem acordos com as Forças Armadas.²⁸⁷

Como alternativa de poder, o editorial publicado no número 23 da revista já apresentava, citando documento oficial do PCCh, lançado em 1982,²⁸⁸ que o caminho de transformações para o Chile seria longo, na medida em que o objetivo não era apenas “derrocar al fascismo”, mas também “generar un poder democrático y popular que garantice los derechos de todos los trabajadores, entre ellos los de la cultura”.²⁸⁹

Dessa forma, após a análise dos argumentos suscitados nas revistas, a defesa da formação de uma frente ampla de esquerda e antifascista no enfretamento da ditadura pareceu ter sido muito mais uma posição sustentada nos editoriais da revista *Literatura Chilena* do que em *Araucaria de Chile*, em que pese que, em um primeiro momento, esta tenha adotado discurso similar. Fernando Alegría e David Valjalo, assim como

²⁸⁶ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 41, 1988, p. 5.

²⁸⁷ EDITORIAL. A los lectores. Las alternativas del “No”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 7.

²⁸⁸ O mencionado documento foi denominado *Un pueblo en el combate: llamamiento a los intelectuales comunistas chilenos a los escritores y artistas, a los académicos y estudiantes, a los profesionales y técnicos, a los comunicadores sociales y trabajadores de la cultura*, lançado para circulação em Santiago no ano de 1982, período em que cresciam as manifestações contrárias à ditadura e que começava a ganhar corpo a política de *Rebelión Popular de Masas* do PCCh. No tópico a seguir, voltaremos a esse documento oficial do partido, divulgado por *Araucaria*.

²⁸⁹ EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 21, 1983, p. 5.

Volodia Teitelboim, foram intelectuais que fizeram parte da Geração de 1938, que, como é notório, representou, no campo literário, as mudanças e as perspectivas sociais e políticas que despontavam no Chile, no final dos anos 1930, com o governo de Pedro Aguirre Cerda, da Frente Popular. No entanto, somente em *Literatura Chilena*, em sua segunda fase, percebemos uma filiação ou, porque não dizer, uma reivindicação de certa herança ideológica desse período, ajundando a compor seu editorialismo programático. *Araucaria de Chile*, embora em seus primeiros editoriais, assim como através do seu diretor, tenha reivindicado uma militância antifascista e a favor da democracia, portanto sem sectarismos políticos,²⁹⁰ o que se depreendeu de fato foi que ela se vinculou, estreitamente, às políticas de resistência insurrecional à ditadura adotadas pelo PCCh durante a década de 1980. Ainda assim, em razão de ter sido uma revista cultural e política ampla, tendo recebido a contribuição de intelectuais chilenos e latino-americanos de distintas posições políticas à esquerda, seria forçoso afirmarmos que se tratou apenas de um impresso porta-voz do Partido Comunista chileno no exílio.

Críticas a posições políticas sectárias na luta contra a ditadura foram apresentadas enfaticamente por *Literatura Chilena*, e não por *Araucaria de Chile*. Em editorial publicado no número 35, que saiu no primeiro trimestre de 1986, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, sem citar explicitamente algum partido, questionou determinadas tendências políticas que, em sua visão, prejudicariam a unidade de oposição à ditadura de Augusto Pinochet. A julgar pelo contexto de publicação dessa edição, acreditamos ser plausível inferir que a mensagem pode ter sido direcionada ao PCCh, ao se afirmar que a “indispensable unidad no se produce por los obstáculos provocados por determinadas tendencias políticas, que esperan (en un futuro que estiman cercano) capitalizar doctrinariamente” setores da sociedade chilena.

²⁹⁰ TEITELBOIM, Volodia. “Araucaria de Chile” en Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 188.

Argumentou-se que “una forma de cambio - la que espera la totalidad de la ciudadanía - no puede estar sujeta a mezquinos intereses partidarios”, e que, portanto, impunha-se a necessária unanimidade de critérios a serem adotados para a total unidade de ação política.²⁹¹

No entanto, ao contrário de *Araucaria de Chile*, que deixou clara sua opção política pela resistência insurrecional, em *Literatura Chilena* os editores não apresentaram argumentos mais esclarecedores de como desejavam a união contra Pinochet. Limitaram-se a acusar interesses específicos de determinados opositores de Augusto Pinochet que, por meio de “actitudes divisionárias e irresponsables conducen solamente a desorientar a la ciudadanía”, ao invés de contribuir para a união através de “crérios cívicos”, visando a democracia representativa,²⁹² mensagem que, novamente, pode ter sido destinada às opções políticas de franca e violenta ruptura com a ditadura.

Durante o ciclo de *Protestas*, a posição de *Literatura Chilena, Creación y Crítica* foi claramente mais moderada do que a de *Araucaria de Chile*, ainda que não tenha se furtado a críticas sistemáticas a Pinochet, como apresentamos. Os argumentos colocados pela revista sugeriam a renúncia do ditador chileno em face das incipientes, porém importantes, manifestações contrárias a seu governo:

Es necesario que se decidan a abandonar su automandato, antes que la indignación y el hambre colectivos promuevan acontecimientos que evitamos mencionar. Ciertamente esta renuncia que exigimos no haría olvidar nada del pasado mas reciente, ni el sanguinario comportamiento de las fuerzas armadas en su conjunto. Tampoco podría detener el sereno enjuiciamiento y castigo al que, tarde o temprano, tendrán que someterse.²⁹³

Ideia similar foi veiculada no editorial da 29ª edição, cujo título, não por acaso, foi o mesmo do editorial do número supracitado da revista. Em meio à “completa crisis

²⁹¹ EDITORIAL. Una forma de cambio. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 35, 1986, p. 1.

²⁹² EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 39, 1987, p. 1.

²⁹³ EDITORIAL. Basta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 21, 1982, p. 1.

del régimen – economía rota con su secuela de la cesantía masiva o los sueldos de hambre, la paralización de la producción de la industria nacional”, existiriam motivos suficientes “para dar por terminado su mandato [de Pinochet]”.²⁹⁴

Ainda que com uma proposição de renúncia que beirava certa “inocência” por parte do editor da revista, visto que, dada a sustentação do pinochetismo, dificilmente tal solução poderia ter ocorrido, o que depreendemos desses dois últimos editoriais foi que *Literatura Chilena* vislumbrou uma saída menos trágica e rupturista para a ditadura e, por que não pensar, para a história política chilena. Ao constatar a crescente oposição à ditadura representada pelas *Protestas Nacionales* e a existência de focos de insurreição armada planejada pela Frente Patriótica Manuel Rodríguez, o que poderia incorrer em acontecimentos trágicos inclusive para o ditador,²⁹⁵ sugeriu-se a sua saída, mas sem que essa solução o eximisse, de forma alguma, dos crimes contra os direitos humanos cometidos pelo seu governo. Interpretações baseadas na defesa do direito de resistência insurrecional e armada à ditadura, portanto, não foram de modo algum difundidas na revista *Literatura Chilena*.

Apesar das relevantes diferenças dos editorialismos programáticos de *Araucaria de Chile* e de *Literatura Chilena*, as duas revistas estiveram unidas, acima de tudo, na resistência à ditadura e no retorno à democracia. Quando do surgimento de *Araucaria*, Carlos Orellana enviou uma carta informando sobre o primeiro número da revista à direção de *Literatura Chilena en el Exilio*, que a publicou em sua 6ª edição, na seção *Libros*. Dizia-se que ambas eram “inequivocamente hermanas de la misma causa”, pois disparavam “contra el mismo objetivo”, e que competia a elas “encender luces para

²⁹⁴ EDITORIAL. Basta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 1.

²⁹⁵ Para não dizer que os editores de *Literatura Chilena* alardeavam uma situação hipotética sem qualquer fundamento, lembramos que no dia 7 de setembro de 1986, Pinochet sofreu um atentado que por muito pouco não lhe tirou a vida, promovido por membros da Frente Patriótica Manuel Rodríguez. Rolando Álvarez Vallejos menciona brevemente esse fato. VALLEJOS, Rolando Álvarez. Op. Cit., 2008, p. 49.

desentenebrece el ‘apagón cultural’”. Orellana encerrou a missiva reforçando que a tarefa de ambas seria “complementaria, de ayuda mutua, de cooperación”.²⁹⁶ Em crônica sobre os dois anos de *Araucaria de Chile*, Carlos Orellana referiu-se à posição de Fernando Alegría sobre a publicação dessa revista no exílio:

Dos años. Nos saludan. Fernando Alegría nos dice en una comunicación: “Tribuna valiente y visionaria, sobria y audaz, al mismo tiempo, *Araucaria* señala el camino a los patriotas del exilio y de la resistencia. [...] Saludo su gallardía, su prestancia y nobleza en la profundidad de su ataque contra el fascismo y en defensa del patrimonio cultural de Chile. *Araucaria* tiene vigencia donde quiera que se luche por la libertad y el respeto a los derechos humanos [...]”.²⁹⁷

Ao completar 10 anos de publicação, David Valjalo festejou a longevidade de *Araucaria de Chile* em seu trabalho de resistência cultural no exílio, destacando o espaço concedido, nas páginas da revista, à criação literária e à política.²⁹⁸

Como se constata, as duas revistas saudaram inequivocamente a existência uma da outra, afirmando de maneira recíproca a importância de seus projetos culturais e políticos na resistência à ditadura desde o exílio. Uma divulgava a outra em suas páginas finais, com breves informações sobre seus diretores e editores, as editoras que as publicavam, endereço de suas sedes e valores de assinaturas. Ademais, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* possuíram muitos colaboradores em comum. Os principais críticos, poetas e narradores chilenos exilados publicaram frequentemente nas duas revistas: Volodia Teitelboim, Fernando Alegría, Jaime Concha, Juan Armando Epple, Soledad Bianchi, Guillermo Quiñones, Bernardo Subercaseaux, Ariel Dorfman, Poli Délano, Pedro Bravo-Elizondo, Marcelo Coddou, Federico Schopf, Fernando Moreno,

²⁹⁶ ORELLANA, Carlos. Libros. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, p. 35.

²⁹⁷ ORELLANA, Carlos. Dos años de *Araucaria*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1979, p. 203.

²⁹⁸ VALJALO, David. *Araucaria de Chile cumple 10 años*, Madrid, 1987. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, p. 66.

Virginia Vidal, Víctor Valenzuela, Omar Lara, Óscar Hanh, Gonzalo Millán, Jorge Etchevery, dentre tantos outros nomes de relevo no âmbito cultural e intelectual chileno.

A ligação de grande parte dos colaboradores às esquerdas chilenas – nem sempre por vias institucionais ou partidárias -, forneceu-nos indicativo considerável a respeito do editorialismo programático desses impressos. Quase todos eles, em ambas as revistas, identificavam-se, em maior ou menor grau, com o governo deposto da Unidade Popular, nutrindo simpatias pela figura de Salvador Allende e pelo projeto da “via chilena para o socialismo”.

O exílio e a resistência à ditadura aproximaram *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, permitindo a formação de uma ampla rede intelectual de chilenos, sobretudo, mas também de latino-americanos, que buscaram ativamente lutar pela causa chilena. Na sequência, analisaremos como foram sucitados, em diversos artigos nas revistas, de maneira coerente com seus editoriais, símbolos, personagens, datas e discursos socialistas e comunistas, sob a ótica da resistência dos intelectuais à ditadura.

2.3 – A resistência dos intelectuais e os valores das culturas políticas socialista e comunista no Chile

Vejamos, na íntegra, a mensagem abaixo publicada, em julho de 1978, como editorial do sétimo número de *Literatura Chilena en el Exilio*, intitulada *Mensaje de los artistas e intelectuales chilenos que residen en el extranjero a los trabajadores y al pueblo de Chile con motivo del 1° de mayo*:

Nos dirigimos a Uds., para saludarles con ocasión del Primero de Mayo, Día Internacional del Trabajo. Por diversas circunstancias los firmantes de este mensaje, artistas e intelectuales chilenos, nos encontramos fuera de la Patria, pero la distancia no debilita en absoluto nuestra ligazón con ella. Nuestras raíces están y seguirán estando en Chile. Vivimos pendientes de todo lo que allí sucede, preocupados por el porvenir de nuestro país, atentos a los afanes de nuestros compatriotas por remover los obstáculos materiales y espirituales

que entraban su progreso. Tenemos especial preocupación por aquellos problemas que, por estar relacionados con los derechos esenciales de las personas, afectan seriamente la convivencia nacional. Nuestro anhelo más profundo es que los chilenos seamos capaces de unirnos a trabajar juntos por la grandeza de la Patria. A la realización de este propósito queremos contribuir con nuestras fuerzas y capacidades. Estimamos propicia la oportunidad de la celebración del Día del Trabajo para testimoniar nuestro respeto por todos los trabajadores chilenos, por todo el pueblo laborioso a cuyas esperanzas por una vida mejor nos asociamos en este día.²⁹⁹

A motivação da mensagem, como está claro, foi o Primeiro de Maio, dia do trabalhador, data representativa e de forte simbologia no imaginário político das esquerdas. Na oportunidade, os editores de *Literatura Chilena* renderam homenagem aos trabalhadores chilenos, principalmente aqueles que se encontravam sob os rigores e adversidades políticas e econômicas provocadas pela ditadura. Evidenciou-se no texto algo que foi característico nas iniciativas culturais e políticas do exílio, de que o Chile sempre foi o horizonte dos intelectuais, que, ao resistirem, ansiavam por transformações políticas e sociais que julgavam urgentes para o país. Novamente a revista, ao conceber sua missão e a dos intelectuais que assinaram a mensagem, opôs-se à quebra da unidade nacional e à ausência de direitos essenciais para a sociedade chilena, e se vinculou, na medida em que recorreu a uma data simbólica, a um valor elementar para os movimentos populares e de esquerda mundiais. Dentre os signatários do texto, estiveram inúmeros intelectuais, todos chilenos e de várias áreas da cultura. Apenas no âmbito literário, citamos Fernando Alegría, David Valjalo, Guillermo Araya, Jaime Concha, Juan Armando Epple, Armando Cassigoli, Ariel Dorfman, Luis Enrique Délano, Poli Délano, Luis Bocaz, Antonio Skármeta, Nelson Osorio, Nain Nómez, Bernardo Subercaseaux, Federico Schopf, Manuel Jofré, Omar Lara, Óscar Hahn, Carlos Droguett, Leandro Urbina e outros nomes importantes da literatura chilena.

²⁹⁹ EDITORIAL. Mensaje de los artistas e intelectuales chilenos que residen en el extranjero a los trabajadores y al pueblo de Chile con motivo del 1º de mayo. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 1.

Ademais, no discurso de Fernando Alegría proferido durante as *Jornadas Culturales Salvador Allende* - ocorridas no México, em 1978 -³⁰⁰ e publicado em *Literatura Chilena en el Exilio*, o intelectual chileno se posicionou da seguinte maneira, suscitando novos léxicos, expressões e eventos marcantes para as esquerdas chilenas e latino-americanas:

Hoy más que nunca la causa de la libertad democrática y la defensa de los derechos humanos exigen de todos los chilenos concientes una actitud unitaria y combativa. [...] Por el pueblo de Chile, por su clase trabajadora y campesina, con sus profesionales y estudiantes, con todos los hombres que se juegan enteros en Centro y Sudamérica en lucha a muerte contra el imperialismo y las dictaduras gorilas, por el pueblo en México que hoy nos acoge, por el pueblo en Cuba, que nos inspira y nos apoya, por el pueblo de Nicaragua en su heroica resistencia contra el despotismo de Somoza, hagamos de este homenaje a Salvador Allende una gran jornada victoriosa contra el fascismo.³⁰¹

Este discurso apresentou expressões muito próximas quando analisamos, em especial, os textos editoriais da segunda e sexta edições da revista *Literatura Chilena*, nos quais foi defendido que os intelectuais, no contexto de repressão política e “tragédia coletiva”, atuassem junto às camadas populares chilenas. No discurso, como percebemos, Fernando Alegría referiu-se à solidariedade do México, país que sediou as *Jornadas*, e o recíproco apoio dos chilenos ao povo mexicano e a causas urgentes à esquerda, como os desdobramentos da Revolução Cubana e o candente processo revolucionário na Nicarágua, em um dos rompantes latino-americanistas na revista. Concordando com a ideia apresentada por Loretto Rebolledo González,³⁰² afirmamos que a adesão à luta dos chilenos no exílio muito se explica pelo prestígio, no exterior, que adquiriu Salvador Allende - pela originalidade do processo político em seu governo à frente da UP – junto às esquerdas, bem como a solidariedade que suscitou por parte da

³⁰⁰ Falaremos desse importante evento cultural do exílio chileno no Capítulo 3.

³⁰¹ ALEGRÍA, Fernando. Discurso Inaugural. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 24.

³⁰² REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Op. Cit., 2012, p. 181.

comunidade internacional, em razão da brutalidade do golpe militar em setembro de 1973 e da morte do então presidente socialista no palácio *La Moneda*. Esses fatores, acrescidos das violações aos direitos humanos cometidas pela ditadura, implicaram, por conseguinte, no rechaço imediato que sofreu a Junta Militar e, em especial, a figura de Pinochet, por instituições e governos de distintos países.

A ênfase, por parte de Fernando Alegría, na luta unitária contra a ditadura, sem conflito de interesses, insistentemente apregoada em sua fala e, não por acaso, nos editoriais de *Literatura Chilena*, desde seu primeiro número, pode ser interpretada, em nossa visão, como uma espécie de resguardo à divergência de objetivos e estratégias políticas da esquerda chilena durante a experiência da Unidade Popular, o que em muito contribuiu para o insucesso da “via chilena ao socialismo”.³⁰³

Nossa interpretação se baseia no fato de que, em grande medida, os problemas da esquerda chilena durante o governo de Salvador Allende teriam sido transplantados para o exílio junto aos intelectuais chilenos desterrados, grande parte deles ligados aos partidos que compuseram a Unidade Popular. Ainda que o golpe militar e a derrota imposta à UP tenham atingido igualmente a todos os partidários, militantes ou simpatizantes do governo socialista, isso não apagou as diferenças estratégicas entre eles para se alcançar o socialismo, destino comum desejado por todos.³⁰⁴ Por exemplo, as visões mais rupturistas quanto ao caráter da revolução socialista, existentes desde a UP, tenderam a ser ainda mais justificadas após o golpe. Assim o percebemos nas reflexões propostas por Carlos Altamirano, que, embora reconhecendo a importância histórica do governo de Salvador Allende no Chile, reforçou suas críticas aos limites do

³⁰³ Sobre os conflitos e disputas no interior da Unidade Popular, retomar o Capítulo 1.

³⁰⁴ Sugerimos, para uma compreensão mais geral das disputas entre a esquerda revolucionária chilena quanto ao caráter da revolução durante os três anos de governo da UP, o artigo de VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: VALLEJOS, Julio Pinto (org.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 9-33.

teor gradualista da “via chilena ao socialismo”, anos depois de ter vivenciado essa experiência.³⁰⁵

No discurso proferido por Fernando Alegría, interessa-nos atentar para questões que estiveram além da defesa das liberdades democráticas e dos direitos humanos no Chile e nos países do Cone Sul acometidos pelas ditaduras militares. Referimo-nos à veiculação de expressões, sujeitos e lugares correspondentes aos ideais comuns difundidos pelas esquerdas, como a denuncia ao “gorilismo”, a valorização das classes trabalhadoras chilenas urbanas e do campo, a significação conferida aos processos revolucionários em Cuba e na Nicarágua, e, por fim, o anti-imperialismo.

Armando Cassigoli, acadêmico e membro da *Dirección Colegiada de Literatura Chilena, Creación y Crítica*, em ensaio apresentado durante as *Jornadas Culturales Chilenas* nos Estados Unidos, em 1980 - outro evento do qual falaremos no capítulo seguinte -, publicado no primeiro número da nova etapa da revista, agradeceu ao apoio de setores da intelectualidade norte-americana progressista que se juntou à resistência chilena no exílio contra Augusto Pinochet. Assim, afirmou que “para nuestra lucha por la libertad y la democracia sabemos que contamos con el generoso apoyo de los sectores progresistas del pueblo norteamericano, sobre todo de sus intelectuales y de su juventud innovadora”.³⁰⁶ Mesmo tendo como espaço de discussão de suas ideias as instituições acadêmicas estadunidenses, direcionando sua apresentação aos participantes locais, Cassigoli, refletindo sobre seu compromisso público como intelectual, não deixou de destilar suas críticas ao imperialismo dos Estados Unidos. Ele denunciou, por exemplo, a apropriação das riquezas minerais chilenas por parte de empresas americanas ao longo

³⁰⁵ Ver ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota: Chile (1970-1973)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979. Retomar tópico 2.1.

³⁰⁶ CASSIGOLI, Armando. Claves para el reconocimiento de Chile. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, 1981, p. 16.

da história do Chile, bem como atacou incisivamente o apoio dos EUA ao golpe militar de 1973.

O caráter anti-imperialista também esteve presente nos debates políticos de *Araucaria de Chile* acerca da resistência do escritor latino-americano exilado. As críticas contundentes deveriam ser feitas pelo escritor não somente aos governos militares ditatoriais, mas também aos Estados Unidos, país cúmplice e colaborador das Forças Armadas do Cone Sul, como ressaltou a escritora chilena Isabel Allende³⁰⁷ em seu ensaio *El compromiso del escritor exiliado*. Para a escritora chilena, amparada no processo histórico latino-americano e no contexto de violência política dos anos 1970 e 1980, “a los Estados Unidos les resulta más cómodo entenderse con un dictador que con un gobierno constitucional que debe rendir cuentas a la opinión pública”, e complementou suas críticas: “las dictaduras no son un accidente en América Latina, sino una estrategia trazada desde el Norte”.³⁰⁸

Embora não discordemos da significativa influência e efetiva contribuição estadunidense no estabelecimento e na sustentação das ditaduras na América Latina, como apontou Isabel Allende,³⁰⁹ concordamos, sobretudo, com a chave de análise de Denise Rollemberg e Samantha Quadrat.³¹⁰ Segundo as autoras, a construção e a

³⁰⁷ Isabel Allende Llona colaborou, desde 1967, em muitas revistas e diários, sobretudo internacionais, após 1973. Com o golpe militar, exilou-se, em 1975, na Venezuela, onde viveu por cerca de doze anos. Na década de 1980, exerceu a docência, com ênfase em cursos sobre literatura e narrativa latino-americana, em diferentes universidades dos Estados Unidos, país para o qual se mudou em 1987, vivendo no estado da Califórnia. Adquiriu a cidadania norte-americana em 1993, ano em que passou a viver no país em definitivo, após uma tentativa de estabelecer-se no Chile com o fim da ditadura. Foi a partir da vivência nos EUA que Isabel Allende construiu uma sólida carreira internacional enquanto escritora, ainda que seu reconhecimento tenha se dado antes, em 1982, através da publicação do romance *La Casa de los Espíritus*, obra que surgiu da elaboração de uma carta de despedida a seu avô que se encontrava doente no Chile. Sem deixar de lado o viés político, a narrativa tece histórias acerca das famílias que viviam no Chile desde 1920 até o golpe de 1973. Estas e demais informações biográficas sobre a escritora em: <http://www.isabelallende.com/es/bio>. Acesso em: 03/08/2015.

³⁰⁸ ALLENDE, Isabel. *El compromiso del escritor exiliado*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, 1984, p. 171.

³⁰⁹ Sobre esse aspecto, ver o primeiro tópico do Capítulo 1.

³¹⁰ Sobre a questão da busca de legitimidade política pretendida pelas ditaduras, torna-se necessário mencionar a coletânea organizada por Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat. Segundo as autoras,

manutenção das ditaduras latino-americanas efetivaram-se, para além da contribuição dos EUA, em razão do apoio e da colaboração de determinados setores da sociedade civil dos países envolvidos, sobretudo aqueles vinculados política e ideologicamente à direita. No Chile, além do apoio dos gremialistas e dos neoliberais, o meio midiático foi um importante sustentáculo para a ditadura. Foi o caso do jornal *El Mercurio*, que apoiou o golpe militar, utilizando-se de um discurso oposicionista muito próximo àquele que sobressaiu nas Forças Armadas chilenas no que diz respeito ao governo de Salvador Allende. Representando interesses da classe média e do empresariado chilenos, a linha editorial neoliberal do jornal dos Edwards continuou dando sustentação ao governo de Augusto Pinochet mesmo nos momentos mais críticos da repressão política e do consequente crescimento da oposição à ditadura por parte da sociedade civil.

Ainda de acordo com Isabel Allende, os escritores precisariam assumir suas posições políticas diante “de esta tragédia” que se constituíram as ditaduras latino-americanas, que, em nome da Segurança Nacional, provocaram inúmeros desaparecimentos, torturas e assassinatos. A escritora defendeu a necessidade de uma ação comum dos escritores do exílio e do Chile, estes últimos castigados pela violência de Estado e pela ausência de liberdade, e que, portanto, fizeram emergir uma literatura carregada de ambiguidades e de linguagem metafórica e cifrada, visando driblar a censura.³¹¹ Novamente apresentava-se, dessa vez em *Araucaria de Chile*, a perspectiva da unidade na luta política que, em Isabel Allende, colocava-se no sentido de combater a opressão e buscar uma identidade não apenas chilena, senão latino-americana, em face

as experiências autoritárias e ditatoriais no século XX, em especial as ditaduras militares do Cone Sul, na segunda metade do século, legitimaram-se em virtude do apoio de significativas parcelas da população, produzindo, portanto, consensos, consentimentos e acomodações de interesses entre Estado autoritário e sociedade, o que permite entender esses regimes ditatoriais, respeitando as especificidades de cada processo histórico, como civis-militares. ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

³¹¹ ALLENDE, Isabel. Op. Cit., 1984, p. 172.

dos discursos do Estado que obliteravam as manifestações genuínas das populações locais, principalmente quando estas discordavam da ditadura.³¹²

Publicado em *Araucaria de Chile*, número 16, o discurso de Volodia Teitelboim realizado por ocasião do *Encuentro de Intelectuales de Nuestra América por la Soberanía de los Pueblos*,³¹³ - convocado pela instituição cubana *Casa de las Américas* -, apresentou uma concepção de intelectual vinculada diretamente a perspectivas revolucionárias.³¹⁴ Ele construiu seus argumentos, da mesma forma que Isabel Allende, amparado em uma perspectiva anti-imperialista. Segundo Teitelboim, conclamando a soberania dos povos latino-americanos, em resposta à elaboração de políticas para a região pelo governo norte-americano de Ronald Reagan (1981-1989), a América Latina necessitava de intelectuais que não sucumbissem “a las tentaciones ideológicas del imperialismo”. Teriam como missão posicionarem-se favoráveis “a la Revolución, embarcados para toda la vida en una lucha en que se puede unir la verdad con la pasión, el arte con el amor por la humanidad [...] a la liberación de lo pueblos”.³¹⁵

A noção de “Revolução” empregada por Volodia Teitelboim não foi especificada. Há duas possibilidades de interpretação viáveis e que, no nosso entender, se complementam. O termo pode ter sido usado de maneira genérica, de modo a apontar

³¹² Ibid., p. 173.

³¹³ O presente texto de Volodia Teitelboim, *Santa Fe y los intelectuales de America Latina*, foi lido no supracitado encontro realizado em Havana, no mês de setembro de 1981. A motivação central do evento foi unir os intelectuais latino-americanos contra a iniciativa do governo dos EUA de reativar a bomba de neutrões - uma versão de bomba atômica de alta destruição - pelo governo de Ronald Reagan, bem como confrontar as iniciativas imperialistas estadunidenses para a América Latina apresentadas pelo grupo de Santa Fé, responsável pela elaboração de políticas que visavam o alinhamento da região com os EUA, em contraposição à influência soviética. Ao final do *Encuentro de Intelectuales de Nuestra América*, redigiu-se a *Declaración Final* e a *Carta al Pueblo y a los Intelectuales Norteamericanos*, ambas publicadas em *Araucaria de Chile*, número 16, nas páginas seguintes ao texto de Volodia Teitelboim.

³¹⁴ Fazemos a ressalva de que duas edições anteriores a essa, o próprio Volodia Teitelboim explicitara seu entendimento de intelectual, já atrelando seu sentido a concepções de transformações sociais e políticas bruscas e/ou revolucionárias. Dissera que o(s) intelectual(ais) eram “actores principales que forjan el movimiento hacia el futuro, aquel que funde en una gran amalgama el trabajo y la cultura, fusión que desarrolla una fuerza motriz de masas, generadora de todas las revoluciones.” TEITELBOIM, Volodia. *La fiesta de las Araucarias. Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 203.

³¹⁵ TEITELBOIM, Volodia. *Santa Fe y los intelectuales de América Latina. Araucaria de Chile*, Madrid, n. 16, 1981, p. 22.

as mudanças estruturais necessárias para a autonomia dos países latino-americanos, sobretudo diante dos interesses político-econômico dos EUA. Podemos inferir, por outro lado, que seu sentido talvez tenha tido correspondência mais estreita com aquilo que o Partido Comunista chileno debatia, naqueles anos iniciais da década de 1980, a respeito da possibilidade de sublevação insurrecional na conjuntura específica da ditadura chilena. Interpretando o seu discurso, acreditamos ser possível seu interesse em expressar as duas possibilidades, pensando que esta última, como analisamos nos editoriais da revista, recebeu espaço relevante de difusão e debate em *Araucaria de Chile*.

Nessa direção, junto aos editoriais, o documento, publicado em *Araucaria*, que mais evidenciou a vinculação da revista aos preceitos desenvolvidos no interior da política comunista chilena foi *Un pueblo en el combate: llamamento de los intelectuales comunistas chilenos a los escritores y artistas, a los académicos y estudiantes, a los profesionales y técnicos, a los comunicadores sociales y trabajadores de la cultura*. Tratou-se de um verdadeiro manifesto oficial de resistência política assinado pelos intelectuais e pela direção do Partido Comunista chileno. Nele, clamou-se para que a intelectualidade do país coadunasse aos ditames do PCCh no embate à ditadura de Augusto Pinochet. Em tom combativo, seus signatários convocaram os opositores do governo militar a exercerem “el derecho legítimo al uso de la violencia en todas las formas que sean necesarias” para “derrocarlos y erradicarlos para siempre” a Pinochet e “al fascismo”.³¹⁶ Aos intelectuais chilenos, no mesmo tom, assim se dirigiu o PCCh:

Requerimos [...] que los intelectuales progresistas, democráticos y antifascistas se incorporen a la lucha contra la tiranía con mayor energía, en aras de sus propios intereses y dignidad y tras los objetivos del conjunto del pueblo. [...] Llamamos, además, a aquellos intelectuales que se definen como

³¹⁶ PARTIDO COMUNISTA DE CHILE. *Un pueblo en el combate*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 21, 1983, p. 180.

revolucionarios, a expresar fielmente los intereses de la clase obrera y a tener presente que hay momentos en la vida de los pueblos en que “las armas de la crítica” deben ser reemplazadas, temporal pero decididamente, por “la crítica de las armas”. Esta es una de las verdades fundamentales que se plantea hoy en Chile. Porque así como el golpe militar de septiembre de 1973 fue el más grave atentado contra la cultura en nuestro país; el principal acto cultural que hay que realizar en nuestro tiempo es el derrocamiento de la tiranía para avanzar en la senda de la revolución y el socialismo. Nos dirigimos a todos los intelectuales democráticos de Chile: Nosotros, el Partido de la revolución, de la juventud y la cultura, de Luis Emilio Recabarren y de Pablo Neruda.³¹⁷

Este documento tornou-se público pela direção do partido em julho de 1982, e foi reproduzido integralmente na revista *Araucaria de Chile* no primeiro trimestre de 1983. Assim, como parte central de seu editorialismo programático, mais uma vez ganhou vazão na revista a mudança na linha política do Partido Comunista de Chile, que, como apresentamos, desde o início da década de 1980 adotou estrategicamente todas as formas de luta contra a ditadura, na qual a via armada e guerrilheira adquiriu forte projeção entre seus quadros. Nessa nova interpretação comunista, posicionar-se criticamente, no espaço público, por meio das palavras, fossem elas escritas ou faladas, já não seria suficiente diante da truculência das estruturas de repressão da ditadura de Augusto Pinochet. Tornar-se-ia urgente, portanto, para usar as mesmas expressões do documento apresentado parcialmente, lutar com “mayor energía”, substituindo “las armas de la crítica” pela “crítica de las armas”. Referências diretas à política insurrecional do partido foram, portanto, novamente apresentadas, sustentadas mediante a ideia de que somente combatendo com intensidade similar à aplicada pelas forças de segurança do Estado poder-se-ia enfraquecer e derrubar a ditadura.

Como apontou Manuel Loyola, “ante el panorama de destrucción y muerte que significó la irrupción y permanencia de la Dictadura, la perplejidad comunista fue total”. As profundas reflexões realizadas pela militância comunista do exílio e, especialmente, a do Chile reacenderam de maneira ainda mais intensa, segundo o autor, o “mandato

³¹⁷ Ibid., p. 185.

sacrificial” militante da cultura política comunista, resultando na elaboração e aplicação da *Política de la Rebelión Popular de Masas*.³¹⁸

Ainda que repercutindo, frequente e fidedignamente, as proposições do partido ao qual estava ligada, *Araucaria de Chile*, com a participação de colaboradores de esquerda de distintos matizes, não foi, de modo algum, negligente a demais proposições no campo das esquerdas chilenas distintas da saída insurrecional como forma de terminar com a ditadura. Concernente à atuação do intelectual na destituição do governo Pinochet e a consequente instituição da democracia a partir de uma ruptura com o capitalismo, Antonio Skármeta³¹⁹ também sinalizou, na leitura que fazemos, sobre a possibilidade de associação dos escritores e intelectuais às representações das culturas políticas de esquerda. Encontrando-se exilado na Alemanha Ocidental desde 1974, Skármeta destacou que se fazia necessário seguir trabalhando, no exílio ou no Chile, “por la democracia y el socialismo como un amante obseso de la libertad”.³²⁰ Em publicação posterior, a do terceiro trimestre de 1982, Antonio Skármeta voltou a defender “un socialismo generoso basado en el consenso y no en la violencia”, e

³¹⁸ LOYOLA, Manuel. El *mandato sacrificial* y la cultura política del comunismo chileno. *Revista Izquierdas*, año 1, n. 1, julio 2008, p. 3.

³¹⁹ Nascido na cidade de Antofagasta, norte do Chile, Antonio Skármeta recebeu, em 1969, o prêmio *Casa de las Américas* por seu livro de contos *Desnudo en el tejado* (1969). Junto a escritores como Poli Délano, Ariel Dorfman, Óscar Hahn, Florido Pérez e Gonzalo Millán, compôs a geração de 1960, vivendo intensamente a agitação política, social e cultural dessa década no Chile. Com a vitória de Salvador Allende e durante o governo da Unidade Popular, Skármeta definiu mais sua posição política, ingressando no MAPU (*Movimiento de Acción Popular Unitaria*), uma vertente radical originária e dissidente do Partido Demócrata Cristão. Nesse período, participou de diversas iniciativas socioculturais, como a Reforma Universitária e a revista *La Quinta Rueda*, da qual fez parte do conselho editorial. Exilado em Berlim Ocidental desde 1974, após viver um ano na Argentina depois do golpe militar chileno, publicou, durante sua experiência no exílio, obras que vieram a ter importante reconhecimento no Chile e no exterior, como *Soñé que la nieve ardía* (1975), *No pasó nada* (1980), *La insurrección* (1981) y *Ardiente paciencia* (1985), todas com explícitas referências políticas ou tendo como pano de fundo o governo da UP, o golpe militar de 1973 e a condição exílica. Retornou ao Chile em 1989, após um longo exílio. Informações disponíveis em: Antonio Skármeta (1940). <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3301.html>. Acesso em: 10/07/2015; NITSCHACK, Horst. El sujeto del exilio. In: SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier. La patria interrumpida: latinoamericanos en el exilio (siglos XVIII-XX). Santiago: LOM Ediciones, 2010, p. 231-240; LAZZARA, Michael J. *Los años de silencio: Conversaciones con narradores chilenos que escribieron bajo la dictadura*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2002, p. 235-236.

³²⁰ SKÁRMETA, Antonio. “Ahorrar bajo el ala del sombrero una lágrima asomada”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, 1980, p. 142.

criticou, por exemplo, a literatura chilena carregada de sectarismo político que, segundo ele, a tornava irreal e utópica.³²¹

Com isso, acreditamos ser possível interpretar que, ao defender um socialismo que se formasse pela via da democracia e do consenso, e não pela estratégia rupturista baseada na violência popular, Skármeta, integrante do Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU) - partido que fez parte da UP e que, durante a ditadura, nos anos 1980, aderiu a um viés hegemônico, teórico e prático, de um socialismo renovado —³²² teria realizado suas críticas à política de resistência conflitiva e violenta que acabara de ser adotada pelo PCCh. Ainda que indiretamente, assim compreendemos, remeteu sua proposição de transformação política para o Chile a um processo de coalização progressista, que não perdesse de vista as possibilidades do diálogo, similar ao que teria proposto, em outro contexto, a “via chilena para o socialismo”. As críticas à literatura, que Antonio Skármeta chamou de sectária e utópica, mantiveram-se coerentes, no nosso entender, com a posição restritiva do escritor chileno, desenvolvida ao longo de sua publicação em *Araucaria*, quanto a posições políticas radicalizadas que não permitissem saídas menos traumáticas à ditadura. Assim, também poderíamos entendê-las como supostos ataques aos escritores e intelectuais demasiado vinculados a ideários como os do Partido Comunista, deixando-nos transparecer em suas criações culturais.

Donald Shaw destacou que alguns posicionamentos de Antonio Skármeta sobre a escrita literária modificaram-se durante o governo de Salvador Allende e após o golpe de 1973. Segundo o autor, “hubo una modificación en su visión de si mismo como escritor que afectó tanto su elección de temas como sus técnicas narrativas”. Skármeta

³²¹ SKÁRMETA, Antonio. La nueva condición del escritor en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, 1982, p. 138.

³²² Para uma compreensão aprofundada dos rumos políticos seguidos pelo MAPU durante a ditadura, de uma concepção teórica inicial marxista-leninista à perspectiva de um socialismo democrático renovado, ver: MOYANO BARAHONA, Cristina. *El MAPU durante la dictadura: saberes y prácticas políticas para una microhistoria de la renovación socialista en Chile (1973-1989)*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2010.

teria, então, optado favoravelmente por uma narrativa “centrada en su tiempo y su lugar, escrita con un tono positivo y progresista, pero sin dogmatismo”.³²³

Acreditamos que tais análises de Donald Shaw sobre a obra de Skármeta esclarecem-nos no sentido de ir ao encontro das reservas do escritor chileno acerca de uma literatura que, embora centrada na realidade social e política, estivesse marcada por sectarismos políticos. Não afirmamos, de maneira a contradizer as análises de Shaw, que a narrativa de Antonio Skármeta foi sectária, do ponto de vista político. No entanto, baseado em seus vínculos políticos e nas suas ponderações expressas em *Araucaria de Chile*, acreditamos que a política e o exílio pautaram suas observações. A nosso ver, confirmando essa ideia, Michael Lazzara afirmou que a literatura de Antonio Skármeta, a partir do momento em que se filiou ao MAPU e acompanhou de perto o governo da UP, bem como durante seu exílio, passou a evidenciar um compromisso político-social que esteve praticamente ausente em suas primeiras obras.³²⁴

Indicando mais um aspecto condizente com o editorialismo programático da revista, em *Araucaria de Chile*, não poderia excluir-se de suas páginas a vinculação da postura resistente e crítica do intelectual em relação ao modelo econômico neoliberal. O escritor Martín Cerda, presidente da *Sociedad de Escritores de Chile* (SECH), apresentou, em entrevista a Carlos Orellana, seus posicionamentos sobre as dificuldades de ser escritor sob uma ditadura. Dentre seus principais argumentos, Cerda defendeu a significância ética e o conteúdo crítico do posicionamento político do escritor diante da repressão e do neoliberalismo no Chile, condições que, em sua visão, modificaram negativamente os valores da sociedade. Ele sugeriu a atuação pública do escritor em várias frentes, através de congressos, encontros e manifestos, por meio da escrita e da

³²³ SHAW, Donald. Skármeta: contexto e ideas literarias. *Revista Iberoamericana*, Vol. LX, Núm. 168-169, Julio-Diciembre 1994, p. 1060.

³²⁴ LAZZARA, Michael J. *Los años de silencio: conversaciones con narradores chilenos que escribieron bajo la dictadura*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2002, p. 235.

literatura. Ao regressar ao Chile em 1977, Martín Cerda encontrou o país nos momentos iniciais da aplicação das políticas neoliberais e tudo que isso implicou ao carregar em seu campo ideológico um conjunto de novos valores para a sociedade. Mesmo sem possuir uma trajetória ligada às esquerdas chilenas, o que o distinguia da maioria dos colaboradores de *Araucaria de Chile*, a posição crítica de Cerda a esse respeito condizia com aquilo que em editoriais e demais colaborações era hegemônico na revista:

Viví la experiencia del retorno a un país que se había modificado bastante. Había una nueva escala de valores, sostenida por ese “milagro chileno” (así, entre comillas) de que hablaban los economistas del gobierno en ese instante. Había, entre los sectores burgueses un cierto espejismo sobre las “virtudes financieras” de la dictadura. Esto duró muy poco, como se sabe. [...] Ahora bien, cómo reflejar esto como escritor? [...] Criticando esta ideología economicista, que en un cierto momento parecía estar sustituyendo a la ideología de la seguridad nacional, aunque no era así. Vivíamos un momento de un economicismo desenfadado y desenfrenado. [...] Estoy convencido de que no debe haber ningún problema nacional en que el escritor no intervenga.³²⁵

Retomamos *Literatura Chilena* para apontar que a revista difundiu imagens e representações de três personagens, em especial, que, na ótica de seus colaboradores, simbolizaram a resistência política do intelectual e militante de esquerda chileno em relação ao golpe militar no país, quais sejam, Salvador Allende, Pablo Neruda e Víctor Jara.

Sobre este último, recorremos ao artigo da crítica Soledad Bianchi, no qual a autora, ao passo que analisava o engajamento político do compositor chileno, dando um tom claramente favorável à junção, nas letras de suas canções, do político com o artístico, parecia ela também evidenciar seus vínculos ideológicos de matiz semelhante ao de Víctor Jara:

³²⁵ CERDA, Martín. El escritor chileno y su práctica social: los difíciles años de la dictadura. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 36, 1986, p. 131-135.

En una amplia temática donde el amor va unido a la petición de justicia, la denuncia de la represión se acompaña de la seguridad en el triunfo, el homenaje a los pueblos y los hombres que luchan se ve integrado al trabajo personal, la obra de Víctor Jara tiene el mérito de integrar el quehacer político a la vida diaria, otorgándole un amplio sentido que rompe con la concepción reaccionaria que interesadamente pretende aislarlas. Conciente, además, que su actividad no responde sólo a una decisión individual y aislada, ésta adquiere un compromiso definido y su producción posee los rasgos de su combate. A partir de la totalidad de su obra, canciones como ‘El derecho de vivir en paz’, ‘A Luis Emilio Racabarren’, ‘A Cuba’, ‘Vientos del pueblo’, ‘Estadio Chile’, y muy especialmente ‘Canto Libre’ y ‘Manifiesto’ permiten acercarse a tal concepción que Víctor Jara tuvo de su quehacer, tanto en su actividad de poeta como en las características que debía cumplir la canción en general y, más específicamente, su propio trabajo.³²⁶

Além de Víctor Jara, outros personagens centrais para o surgimento e desenvolvimento da *Nueva Canción Chilena*, como Violeta Parra, seus filhos Ángel e Isabel Parra, Rolando Alarcón, Patricio Manns, Silvia Urbina e os grupos musicais Inti-Illimani e Quilapayún, foram retomados frequentemente pela revista sob a ótica da resistência política, do comprometimento social e político que assumiram nas letras de suas canções, assim como por suas vinculações públicas a pautas culturais populares e identitárias que os faziam caminhar em uma vertente social engajada de solidariedade com as causas dos povos latino-americanos. Todos se inseriram no quadro mais abrangente que o ideário de transformação política e social englobava, possibilitando a associação desses artistas às esquerdas chilenas. À exceção de Violeta Parra, que se suicidou em 1967, todos eles tiveram um alinhamento político junto à Unidade Popular. Como explicou David Valjalo, “es imposible separar la nueva canción del movimiento político paralelo a ésta, ya que su mensaje está directamente vinculado a los acontecimientos sociales”.³²⁷

³²⁶ BIANCHI, Soledad. Víctor Jara, por los caminos del pueblo. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 5.

³²⁷ VALJALO, David. Nuestro canto. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 33-34, 1985, p. 4. Relembramos que essa edição dupla da revista foi inteiramente dedicada à *Nueva Canción Chilena* e ao *Canto Nuevo*. Vale mencionar, ainda, que Eduardo Carrasco, diretor do grupo Quilapayún, foi um dos principais colaboradores de *Literatura Chilena* em sua segunda fase. Também nesta etapa da revista, Patricio Manns integrou o Conselho Editorial.

Em relação a Pablo Neruda, trataremos com maior ênfase como *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* retomaram sua obra e sua trajetória no Capítulo 4 deste estudo. Por ora, cabe mencionar que, somente por parte do crítico literário Guillermo Araya, foram quatro artigos publicados até o número 14 de *Literatura Chilena en el Exilio*, o que explicitou a relevância atribuída ao poeta pela revista. De maneira geral, tanto o teor politizado de sua obra, sobretudo em *Canto General* (1950), quanto a figura do poeta como escritor e político comprometido com os problemas sociais do Chile e da América Latina foram ressaltados positivamente nas críticas de Araya, que apareceu, em um primeiro momento, como principal estudioso da produção poética de Pablo Neruda na revista.³²⁸ De suas críticas, vejamos uma na qual Guillermo Araya analisou especialmente *Canto General*, obra poética de fôlego, possuidora de elementos políticos marcantes.

Em *Lo épico del Canto General de Neruda*, o teor de sua reflexão sobre a obra nerudiana recaiu no caráter político e ideológico-marxista fortemente presente nela, segundo Araya. Por essa perspectiva, o autor apresentou o posicionamento crítico de Pablo Neruda em relação ao imperialismo dos Estados Unidos, visto como principal inimigo do desenvolvimento econômico e social da América Latina. Por outro lado, Araya também ressaltou, em *Canto General*, o louvor de Neruda ao Partido Comunista, ao qual o poeta chileno pertenceu, e a países e personagens representativos da cultura política comunista no Chile, em especial, a URSS e o líder sindical e fundador do PCCh, Luis Emilio Recabarren:

³²⁸ ARAYA, Guillermo. Etapas en la obra de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, p. 2-4; Estructura del Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 2-5; Lo épico del Canto General de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 2-4; El hombre y la tierra de América en el Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 9, 1979, p. 2-4.

En *Canto General*, el punto de vista es tajantemente ideológico-político. El poeta exalta lo que está en la línea marxista de su visión de la realidad americano y combate y apabulla todo lo que considera enemigo u opuesto a esa postura ideológica. La ideología ocupa en el Canto el lugar que ocupaba la religión en la épica homérica, medieval y renacentista. El poeta expresa reiterada e insistentemente sus convicciones. Hay un poema dedicado *A mi partido*; entre los libertadores de América el más extensamente cantado es Recabarren, fundador del partido comunista chileno [...]; en *Que despierte el leñador*, gran parte de esta serie es una exaltada alabanza de la Rusia socialista, y en muchos otros lugares del Canto la ideología comunista del poeta se objetiva en poemas esparcidos en diversas series o en trozos de poemas [...].³²⁹

Em que pese a importância destinada a Neruda pela revista, retomado como modelo de escritor sublime e comprometido politicamente com as causas socialistas e comunistas, certamente o personagem que mais ênfase recebeu, por parte de *Literatura Chilena*, no sentido de destacá-lo enquanto símbolo maior da resistência ao golpe militar de 1973, foi Salvador Allende.

As *Jornadas Culturales Salvador Allende*, que se realizaram em homenagem aos 70 anos de nascimento do ex-presidente chileno, não foram apenas patrocinadas, mas, principalmente, divulgadas por *Literatura Chilena en el Exilio*. Boa parte dos escritores e críticos que compuseram seu conselho editorial e/ou colaboraram frequentemente com a revista, como Fernando Alegría, David Valjalo, Jaime Concha, Naín Nómez e Poli Délano, organizaram os debates referentes à literatura de resistência política durante as *Jornadas*, indicando-nos aproximações, afetivas e/ou ideológicas, com Salvador Allende e seu governo. Foi comum, nos discursos e nas *ponencias* do evento publicados na revista, referências elogiosas ao ex-presidente socialista, mesmo não tendo sido ele, necessariamente, o objeto debatido nas mesas de discussão das *Jornadas Culturales*. Assim, Fernando Alegría defendeu a condição de mártir da resistência chilena por parte de Allende, que combateu até a morte enquanto o palácio presidencial *La Moneda* era bombardeado por setores golpistas das Forças Armadas. Tornando-se, portanto,

³²⁹ ARAYA, Guillermo. Lo épico del Canto General de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 3.

inspiração máxima para os opositores da ditadura, Salvador Allende, na aceção de Fernando Alegría,

al morir combatiendo el 11 de septiembre de 1973, [...] empezó, en verdad, a vivir y vencer. Eso que él mismo llamó sus 'últimas palabras' no es tanto un renacer desde el humo y las llamas de la patria vieja, como el comienzo de una etapa histórica en que el pueblo probará sus armas y el temple de su resistencia en la reafirmación de lo que ha sido, es y siempre será suyo: el derecho a la libertad. Por eso celebramos los 70 años de vida del Presidente Allende en el tono y el sentido que alumbran su visión de las grandes alamedas: sin quejas y sin dudas, sin nostalgias vanas ni ensoñaciones remotas, más bien con la tranquila alegría de las victorias logradas en la resistencia y el exilio, con la firme e implacable voluntad del regreso y la seguridad de un triunfo permanente.³³⁰

As “últimas palavras” de Salvador Allende, mencionadas por Fernando Alegría, em referência ao discurso do presidente realizado em *La Moneda* no instante em que os militares intensificavam a ofensiva para destituí-lo do comando, foram, números antes, na edição de número 4, publicadas em *Literatura Chilena*. Transmitido pela rádio estatal *Magallanes*, às 9h10 da manhã de 11 de setembro de 1973, destacamos alguns trechos do notório discurso de Allende, nos quais se evidenciou sua resistência, fazendo-o situar, simbolicamente, como personagem máximo do socialismo chileno dentro do imaginário político de transformação das esquerdas:

Ante estos hechos, sólo me cabe decir a los trabajadores:
Yo no voy a renunciar.
Colocado en un tránsito histórico, pagaré con mi vida la lealtad del pueblo y les digo que tengo la certeza que la semilla que entregamos a la conciencia digna de miles y miles de chilenos no podrá ser cegada definitivamente.
Y tienen la fuerza, podrán avasallar, pero no se detienen los procesos sociales ni con el crimen ni con la fuerza.
La historia es nuestra y la hacen los pueblos.
[...]
Trabajadores de mi patria:
Tengo fé en Chile y su destino. Superarán otros hombres de Chile, este momento gris y amargo donde la traición pretende imponerse. Sigán ustedes sabiendo que mucho más temprano que tarde, de nuevo se abrirán las grandes alamedas por donde pase el hombre digno para construir una sociedad mejor.

³³⁰ ALEGRÍA, Fernando. Discurso Inaugural. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 22.

¡Viva Chile!
 ¡Viva el pueblo!
 ¡Vivan los trabajadores!
 Estas son mis últimas palabras.
 Y tengo la certeza de que mi sacrificio no será en vano. Tengo la certeza de
 que por lo menos será una lección moral que castigará la felonía, la cobardía
 y la traición.³³¹

As publicações, em *Literatura Chilena en el Exilio*, dos dois últimos discursos analisados por nós, ambos sob o viés da resistência intelectual e política ao golpe, representaram como Salvador Allende foi apropriado pela revista: em primeiro lugar como expoente político máximo no engajamento à causa socialista; em segundo, como um líder dos anseios populares, orador hábil e que por meio, principalmente, dos discursos atuou intelectualmente no espaço público.

Embora não tenhamos constatado uma vinculação partidária explícita por parte desse impresso, fica claro seu pertencimento às esquerdas chilenas por duas questões centrais que compuseram seu editorialismo programático: em primeiro lugar, o perfil político de seus editores e principais colaboradores, participantes, direta ou indiretamente, da experiência de governo da Unidade Popular; em segundo lugar, os conteúdos de seus textos, portadores e difusores de ideias, símbolos, datas e personagens, como Salvador Allende, que fazem parte do imaginário político das esquerdas no Chile, especialmente aquele pertencente à cultura política socialista e que se encontrava associado à UP.

As representações de Salvador Allende foram suscitadas nas páginas de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, dentre outras ocasiões, através do importante colaborador da revista em suas duas fases, Armando Cassigoli. Indicando sua posição política, ele se afirmou como “socialista y democrático, militante de la misma agrupación política del presidente mártir Salvador Allende”, e que acreditava, usando as

³³¹ ALLENDE, Salvador. Últimas Palabras. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, 1977, p. 2.

palavras do ex-presidente, que “más temprano que tarde, se abrirán las grandes alamedas para que pase el pueblo victorioso”. Estas assertivas foram apresentadas após Cassigoli assumir sua posição, enquanto intelectual, de compromisso público contra a ditadura, denunciando-a por meio de uma lista, formulada a partir de relatos de vítimas a foros internacionais, de 26 técnicas atrozes de tortura utilizadas pelas forças de repressão contra a oposição política. À denúncia apresentada ao público participante das *Jornadas Culturales Chilenas*, seguiram-se o seguinte questionamento e a afirmação positiva das medidas adotadas pelo governo de Salvador Allende:

¿Cuál fué el delito del pueblo de Chile para merecer tal vesanía, tal odio, tal encono macabro de parte de las Fuerzas Armadas? Haber apoyado a un gobierno legítimo, constitucional y democrático que nacionalizó los minerales de cobre por la unanimidad del Congreso Nacional, que hizo obligatorio darle medio litro de leche diario a todos los niños de Chile, que estableció relaciones diplomáticas con todos los países de la tierra, que acabó con el latifundio y que dio dignidad a los trabajadores.³³²

Na edição de número 25, ao invés de trazer à tona lembranças sobre os 10 anos dos acontecimentos de 1973, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, através de seu editorial,³³³ demarcou aquilo que mais interessava à revista naquele momento, reverenciar as figuras de Pablo Neruda e Salvador Allende naquilo que elas representavam para o imaginário político das esquerdas do país, qual seja, o compromisso político-intelectual com o espírito democrático e o apreço ao mais amplo desenvolvimento cultural e popular para o Chile. Como maneira de edificar as imagens positivas dos dois personagens históricos, opôs-se, diretamente, à figura de Pinochet e tudo que ela carregava de negativo:

³³² CASSIGOLI, Armando. Claves para el reconocimiento de Chile. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, 1981, p. 15-16.

³³³ Retomar tópico anterior.

El pasado reciente será llamado por nuestro pueblo como “la época” de Allende y Neruda pues son los nombres de los hombres que representan por si mismos el producto de una democracia y de una cultura. En oposición a esta tradición ejemplar está el otro nombre del hombre del presente, que preferimos silenciar ya que sus acciones no corresponden a un ser humano normal civilizado, sino al mundo irracional.³³⁴

Na página seguinte a esse editorial, publicou-se na revista uma série de fragmentos selecionados de discursos proferidos por Salvador Allende em distintas circunstâncias, desde sua vitória eleitoral em 1970 até o golpe perpetrado contra ele em setembro de 1973. As passagens publicadas nos deixam entrever a linha política allendista, que buscou congregar o programa político da Unidade Popular durante a experiência de governo socialista. Destacamos três trechos que nos pareceram expor a essência da “via chilena ao socialismo” e do pensamento de Salvador Allende, bem como a noção de compromisso público, político e intelectual por parte do ex-presidente:

[...] 13 de enero de 1971. Universidad de Chile. Valparaíso.

He tenido siempre la honradez de decir que no soy ni un caudillo, ni un hombre mesiánico, ni un hombre providencial. Soy un militante del socialismo, quien comprendió que en la unidad estaba la posibilidad del triunfo del pueblo y no de un hombre que gastó sus energías para hacer posible esta unidad, señalando que ella tendría que realizar la transformación que Chile reclama y necesita dentro de los marcos de una legalidad burguesa, la cual debe cambiar.

[...] 5 de noviembre de 1970. Discurso inaugural. Estadio Nacional. Santiago.

Si nos detenemos a meditar un momento y miramos hacia atrás en nuestra historia, los chilenos estamos orgullosos de haber logrado imponer la vía política por sobre la violencia. Esta es una noble tradición. Es una conquista imperecedera. En efecto, a lo largo de nuestro permanente combate por la liberación, de la lenta y dura lucha por la igualdad y por la justicia, hemos preferido siempre resolver los conflictos sociales con los recursos de la persuasión, por la acción política.

[...] 27 de mayo de 1971. Mensaje al Congreso. Santiago.

El pueblo de Chile está conquistando el poder político sin verse obligado a utilizar las armas. Avanza en el camino de su liberación social sin haber debido combatir contra un régimen despótico o dictatorial, sino contra las limitaciones de una democracia liberal. Nuestro pueblo aspira legítimamente a recorrer la etapa de transición al socialismo, sin tener que recurrir a formas autoritarias de gobierno.³³⁵

³³⁴ EDITORIAL. Los nombres de los hombres. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, 1983, p. 1.

³³⁵ ALLENDE, Salvador. Salvador Allende. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, 1983, p. 2.

Alteramos a sequência cronológica das falas de Salvador Allende para comentá-las por partes. Na primeira, de janeiro de 1971, encontrou-se, subentendida, uma interpretação possível de ser feita por nós, a de que o ex-presidente significaria a representação máxima do comprometimento militante com a causa socialista no Chile, que se realizaria não de maneira individual, mas pela via da unidade política. Aqui entendemos estar presente um aspecto importante da trajetória de Salvador Allende: sua prática política estivera marcada pela atuação em frentes progressistas.

Como nos esclareceu Sergio Grez Toso, Allende, seja como presidente, ministro de Estado, parlamentar, dirigente partidário ou, para além dos cargos institucionais, como líder político popular, priorizou os ritos aliancistas através dos quais a política da esquerda e do movimento popular se fizeram realidade no Chile. Assim se deu por meio da Frente Popular, da Frente do Povo, da Frente de Ação Popular (FRAP) e, finalmente, da Unidade Popular. Esse foi, em síntese, “el contenido más esencial del allendismo como sentimiento y corriente política de masas”. Nesse sentido, concluiu o autor, a ação e a figura de Salvador Allende, persistente até o último de seus dias no caminho da unidade, foram a expressão paradigmática de uma estratégia para se alcançar o ideal da emancipação popular.³³⁶

Entre as esquerdas chilenas, sugeriu Bernardo Subercaseaux, persistiu, mesmo após as mudanças provocadas pela ditadura, uma memória importante da figura de Allende como ícone por excelência do imaginário de transformação social no país, ainda que não suficientemente forte a ponto de resgatar e/ou congregar movimentos que canalizassem de maneira hegemônica a energia social de transformação.³³⁷ Pensamos que *Literatura Chilena*, de uma maneira geral, vinculou-se politicamente a esse legado

³³⁶ GREZ TOSO, Sergio. Salvador Allende en la perspectiva histórica del movimiento popular chileno. *História: debates e tendências*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, 1º sem. 2006, p. 222-223.

³³⁷ SUBERCASEAUX, Bernardo. El imaginario político de transformación en Chile. *Contracorriente: Revista de Historia Social y Literatura en América Latina*, v. 5, n. 3, 2008, p. 56 e p. 61.

de Salvador Allende e tudo que ele representou, como acabamos de apontar, ainda que Fernando Alegría, em um primeiro momento, e David Valalo, em um segundo momento, não tivessem exposto explicitamente qualquer marca política da revista.

Os dois discursos seguintes, sendo que o do dia 5 de novembro de 1970 foi o primeiro realizado por Allende como presidente, mantiveram-se coerentes ao discurso do dia 13 de janeiro de 1971, ressaltando a questão central da “via chilena para o socialismo”: a prática político-institucional para se alcançar gradativamente o socialismo, em detrimento de qualquer iniciativa revolucionária violenta e rupturista. Inferimos que a editoria política de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, ao selecionar fragmentos essenciais do pensamento allendista, ainda que indiretamente, confrontou a perspectiva insurrecional do PCCh com vias a derrubar Pinochet e efetivar a transição ao socialismo, com forte repercussão e, por que não dizer, fidelização por parte da revista *Araucaria de Chile*, como vimos.

A imagem mítica e martirizada de Salvador Allende foi outra vez suscitada na revista, em um texto apologético escrito pelo importante intelectual cubano José Lezama Lima. Publicado originalmente na revista cultural colombiana *Eco*, n. 200, em abril de 1974, o intelectual cubano apresentou suas perspectivas sobre o presidente socialista chileno, destacando traços de sua trajetória humana e política para além da história chilena, de importância, portanto, para a história da América Latina. Na visão de Lezama Lima, Allende representou a devoção máxima a uma causa que carregou consigo até sua morte, fato ainda mais glorificante para sua figura histórica. Tais foram suas palavras:

La delicadeza de Salvador Allende lo convertird siempre en un arquetipo de victoria americana. Con esa delicadeza llegó a la polis como triunfador, con ella supo morir. Este noble tipo humano buscaba la poesía, sabe de su

presencia por la gravedad de su ausencia [...]. Asumió la rectitud de su destino, desde su primera vocación hasta la arribada de la muerte.³³⁸

Embora isso não tenha sido explicitado no texto, acreditamos ser plausível interpretar que a exaltação da trajetória socialista e democrática de Allende por Lezama Lima pode ter sido utilizada por ele de maneira a contrapor à liderança também revolucionária, porém autoritária, de Fidel Castro, visto que o escritor cubano foi um crítico ferrendo dos rumos repressivos tomados pela Revolução Cubana.

Com a publicação dos fragmentos de discursos de Salvador Allende, acrescido das palavras de José Lezama Lima, consolidou-se, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, o propósito de homenagem da revista a esse personagem, e evidenciou, em nossa interpretação, a relação muito próxima de seu editorialismo programático com as esquerdas chilenas vinculadas às políticas de frentes populares e, em última instância, ao projeto da “via chilena ao socialismo”. Nesse sentido, *Literatura Chilena, Creación y Crítica* permaneceu similar à fase em que se denominara *Literatura Chilena en el Exilio*, demonstrando ter modificado muito pouco sua perspectiva editorial militante.

A publicação do manifesto dos cineastas chilenos, de 1970, em apoio ao governo popular de Salvador Allende, corroborou a persistente, embora não sistemática, veiculação, na revista, desde sua fundação, dos ideários e discursos políticos presentes no repertório de representações da cultura política socialista no Chile. No documento, os cineastas explicitaram seu engajamento junto ao governo popular e a tarefa primordial de atuação dos intelectuais no sentido de se construir o socialismo no Chile:

Cineastas chilenos, es el momento de emprender junto con nuestro pueblo, la gran tarea de la liberación nacional y de la construcción del socialismo. Es el momento de comenzar a rescatar nuestros propios valores como identidad cultural y política. Basta ya de dejarnos arrebatar por las clases dominantes,

³³⁸ LEZAMA LIMA, José. La suprema prueba de Salvador Allende. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 20.

los símbolos que ha generado el pueblo en su larga lucha por la liberación. Basta ya de permitir la utilización de los valores nacionales como elementos de sustentación del régimen capitalista. Partamos del instinto de clase del pueblo y contribuyamos a que se convierta en sentido de clase. No a superar las contradicciones sino a desarrollarlas para encontrar el camino en la construcción de una cultura lúcida y liberadora. La larga lucha de nuestro pueblo por la emancipación, nos señala el camino. [...] Por lo tanto declaramos que antes que cineastas, somos hombres comprometidos con el fenómeno político y social de nuestro pueblo y con su gran tarea: la construcción del socialismo [...].³³⁹

Do mesmo modo que *Literatura Chilena*, ao completar 10 anos do golpe, *Araucaria de Chile* dedicou-se a homenagear Víctor Jara, Pablo Neruda e Salvador Allende. Os três foram retomados sob o epíteto de heróis, como evidenciou-se já no título da seção *Aniversarios*, que cumpriu na revista a função de celebrar alguma data simbólica, dentro da perspectiva comunista de seus editores. Assim, na edição de número 24, essa seção foi denominada *Los héroes no están cansados*, e os textos publicados nela, a despeito das abordagens específicas relativas às trajetórias de cada personagem, buscaram destacar a prática política dos três, amparados pelo ideal comum de justiça social para o Chile.³⁴⁰

Na edição anterior, a de número 23, Luis Corvalán publicou em *Araucaria de Chile* texto no qual descreveu a trajetória política militante de Salvador Allende. Entre discorrer sobre o caráter humano de Allende e informar acerca de sua devoção com a causa socialista, o dirigente comunista salientou a proximidade do ex-presidente com o PCCh, a partir de sua primeira candidatura à presidência em 1952, lançada pela coalização *Frente del Pueblo*, que contou com a aliança entre comunistas e setores

³³⁹ CINEASTAS CHILENOS. Los cineastas chilenos y el gobierno popular. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 27, 1984, p. 26.

³⁴⁰ ANIVERSARIOS. Los héroes no están cansados. Pablo Neruda. Salvador Allende. Víctor Jara. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 24, p. 11-33, 1983. Ao longo dessas páginas, escreveram, em distintos textos, a jornalista e escritora chilena Virginia Vidal, sobre Pablo Neruda, Volodia Teitelboim, sobre Salvador Allende e Joan Jara, sobre seu esposo assassinado, Víctor Jara.

socialistas.³⁴¹ Entendemos com maior clareza o porquê desse ponto ter sido apresentado quando não deixamos de observar a quem a revista concedeu abertura para se falar de Salvador Allende: nada mais nada menos do que o mais alto quadro da direção do Partido Comunista chileno, ainda que ele, Corvalán, não ocupasse, possivelmente, os primeiros lugares dentre os homens políticos de maior proximidade com Allende.

Do ponto de vista da discussão que fazemos aqui, consideramos que a publicação, em *Araucaria de Chile*, do historiador e ensaísta Carlos Ossandon foi a mais representativa no sentido de suscitar questões sobre o significado de Salvador Allende dentro das representações políticas presentes nas culturas políticas comunista e socialista no Chile. Ossandon afirmou que a figura do presidente socialista não se restringiu a seus referentes histórico-políticos, mas se expandiu sobre “una línea de flotación simbólica y arquetípica, hondamente cargada de significaciones psico-sociales”. Junto a seu indubitável legado político, asseverou o autor, o singular relevo dramático de Salvador Allende, a traição que sofreu de setores das Forças Armadas, bem como o sacrifício heróico em seu ato final de resistência constituíram fatores que provocaram forte fascinação e exaltação de sua imagem. Dentro desse imaginário político, como concluiu Carlos Ossandon, Allende tanto poderia ser associado à personificação máxima da resistência política à ditadura, como a experiência democrático-socialista que liderou poderia ser ainda lembrada como uma espécie de paradigma, guardadas as devidas conjunturas, para a almejada transição à democracia:

³⁴¹ CORVALÁN, Luis. Presidente y amigo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, p. 11-17, 1983. Sobre a trajetória política de Salvador Allende pelo Partido Socialista, é importante que se diga que ele foi eleito deputado por Valparaíso em 1937 e, um ano depois, com apenas 31 anos, foi Ministro da Saúde no governo de Pedro Aguirre Cerda. Em 1945, foi eleito senador pelas províncias do sul do Chile e, em 1953, pelas províncias do norte, Taparacá e Antofagasta, reduto dos trabalhadores das minas de salitre e cobre. Foi ainda senador, a partir de 1961, por Valparaíso e Aconcagua. Para a presidência do país, candidatou-se, consecutivamente, em 1952, em 1958 e em 1964, até chegar à presidência em 1970. Em todas as candidaturas contou com a formação de frentes que contemplavam a aliança entre socialistas e comunistas, ainda que guardando diferenças entre ambos os partidos. Ver SUBERCASEAUX, Bernardo. El imaginario político de transformación en Chile. *Contracorriente: Revista de Historia Social y Literatura en América Latina*, v. 5, n. 3, 2008, p. 54.

Salvador Allende encierra y despliega [...] un poderoso aliento espiritual, capaz de ayudar a vencer las fuerzas del mal [...] y a las tendencias regresivas. [...] Gracias a la comparencia de esta iconografía, [...] Salvador Allende comienza a incorporarse más plena y sensitivamente al quehacer de redemocratización y de câmbios que se busca.³⁴²

Em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, percebemos, então, tanto a veiculação de valores das esquerdas em um sentido mais geral e amplo, abarcando expressões e sentidos tangentes à justiça social, aos trabalhadores, aos países como Cuba e Nicarágua, ao anti-imperialismo e à revolução, como projeções, ideias e personagens que condiziam mais especificamente às culturas políticas socialista e comunista no Chile. Foi o caso das frequentes menções a Salvador Allende e ao socialismo projetado pelo governo da UP; ou a personagens associados ao comunismo chileno, como Luis Emilio Recabarren, Pablo Neruda e Víctor Jara. Fez-se presente, inclusive, no caso específico de *Araucaria de Chile*, a posição mais radicalizada contra a ditadura assumida pelo PCCh, fugindo da política tradicionalmente feita pelo partido, pautada no diálogo e na formação de frentes progressistas, vertente esta presente em *Literatura Chilena* através das figuras de Allende e Pedro Aguirre Cerda.

Ambas as revistas, em que pesem as especificidades relacionadas à construção de seus editorialismos programáticos ao longo de suas trajetórias no exílio, estiveram marcadas pelo imaginário de transformação política e social construído no interior dos setores progressistas chilenos. Se, no Chile, durante a ditadura, esse imaginário se viu fraturado e se manifestou explicitamente, de maneira, digamos, reativa, a partir do crescimento das *Protestas Nacionales* e da rearticulação institucional-partidária através dos blocos políticos, o que levou ao surgimento, no final da década, da *Concertación de Partidos por el No* e, depois, da *Concertación de Partidos por la Democracia*, no exílio,

³⁴² OSSANDON, Carlos. Salvador Allende: mas allá de su legado político. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, 1984, p. 203.

logo nos primeiros anos após o golpe, ele se fez presente transubstanciado em resistência à ditadura. Dentre outros canais de efetivação do imaginário político de transformação, *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* tiveram, certamente, um papel central.

Dentro da perspectiva da resistência do intelectual e no âmbito das esquerdas chilenas, diferenciando-se da revista *Araucaria de Chile*, pudemos perceber que *Literatura Chilena* não deu vazão, em suas publicações e debates, a possibilidades insurrecionais violentas, de confronto armado à ditadura de Augusto Pinochet. Ao contrário, constatamos que como *Literatura Chilena*, *Creación y Crítica*, embora altamente combativa em relação a Pinochet e veiculando, em alguns editoriais e textos de colaboradores, ideais instados pelo pensamento político socialista, a revista esboçou apresentar certa abertura à dissonância quanto à reflexão sobre a atuação do intelectual chileno.

Um dos textos que corroboraram essa assertiva foi o artigo *Sobre la inhibición del intelectual*, de Hernán Valdés, publicado em *Literatura Chilena*, *Creación y Crítica* número 32, no ano de 1985. O autor da conhecida obra testemunhal *Tejas Verdes: Diario de un Campo de Concentración en Chile*, de 1974, que analisaremos no último capítulo, posicionou-se, em seu ensaio, de forma extremamente crítica à atuação das esquerdas chilenas desde os tempos da UP, com ênfase na atuação dos intelectuais chilenos, sobretudo os do exílio, no enfrentamento à ditadura militar. Segundo ele, grande parte dos intelectuais do país estavam perdendo sua potencialidade crítica por permanecerem conectados em demasia às orientações políticas e partidárias. Faz-se-ia necessário, portanto, visando melhor êxito na luta contra a ditadura, revisar as estratégias de oposição e ter maior independência crítica em relação aos partidos, evitando cair no que ele chamou, criticamente, de “sacralização da esquerda chilena”.

Não obstante a observação se destinasse a toda a esquerda do país, o alvo central do autor foi o Partido Comunista chileno e sua linha radical de combate à ditadura. Nas palavras de Valdés,

parece muy improbable que la izquierda en general, y principalmente el partido comunista, que mantiene quizás la concepción [...] más idealista de la sociedad chilena y su futuro, puedan o quieran correr el riesgo de analizar críticamente las causas de su fracaso y de rearmarse conceptualmente. Puesto que ello en gran parte les impide tomar iniciativas mobilizadoras y reganar credibilidad como conductores de las inspiraciones generales, yo creo que vale la pena [...] plantear la necesidad de que los intelectuales recapturemos nuestra independencia crítica respecto a los partidos y hagamos un esfuerzo de reflexión a margen de ellos.³⁴³

Essa abertura a uma opinião crítica distinta à voz corrente e majoritária no interior de *Literatura Chilena*, algo relativamente comum quando falamos de revistas culturais, impõe-nos a reflexão acerca de um maior ou menor rigor ao se levar a cabo o editorialismo programático dos impressos e a maneira como se deu a formação das redes intelectuais no exílio, se marcadas por um ideário político homogêneo ou se edificadas por meio de dissensos e polêmicas.

Chamou-nos a atenção, todavia, quando, na *Carta del Editor* da mesma edição de *Literatura Chilena*, ao abordar resumidamente os assuntos daquele número, David Valjalo afirmou concordar integralmente com os pontos de vista expressados por Hernán Valdés. Pensamos, com isso, que a publicação do ensaio e a posição do diretor e editor da revista, naquele momento, poderiam se justificar pela tentativa de *Literatura Chilena* em se mostrar mais plural. Não obstante, reafirmamos que em suas páginas predominaram, ao realizar sua resistência desde o exílio, os valores pertencentes a um socialismo chileno próximo aos ideários da “via chilena” em sua representação máxima, Salvador Allende. Ademais, não custa lembrar que a política de aliança de centro-

³⁴³ VALDÉS, Hernán. Sobre la inhibición del intelectual. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, 1985, p. 3.

esquerda consumada por Pedro Aguirre Cerda e todo o desenvolvimento social, sob vários aspectos, que se buscou implementar em seu governo foram também retomados positivamente pela revista, especificamente, por seu próprio editor. Por isso, acreditamos ser necessário questionar a afirmação do principal representante da revista ao sugerir uma suposta isenção política por parte do impresso, muito embora nossa pesquisa tenha confirmado seu argumento de que *Literatura Chilena* não possuiu vínculos institucionais com partidos ou agremiações políticas.

Isso posto, apesar de algumas discordâncias, podemos concluir que, em linhas gerais, para os colaboradores das duas revistas exílicas, as figuras do intelectual e do militante de esquerda foram peças fundamentais na resistência cultural e política e na elaboração de projeções alternativas à ditadura militar. Essa resistência, no interior das revistas, se deu a partir da predominância de elementos da cultura política comunista, em *Araucaria de Chile*, e da cultura política socialista, no caso de *Literatura Chilena*. Falamos em predominância, pois o destaque dado aos valores de uma cultura política não excluía a presença dos elementos da outra nas revistas, como pudemos observar.

Aprofundando o debate que esteve subjacente neste tópico, uma das principais preocupações de ambas as revistas, dentro daquilo que buscaram edificar em suas editoriais políticas e culturais e que conformaram seus editorialismos programáticos, consistiu em apresentar textos que refletissem acerca do papel do intelectual diante da ditadura e do exílio e as redes decorrentes de sua atuação. No próximo capítulo, dedicaremos nossas análises a essa temática.

PARTE 2: Entre a criação artístico-literária e o engajamento político no exílio: as redes e o papel dos intelectuais

Nesta segunda parte do nosso estudo, analisaremos a participação das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* na formação e na divulgação de redes intelectuais de oposição à ditadura pinochetista no exílio, destacando a marcante atuação conjunta de chilenos e latino-americanos na resistência cultural e política. Ademais, foi nosso objetivo aqui analisar os debates, ocorridos em suas páginas, tangentes à função dos intelectuais diante da repressão estatal e do exílio.

CAPÍTULO 3: A formação de redes e o debate sobre o exílio e o compromisso dos intelectuais

3.1– A formação de redes intelectuais no exílio e a resistência à ditadura pinochetista

No capítulo anterior, ao observarmos a criação, trajetória e construção dos editorialismos programáticos das revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, percebemos, ainda que tangencialmente, que o exílio dos intelectuais chilenos, no contexto da ditadura militar, configurou-se como extremamente ativo. Dessa forma, as revistas e os intelectuais relacionados a elas buscaram reverter a condição adversa do exílio em resistência cultural e política, visando erigir situações de mudança através do engajamento na luta chilena contra a ditadura. Escritores, cineastas, atores, artistas plásticos, compositores e acadêmicos do Chile, em franco contato com intelectuais de outros países latino-americanos, alguns deles também assolados por outras ditaduras militares, como a Argentina e o Uruguai, assim como com aqueles dos países receptores, mantiveram-se unidos pela causa das sociedades do Cone Sul acometidas pelo autoritarismo.

Através de encontros culturais, dos congressos acadêmicos, da fundação de editoras, da criação de selos musicais e de rádios, e da publicação de revistas, além da atuação dos tradicionais e combativos partidos políticos de esquerda, a intelectualidade chilena exilada consolidou a formação de redes tramadas com laços muito bem fortalecidos, o que contribuiu para robustecer a resistência ao governo de Augusto Pinochet. O sentido de formação de redes no exílio chileno consistiu não somente em

“ayudarse y reforzar una identidad, sino para denunciar lo que ocurría en Chile”, afirmou a historiadora e antropóloga chilena Loretto Rebolledo González.³⁴⁴

O crítico literário argentino Noé Jitrik defendeu a ideia de um exílio intelectual chileno ativo, resistente e politizado. Ele apontou que os escritores e os intelectuais do Chile, de uma maneira geral, vivenciaram a experiência do exílio como uma espécie de “prolongação de um compromisso estabelecido anteriormente com seu país”.³⁴⁵ Em nosso entendimento, essa não foi uma particularidade chilena, mas foi uma característica que os marcou especialmente, pelo fato de, até o momento do golpe, encontrarem-se lado a lado com o poder socialista do Estado.

Essa leitura acerca do exílio chileno nos parece plausível quando pensamos na acolhida, por vezes institucional, que os exilados tiveram em muitos países, como apontamos no Capítulo 1. A recepção e as possibilidades de atuação de muitos intelectuais e políticos chilenos no exílio pode ser explicada por alguns aspectos. Podemos começar pelas simpatias angariadas junto aos europeus, especialmente, em razão do respeito e interesse ao projeto de socialismo da Unidade Popular, original sob muitos aspectos. Também em função da solidariedade com a morte traumática de Salvador Allende e do amplo repúdio gerado pela forma altamente violenta com que a Junta Militar perpetrou o golpe de Estado no país. Por fim, ligado a este último aspecto, a maneira extremamente autoritária com que Augusto Pinochet exerceu seu poder no Chile recrudescer a recepção aos exilados. Tais fatores teriam preparado “el terreno para la llegada y acogida solidaria a los seguidores del Gobierno derrotado que salieron al exilio”.³⁴⁶ A autora ainda indicou que, principalmente por parte dos intelectuais,

³⁴⁴ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Exilios y retornos chilenos. *Revista Anales*, Santiago, Séptima Serie, nº 3, julio 2012, p. 183.

³⁴⁵ JITRIK *apud* VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no cone sul*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 40.

³⁴⁶ REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Op. Cit., 2012, p. 181.

la articulación entre cultura y política fue el modo de preservar el vínculo con Chile y el testimonio cotidiano con la lucha y resistencia contra la dictadura, pero además fue la forma de hacer explícita una identidad propia frente a las otras comunidades de exiliados y los habitantes del país de recepción. Ello se vio facilitado por la amplitud del exilio, que incluyó a numerosos intelectuales y artistas, y también por la capacidad organizativa que los exiliados llevaron en sus maletas y que habían aprendido en su práctica política en Chile.³⁴⁷

As revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* cumpriram papel fundamental na organização dessa intelectualidade, não apenas chilena, mas, outrossim, latino-americana. Elas não apenas deram vazão, em suas páginas, a debates significativos sobre questões diversas – todas relacionadas, em maior ou menor grau, com a resistência política –, como promoveram e/ou divulgaram eventos importantes organizados pelos intelectuais exilados junto à comunidade internacional, visando chamar a atenção da opinião pública de países distintos, sobretudo na Europa e na América.

As editoras que imprimiram as revistas e foram criadas e administradas pelos editores responsáveis por *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, respectivamente, David Valjalo e Carlos Orellana, possibilitaram a reunião de escritores e estudiosos, contribuindo para a formação e/ou consolidação de redes intelectuais. *Ediciones de la Frontera* foi uma editora pequena, criada por Valjalo em Los Angeles e que se dedicou à publicação trimestral de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* entre 1977 e 1987. Como apresentamos anteriormente, no exílio, a editora ainda se prestou à publicação de duas coletâneas de poemas. Ainda que modesta, do ponto de vista econômico, *Ediciones de la Frontera* imprimiu e divulgou obras literárias de escritores chilenos exilados, dentre os quais alguns que debutavam no ofício como forma de resistir cultural e politicamente à ditadura pinochetista.

³⁴⁷ Ibid, p. 183.

Em seu número 6, de 1978, *Literatura Chilena en el Exilio* divulgou obras de poucas páginas e a preços módicos impressas por *Ediciones de la Frontera* de maneira aparentemente rudimentar. Anunciou-se *Lament for Chile*, do poeta Jaime Valdivieso, edição bilíngue em espanhol e inglês, de apenas 20 páginas, em formato reduzido, custando U\$ 1. Com o mesmo valor e com características físicas similares, também se anunciou uma pequena antologia de poemas de David Valjalo, denominada *Trece Poemas*, de 24 páginas. Ademais, foram divulgadas obras que estariam em distribuição pela pequena editora: *Una vida por la legalidade* (1976), memórias do general constitucionalista Carlos Prats, publicada postumamente; e *Literatura y Revolución* (1971), de Fernando Alegría. Ambas foram editadas pela importante editora mexicana *Fondo de Cultura Económica*.³⁴⁸

Na edição seguinte da revista, novos livros encontraram-se em distribuição: *Relato en el frente chileno*, de 1978, narrativa *testimonial* do jovem escritor que se apresentava sob o pseudônimo Ilario Da; e *Los trabajos y los días de Recabarren*, de 1977, do historiador Alejandro Witker, sobre o fundador do Partido Comunista chileno. Os valores destas duas últimas obras publicadas no exílio foram de U\$ 5 e U\$ 3,50, respectivamente. Na edição de número 8, apareceram muitos outros títulos em distribuição pela *Ediciones de la Frontera*. Além das obras mencionadas, destacamos *Confieso que he vivido* (1974), memórias póstumas de Pablo Neruda; *Los poetas chilenos luchan contra el fascismo* (1977), antologia, organizada por Sergio Macias, de poemas-testemunhos feitos nos “campos de concentração” chilenos; o testemunho *Prisión en Chile* (1975), de Alejandro Witker; *El teatro latinoamericano de lucha popular*, de Pedro Bravo-Elizondo; *Dialéctica de una derrota* (1979), de Carlos Altamirano; e *Conversaciones con Allende* (1971), do intelectual francês Régis

³⁴⁸ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Ediciones de la Frontera. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, s.p.

Debray.³⁴⁹ Em sua edição de número 16, de 1981, já como *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, realçamos o anúncio e distribuição do livro de contos *Las malas juntas* (1978), do jovem e promissor escritor chileno, na perspectiva da revista, José Leandro Urbina, editada pela *Ediciones Cordillera*, editora criada por exilados chilenos em Ottawa, no Canadá.

A editora *Ediciones Michay*, até 1984, quando *Araucaria* encontrava-se em Paris, dedicou-se à publicação da revista. Nesse ano, a mudança definitiva da redação de *Araucaria de Chile* para Madrid efetivou-se em razão de se concentrarem todos os trabalhos realizados por *Ediciones Michay* na capital espanhola, já que a editora passou a atuar também na edição de livros de chilenos exilados. Antes, porém, assim como *Ediciones de la Frontera*, *Ediciones Michay* atuara na distribuição de obras publicadas por outros selos.

A edição de número 25 de *Araucaria de Chile*, por exemplo, anunciou uma série de livros que poderiam ser enviados aos leitores da revista pelos serviços de distribuição da editora. Dentre eles, encontravam-se *Santiago-Moscú-Santiago (apuntes del exilio)* (1983), de Luis Corvalán; *Víctor Jara. Un canto truncado* (1983), de Joan Jara; *La casa de los espíritus* (1982), de Isabel Allende; *Nicaragua tan violentamente Dulce* (1983), de Júlio Cortázar; *Cantores que reflexionan. Notas para una historia personal de la Nueva Canción Chilena* (1984), de Osvaldo Rodríguez; *Del fetichismo de la mercancía al fetichismo del capital* (1982), de Osvaldo Fernández; *Los enganchados de la era del*

³⁴⁹ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. En distribución por Ediciones de la Frontera. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, s.p. Esses títulos, acrescidos de um ou outro mais igualmente voltados para a literatura e para o debate político das (e sobre as) esquerdas, como *El libro negro de la intervención norte-americana en Chile* (1974), de Armando Uribe, apareceram em anúncio nas edições de número 9, 11, 12 e 13 de *Literatura Chilena en el Exilio*.

salitre (1983), de Pedro Bravo-Elizondo; *Soñé que la nieve ardía* (1975), de Antonio Skármeta; e *La guerra interna* (1979), de Volodia Teitelboim.³⁵⁰

Tal qual a amplitude na abordagem da produção cultural e intelectual chilena do exílio pela revista *Araucaria de Chile*, as obras distribuídas, como vimos, e, posteriormente, as publicadas pela editora *Ediciones Michay*, versavam sobre política, sociedade e cultura do Chile. A série de livros publicados, a partir de 1984, pela editora de *Araucaria*, inseriu-se na coleção *Libros del Meridión*. As três primeiras obras anunciadas em *Araucaria de Chile* foram *Neruda*, biografia de Volodia Teitelboim; *El libro mayor de Violeta Parra*, de Isabel Parra, filha da compositora; e *Dawson*, testemunho sobre a experiência da prisão no “campo de concentração” situado na *Isla Dawson*, do filósofo e político comunista Sergio Vuscovic’ Rojo.³⁵¹ Em cada anúncio das obras estavam contidos resumo do livro, seu formato, quantidade de páginas e valor para compra.³⁵²

Na edição de número 35 da revista, de 1986, novos títulos foram anunciados pela série *Libros del Meridión*. Dentre eles, encontravam-se *Muerte y resurrección del teatro chileno (1973-1983)*, do crítico literário Grinor Rojo; *Cultura y teatro obreros en Chile*, de Pedro Bravo-Elizondo; *Actas del Alto Bío Bío*, de Patricio Manns; e *El movimiento obrero en Chile: antecedentes (1891-1919)*, de Fernando Ortiz Letelier, professor da *Universidad de Chile* até 1973 e membro do Comitê Central do PCCh, desaparecido desde dezembro de 1976, provavelmente assassinado por agentes da DINA.³⁵³ Nota-se, portanto, que os livros publicados ou divulgados por *Ediciones Michay* foram obras marcadamente políticas, cujos autores, temas ou personagens

³⁵⁰ ARAUCARIA DE CHILE. Libros de interés. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, 1984, p. 224.

³⁵¹ Esta obra de caráter testemunhal será analisada no Capítulo 5.

³⁵² ARAUCARIA DE CHILE. Ediciones Michay anuncia la aparición inmediata de la serie *Libros del Meridión*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, 1984, p. 223.

³⁵³ ARAUCARIA DE CHILE. Novedades de Ediciones Michay. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 35, 1986, p. 222-223.

históricos retratados estiveram diretamente vinculados às esquerdas chilenas, principalmente ao Partido Comunista.

A maioria das obras distribuídas e/ou publicadas por *Ediciones de la Frontera* e por *Ediciones Michay* foram também analisadas, por meio de resenhas críticas ou de ensaios, em *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e em *Araucaria de Chile*, algumas delas em ambas as revistas. As duas editoras priorizaram a divulgação e/ou publicação de obras de exílio e de caráter cultural e político, que ora denunciavam os crimes praticados pela ditadura chilena ora resgatavam valores pertencentes às culturas políticas socialista e comunista no Chile. Acreditamos que seus editores, colaboradores e os autores que nelas publicaram estavam inseridos em uma rede intelectual que os aproximou pela resistência cultural e pelo compartilhamento de valores políticos de esquerda. Nesse sentido, podemos afirmar que as editoras, assim como as revistas, foram promotoras de redes intelectuais de resistência à ditadura que se forjaram no exílio.

Dentro da perspectiva da ação prática dos intelectuais no enfrentamento à ditadura no Chile, as duas revistas difundiram e promoveram amplamente encontros e eventos culturais realizados em prol da causa chilena. Em *Literatura Chilena en el Exilio*, a seção *Documentos* foi a que concentrou a divulgação de manifestações e encontros artísticos e literários de chilenos no exterior. Na edição de número 5, publicou-se uma síntese a respeito do *Taller de literatura hispanoamericana y realidad política*, realizado em Toronto, no Canadá, país onde viveu uma quantidade significativa de intelectuais exilados chilenos, sobretudo escritores e acadêmicos, como indicamos no Capítulo 1. Nesse texto, debateu-se sobre as relações entre literatura e política, literatura e ideologia, e quais seriam os supostos vínculos com a realidade na qual o fazer literário se encontrava imerso. Assim, explicou-se que

los objetivos fundamentales del Taller fueron establecer una vinculación entre la literatura hispano-americana contemporánea y una visión política-ideológica de América Latina; buscar el intercambio de experiencias en el análisis y la crítica ideológica de la literatura y vincularse con el público en un diálogo sobre este terreno común.³⁵⁴

Essa abordagem que aproximou literatura e política nos permite antever o que analisaremos no Capítulo 5, encontrando-se coerente com o editorialismo programático da revista. Em nossa visão, a questão estética na literatura e na crítica literária, em *Literatura Chilena*, encontrou-se frequentemente associada, em um primeiro momento, às necessidades emergenciais políticas, dotando a literatura de uma função pública primordial que era a de resistir e combater em prol da democracia. Nos interessa, por ora, perceber a relação e os encontros de importantes escritores e críticos literários, reconhecidos como intelectuais pela revista - assim se referiu a eles -, que estiveram no exílio nos Estados Unidos e/ou no Canadá, países dos quais convergiu a maioria dos colaboradores de *Literatura Chilena*, tais como o próprio Fernando Alegría, Bernardo Subercaseaux, Naín Nómez, Juan Armando Epple e Manuel Jofré, participantes do *Taller* literário em Toronto.

A revista noticiou que esse evento seria composto por “jóvenes críticos chilenos que trabajan en Norteamérica y Canadá” e que se pretendia, além dos objetivos expostos anteriormente, “unir a los intelectuales chilenos en el extranjero en un trabajo colectivo”, enriquecendo o âmbito teórico e postulando “nuevos vínculos entre los que quieren ver al continente liberado de todas las explotaciones nacionales e imperiales”.³⁵⁵ Ficou evidente a dimensão política que se buscou dar ao debate sobre a literatura hispano-americana no encontro em Toronto. Nessa vertente, especificou-se, dentre os

³⁵⁴ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Taller de literatura hispanoamericana y realidad política realizado en Toronto. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 34.

³⁵⁵ Ibid., p. 34.

objetivos defendidos no *Taller*, que se almejava a união de escritores e críticos chilenos em torno a visões progressistas de mundo, vislumbrando a autodeterminação das sociedades latino-americanas frente às explorações imperialistas.³⁵⁶

O mesmo tom esteve presente no *II Taller de literatura hispanoamericana y realidad política*, organizado novamente pelos exilados chilenos no Canadá e nos Estados Unidos, e que, assim como o primeiro encontro, foi contemplado pelas páginas de *Literatura Chilena en el Exilio*. A cidade em que ocorreu o encontro literário foi Montreal, no Canadá, durante os dias 11 e 12 de maio de 1979, sob a direção do crítico e escritor Manuel Jofré, professor da Universidade de Nova Iorque.

Procurou-se, no *II Taller*, centralizar a discussão no problema da produção artística como compromisso cultural e político, afinando “la perspectiva crítica del escritor y su compromiso social”.³⁵⁷ Está claro, uma vez mais, as aproximações, concebidas nesses dois encontros culturais no exílio, entre literatura, arte e política, dada a emergência desse tipo de debate, premente naquela conjuntura histórica. Além de Manuel Jofré, participaram do evento o escritor José Leandro Urbina, os escritores e acadêmicos Gonzalo Millán, Juan Carlos García e Naín Nómez, os três da Universidade de Toronto, o poeta e ator Manuel Aránguiz, exilado em Montreal, e Jorge Etcheverry, da Universidade de Carleton, em Ottawa.

Com base nas informações apresentadas, constatamos que Manuel Jofré, Naín Nómez e Leandro Urbina participaram dos dois encontros literários, mas certamente mais críticos e escritores marcaram presença nos dois eventos. O que confirmou, em nossa interpretação, que de fato existiu uma rede de escritores e acadêmicos comprometidos com a luta contra a ditadura pinochetista e por uma literatura de

³⁵⁶ Ibid, p. 34.

³⁵⁷ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Segundo Taller de literatura hispanoamericana y realidad política realizado en Canadá. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, 1979, p. 36.

resistência política foi a criação, durante a realização do *Taller* em Montreal, da *Frente de Trabajadores Chilenos de la Cultura en Canadá*, cujo objetivo central consistiu em reunir intelectuais chilenos no exílio na luta pela democracia no Chile.

No número seguinte àquele que publicizou o primeiro *Taller* em Toronto, *Literatura Chilena en el Exilio* repercutiu a criação de uma importante editora chilena no exílio, novamente no Canadá, a *Ediciones Cordillera*, com sede em Ottawa, confirmando a capacidade de mobilização dos chilenos exilados naquele país.³⁵⁸ Na seção *Documentos*, foi publicado um informe da *Asociación de Chilenos de Ottawa*, no qual se anunciou a criação da editora, que tinha como objetivo a publicação de livros de chilenos exilados e daqueles que permaneceram no país. Os membros do comitê da nova editora credenciaram a criação da mesma à necessidade de divulgação do patrimônio artístico e cultural do Chile, buscando restabelecer o diálogo entre os escritores e o público do país, fragmentado pela repressão política. A nota informou também sobre a presença de destacados intelectuais chilenos na composição do conselho consultivo da editora, como Fernando Alegría, Jaime Concha e Antonio Skármeta. Ainda de acordo com o informe, os primeiros livros lançados pela *Ediciones Cordillera* foram *Las malas juntas*, de José Leandro Urbina, que reuniu contos de alto teor político; *Poemas*, de Jorge Etcheverry e *La Ciudad*, de Gonzalo Millán, estes dois últimos importantes poetas chilenos. Os três escritores estiveram, frequentemente, através de seus textos publicados parcial ou integralmente, nas páginas de *Araucaria* e *Literatura Chilena*.

³⁵⁸ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Editores en Canadá. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, p. 33. Sobre o exílio chileno no Canadá, ver POZO, José del. Los chilenos en el exterior: ¿De la emigración y el exilio a la diáspora? El caso de Montréal. *Revue européenne des migrations internationales*, v. 20, n. 1, p. 1-16, 2004. De maneira mais específica, sobre literatura e exílio chileno no Canadá, ver ETCHEVERRY, Jorge. Poesía chilena en Canadá: historia e identidades. *Contexto*, Segunda etapa, v. 15, n. 17, p. 183-199, 2011.

Outros eventos de significativa relevância no exílio, visto que congregaram número elevado de intelectuais chilenos e, por vezes, latino-americanos, e que possuíram repercussão em alguns números de *Literatura Chilena*, foram as *Jornadas Culturales Salvador Allende* e as *Jornadas Culturales Chilenas*. Anunciada na edição 7 e amplamente explorada na edição de número 8, as *Jornadas Culturales Salvador Allende* ocorreram no México, entre 4 e 10 de setembro de 1978, organizadas por *Casa de Chile en México*. Essa importante instituição foi fundada, representativamente, em 11 de setembro de 1974, um ano após o golpe, por iniciativa de Pedro Vusković Bravo – membro do PS, ex-ministro da Economia de Salvador Allende –, que, nessa empreitada, atuou junto ao governo do México e a intelectuais mexicanos. Através de *Casa de Chile*, parte significativa da resistência política chilena no exílio efetivou sua atuação contra a ditadura de Augusto Pinochet.

As *Jornadas Culturales Salvador Allende*, realizadas ao se cumprir cinco anos da queda do governo de Allende, contaram ainda com o patrocínio e a organização da revista *Literatura Chilena en el Exilio*, que divulgou a programação e os debates ocorridos durante o evento. Além da revista, as *Jornadas* foram patrocinadas pelo *Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA)* e pelo *Departamento de Difusión de la Universidad Autónoma de México (UNAM)*.³⁵⁹

A programação do encontro, como nos mostrou a revista, permitiu-nos ter a dimensão do que foram as *Jornadas Culturales*. Durante a sua realização, ocorreram debates sobre literatura, música, teatro, pintura e cinema, com apresentações artísticas e folclóricas, contando com a participação de chilenos e colaboradores de outras nacionalidades. Essa iniciativa cultural foi uma das mais importantes em meio às ações

³⁵⁹ Sobre *Casa de Chile en México*, ver: ROJAS MIRA, Claudia Fedora. *El exilio político chileno: la Casa de Chile en México (1973-1993)*, una experiencia singular. Tesis. 225f. Universidad de Santiago de Chile. Instituto de Estudios Avanzados – Facultad de Humanidades, 2013.

práticas dos intelectuais no exílio, o que nos permite reafirmar ter havido uma ampla rede de chilenos cultural e politicamente ativos, rede esta que contemplou acadêmicos, escritores, cantores, compositores, artistas plásticos, atores, diretores de teatro e cinema, militantes e dirigentes políticos. Sobretudo no âmbito das letras chilenas e latino-americanas, participaram, dentre outros nomes, os chilenos Fernando Alegría, David Valjalo, Volodia Teitelboim, Ariel Dorfman, Antonio Skármeta, Poli Délano, Jaime Valdivieso, Jaime Concha, Pedro Bravo-Elizondo, Armando Cassigoli, o uruguaio Saúl Ibargoyen, o guatemalteco Roberto Dias Castillo, e o mexicano René Avilés. *Literatura Chilena en el Exilio* apresentou em suas páginas parte dos debates do *Coloquio de literatura chilena de la resistencia y el exilio*, dividido, durante as *Jornadas*, em mesas sobre poesia, *testimonio* e narrativa.³⁶⁰ Algumas análises oriundas desse debate foram contempladas por nós, especialmente, no último capítulo deste trabalho.

As *Jornadas Culturales Salvador Allende* serviram de inspiração para outro evento de porte e caráter similar, as *Jornadas Culturales Chilenas*, ocorridas, não por acaso, em Los Angeles, Estados Unidos, cidade onde se publicava *Literatura Chilena*. Realizadas por iniciativa do Centro de Estudos Latino-americanos em associação com o Departamento de Línguas Estrangeiras e Literatura, ambos da *State University at Los Angeles*, as *Jornadas* ocorreram entre os dias 4 e 10 de fevereiro de 1980, e contaram com significativa participação de artistas e intelectuais chilenos que viviam, principalmente, nos Estados Unidos e no Canadá. Como nas *Jornadas Salvador Allende*, organizaram-se *ponencias* e apresentações que discutiram sobre a produção cultural chilena após 1973, com destaque para a literatura.

O editorial do número 13 de *Literatura Chilena en el Exilio*, antecipando o que viria a ser difundido em suas páginas nos números subsequentes, escreveu que nas

³⁶⁰ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Programa de las Jornadas Salvador Allende. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 20-21.

Jornadas participariam “más de cincuenta intelectuales residentes en EE.UU. y Canadá”, fato que demonstrava “la supervivencia de la cultura chilena y al mismo tiempo la posición de su intelectualidad frente a la dictadura”.³⁶¹ Destacamos nomes já mencionados em outros encontros culturais no exílio, como Fernando Alegría, David Valjalo, Jaime Concha, Pedro Bravo-Elizondo, Leandro Urbina, Bernardo Subercaseaux, Víctor Valenzuela e Armando Cassigoli. Além desses, fizeram-se presentes Juan Armando Epple e Guillermo Araya, membros da direção de *Literatura Chilena*, acompanhados por estudiosos como o maestro, compositor e crítico musical chileno Juan Orrego Salas, que durante o evento analisou a *Nueva Canción Chilena*, e outros de distintas nacionalidades, como o escritor e dramaturgo espanhol Alfonso Sastre, professor na Universidade da Califórnia. As *Jornadas Culturales Chilenas* contaram também com contribuições de acadêmicos norte-americanos, como Timothy Harding, do Departamento de História da Universidade de Los Angeles.

Observamos que nas *Jornadas Culturales* realizadas no México, em 1978, e nos Estados Unidos, em 1980, os principais nomes da revista *Literatura Chilena* não só participaram, como foram coorganizadores dos dois eventos culturais no exílio. Enfatizamos também a importância de instituições como a *Casa de Chile en México* e os Departamentos de universidades norte-americanas, como a Universidade da Califórnia, no apoio material e organizacional dos prolíficos debates e manifestações culturais ocorridas em ambas as *Jornadas*. Certamente tais instituições contribuíram para a formação de redes de intelectuais no exílio que tiveram como eixo a cultura chilena de resistência política. Ademais, no interior das redes, pleitearam-se condições democráticas para o Chile sob óticas políticas de esquerda, nas quais a figura de

³⁶¹ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, 1980, p. 1. Algumas apresentações ocorridas durante as *Jornadas Culturales Chilenas* foram publicadas nos números 14, 15, 16 e 17 de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*.

Salvador Allende e a experiência política da UP, por exemplo, foram peças centrais de união entre os intelectuais.

As *Jornadas Culturales Chilenas*, que na revista *Literatura Chilena* mereceu grande destaque, em *Araucaria de Chile* circunscreveu-se à menção em nota, com breve esclarecimento sobre o que foi o evento. Publicada na seção *Varia Intención*, destinada a divulgação de encontros, colóquios e congressos com a participação de intelectuais chilenos exilados, a nota, não assinada, divulgou a programação das mesas dedicadas a debater a literatura chilena de resistência política. No entanto, ainda que em nota, *Araucaria* elucidou que a iniciativa de realização das *Jornadas*, sob o patrocínio da *California State University*, se deu em ocasião do terceiro aniversário de *Literatura Chilena*, o que nos confirmou a atuação conjunta de membros da direção desta revista com acadêmicos progressistas dos EUA, muitos deles, chilenos e americanos, professores que foram companheiros de trabalho nas universidades norte-americanas. Em *Araucaria de Chile*, afirmou-se que “uno de los rasgos significativos de las jornadas fue la manifestación del deseo urgente de promover el reencuentro [...] entre los autores y la producción literaria que se desarrolla en el país y en el exilio”,³⁶² mostrando-nos, assim, que a produção e a manifestação de uma cultura chilena de resistência política, especialmente em torno à literatura, foram aspectos motivadores para a formação de redes ativas de intelectuais no exílio.

Quando falamos, em *Araucaria de Chile*, da divulgação, em suas páginas, da ação prática em favor da cultura chilena e de combate à ditadura por parte dos intelectuais, chama-nos a atenção os muitos encontros organizados em virtude dos aniversários da revista. Ao completar três anos, foram realizados atos em homenagem à *Araucaria* que, obviamente, tiveram repercussão em suas páginas. Carlos Orellana

³⁶² ARAUCARIA DE CHILE. Encuentro cultural en California. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, 1980, p. 203-204.

destacou o evento, ocorrido em Paris no dia 21 de janeiro de 1981, que contou com a participação de leitores e colaboradores. O cenário foi a sala *Delpy* do Instituto de Estudos Hispânicos da Sorbonne, onde se reuniram “doscientas personas [...] en torno a un doble propósito: festejar el triple aniversario y participar en una amplia discusión sobre la revista”. Além do diretor, Volodia Teitelboim, e de membros do Comitê de Redação da revista, como Luis Bocaz, que discursaram durante o evento, Orellana destacou a participação do sociólogo chileno Sergio Spoerer, colaborador de *Araucaria* e que interveio de maneira crítica, apontando lacunas na revista, como a necessidade de se realizar uma ampla discussão sobre a profunda crise vivida pelos movimentos populares chilenos após o golpe de 1973. Rafael Agustín Gamucio, ex-senador e dirigente da *Izquierda Cristiana*, também discursou no ato.³⁶³

Ainda em relação aos encontros comemorativos dos três anos da revista, em *Araucaria* número 15, publicou-se uma nota do jornalista chileno Mario Gómez López, que vivia no México. Nela, Gómez López se referiu às solenidades em comemoração aos três anos de *Araucaria de Chile* realizadas naquele país, sob os auspícios, como ele frisou, da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), do Ministério da Educação mexicano e da *Casa de Chile en México*, a mesma instituição que patrocinou e organizou, junto à direção de *Literatura Chilena en el Exilio*, as *Jornadas Culturales Salvador Allende*. Nesse ato fizeram-se presentes o mexicano Arturo Azuela, presidente da Associação de Escritores do México, o escritor Luis Enrique Délano, que representou a revista durante as solenidades, seu filho e também escritor, Poli Délano, participante de encontros divulgados por *Literatura Chilena* e colaborador de ambas as revistas, do artista plástico, Mario Toral, e do cineasta Miguel Littín, todos chilenos exilados

³⁶³ ORELLANA, Carlos. Los actos de aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 206-209.

naquele país – exceto Toral, nos Estados Unidos -, além do renomado escritor uruguaio Mario Benedetti.³⁶⁴

No quinto ano da revista, em 1983, ocorreram uma série de encontros e confraternizações – na Bélgica, na França e na Espanha – em celebração à *Araucaria de Chile* que, obviamente, ganharam novamente as páginas do impresso, nas edições de número 22 e 23. Elencamos a participação de importantes intelectuais nos distintos eventos, como Julio Cortázar, em homenagem ocorrida em Paris, e os poetas espanhóis Rafael Alberti e Francisco Giner de los Ríos, junto a Volodia Teitelboim e ao poeta, cofundador e colaborador da revista, Omar Lara, presentes no ato comemorativo realizado em Madrid no dia 17 de março do mencionado ano. Na Espanha, foram feitas apologias recíprocas a realizações culturais no exílio por parte dos chilenos, e, outrora, por parte dos espanhóis que deixaram seu país durante a ditadura franquista, iniciada após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), como ocorreu a Giner de los Ríos e Rafael Alberti, ambos com profícua criação poética sob o desterro político.³⁶⁵

Ao completar 10 anos, em 1988, *Araucaria de Chile* foi homenageada em atos realizados no Chile e na Espanha. Em fevereiro daquele ano, no salão principal do Ateneo de Madrid, realizou a abertura do ato de homenagem da revista o senador pelo *Partido Socialista Obrero Español* e presidente do Ateneo, José Prat, cuja exposição foi secundada pelo secretário de redação Carlos Orellana. No Chile, na capital Santiago, em 27 de maio, as comemorações pelo décimo ano de *Araucaria* foram organizadas pelo *Comité de Amigos* da revista, instituição presidida pelo arquiteto e ex-reitor da *Universidad Católica*, Fernando Castillo Velasco, e pelo presidente da *Sociedad de Escritores de Chile*, Poli Délano, que, nesse momento, havia retornado do seu exílio no

³⁶⁴ GÓMEZ LÓPEZ, Mario. Más sobre los tres años de la revista. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, 1981, p. 202.

³⁶⁵ Ver, em especial, a seção *Documentos* de *Araucaria de Chile* n. 23, 1983, p. 171-184.

México. A equipe de redação incorporada posteriormente à revista, e que se encontrava no Chile, como Ligeia Valadares, Pamela Jiles e Hernán Soto, junto aos recém-retornados de seus exílios, Virginia Vidal, Omar Lara e Guillermo Quiñones, ajudaram na organização do evento.³⁶⁶

Junto à divulgação de encontros culturais em homenagem à *Araucaria*, possivelmente um dos eventos que ganhou maior destaque nas páginas da revista foi a *Jornada Cultural Chile Vive*, realizada em Madrid, no *Círculo de Bellas Artes*, durante um mês, entre 19 de janeiro e 18 de fevereiro de 1987, sob o auspício do Ministério da Cultura do governo espanhol. Em crônica, Carlos Orellana escreveu a respeito dessa portentosa iniciativa intelectual de resistência cultural e política no exílio, relatando as manifestações ocorridas nos campos da literatura, das artes plásticas, do teatro, da fotografia e da academia (com a presença de sociólogos, escritores e editores nos colóquios organizados pelas *Jornadas*). Segundo Orellana, exaltando a atuação dos intelectuais chilenos na construção de uma cultura opositora à ditadura militar,

a pesar de los ya casi catorce años de Dictadura, *Chile Vive*. Lo prueba su cultura: sus poetas, sus pintores, sus fotógrafos, sus teatristas, sus cineastas, sus editores. Estas manifestaciones *viven*, lo que demuestra que el país está lejos de haber muerto. Como bien lo expresó alguien en uno de los coloquios finales, en Chile la cultura nunca estuvo muerta, ni siquiera en los años iniciales de la tiranía, en que la capacidad nacional de respuesta no lograba todavía articularse. Sólo había una suerte de “silencio cultural”, producto del explicable miedo, del estupor, el acoquinamiento y la angustia, y de la muerte o mutilación de los soportes anteriores, de los medios de que otro tiempo se dispuso. [...] Todo lo que es ahora importante en la plástica, las letras, la escena, la música, en el conjunto de lo que es creación cultural en el país, está de un modo u otro impregnado del rechazo al orden dictatorial, del repudio al oscurantismo y al crimen. Su salud se ha restablecido afirmándose en los mismos valores humanistas que fueron siempre los suyos.³⁶⁷

³⁶⁶ Ver TEITELBOIM, Volodia. *Araucaria de Chile en Chile*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 185-189; ORELLANA, Carlos. *Araucaria de Chile en España*. *Ibid*, p. 189-193.

³⁶⁷ ORELLANA, Carlos. Homenaje a un pueblo pertinaz. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 37, 1987, p. 189.

Especificamente sobre a literatura chilena de exílio, difundiu-se, em nota, o *Encuentro de la Literatura Chilena*, realizado nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 1981 na cidade de Frankfurt, cuja motivação principal foi debater sobre a literatura, a condição e o papel do escritor exilado. Chama-nos a atenção a participação de escritores, críticos literários e editores chilenos de relevo, a maioria deles com publicações na própria *Araucaria de Chile*, bem como em *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*, além daqueles que exerciam função diretiva na redação das revistas: Volodia Teitelboim, Fernando Alegría, Carlos Orellana, Antonio Skármeta, Poli Délano, Miguel Rojas-Mix, Antonio Avaria, Jaime Valdivieso, German Marín, Waldo Rojas, Soledad Bianchi, Luis Bocaz, Federico Schopf, Manuel Miranda Sallorenzo e Osvaldo Rodríguez.³⁶⁸

Embora mencionados em *Araucaria de Chile*, entendemos que, de forma distinta à *Literatura Chilena*, tais eventos sobre a literatura chilena e latino-americana não mereceram tanto destaque na revista, que priorizou, como apresentamos, a divulgação de colóquios e encontros de intelectuais realizados no exílio em ocasião de seus aniversários. Outro ponto de diferenciação entre as revistas, no que concerne à divulgação das iniciativas culturais e políticas, foi que enquanto em *Literatura Chilena* a presença de intelectuais chilenos ligados à crítica e à literatura foi majoritária, em *Araucaria de Chile* verificamos a reunião de uma intelectualidade oriunda de nacionalidades e de áreas do conhecimento diversas, apontando para uma propensão mais internacionalista desta em relação à primeira.

³⁶⁸ Ver Encuentro de escritores chilenos en Frankfurt. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 16, 1981, p. 204-205. Citamos, ainda, outra iniciativa literária que resultou no *Primer Coloquio Internacional de Literatura Chilena*, ocorrido em Paris entre os dias 17 e 19 de junho de 1983, organizado por uma comissão presidida pelo professor Claude Fell, da Universidade de Paris III. Ver BOCAZ, Luis. La literatura chilena en un torneo internacional. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, 1983, p. 205-207.

Poderíamos pensar, assim, que as redes intelectuais que se constituíram em torno da revista *Araucaria de Chile* foram maiores e mais amplas do que aquelas que se formaram a partir ou por iniciativas de *Literatura Chilena*, estas mais restritas, a despeito de terem sido altamente ativas. De modo comum, as duas revistas nos deram mostras da forte capacidade de mobilização de editores, colaboradores e leitores em torno a seus projetos editoriais e a iniciativas culturais em geral.

De qualquer modo, a leitura das revistas nos faz corroborar as assertivas de Loreto Rebolledo González e de Noé Jitrik acerca de um exílio intelectual chileno atuante, culturalmente resistente e politizado. Os intelectuais chilenos, maciçamente, dentro de seus campos específicos do conhecimento, não se furtaram à união, ainda que com possíveis divergências políticas, visando uma ação prática conjunta na luta contra a ditadura e pelo restabelecimento da intitucionalidade democrática no Chile. Buscou-se, outrossim, uma unidade da cultura chilena, entendendo que esta encontrava-se fragmentada pela censura imposta ao Chile e pela dispersão ocasionada pelo exílio. Assim, como defendeu Jaime Giordano em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, o centro de referência de qualquer estratégia cultural e/ou política de atuação dos intelectuais foi sempre o Chile, não se separando o “Chile do exterior” do “Chile do interior”.³⁶⁹ Tal posição foi sistematicamente defendida em *Araucaria* e *Literatura Chilena*, consistindo em aspecto comum dos editorialismos programáticos das revistas, ainda que, efetivada a união, as formas de combate à ditadura pudessem destoar.

O respaldo por parte de instituições políticas e culturais dos países que acolheram os exilados chilenos, como França, Espanha, Estados Unidos, Canadá e México, sobretudo, foi de fundamental importância para que se pudessem efetivar, de maneira pungente e ressonante, as iniciativas de resistência coletiva no exílio.

³⁶⁹ GIORDANO, Jaime. *Literatura y exilio. Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 5.

Araucaria de Chile e *Literatura Chilena* participaram desse processo de formação e fortalecimento de redes intelectuais de resistência política no exílio não somente difundindo positivamente os encontros culturais e políticos, mas organizando muitos deles através de seus principais editores e colaboradores, proporcionando debates e reforçando laços à medida que grande parte dos intelectuais se faziam presentes também com publicações em suas páginas.

Importa-nos, neste momento, analisar como os intelectuais que escreveram nas revistas conceberam sua função, estando eles no exílio, majoritariamente, ou no Chile sob o pinochetismo. Nosso interesse principal, no próximo tópico, revelou-se no sentido de compreender os debates acerca do exílio e do papel do intelectual no contexto de ditadura chilena, e as correlações destes com as proposições editoriais das revistas, enquanto projeto coletivo. Procedimento metodológico central em todo nosso estudo, buscaremos interpretar as ideias preconizadas pelos colaboradores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* dentro da perspectiva mais ampla de construção de seus editorialismos programáticos.

3.2 – O debate sobre o exílio e a função dos intelectuais nas revistas

No que toca ao conteúdo dos debates suscitados nas revistas, o papel do intelectual foi um dos mais valorizados. Obviamente, a conjuntura sociopolítica autoritária influenciou sobre as acepções dos colaboradores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* a respeito do que eles entendiam por intelectual, qual deveria ser seu papel político-social e sua função no exílio e diante de governos repressivos. As iniciativas de encontros e colóquios culturais, amplamente divulgados pelas revistas, não apenas evidenciaram a prática efetiva do compromisso público defendido pelos

intelectuais, como levaram, dialeticamente, a dinamizar as reflexões concernentes a este aspecto.

Os debates sobre o exílio e o papel do intelectual existiram, sobretudo, nos editoriais, ensaios, nas entrevistas, nos discursos reproduzidos nas revistas e na crítica literária. Como o nosso recorte de análise relaciona-se diretamente com a literatura política, a discussão que buscamos compreender priorizou a atuação do escritor chileno e latino-americano no espaço público. Esclarecemos, todavia, que a centralidade concedida ao escritor, enquanto intelectual, não consistiu apenas na apreensão e análise feitas por nós. Mais do que os intelectuais advindos de outras áreas da cultura, o destaque para a função do escritor foi dado pelas próprias revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, na medida em que as interessavam refletir também sobre o papel político-social da literatura.

Pensamos que o termo intelectual possui um sentido mais amplo do que a categoria escritor, como apresentamos na introdução deste trabalho. O conceito de *intelectual* pode abarcar vários “agentes ou mediadores culturais”, incluindo os escritores e os literatos, mas também cineastas, professores, artistas e compositores. No entanto, as revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* ora se referiram aos intelectuais ora aos escritores latino-americanos no exílio, sem fazer muita distinção entre os termos. Em algumas publicações das revistas, como veremos, o sentido de intelectual compreendeu um contingente mais amplo, incluindo escritores, acadêmicos, artistas etc. Em outros textos, a aplicação do termo referiu-se especificamente ao escritor, em especial o do exílio, o que, por conseguinte, teria provocado forte correspondência com a literatura.

Os muitos encontros de intelectuais no exílio refletiram a conduta proativa de atuação política que adotaram conjuntamente, possibilitando a formação de redes que se

fortaleciam a cada novo evento organizado em favor da democracia e da cultura, contrário aos projetos da ditadura. Podemos pensar que tal atitude de ataque à construção do pinochetismo resultou de reflexões por parte dos intelectuais sobre o exílio, o que os teria levado a essa condição e qual deveria ser o papel adotado por eles diante da conjuntura política adversa, após a derrocada de seus projetos e/ou convicções políticas. Basicamente a partir desses pontos, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* não se furtaram a publicar textos que procuraram, de maneira mais objetiva e crítica, analisar a experiência do exílio a qual estavam forçosamente submetidos.

Predominantemente, nas revistas, tais análises a respeito do papel político do escritor/intelectual deixaram evidentes um posicionamento de confrontação à ditadura, de maneira a fazer do exílio uma possibilidade eficaz de luta e resistência política através da cultura, com ênfase, dado o recorte deste estudo, no fazer literário. O viés traumático e de desarraigamento da condição exílica, tipo de visão próxima àquelas apresentadas por Edward Said e Denise Rollemberg,³⁷⁰ fez-se presente, sobretudo, nos poemas publicados nas revistas. Todavia, no que tange às perspectivas presentes nos editoriais, ensaios, discursos e críticas literárias sobre a função dos escritores no exílio, prevaleceram as que apontaram para um caminho menos letárgico e de resignação à derrota e mais propositivo e combativo acerca dessa condição que advém, como apontamos, da edificação de um mecanismo de exclusão social institucionalizado.³⁷¹

As colocações de Volodia Teitelboim sobre o exílio, nos encontros que celebraram cada ano de publicação de *Araucaria de Chile*, explicitaram a visão editorial da própria revista - oriunda dessa conjuntura e agindo a partir dela - sobre essa condição política. No terceiro aniversário de *Araucaria*, Teitelboim afirmou que o impresso já era

³⁷⁰ Ver Introdução.

³⁷¹ SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

considerado referência para se medir o trabalho da cultura chilena no exílio, e que compreendia a experiência exílica “como un modo que tiene la gente de mirarse por dentro, de realizar una terapia de grupo, revisar [...] todo lo que ha pasado. [...] El exilio es [...] parte activa de la universidad de la vida. Tomémoslo positivamente”.³⁷² Ele concluiu dizendo que dificilmente se compreenderia o Chile, a América Latina e a situação em que se encontravam se continuassem a viver clandestinamente e acossados pela repressão em seu país.

Essa visão propositiva acerca do exílio fora apresentada por Julio Cortázar em seu clássico texto *América Latina: exilio y literatura*,³⁷³ reproduzido em *Araucaria de Chile* na edição de número 10. Nele, Cortázar argumentou que a perspectiva do exílio como trauma e nostalgia serviria apenas para reforçar o triunfo do inimigo, ao passo que converter a negatividade dessa condição e livrar-se da conotação “romântica” a ela ligada permitiriam ao escritor elaborar novas ferramentas e discursos de combate às ditaduras na América Latina. Ao escritor far-se-ia necessário, portanto, aproveitar ao máximo o legado maldito advindo da experiência do exílio. Cortázar pensava que as condições estavam dadas aos intelectuais exilados e que, portanto, seria necessário superar “el desarraigo que nos imponen las dictaduras, y devolver a nuestra manera específica el golpe que nos inflige cada nuevo exilio”.³⁷⁴

A maneira central, aventada pelo autor, de intervenção pública contra as ditaduras, no caso dos escritores, seria através da literatura. A verdadeira eficácia estaria então em encarar a experiência do exílio, procurando “abrir y enriquecer el horizonte

³⁷² TEITELBOIM, Volodia. La Fiesta de las Araucarias. *Araucaria de Chile*, n. 14, 1981, p. 202.

³⁷³ Este texto não foi originalmente publicado em *Araucaria de Chile*. Trata-se de um manifesto apresentado em julho de 1978 durante o *Coloquio sobre la Literatura Latinoamericana Actual en el Centro Cultural Int. de Cerisy La Salle*, publicado na revista *Arte-Sociedad-Ideología*, n. 5, 1978, p. 93-96. Ver SOSNOWSKI, Saúl (org.). *Lectura crítica de la literatura americana: actualidades fundacionales*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1997, p. 639.

³⁷⁴ CORTÁZAR, Julio. América Latina: exilio y literatura. *Araucaria de Chile*, Madrid, n.10, 1980, p. 60.

mental para que cuando converja otra vez sobre lo nuestro lo haga con mayor lucidez y mayor alcance”.³⁷⁵

Análises muito próximas as de Julio Cortázar encontramos no texto crítico do professor e escritor chileno Federico Schopf. O título, *Fuera de Lugar*, constituiu-se de antemão em indicativo das observações que ele viria a realizar sobre o exílio intelectual. Publicado na edição anterior de *Araucaria de Chile*, na qual se publicou o famoso texto de Julio Cortázar, Schopf refletiu sobre o ato de escrever no exílio, seu público receptor e a função do escritor nesse contexto. O autor chileno optou, tal qual o fez Cortázar, por considerar supostas vantagens que o exílio possibilitaria, como a resignificação da condição de escritor e a compreensão mais abrangente dos processos históricos passados e presentes que influiriam sobre a vida pública chilena. Com a distância imposta pelo exílio, ao escritor progressista, afirmou, caberia a postura crítica necessária para arquitetar posições sobre o Chile de modo a questionar supostas versões oficialistas do Estado ditatorial. Dada a censura imperante no país, a construção de uma visão crítica à ditadura, por parte do escritor, realizar-se-ia, plenamente, apenas com as liberdades de expressão que o exílio possibilitava:

Escribir en el destierro es escribir desde certa irreparable sensación de pérdida. Paradójicamente, sin embargo, los efectos de esta pérdida no son, no han sido (al menos para mí) sólo negativos. El Golpe Militar y la Dictadura del General Pinochet han tenido para mí la virtud de iluminar retrospectivamente el mundo perdido, de relacionar (es mi esperanza) el pasado y el presente de Chile, las experiencias de la vida privada y la vida pública. [...] De este modo, la pérdida real del mundo en que vivía se ha transformado para mí en el comienzo de su recuperación en el plano de mi trabajo literario y mi conocimiento de Chile. [...] Me parece evidente que la verdadera tarea de los escritores progresistas es contribuir a la desmitificación de nuestra realidad presente y nuestra historia. [...] En eso se funda nuestro trabajo solidario con los que de cualquier forma luchan o resisten adentro y fuera de Chile con el propósito de construir una nueva democracia.³⁷⁶

³⁷⁵ Ibid., p. 64.

³⁷⁶ SCHOPF, Federico. *Fuera de lugar*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, 1980, p. 150-154.

Outra reflexão semelhante, tão ou mais importante, pela profundidade das análises, apresentou-se no ensaio de Antonio Skármeta, também publicado em *Araucaria de Chile*. Para ele, pensando sobre quais seriam os aspectos positivos do exílio, acabou por entender que tal experiência possibilitaria ao escritor latino-americano alcançar um público multitudinário, possibilitando, supostamente, o maior êxito no exercício da denúncia e buscando a solidariedade da comunidade internacional em relação à sua causa. Além disso, para Skármeta, o distanciamento do lugar de origem permitiria ao intelectual exercer maior capacidade de análise e de crítica, “a reformularse como ser humano y como escritor, [...] a madurar los defectos y errores que pudieron habernos conducido a una coyuntura semejante”.³⁷⁷

Não obstante os aspectos positivos que o exílio poderia trazer, Antonio Skármeta interpretou o escritor exilado como “um homem em crise”. Essa caracterização decorreria do fato de sua arte estar predominantemente direcionada à denúncia, envolvendo-se inevitavelmente com a conjuntura política em que se encontrava, o que não significaria a diminuição de seu valor formal. A situação de crise adviria, portanto, segundo o autor, do fato do escritor no exílio adquirir representatividade e responsabilidade em virtude de não ser mais um simples escritor, mas um criador que deveria se posicionar aos trágicos acontecimentos contra os direitos humanos consumados pelas ditaduras. Dada a tensão histórica vivida por ele, o escritor exilado estaria “obligado a ser un hombre público y ejercer una representatividad que excede la fantasía de su creación”. Assim, seguir criando “en sus arduas fronteras es el humilde homenaje a aquellos que murieron defendiendo la libertad y para quienes en nuestros castigados países arriesgan mucho más que palabras por conquistarla”.³⁷⁸

³⁷⁷ SKÁRMETA, Antonio. La nueva condición del escritor en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, 1982, p. 134.

³⁷⁸ Ibid., p. 140-141.

Em texto, de caráter autobiográfico, publicado na revista em sua nona edição, Skármeta refletiu sobre sua posição de escritor exilado e de que maneira o desterro influenciou sobre o seu ato de escrita, fazendo com que transplantasse para a literatura os conflitos políticos aos quais esteve submetido. Em sua concepção,

la ausencia física de mi país me pide por el contrario una especial tensión de la percepción y la memoria, una mayor hondura en el buceo de esas sensaciones matrices que son la verdad de cada escritor. [...] La distancia exige que los ojos se aprieten y el foco se concentre. Allí, en esas retinas fuertemente ceñidas, que a veces no pueden dejar de nublarse, veo el doloroso presente de mis compañeros en Chile y el tenaz esfuerzo que hacen para cambiar su suerte. Son estos datos concretos los que conminan mi obra a la esperanza y exigen a mi fantasía detectar el futuro en el presente.³⁷⁹

Ao sinalizar para suas preocupações, enquanto escritor, com as adversidades de seus companheiros no Chile sob a ditadura, e a acuidade e a sensibilidade que sua função de intelectual, desde o exílio, demandava, Antonio Skármeta destacou o comprometimento político, no âmbito cultural, com a resistência chilena à ditadura.

O que observamos nas proposições de Teitelboim, Córdazar, Skármeta e Schopf em relação ao exílio e à postura do escritor submetido a essa condição foi a defesa de atitudes, digamos, proativas frente às adversidades provocadas pelo desterro. Esse tipo de posição adquiriu formas concretas, por exemplo, nas atividades editoriais e nos encontros promovidos por intelectuais chilenos que tiveram como temática a solidariedade para com o Chile, como apresentamos.

No discurso inaugural das *Jornadas Culturales Salvador Allende*, Fernando Alegría enfatizou a recriação de uma arte chilena no exílio herdeira do desenvolvimento cultural obtido durante o governo de Salvador Allende. O autor fez uma análise do

³⁷⁹ SKÁRMETA. Antonio. “Ahorrar bajo el ala del sombrero una lagrima asomada”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, 1980, p. 142.

exílio, da capacidade dos intelectuais exilados de superarem as adversidades dessa condição política e adotar uma postura de reflexão e criação crítica.³⁸⁰

Assim como entendemos que a visão de Volodia Teitelboim sobre o exílio representou perspectiva relevante do editorialismo programático de *Araucaria* acerca dessa questão, o mesmo pode ser pensado para *Literatura Chilena* quando observamos a compreensão de Fernando Alegría. A adversidade do exílio, para o então diretor da revista, poderia criar oportunidades aos intelectuais exilados, oferecendo-lhes o ensinamento e o incentivo para a resolução dos problemas enfrentados. Poderia também converter-se em estímulo na construção de meios para promoção de seus trabalhos, como as revistas e as editoras, citando, nesse momento, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*:

El exilio se ha convertido en eso que Máximo Gorki llamaba concienzudamente sus 'universidades': escuela de reflexión y creación en el acto de resistir. Prosistas y poetas producen testimonios definitorios; teatro chileno hay en Madrid, Caracas y San José de Costa Rica; surgen editoriales en México, Ottawa, Los Angeles; revistas como *Araucaria*, de Madrid, y *Literatura chilena en el exilio*, de California, y *Canto libre* de París.³⁸¹

Do ponto de vista teórico, o ensaio do crítico Jaime Giordano foi, possivelmente, o mais importante texto publicado em *Literatura Chilena* (número 29, 1984), no sentido de desenvolver sobre as especificidades do exílio intelectual chileno. Consideramos relevante pensar naquilo que o autor entendeu como central na compreensão do exílio: a vontade do paraíso perdido (o país de origem) e a necessidade de retorno daqueles que foram forçados a sair. Tal concepção, no nosso entender, encontrou-se de acordo com o que analisamos a respeito dessa condição a partir dos autores Mario Sznajder e Luis Roniger, quando ambos afirmaram que o exílio pressupõe, por parte daqueles que o

³⁸⁰ ALEGRÍA, Fernando. Discurso Inaugural. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 22-24, 1978.

³⁸¹ Ibid., p. 24.

sofrem, o sentido de uma experiência adversa temporária. Isso instilaria nos exilados certa resistência à mera adaptação ao país que os recebeu, mantendo-se neles o desejo de retorno à terra natal assim que os fatores políticos os favorecessem.³⁸² Reafirmamos aqui nossa visão crítica a essa ideia, visto que nem todos os exilados que puderam retornar em definitivo, com o declínio das ditaduras, assim o fizeram. Os escritores chilenos Ariel Dorfman e Isabel Allende, por exemplo, ainda que esboçassem algum retorno ao país natal no final da década de 1980, permaneceram nos Estados Unidos, sob a alegação de que o Chile havia se transformado completamente com os valores sociais e de mercado impingidos pela ditadura.

A centralidade do elemento político para o desencadeamento do exílio, de acordo com Sznajder e Roniger, encontramos também em destaque na proposição conceitual de Jaime Giordano. Dentro dessa perspectiva, mas indo além da perseguição política direta do Estado repressor, o autor enumerou as motivações que levaram ao exílio dos chilenos, como as situações de pobreza, de injustiça social e a procura por ambientes mais favoráveis ao exercício das atividades intelectuais:

En la definición de todo exilio es indispensable el regreso: como realidad inminente, como realidad posible o como expectativa nunca abandonada. Los emigrantes buscan la tierra prometida; los exiliados, el paraíso perdido. La pérdida del espacio original no se produce sólo por culpa de los gobiernos. También exilia la pobreza, la frustración vital, la injusticia social (o no social). También la imaginación exilia: el vellocino, las doradas manzanas, la fuente de la juventud eterna. Y la inteligencia también impulsa hacia nuevos horizontes de estudio y conocimiento.³⁸³

Na sequência, Giordano traçou características do exílio chileno que, no nosso entender, parecem fazer todo sentido. Essa condição, segundo o autor, resultou de um golpe dos setores da ultradireita chilena que objetivavam eliminar o inimigo interno – os

³⁸² SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. Op. Cit., p. 41-45.

³⁸³ GIORDANO, Jaime. Literatura y exilio. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 5.

marxistas. Afirmou que o exílio afetou a todas as classes sociais, não apenas os intelectuais ou os indivíduos de maiores recursos econômicos, que poderiam mais facilmente deixar o Chile e se estabelecer em outro país. Tratou-se, ainda, de um exílio poderosamente ideológico, em que não se buscou abater-se pela nostalgia, mas construir formas de integração e atuação junto às instituições e a grupos de exilados ou dos países que os receberam, assim como permaneceram, em boa parte dos intelectuais, vínculos, ainda que por vezes precários, em razão da repressão, com os partidos políticos chilenos colocados na ilegalidade. O centro de referência das iniciativas culturais e políticas dos exilados permaneceu o Chile, e não se buscou separar, muito antes o contrário, as marcas identitárias dos chilenos do exílio daqueles que seguiram no país. Por fim, dentre os exilados, tentou-se, segundo Giordano, desenvolver uma frente cultural e política de luta e resistência no exterior.³⁸⁴

Em um primeiro momento, a crítica de Hernán Valdés, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, pareceu caminhar para um sentido convergente com as que apresentamos até aqui nas duas revistas. Indicando para uma afirmação mais ativa do intelectual no exílio, ele se opôs a qualquer vitimização por parte dos exilados. No entanto, a proposta central de Valdés foi apontar para a acriticidade do intelectual chileno que, por contar com ampla solidariedade política no exterior e estar, muitas vezes, sob a égide dos partidos de esquerda outrora pertencentes à Unidade Popular, perderia sua capacidade de desenvolver um pensamento autônomo e verdadeiramente profundo em relação aos fatores que o levaram àquela situação. Assim, expressou-se:

Se reconoció algunos errores, más bien menores y sin profundizar mucho, pero en estos casi siete años de dictadura, nunca los partidos conducentes de la gestión de la Unidad Popular han sido capaces de efectuar un análisis global y a fondo de su propia actuación, ni de reconocer la parte importante de responsabilidad que les cupo en el desarrollo de los acontecimientos, ni de

³⁸⁴ Ibid, p. 5-6.

rectificar su apreciación subjetiva de las fuerzas contrarrevolucionarias, que contaron, como se sabe, con un apreciable respaldo de masas. Hay que reconocer que en el exterior los deberes generados por la solidaridad internacional han tenido mucho que ver con esta discreción crítica.³⁸⁵

Este foi um pensamento mais crítico em relação à atuação dos intelectuais chilenos no exílio, se comparado às demais reflexões. Mesmo que esse tipo de posição não tenha sido hegemônico em *Literatura Chilena*, pôde, todavia, manifestar-se em suas páginas. Contudo, as perspectivas aqui analisadas, presentes, com maior incidência, em *Araucaria de Chile* do que em *Literatura Chilena*, propuseram, predominantemente, o exílio como condição política que precisaria ser encarada de maneira ativa pelo escritor/intelectual exilado, buscando adeptos para suas causas de esquerda, e não fora delas.

Portanto, afirmamos que essa vertente sobre a função do intelectual no exílio marcou o editorialismo programático de ambas as revistas. Ao contrário do que possa aparentar, não se buscou suavizar, ao conceber o exílio positivamente, o trauma e a ruptura com as condições culturais e o lugar de origem dos indivíduos atingidos, mas objetivou-se canalizá-los de maneira favorável aos exilados, oponentes políticos dos governos militares repressivos. Tal perspectiva presente nas colaborações projetadas por *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* vinculou-se àquilo que as próprias revistas de exílio pretenderam ser, qual seja, bens culturais de resistência política à ditadura, adotando, por conseguinte, uma postura crítica e combativa às ações oficiais de Augusto Pinochet.

Diante desse quadro, a inquietação com o âmbito intelectual e cultural do Chile esteve presente nas revistas desde seus primeiros números. No editorial de fundação de *Araucaria de Chile*, os editores manifestaram seu total incômodo com a repressão, a

³⁸⁵ VALDÉS, Hernán. Sobre la inhibición del intelectual. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, 1985, p. 2-3.

censura e o consequente exílio massivo de intelectuais, em especial nos primeiros anos após o golpe, resultando no “apagão cultural” do país. Segundo a revista, o fenômeno do exílio chileno, “más que una fuga de talentos, debiera calificarse como una expulsión de cerebros en masa, la más alarmante sangría de capacidades, expatriación forzosa de millares de [...] destacados intelectuales en todos los órdenes del saber”.³⁸⁶

Três números depois, essa mesma preocupação foi corroborada por mais de 250 signatários, representativos das mais diversas disciplinas intelectuais, da *Carta de los intelectuales chilenos*. Publicado em 1978, na quarta edição de *Araucaria*, o documento afirmava que os intelectuais exilados – compreendendo um universo de acadêmicos, homens de ciência, escritores, artistas, profissionais e estudantes - constituíram parte importante do capital humano com o qual o país contava para “planear, organizar y llevar adelante el proceso integral de su desarrollo”. Assim, ao “dilapidar de manera inaudita ese potencial” por meio do autoritarismo, da perseguição e do exílio dos intelectuais, a ditadura militar chilena cometeu “un atentado contra los derechos de todo el pueblo de Chile”.³⁸⁷

O ex-diretor da *Facultad de Bellas Artes* da *Universidad de Chile*, Pedro Miras, comentando a *Carta de los intelectuales chilenos*, defendeu que a tarefa comum dos intelectuais exilados foi “mantener vivos los trazos de madurez, originalidad y democracia que siempre caracterizaron la cultura [chilena]”. O autor acrescentou que, junto a isso, outras responsabilidades deveriam ser observadas pelos intelectuais chilenos no exílio durante o período de repressão política. Dentre elas, a manutenção da identidade nacional e a referência constante ao processo cultural chileno, assim como a necessidade de “regresar al país no como autómatas del saber o la ciencia [...]”, mas para fazer valer “el derecho de Chile de disponer de sus intelectuales, a fin de llevar a

³⁸⁶ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, 1978, p. 5.

³⁸⁷ CARTA DE LOS INTELECTUALES CHILENOS. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 209.

cabo su propio desarrollo” econômico e cultural, corroborando, nesse sentido, com o que foi exposto pela *Carta de los intelectuales chilenos*.³⁸⁸ Esse tipo de discussão difundida em *Araucaria de Chile* nos remete à perspectiva, presente em Ángel Rama, de que os intelectuais exilados imputam para si duas responsabilidades principais, quais sejam, a de conservadores de uma herança cultural de seus países e a de intérpretes de soluções políticas para a superação dos regimes autoritários.³⁸⁹

Tal perspectiva apresentou-se também nos editoriais de *Literatura Chilena*.³⁹⁰ Assim como *Araucaria de Chile*, o texto de abertura de *Literatura Chilena en el Exilio* evidenciou a preocupação com os aspectos culturais no Chile. Destacamos, aqui, a questão central do seu editorialismo programático que esteve diretamente vinculada à função que a revista concebia aos intelectuais: a de lutar para reestabelecer “en nuestra patria las condiciones de libertad y respeto a los derechos del hombre”.³⁹¹ Seus editores enfatizaram, no editorial da edição de número 3, a necessidade de atuação dos chilenos, especialmente dos intelectuais exilados, no combate ao que denominaram de “dictadura gorila”, opondo-se ferrenhamente aos ataques de todas as ordens do “obscurantismo reaccionario”.³⁹²

Ressaltamos, dessa forma, as similitudes das expressões utilizadas por *Literatura Chilena*, “obscurantismo reaccionario”, e *Araucaria de Chile*, “apagón cultural”, ambas evidenciando, de modo comparativo, o contraste da pujante manifestação da cultura

³⁸⁸ MIRAS, Pedro. Carta de los intelectuales chilenos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 208-209.

³⁸⁹ RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 95-105, março-abril, 1978.

³⁹⁰ Com um recorte específico na primeira etapa da revista, procuramos analisar, em artigo, os debates presentes em *Literatura Chilena en el Exilio* a respeito do papel do intelectual sob a ditadura e o exílio, bem como acerca da literatura de resistência política. Parte dos argumentos desenvolvidos neste tópico e no Capítulo 5 encontram-se no artigo. Contudo, aqui, com o avanço da pesquisa e com o refinamento do nosso aporte teórico, ampliamos a discussão anteriormente apresentada, além de incluirmos a fase posterior da revista, quando passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Ver COELHO NETO, Raphael. O papel dos intelectuais e a literatura de resistência política na revista *Literatura Chilena en el Exilio*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 19, p. 152-185, jul./dez. 2015.

³⁹¹ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 1.

³⁹² EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 1.

chilena, sobretudo a popular, sob o governo de Salvador Allende e o declínio das possibilidades plurais de expressão cultural, em suas diversas facetas – teatro, literatura, cinema, artes plásticas e universidades públicas –, no subsequente governo ditatorial de Augusto Pinochet.

Aqui, cabem algumas ponderações de nossa parte. Quando nos referimos ao desenvolvimento da cultura durante o governo Allende, não nos referimos necessariamente às políticas culturais oficiais, embora elas tenham tido relevo, vide a compra e a nacionalização da Editorial Zig-Zag, transformando-se, em fevereiro de 1971, na *Editorial Nacional Quimantú*. Essa medida proporcionou, por exemplo, um aumento significativo da produção e da distribuição de livros por todo o Chile, massificando seu consumo a baixos custos e incitando o hábito da leitura no país.³⁹³ Como afirmou César Alborno, a *Editorial Nacional Quimantú* transformou-se no principal referente cultural do governo de Salvador Allende. O autor explicou que “desde sus dependencias se ortogó a la población colecciones, revistas, documentos de trabajo y, en fin, numerosos impresos coherentes con la política de democratización de la cultura”. Alborno complementou a ideia, expondo que “el libro de bolsillo, soporte principal de esta nueva cultura editorial masiva y popular, se transformaba en unos de los principales símbolos del acceso generalizado a la cultura formulado e incentivado pela Unidad Popular”. Assim, a aproximação efetiva do povo chileno à cultura, tentada pelo governo socialista, consolidou-se principalmente através da indústria editorial.³⁹⁴

Houve tentativas de avanços em todos os ramos culturais. No que tange à música, por exemplo, o Departamento de Cultura, instância oficial criada pelo governo

³⁹³ VARGAS, Viviane Bravo. Quimantú: palabras impresas para la Unidad Popular. *ISTOR*, año XIV, n. 54, p. 47-76, otoño de 2013.

³⁹⁴ ALBORNOZ, César. La cultura en la Unidad Popular: porque esta vez no se trata de cambiar un presidente. In: VALLEJOS, Julio Pinto (org). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 154-156.

Allende para desenvolver e incentivar a cultura popular, esteve à frente na realização do *Tercer Festival de la Nueva Canción Chilena*, em novembro de 1971, bem como na promoção de uma incursão de artistas como Rolando Alarcón e Héctor Pavez pelo norte do país, interpretando e investigando a música chilena.

Contudo, para além das medidas da Unidade Popular voltadas para o âmbito cultural, fazemos menção, sobretudo, à intensa difusão da cultura pelo país proporcionada, em grande medida, por iniciativas pessoais de artistas e intelectuais,³⁹⁵ inspirados pelo processo de construção, por vias institucionais e democráticas, do socialismo no Chile. Nesse sentido, eles trabalharam paralelamente, por vezes de maneira crítica,³⁹⁶ ao governo de Salvador Allende, não obstante com o intuito de colaborar com a Unidade Popular. A esse respeito, os debates durante a UP giraram em torno da autonomia e maior participação popular na produção da cultura em relação ao Estado, cultura, esta, entendida como relação social, visão de mundo e valores identitários, bem como as expressões musicais, plásticas, cinematográficas, teatrais e literárias.

A expressão “apagón cultural” e “obscurantismo reaccionario”, suscitadas pelas revistas *Araucaria* e *Literatura Chilena*, respectivamente, revelaram, a nosso ver, mais

³⁹⁵ A esse respeito, consultar VARGAS, Viviane Bravo. Op. Cit., p. 47-76 e ALBORNOZ, César. Op. Cit., p. 147-176. Este último autor explicou que “más allá de una política governamental coherente, sistemática o efectiva, eran las iniciativas particulares, tanto a nível institucional como individual o grupal, las que conseguían aportar eventos, muestras, proposiciones de una nueva cultura”, compatíveis com os valores democráticos e socialistas de seus promotores e do governo de Salvador Allende. Op. Cit., p. 153. Aqui cabe mencionar, de acordo com César Alborno, movimentos artísticos voltados para um compromisso social e político cujas origens foram anteriores à ascensão da UP à presidência do Chile, como a *Nueva Canción Chilena* e o Muralismo.

³⁹⁶ Os editores da revista *La Quinta Rueda* - publicada pela Editora Nacional Quimantú -, dentre os quais estiveram o jornalista e crítico Hans Ehrmann, os críticos Carlos Maldonado e Mario Salazar, e o escritor e roteirista Antonio Skármeta - este, como nos referimos em alguns momentos neste trabalho, colaborador próximo à revista *Araucaria* -, a despeito de estarem ligados politicamente à UP, adotaram uma postura altamente crítica em relação ao que eles entendiam por burocratização da política cultural do governo de Salvador Allende, condição que, de certa forma, em suas perspectivas, não contribuíu para o fomento de manifestações culturais desde as camadas populares, por exemplo. Criticavam, nesse viés, a ausência de políticas culturais mais sistemáticas. Para mais esclarecimentos, ver o artigo de VARGAS, Viviane Bravo. Op. Cit., p. 47-76.

o viés altamente crítico das esquerdas chilenas à ditadura do que, de fato, a ausência completa de expressões culturais no Chile sob o autoritarismo de Pinochet. Karen Donoso Fritz, ainda que apontando para a carência de uma política oficial sistemática para a cultura durante a ditadura, mostrou-nos que, nesse período, manifestações artísticas de direita, alinhadas aos valores difundidos pela ditadura, e outras mais contestadoras e que se aproximavam de concepções identitárias das esquerdas, como o *Canto Nuevo*, conviveram e disputaram no país, ainda que em condições desiguais, símbolos populares e nacionais.³⁹⁷ O caráter de denúncia que carregou expressões como “apagón cultural” se relacionou, sim, à destruição brutal das manifestações e das instituições de artistas e intelectuais que atuaram na ou junto à Unidade Popular, sobretudo nos primeiros anos da ditadura.

Por exemplo, como já explicitara César Albornoz,³⁹⁸ os protagonistas do governo popular da UP, muitos deles intelectuais e artistas, foram encarcerados, perseguidos e se exilaram. A editora *Quimantú*, incorporada ao novo modelo do Estado autoritário e neoliberal, passou a se chamar *Editorial Gabriela Mistral*. Universidades foram ocupadas pelos militares após o golpe e adotou-se durante a ditadura um modelo de ensino superior pautado pela iniciativa privada. Enfim, desmantelou-se radicalmente toda uma estrutura cultural, oficial ou não, identificada com os ideários das esquerdas chilenas.

Confrontando essa conjuntura, *Literatura Chilena en el Exilio*, no editorial da segunda edição, postulou, mais uma vez, quais deveriam ser os objetivos precípuos dos escritores chilenos no exílio: o combate à ditadura e a luta pelos direitos humanos e

³⁹⁷ DONOSO FRITZ, Karen. Canción Huasa o Canto Nuevo? La identidad chilena en la visión de derechas e izquierdas. In: VALLEJOS, Rolando Álvarez; VALDIVIA, Verónica (orgs). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, v. II, 2008, p. 231-261.

³⁹⁸ ALBORNOZ, César. Op. Cit., p. 175-176.

pelas liberdades democráticas, atuando “con el pueblo de Chile, con su clase trabajadora [...] y [...] con todos los hombres y mujeres que se juegan enteros por la reconquista de la democracia.”³⁹⁹ Em outro editorial, presente no número 6, a revista endossou essa ideia, dizendo que “la única posición del creador intelectual es la de estar junto al pueblo de Chile en estas horas de tragedia colectiva”.⁴⁰⁰

Permanecendo, concernente à primeira fase, os aspectos centrais de sua editoria militante, *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, em editorial, refletindo também sobre a função do intelectual, escreveu que

la obligación [...] del escritor, del artista, del académico, del investigador, junto con demostrar que la cultura de un pueblo no se somete, es estar preparado debidamente para afrontar los acontecimientos por venir. Tiene prioridad en nuestras tareas luchar por poner fin a la tiranía, prescindiendo de todo lo que impida la unidad en esta labor común.⁴⁰¹

Acreditamos que os editores de *Literatura Chilena*, ao proporem a atuação conjunta dos intelectuais exilados a favor da “reconquista de la democracia”, vislumbram-na de modo a resgatar um legado democrático no Chile que viveu seu ponto triunfal, na perspectiva da esquerda que defendia o caminho institucional e gradualista para o socialismo, durante o governo de Salvador Allende.⁴⁰²

A edição de número 4 de *Literatura Chilena* foi a que iniciou a evidente vinculação política da revista, enquanto projeto coletivo, com uma linha de continuidade em relação à “via chilena para o socialismo”, retomada sob a ótica da resistência política. Podemos pensar, ao menos, que a revista mostrou-se atrelada às perspectivas de transformações políticas, sociais e culturais suscitadas pelo governo da

³⁹⁹ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, 1977, p. 1.

⁴⁰⁰ EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, p. 1.

⁴⁰¹ EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 17, 1981, p. 1.

⁴⁰² Referente exclusivamente à etapa como *Literatura Chilena en el Exilio*, em artigo já mencionado, havíamos apontado para a vinculação política da revista com os valores socialistas em sua perspectiva próxima à UP e a Salvador Allende. Ver COELHO NETO, Raphael. Op. Cit. Ver também o Capítulo 2 desta dissertação, tópicos 2.2 e 2.3.

UP, aderindo politicamente a esse viés como suporte para a efetivação de sua resistência no exílio. Assim, Salvador Allende e outros personagens históricos, diretamente ligados ao governo da Unidade Popular, foram homenageados nessa quarta edição, sob o título, que substituiu o editorial, *Los héroes de septiembre tienen la palabra*. Uma série de textos foi publicada logo nas primeiras páginas. Além do último discurso do ex-presidente, publicaram-se, nesse número de homenagem, textos de Pablo Neruda, de Víctor Jara, do general Carlos Prats, do ex-embaixador Orlando Letelier, e do ex-Ministro do Interior e de Defesa José Tohá, quase todos mortos em circunstâncias relacionadas ao golpe e à ditadura militar e, coincidentemente, embora em anos distintos, no mês de setembro (a exceção foi Tohá, morto em março de 1974).

Nas informações dos autores/colaboradores – eram publicadas, inicialmente, na última página da revista, e, a partir do quinto número, passou a aparecer na primeira página, junto ao sumário –, ao fazer referência aos mencionados sujeitos históricos politicamente ligados à UP, informou-se que todos foram assassinados pela “Junta Militar Fascista”.⁴⁰³ Essa foi uma condição que, na ótica da revista, os uniu tragicamente. Mais do que isso, contudo, interessa-nos pensar que *Literatura Chilena* ressaltou nesses personagens a condição de “mártires”, em função da resistência ao

⁴⁰³ No caso de Salvador Allende, embora haja, pela perícia, a confirmação de seu suicídio no Palacio *La Moneda*, ratificada pela Suprema Corte chilena em janeiro de 2014, na perspectiva da esquerda chilena, inserida na tese da traição política e institucional dos militares golpistas, durante muito tempo – e ainda hoje – se defendeu a ideia de que o presidente socialista teria sido assassinado no momento em que se bombardeava a sede do governo. A Justiça chilena, em 2011, decidiu realizar uma investigação para determinar a verdade judicial da morte de Allende e chegou-se a exumar seus restos mortais do *Cementerio General* de Santiago. Pesam suspeitas sobre as mortes de Pablo Neruda e José Tohá. O poeta chileno encontrava-se bastante debilitado em razão do estágio avançado do câncer, e, ainda que as teses recaiam sobre um suposto assassinato por parte dos militares, a causa de sua morte foi a doença. Seu corpo também foi exumado. Em relação a José Tohá, ainda que os argumentos dos militares tentassem sustentar a tese do suicídio, o *Servicio Médico Legal* determinou que a morte do ex-Ministro da UP foi por estrangulamento, no Hospital Militar em que se encontrava por causa de sua saúde fragilizada, após passar meses na prisão política de *Dawson*. Carlos Prats e Orlando Letelier foram mortos em atentados a bomba, respectivamente, em Buenos Aires, no ano de 1974, e em Washington, em 1976. Informações em: La justicia chilena ratifica que Salvador Allende se suicidó. http://internacional.elpais.com/internacional/2014/01/08/actualidad/1389150004_229285.html. Consultado em 30/07/2016; Corte ordenó reabrir caso por muerte de ex ministro José Tohá. <http://www.economiaynegocios.cl/noticias/noticias.asp?id=275610>. Consultado em 30/07/2016.

golpe e à ditadura e do comprometimento até a morte com a causa socialista no Chile através do projeto da via chilena da UP. Podemos dizer, ainda, que, ao retomar tais personagens históricos, a revista, de maneira latente, representou-os como paradigmas de um tipo de engajamento político que ela defendia para os intelectuais no exílio.⁴⁰⁴

Na sétima edição, publicada em julho de 1978, o cineasta e também ex-integrante do governo da UP, Miguel Littín, denunciou a ação do “fascismo” pinochetista no solapamento das expressões culturais chilenas. Endossando o compromisso dos intelectuais em preservar as manifestações artísticas e culturais do país, sobretudo aquelas populares e folclóricas, Littín se pronunciou sobre a resistência através da criação intelectual:

Un breve recuento de estos cuatro años [1973-1977] ilustra los intentos desesperados del fascismo por destruir hasta las raíces, la cultura y el arte nacional, pero ni la quema de libros, ni la prisión, ni la muerte de tantos queridos compañeros, ni la persecución sistemática, cotidiana ni la tortura, ni mucho menos el exilio han logrado destruir un arte que nació de las entrañas del pueblo y emerge hoy de la tragedia, más combativo y con una clara determinación internacionalista.⁴⁰⁵

Na citação, percebemos que Miguel Littín apontou para a produção intelectual chilena, seja a do exílio ou a do Chile, que se desenvolveu a partir da tragédia coletiva

⁴⁰⁴ Esta análise encontra-se em COELHO NETO, Raphael. Op. Cit., 2015, p. 159-160.

⁴⁰⁵ LITTÍN, Miguel. Miguel Littín en el II Congreso de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 32. Na revista, não foi informada a data do II Congreso de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). Possivelmente o segundo congresso da UNEAC tenha se realizado no mesmo ano de publicação do discurso de Miguel Littín em *Literatura Chilena en el Exilio*, já que a edição do sétimo número da revista data do segundo semestre de 1978. Independentemente disso, devemos perceber a proximidade de alguns intelectuais chilenos com as diretrizes defendidas pela Revolução Cubana. A UNEAC, fundada em 1961 pelo governo cubano e cujo primeiro diretor foi o poeta cubano Nicolás Guillén, promoveu uma série de encontros culturais e artísticos visando, essencialmente, solidificar a identidade cultural e nacional a partir dos princípios da Revolução, além de propiciar o intercâmbio entre os escritores e artistas cubanos com os de outros países, sobretudo da América Latina e do Caribe. Alessandro de Souza e Silva afirma que o capital cultural acumulado por Miguel Littín junto ao governo da Unidade Popular permitiu que o cineasta se aproximasse de círculos do poder político no exílio, sobretudo àqueles de esquerda, como foi o caso do governo revolucionário cubano. SILVA, Alessandro de Souza e. Op. Cit., p. 1-14. Demais informações em: http://www.ecured.cu/index.php/Uni%C3%B3n_de_Escritores_y_Artistas_de_Cuba. Acesso em: 14/07/2015. Sobre as relações marcadas por proximidade e tensão entre intelectuais e a Revolução Cubana, ver MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução* (1961-1975). São Paulo: Alameda, 2009.

vivida pelo país, ou seja, da repressão, da censura, das torturas, dos desaparecimentos e do exílio, cenário que abalou os alicerces institucionais e democráticos construídos ao longo da história política chilena. O cineasta destacou a participação do intelectual militante, que atuou no sentido de forjar uma arte que crescia, consistente e combativamente, das condições adversas impostas pelo autoritarismo.

Foi nessa vertente apresentada e atuando também nos domínios da produção intelectual e cultural que, na ocasião da reunião de intelectuais exilados no *Encontro de Thorun*, realizado na Polônia, em maio de 1979, Julio Cortázar posicionou-se. No seu discurso intitulado *Ganar la calle y la libertad y la luz*, publicado em *Araucaria de Chile*, número 7, em 1979, Cortázar destacou o compromisso que o escritor/intelectual latino-americano deveria ter com os povos oprimidos por regimes autoritários, atuando no sentido de buscar a restauração da liberdade e da justiça. Na interpretação de Cortázar, que ora mencionou de maneira restrita os escritores, ora tratou dos intelectuais em um sentido mais amplo, as dificuldades impostas pelas ditaduras, como ocorrera no Chile, não deveriam desanimar o intelectual em sua atuação pública. Em suas palavras,

nosotros, los escritores unidos a la causa de los pueblos que, como en Chile, sufren opresión e injusticia, vivimos un fin de siglo particularmente difícil; pero la dificultad es la condición *sine qua non* de toda literatura verdaderamente avanzada, verdaderamente progresista, y por eso nuestras dificultades no se resuelven en negatividad; muy al contrario, constituyen una pasión, un motivo más para escribir. Si las dificultades en nuestro enfrentamiento cotidiano con la historia, si eso que se ha dado en llamar “compromiso” con el derrotero de los pueblos hacia la libertad, la justicia y la felicidad, se vuelven cada día más agudas y más dramáticas, los escritores que merecen ese nombre y la confianza de quienes los leen no se desaniman en absoluto; muy al contrario, cada nuevo obstáculo que el terror, el desprecio, el fascismo en una palabra alza contra la labor intelectual y artística, es un acicate y un desafío que multiplica su voluntad y sus fuerzas.⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ CORTÁZAR, Julio. Ganar la calle y la libertad y la luz. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 7, 1979, p. 7.

Dessa maneira, como foco de luta e resistência política à ditadura no Chile, Cortázar propôs a atuação ativa no âmbito da cultura por parte dos escritores latino-americanos, exilados ou não. Segundo o escritor argentino, a cultura, no sentido da produção artístico-intelectual, deveria ser encarada como “factor determinante de las tomas decisivas de consciencia” por parte da sociedade latino-americana, em especial a chilena, para a qual Cortázar escreveu diretamente.⁴⁰⁷ Em sua compreensão,

claro y concreto es nuestro programa: nos reunimos aquí por la causa de Chile, un país dominado por una de las tantas dictaduras que imperan en América Latina, y lo hacemos para plantear y debatir los problemas y los caminos de la cultura frente al régimen de la junta militar encabezada por Pinochet.⁴⁰⁸

Julio Cortázar, em análise que convergiu à perspectiva da *Carta de los intelectuales chilenos*, bem como à de Pedro Miras, citado anteriormente, ressaltou que os verdadeiros exilados não foram os escritores e artistas obrigados a viver na Europa ou nos Estados Unidos, senão o próprio povo chileno, argentino, uruguaio, desarraigado do produto artístico, científico e/ou literário de centenas de seus melhores criadores. Assim, segundo ele, “si este enfoque es exacto, si estamos en presencia de un verdadero genocidio cultural en Chile, como en Argentina o Uruguay o Paraguay”, se a impossibilidade de fazer chegar ao povo tantas produções artísticas, científicas e literárias “se traduce en un empobrecimiento mental y espiritual de los exiliados internos, no cabe la menor duda de que esta reunión [en Thorun] se justifica imperiosamente puesto que ha llegado la hora [...] de abrir más a fondo el frente de combate cultural”. Todavia, Julio Cortázar não deixou de mencionar também a

⁴⁰⁷ Ibid., p. 11.

⁴⁰⁸ Ibid., p. 9-10.

produção intelectual consumada clandestinamente no Chile, segundo ele “fator admirable y heroico de lucha” contra a ditadura militar no país.⁴⁰⁹

A pergunta central que moveu a discussão de Cortázar no *Encuentro de Thorun* foi “¿cuál puede y debe ser la actitud de los intelectuales chilenos exiliados y de los intelectuales no chilenos pero íntimamente unidos a su causa?”. Para tal questionamento, o escritor argentino sugeriu que

el único camino positivo está en ganar cada vez más la calle para devolver al pueblo la conciencia de su fuerza y la alegría de poder ejercitarla más abiertamente. Desde luego (y este es un rasgo típico de todas las dictaduras) la mínima y en general mediocre “cultura oficial” hará todo lo posible por dar la impresión de que el resurgimiento constituye una sola corriente y que esa corriente es inspirada y apoyada por el régimen. Por eso importa que en la medida de lo posible los intelectuales y los artistas se definan lo más inequívocamente posible a través de su obra y de su conducta personal.⁴¹⁰

Identificamos, com essa citação, que, ao escritor/intelectual resistente e combativo, seja o do exílio ou aquele do país sob repressão e censura, caberia o comprometimento em preservar a cultura de seu país em seu sentido mais amplo, existente antes da ascensão das ditaduras, contrapondo-se, obrigatoriamente, ao discurso oficial difundido em sociedades de poucas liberdades políticas e escassos meios de manifestações populares. Inferimos que, para o caso chileno, a cultura anterior à vigente durante o pinochetismo, apregoada pela intelectualidade exilada, relacionar-se-ia, em geral, com os valores populares, socialistas e democráticos que obtiveram destaque durante o governo de Salvador Allende, em especial.

A pretensa ideia da manutenção ou resgate, pela intelectualidade, da cultura popular e progressista que, em geral, precedeu aos golpes militares no Cone Sul, com destaque para o Chile, constituiu-se, a nosso ver, em uma postura utópica no sentido de

⁴⁰⁹ Ibid., p. 12.

⁴¹⁰ Ibid., p. 14.

ser difícil a realização desse intuito, dada a dinâmica das transformações políticas, sociais e econômicas desencadeada com a ascensão das ditaduras. No entanto, acreditamos ser legítima, por parte dos intelectuais, a adoção desse posicionamento, requerido como forma de resistência cultural e política. De maneira subjacente, percebemos uma preocupação com as novas gerações que, tendo sido educadas sob os governos militares, tenderiam a receber valores que coadunariam visões de mundo do Estado autoritário. No caso chileno, tais valores dialogavam diretamente com um modo de vida privativo, individualista e consumista, estimulado pelo neoliberalismo, e, paralelamente, com perspectivas nacionalistas, autoritárias e anti-marxistas instituídas pelo oficialismo estatal militar.

Enquanto intelectual que se propôs à ação, e não apenas a reflexões sobre o tema do compromisso dos escritores, Julio Cortázar recomendou que do exílio se organizasse um fundo econômico destinado a favorecer as artes plásticas e a literatura chilenas. Tal iniciativa ajudaria na saída de obras do Chile que oferecessem denúncias aos crimes praticados contra os direitos humanos e possibilitassem informações alternativas ao discurso oficial. Outras proposições de Cortázar foram as criações de impressos e rádios nos quais fosse possível ecoar as vozes de chilenos, exilados ou não, além de se constituírem em meios de convivência e preservação da cultura local.⁴¹¹

Em outra publicação em *Araucaria de Chile*, Julio Cortázar reassumiu a postura de compromisso político, desta vez, de modo mais específico, em relação aos desaparecimentos ocorridos durante as ditaduras militares do Cone Sul. O texto que se publicou na revista foi o discurso que Cortázar proferiu no *Coloquio sobre los desaparecidos*, realizado em Paris nos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 1981. O escritor posicionou-se, com sentimento de esperança, contra o esquecimento das

⁴¹¹ Ibid., p. 15-16.

vítimas, condição que só serviria à ditadura, e argumentou favoravelmente à vontade de luta pela verdade dos fatos. Dessa forma, dever-se-ia considerar como vivos “a los que acaso ya no lo están pero que tenemos la obligación de reclamar, uno por uno, hasta que la respuesta muestre finalmente la verdad que hoy se pretende escamotear”.⁴¹² A presença de Cortázar nesse colóquio evidenciou novamente o engajamento retórico e prático do escritor contra as ditaduras. *Araucaria de Chile*, tendo em Julio Cortázar um de seus colaboradores de maior prestígio internacional, fez questão de promover seu trabalho intelectual atrelado a seu envolvimento político com as causas das esquerdas latino-americanas.

Interpretamos, após as análises das publicações do escritor em *Araucaria de Chile*, que, para Julio Cortázar, o intelectual, em especial o escritor exilado, na conjuntura de repressão política, deveria atuar ativamente no espaço público. Lembramos que esse ponto tão importante a Cortázar consistiu em um aspecto central para Jacques Semelin ao conceber seu conceito de resistência, cujo sentido, como apresentamos na Introdução, pressupõe a realização prática, a ação efetiva daqueles que a exercem. Caberia, portanto, aos intelectuais, posicionarem-se frente a questões de seu tempo, aproximando-se, nesse aspecto, da concepção de intelectual engajado presente em Jean-Paul Sartre, cujo pensamento exerceu forte influência na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970, como apontou Claudia Gilman: “el sartrismo proporcionó toda clase de garantías teóricas al papel transformador del escritor-intelectual [...], acercó las aspiraciones políticas de los intelectuales con sus preocupaciones profesionales”.⁴¹³

⁴¹² CORTÁZAR, Julio. Negación del olvido. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 23.

⁴¹³ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debate y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, p. 72.

Esclarecemos que a militância exercida por Julio Cortázar, bem como as ideias defendidas por ele, em *Araucaria de Chile*, sobre o papel dos intelectuais, mantiveram-se coerentes com aquilo que ele apregoava a quase duas décadas antes, uma vez que posição similar já vinha sendo assumida pelo escritor argentino desde a vitória da Revolução Cubana. Segundo Adriane Vidal Costa, a tomada de consciência política de Cortázar, o que o levou a se expressar a favor do socialismo e a se interessar efetivamente pela realidade social e política da América Latina, deu-se, desde o exílio em Paris, a partir da Revolução em Cuba em 1959, influenciando sobre seu comportamento enquanto escritor comprometido.⁴¹⁴

Contudo, seu envolvimento ainda maior ocorreu com o processo revolucionário na Nicarágua, que culminou com a tomada do poder pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), em 1979. De acordo com Adriane Vidal Costa, o compromisso de Julio Cortázar com a causa sandinista tornou ainda mais imperiosa - em comparação com a Revolução Cubana - sua convicção a respeito do papel político do escritor, que deveria engajar-se em ações práticas e diretas na criação de condições efetivas para as transformações sociais e políticas.⁴¹⁵ Cortázar foi um grande defensor da Revolução Sandinista, atuando junto aos revolucionários no âmbito cultural. Ajudou, por exemplo, a fundar o primeiro Museu de Arte Contemporânea no país e participou do processo de alfabetização da população local. O escritor argentino apoiou intensamente a revolução na Nicarágua por acreditar que o processo revolucionário naquele país aproximava-se daquilo que ele tanto idealizou para as sociedades da América Latina.⁴¹⁶

⁴¹⁴ COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013, p. 111.

⁴¹⁵ COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit, p. 289.

⁴¹⁶ COSTA, Adriane Vidal. “Nicarágua na encruzilhada”: Cortázar, Vargas Llosa e a experiência sandinista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 44, julho-dezembro 2009, p. 481.

Por isso, Cortázar “assinalou que iria quantas vezes fosse preciso à Nicarágua para participar de diálogos e reuniões, e ajudar no que fosse possível no plano da cultura”.⁴¹⁷

Quando do seu falecimento, em fevereiro de 1984, Julio Cortázar foi homenageado pelo editor de *Araucaria*, Carlos Orellana, através de um texto publicado na edição de número 25. Orellana destacou sua simplicidade e, ao mesmo tempo, sua grandeza como escritor de extrema qualidade e de tenaz comprometimento com as causas sociais e políticas da América Latina. Em suas palavras:

El latinoamericano más importante de Europa era un gigante afable y tímido como un niño, que procuraba disimular su talento inmenso no por arrogancia, sino por pudor y porque respetaba exageradamente a sus semejantes. [...] Fue, en el mejor sentido de la definición, un intelectual latinoamericano comprometido. Es inútil querer disociar su labor de escritor de su tarea como activista.⁴¹⁸

No número seguinte (segundo trimestre de 1984), na seção *Temas*, a revista ampliou as homenagens ao escritor argentino. Volodia Teitelboim e Luis Bocaz publicaram ensaios nos quais as qualidades literárias, a erudição, o exílio cultural em Paris e o engajamento político de Cortázar foram destacados. Teitelboim apontou para o proclamado socialismo e envolvimento do escritor com os processos revolucionários e políticos na América Latina, como seus esforços devotados à Revolução Sandinista e sua oposição combativa em relação às ditaduras do Cone Sul. Escreveu Teitelboim: “ese escritor unió el genio literario a su compromiso absoluto con la liberación latinoamericana”. Luis Bocaz salientou o caráter humanista que pautou a prática social e o trabalho intelectual de Julio Cortázar.⁴¹⁹

⁴¹⁷ Ibid. p. 481-482.

⁴¹⁸ ORELLANA, Carlos. Julio Cortázar. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, 1984, p. 11.

⁴¹⁹ TEITELBOIM, Volodia. Encuentros con Cortázar. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 176-192, 1984; BOCAZ, Luis. El humanista latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 157-161, 1984. Outros autores publicaram nessa edição, na seção mencionada, em homenagem ao intelectual argentino. Dentre eles, Eduardo Galeano, Daniel Moyano, Osvaldo Soriano, em interessante texto sobre a relação

Se em *Araucaria de Chile* a morte de Cortázar mereceu amplo destaque, constatamos que *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, nas edições do ano de 1984, não fez sequer menção ao falecimento do importante escritor argentino. Ainda que possamos entender a omissão da revista em virtude de Cortázar não ter sido um colaborador tão presente como o foi em *Araucaria de Chile*, ou ainda que interpretemos *Literatura Chilena* como uma revista que priorizou os escritores e colaboradores chilenos, possuindo uma veia muito menos latino-americanista, nesse aspecto, quando a comparamos com *Araucaria*, estranha-nos, sendo uma revista de forte conteúdo literário, não haver publicado ao menos uma nota informando sobre o falecimento de um grande nome das letras latino-americanas. Ainda mais quando pensamos que ele tanto colaborou, desde o exílio, com a resistência chilena à ditadura militar e que, por um tempo, em sua primeira fase, incorporou o Comitê Internacional da revista.

Assim como Cortázar na revista *Araucaria de Chile*, Fernando Alegría, em seus ensaios, críticas literárias e discursos (em geral realizados em encontros de intelectuais no exílio) publicados tanto em *Araucaria* como em *Literatura Chilena*, conferiu à noção do escritor/intelectual um sentido de compromisso político e ação no espaço público que, naquele momento, inscrever-se-ia, como parte da resistência política às ditaduras, na defesa da democracia, das liberdades políticas e da justiça social. Escrever tornar-se-ia, dessa forma, um meio de ação, e nada mais premente para o escritor do que ocupar-se do seu mundo, das questões que o envolvem.

Em ensaio intitulado *La literatura chilena en el contexto latino-americano*, publicado em *Araucaria de Chile*, número 19, Alegría interpretou que o ato de criação do escritor, submetido a condições políticas violentas e autoritárias, não deveria ser meramente estético. Segundo ele, não bastava escrever bem. Fazia-se necessário que a

ambígua do escritor com seu país natal, a Argentina e a capital Buenos Aires, e uma entrevista de Cortázar concedida a Miguel Rojas-Mix.

literatura atuasse também como arma de libertação. Assim, “el viejo debate sobre la legitimidade de la política en la obra de arte ha perdido toda relevancia en la era de asaltos a la cultura, de violación a los derechos humanos, de armamentismo suicida y abusos imperialistas en que vivimos”.⁴²⁰ Nesse sentido, ele salientou ainda que

el hecho de que un escritor latinoamericano vaya a Angola o a El Salvador o a Nicaragua, y escriba allí su cuento, novela, poema o artículo, para testimoniar su compromiso en una guerra de liberación, constituye, sin duda, un acto de afirmación ética y estética. Ambos válidos.⁴²¹

Ao conjugar uma postura normativa aos intelectuais que combinava, em nossa interpretação, engajamento político e a defesa de valores típicos das esquerdas, Fernando Alegría pensava que tudo o que se realizasse (ou não), do ponto de vista intelectual, sob as condições de opressão, tão marcantes na história contemporânea da América Latina, teria um caráter político, comprometendo escritores e artistas na luta por valores sociais e democráticos. Assim, resultado da resistência e do comprometimento cultural e político dos intelectuais chilenos, similar ao que apontou Miguel Littín em *Literatura Chilena en el Exilio*, Fernando Alegría, também nessa revista, sentenciou que

nunca la literatura y el arte de Chile, fuera y dentro del país, en el exilio tanto como en la resistencia, han dado tan clara muestra como hoy de haber llegado al umbral de un poderoso y fecundo renacimiento. Nuestros pintores y escultores, novelistas y poetas, dramaturgos, cineastas y músicos, golpean a diario las puertas de la dictadura para recordarles a los esbirros que estamos vivos, que la voz de Chile no se ahoga, que el pueblo numera los días de la espera con valerosas y potentes creaciones.⁴²²

⁴²⁰ ALEGRÍA, Fernando. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, 1982, p. 119.

⁴²¹ Ibid., p. 119.

⁴²² ALEGRÍA, Fernando. Discurso inaugural. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 24.

Sob uma ótica de comprometimento intelectual, através da escrita, próxima a que apresentou Fernando Alegría nas duas revistas, Soledad Bianchi publicou, em *Literatura Chilena en el Exilio*, sua crítica literária a respeito da política nas letras das canções de Víctor Jara. Bianchi procurou evidenciar como o importante compositor popular acolheu em sua obra musical e poética uma concepção política de engajamento social, propondo reflexões sobre a função do poeta e do artista. A ensaísta ainda explicitou qual foi seu objetivo ao analisar a obra de Víctor Jara, deixando entrever também seu posicionamento favorável ao ativismo político do compositor:

Lo que me interesa es mostrar cómo Víctor Jara acoge en su obra una concepción sobre la función del poeta; es decir, cómo se traduce su compromiso político en su quehacer poético. Explicitar la relación entre la labor política del artista, su actividad artística y su producción, y poder aproximarse - en una primera mirada - a su concepción de su quehacer como poeta y como cantante a través de su obra.⁴²³

Fica claro que arte e política, para Fernando Alegría e Soledad Bianchi, possivelmente dois dos mais engajados dentre os intelectuais chilenos nesse contexto, não se constituíam em algo que devesse ser dissociado, muito antes pelo contrário. Ambos remeteram, portanto, à junção das preocupações profissionais com a literatura e a arte, de um lado, e o compromisso político do autor, de outro, essa dupla instância que conferia aos escritores e artistas também a legitimidade de intelectuais.⁴²⁴ Na verdade, em uma conjuntura histórica que envolvia Guerra Fria, pós-Revolução Cubana, início do processo revolucionário na Nicarágua e ditaduras militares no Cone Sul, a

⁴²³ BIANCHI, Soledad. Víctor Jara, por los caminos del pueblo. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 5.

⁴²⁴ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debate y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, p. 72-73.

intervenção nos assuntos políticos, por parte dos escritores e críticos latino-americanos ligados às esquerdas, tornou-se praticamente inevitável.⁴²⁵

Ainda por esse viés, mas ressaltando um sentindo extremo, novamente Fernando Alegría foi quem nos apresentou uma interpretação de caráter ainda mais premente a respeito da criação artística diante dos crimes, muitos deles fatais, contra os direitos humanos provocados pelas ditaduras. Em sua crítica, publicada na revista que dirigia, voltou-se para a produção fílmica *Prisioneros desaparecidos*, de 1979, do cineasta chileno exilado Sergio Castilla,⁴²⁶ enfatizando a função vital da criação artística diante da violência política, comparando-a com o papel do escritor latino-americano. Para exemplificar, ele citou as obras *Cría Ojos*, do chileno Ariel Dorfman, e *Pedro y el Capitán*, do uruguaio Mario Benedetti, publicadas contemporaneamente ao filme de Castilla e que remetiam especialmente à violência das ditaduras no Chile e no Uruguai:

Se dirá que el tema de Sergio Castilla es ‘la tortura’ o ‘la represión o ‘la violencia fascista’ y, en cierto modo, con estas palabras se describirá correctamente su último film ‘Prisioneros Desaparecidos’. No se definirá, sin embargo, el conflicto esencial y profundo que lo preocupa. Me parece que Castilla, así como los escritores latinoamericanos que han tratado la tortura en obras recientes [Ariel Dorfman e Mario Benedetti], miran frente a frente un dilema cuyas consecuencias desbordan el caso político circunstancial. Defender la vida propia ante el ataque de los violadores de cuerpos y almas puede ser una manifestación militante de nuestra conciencia política, pero

⁴²⁵ Apresenta-se imperioso destacarmos que o debate acerca do engajamento do intelectual no âmbito político latino-americano não consistiu em prerrogativa da década de 1960 em diante. Ele esteve especialmente presente nos anos 1920, década em que ideias referentes à revolução, à libertação nacional e ao anti-imperialismo mantiveram-se candentes, pautadas por matizes ideológicos variados. A esse respeito, ver: FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latino-americanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

⁴²⁶ O filme foi coproduzido pelo *Instituto Sueco del Cine*, país europeu no qual Sergio Castilla encontrava-se exilado, e pelo *Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC), vinculado à instituição cultural *Casa de las Américas*, criada em Cuba após a Revolução de 1959. Resumidamente, o filme encena, em forma de um relato, os acontecimentos que ocorreram durante uma semana em uma casa de torturas no Chile, durante a ditadura de Augusto Pinochet. Nas palavras de Diana Maritza Alzate Mejía, “durante el largometraje se ponen en escena los dramas de la tortura física, la prisión, el abuso, la tortura psicológica y la desaparición forzada de la que fueron víctimas la gran mayoría de los prisioneros que sufrieron la fatalidad de ser reclusos en estos centro o casas de humillación y constante transgresión de los Derechos Humanos”. ALZATE MEJÍA, Diana Maritza. *Exilio y dictadura, una percepción cinematográfica*. 2013. 111f. Magíster en Historia. Universidad de Concepción. Departamento de Ciencias Históricas y Sociales, Facultad de Humanidades y Arte, p. 65.

también, y muy particularmente, puede ser un acto de discernimiento destinado a escoger la razón y el método para derrotar a la muerte.⁴²⁷

Nessa visão, Fernando Alegria defendeu a responsabilidade vital dos intelectuais na criação artística e literária, reforçando seu posicionamento apresentado em outros textos, veiculados por *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, sobre a junção da arte com a política, centrais para a sobrevivência dos próprios intelectuais latino-americanos, sobretudo de seus compatriotas chilenos, se tomarmos em conta a conjuntura histórica marcada pelo terrorismo de Estado em que se encontrava o Chile.⁴²⁸

O mencionado escritor Ariel Dorfman foi outro destacado intelectual que contribuiu com ambas as revistas. Nesse momento, inserido no debate em questão, ele argumentou que a politização do discurso do intelectual, ao fazer de sua produção cultural um instrumento de enfrentamento à ditadura, consumava-se, contraditoriamente, em razão do próprio Estado autoritário, instituição que rejeitava o tom crítico e combativo de seus posicionamentos públicos. À medida que o governo ditatorial reprimia as manifestações da sociedade, utilizando-se do seu aparato

⁴²⁷ ALEGRÍA, Fernando. Prisioneros desaparecidos. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, 1980, p. 17.

⁴²⁸ Nos países latino-americanos, partindo do pressuposto da pátria como unidade, e de todo conjunto de valores cívicos que isso implicava, a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) lançou mão, na aplicação de seus princípios, da violência de Estado, configurando-se, por vezes, em terrorismo de Estado, sob a justificativa de defender a democracia dos inimigos internos (subversivos), identificados, genericamente, com o comunismo. De acordo com Enrique Serra Padrós, entre as modalidades do Terror de Estado aplicadas pelas ditaduras do Cone Sul, guardando as especificidades de cada país, salienta-se o uso da tortura, a presença de esquadrões da morte, os desaparecimentos e a internacionalização do sistema repressivo. Esta última modalidade refere-se à formação de uma rede de cooperação entre os sistemas de inteligência dos aparatos repressivos das ditaduras do Cone Sul, denominada de Operação Condor. Objetivava-se a troca de informações e a organização de operações conjuntas contra os inimigos do Estado, especialmente no que diz respeito aos exilados. Segundo Jorge Tapia Valdés, a divulgação teórica inicial da DSN no Chile foi levada a cabo por grupos civis de extrema direita. Nesse sentido, como o autor expôs, antes e depois do golpe militar de 1973, “los esfuerzos más sistemáticos e permanentes fueron realizados por el Instituto de Estudios Generales, una organización inspirada y financiada por la CIA”, a agência de inteligência dos Estados Unidos. A DSN, no Chile, “fue objeto de amplia propaganda [...] en los últimos meses del gobierno de Allende, y tiene relación directa con las razones que, según la Junta Militar chilena, justificaban el derrocamiento del Presidente Allende”. PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (orgs). *Ditadura e Democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 159; TAPIA VALDÉS, Jorge. *El terrorismo de Estado: la Doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur*. Ciudad de Mexico, Nueva Sociedad: Editorial Nueva Imagen, 1980, p. 126 e p. 128.

repressivo e do terror, o intelectual consciente de sua significação social, do seu capital cultural e simbólico, para utilizarmos uma categoria desenvolvida por Pierre Bourdieu,⁴²⁹ necessitava atuar com maior força, “cuestionando la validez de la retórica oficial. [...] Frente a este tipo de Estado, por lo tanto, al intelectual no le resta otra alternativa que la oposición [...] frontal”.⁴³⁰ Nesse aspecto, segundo Dorfman,

al disminuir las fronteras de lo democrático, el intelectual tiene más que pronunciar [...] y se espera de él más que antes. La mordaza realza la claridad de la voz. Aumenta su resonancia, como un bardo que sobrevive necesita relatar la vida de los que naufragaron y continúan esperando el rescate. [...] Nuestra capacidad se ve sustentada y a la vez recibimos una lección de modestia, al fundar nuestra acción en la de un destino colectivo mayor. [...] Sabemos que pensar, escribir, pintar, crear es un modo de solidarizarnos hoy con el Estado que queremos construir hoy mismo y mañana también, que proyectamos esa alternativa a cada rato, en nuestro arte y en nuestra vida personal. [...] La cultura es pensar y soñar un universo diferente, ser más que este cuerpo que se va a morir.⁴³¹

Novamente percebemos, através dessa fala, que uma postura ética, associada à defesa dos valores centrais para a justa convivência humana, o que se relacionaria, para Dorfman, diretamente com um sistema político democrático, deveria conduzir o trabalho intelectual do escritor ou do artista. Como nos argumentos de Miguel Littín e de Fernando Alegría, também em Dorfman ecoou, explicitamente, a faceta vital da cultura, concebida de maneira prática enquanto arte e instrumento de resistência política.

Ainda em Ariel Dorfman, destacamos sua reflexão sobre as condições de desenvolvimento cultural durante o governo da Unidade Popular e a relação recíproca

⁴²⁹ Pierre Bourdieu concebeu o conceito de capital simbólico a partir das relações de força e de disputa entre os agentes de determinado campo, ou seja, dentro de seus limites e da lógica de seu funcionamento. Aqui, ao nos apropriarmos da expressão de Bourdieu, não concebemos uma análise estrutural dos sistemas de relação que definem a posição dos sujeitos no interior dos campos, como ele propôs, mas, sim, adotamos somente a ideia de que o capital simbólico e cultural dos intelectuais os dota de “poder o de la autoridad específica”, conferindo-lhes certo prestígio social. BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual: itinerario de un concepto*. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002, p. 121.

⁴³⁰ DORFMAN, Ariel. El Estado chileno actual y los intelectuales. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, 1980, p. 39.

⁴³¹ Ibid., p. 42-50.

dos intelectuais, incluindo ele próprio, com o governo de Salvador Allende. Durante o governo socialista, Dorfman esclareceu que muito embora tenha havido a ampliação, para um sentido popular, do que se concebia como cultura, tal processo não esteve imune a vicissitudes e incertezas quanto às formas de seu desencadeamento. As liberdades e diálogos entre intelectuais e UP provocaram, ainda que parecesse contraditório, hesitações na construção da noção de cultura durante a presidência de Salvador Allende. As seguintes questões levantadas por Dorfman evidenciaram esses dilemas conflitantes, porém, ao mesmo tempo, desafiadores e enriquecedores para a intelectualidade de esquerda no Chile durante a experiência para o socialismo:

En qué sentido era posible definir las tareas del arte como algo que desbordara el campo, por muy imprescindibles y urgente que fuera, de la agitación y la propaganda en una lucha por el poder; desde dónde definir los grados y límites de la participación y de la crítica en una lucha por el poder, frente a un proceso revolucionario que engendraba tanta esperanza y entusiasmo pero que acabó en una derrota de tales proporciones; cómo conciliar el arte como servicio y el arte como revelación no-inmediata; cómo crear un lenguaje que expresara la unidad nacional y a la vez contribuyera a una hegemonía creciente de la clase obrera. [...] Cuando llegamos al gobierno popular de Salvador Allende nos dimos cuenta de que habíamos sido mal preparados en los años anteriores para las tareas colosales que nos lloverían. Nos es posible hoy afirmar que el gobierno popular, en cambio, con todas sus limitaciones, nos preparó bien para los problemas que debemos ir resolviendo en estos años que vienen. Nos fue dada una oportunidad, quizás y probablemente única, para tomar el destino en nuestras propias manos y sentir que la historia, que lo inmediato y lo lejano, la hacen mujeres y hombres comunes y corrientes y no potencias ajenas y alienantes.⁴³²

Essa relação de ambiguidade entre Estado, intelectuais e cultura popular, durante a Unidade Popular, apontada por Dorfman, dialogou, em nossa visão, com o que expôs Bernardo Subercaseaux, quando este afirmou que o programa básico de governo da UP apontava para uma cultura popular nova, que não se criaria por decreto oficial, surgindo, portanto, da organização das massas no exercício de seu direito à cultura e a se manifestar culturalmente. Paralelamente, como tarefa atribuída ao Estado, projetava-se

⁴³² Ibid., p. 36 e p. 50.

democratizar o capital cultural que circulava na sociedade, garantindo o acesso da maioria da população aos bens artísticos. Em outras palavras, a integração popular à cultura, neste último aspecto, consumir-se-ia via ação estatal.⁴³³ Os intelectuais encontravam-se, digamos, no meio do caminho desse dilema, ora atuando, nesse processo, junto ao governo de Salvador Allende e exigindo da UP maior eficiência quanto à política cultural, ora demandando maior autonomia em relação ao Estado e um caráter hegemônico para a nova cultura popular.⁴³⁴

Para Ariel Dorfman, o contraponto dessa situação complexa e construtiva durante a UP foi a relação de oposição e conflito entre intelectuais chilenos e Estado ditatorial, única forma de relação possível. O golpe de 1973 rompeu abruptamente o desenvolvimento cultural alinhavado ao processo nacional-popular, simplificando, desafortunadamente, as relações entre intelectuais e Estado, que passou a ser de franca oposição.⁴³⁵ Mais do que isso, diríamos que ela se transformou em resistência cultural e política dos intelectuais diante da repressão fortemente empreendida pela ditadura.

As questões a que todos esses intelectuais, nas publicações de *Araucaria* e de *Literatura Chilena*, buscaram responder foram as seguintes: porque e para quem se escreve? Este foi o problema central presente já no título do ensaio de Isabel Allende, que, no momento em que publicou o texto em *Araucaria de Chile* (número 41, 1988), consolidava-se internacionalmente como escritora em virtude da publicação da obra *La casa de los espíritus* (1982).

⁴³³ SUBERCASEAUX, Bernardo. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011, p. 69.

⁴³⁴ A esse respeito, ver ALBORNOZ, César. Op. Cit., p. 147-176.

⁴³⁵ Toda a argumentação a esse respeito desenvolvida por Ariel Dorfman em *Araucaria de Chile* foi endossada por ele em outro texto ensaístico. Ver DORFMAN, Ariel. El Estado y la creación intelectual. Reflexiones sobre la experiencia chilena de la década de los setenta. In: CASANOVA, Pablo González (coord.). *Cultura y creación intelectual en América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1989, p. 321-353.

A resposta dada pela própria escritora no referido ensaio aproximou-se das demais anteriormente apresentadas nas revistas. Escrever na América Latina requeria uma responsabilidade extra, pois seus escritores situavam-se historicamente em contextos de desigualdade e violência social, de governos ditatoriais e de subserviência dos países às economias mais poderosas e desenvolvidas. Segundo a autora, submetidos a tais conjunturas que lhes eram comuns, não caberia aos escritores latino-americanos manterem-se à margem dessa realidade brutal. Ela exprimiu que “ante el impacto de los hechos no hay tiempo ni ánimo para la escritura narcisista”. Isabel Allende fez questão de não superdimensionar a importância dos escritores, afirmando que eles não eram deuses, não podiam mudar o mundo, mas que deveriam ter a esperança de que, “a1 mostrar la realidad contribuye a descifrarla y comprenderla y así puede iniciar un cambio en la conciencia de algunos lectores”.⁴³⁶ Diante das limitações de alcance dos livros de literatura na América Latina, ela sugeriu aos intelectuais que não se furtassem a utilizar seu prestígio, propagando sua mensagem através dos mais diversos meios de comunicação, de maneira a subverter a lógica comercial e consumista predominante na comunicação de massa.⁴³⁷

Verificamos, portanto, que as análises críticas tangentes à função do escritor/intelectual estiveram, nas revistas, dentre outros autores, circunscritas, além dos editoriais, a importantes escritores, ensaístas e críticos, como Julio Cortázar, Isabel Allende, Antonio Skármeta, Federico Schopf, Fernando Alegría, Soledad Bianchi e Ariel Dorfman. Por sinal, como apontamos, os três últimos escreveram concomitantemente em *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, possibilitando nossa interpretação de que houve um caminho conjunto seguido por ambas as revistas em relação a esse aspecto específico.

⁴³⁶ ALLENDE. Isabel. Por qué y para quién escribo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 41, 1988, p. 158.

⁴³⁷ Ibid., p. 161.

Do ponto de vista de colaboradores de outras nacionalidades, Julio Cortázar fez-se presente, de maneira significativa, em *Araucaria de Chile*, e não em *Literatura Chilena*. Contudo, ainda que com um viés menos latino-americanista quando comparada à *Araucaria*, *Literatura Chilena* não deixou de manifestá-lo e deu abertura a intelectuais latino-americanos, como o cubano Roberto Fernández Retamar.⁴³⁸

Ele foi mais um intelectual de renome a contribuir com a atuação cultural e política dos chilenos no exílio. Diretor da revista cubana *Casa de las Américas*, Roberto Fernández Retamar participou das *Jornadas Salvador Allende* e ressaltou, elogiosamente, em discurso reproduzido em *Literatura Chilena en el Exilio*, o fato de muitos intelectuais chilenos, em seu exílio forçado, prosseguirem no exercício de suas atividades, seja como pesquisadores ou como criadores culturais. Nesse sentido, Fernández Retamar, citando *Literatura Chilena en el Exilio* e *Araucaria de Chile*, destacou como verdadeiro ato de atuação pública dos intelectuais a criação, no exílio, de “empresas culturales”, como as revistas, nas quais eles próprios pudessem participar e ver suas obras promovidas. Ao longo do seu discurso, Fernández Retamar, um dos principais intelectuais defensores e promotores da Revolução Cubana, buscou

⁴³⁸ Sucendendo à direção de Antón Arrufat (1960-1965), Roberto Fernández Retamar assumiu o cargo de diretor da revista *Casa de las Américas* cinco anos após sua criação em 1960, permanecendo até 1989. Reassumiu o impresso em 1991. Como apontou Adriane Vidal Costa, a figura de Fernández Retamar foi central para a criação de uma rede intelectual latino-americana de esquerda a partir da revista. Como diretor, ele procurou agregar, por meio do impresso, intelectuais reconhecidos como Julio Cortázar, Ángel Rama, Mario Vargas Llosa e Mario Benedetti (os quatro escreveram na revista e integraram seu Conselho de Redação), além dos próprios cubanos, tais como José Lezama Lima e Alejo Carpentier. Foi também sob a direção de Roberto Fernández Retamar que *Casa de las Américas* teve uma mudança significativa em sua política editorial, tornando-se cada vez mais alinhada aos preceitos da Revolução Cubana. COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013, p. 48-52. Para maiores informações sobre a revista, consultar: MOREJÓN ARNAIZ, Idália. *Política e polémica na América Latina: Casa de las Américas e Mundo Nuevo*. 2004. 326 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Pró-Reitoria de Pesquisa, São Paulo.

solidarizar-se, em nome do povo de Cuba, com as dificuldades sofridas pelos chilenos durante a ditadura de Augusto Pinochet, denominada por ele de “fascista”.⁴³⁹

É relevante apontarmos que a posição crítica de Fernández Retamar em relação à repressão política no Chile não se manifestou quando do endurecimento do governo revolucionário cubano sobre os intelectuais de seu país - sobretudo após o “caso Padilla” em 1971 -, condição denunciada por escritores próximos à Revolução Cubana e à revista *Casa de las Américas*, como Julio Cortázar. Entendemos, com isso, que, mais do que a crítica à repressão e ao cerceamento das liberdades de manifestação pública exercidos pelos governos autoritários, sobressaiu em Fernández Retamar seu alinhamento à esquerda revolucionária em Cuba e no Chile, o que o fez se opor à uma ditadura neoliberal, no caso, a chilena, mas manter-se fiel à Revolução Cubana mesmo após a intensificação repressiva a partir de 1968, condição que provocou maior controle político sobre o meio cultural.⁴⁴⁰

A participação de Roberto Fernández Retamar nas *Jornadas Salvador Allende* e na revista *Literatura Chilena en el Exilio* explicitou os vínculos ideológicos e políticos entre os intelectuais chilenos exilados e as esquerdas da América Latina. O mesmo vale dizer quanto ao envolvimento de Julio Cortázar com a resistência chilena e sua frequente colaboração com *Araucaria de Chile*. Os muitos eventos culturais no exílio

⁴³⁹ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Discurso de Clausura. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 27-28.

⁴⁴⁰ Como nos explicou Adriane Vidal Costa, em um contexto de crise econômica e aproximação de Cuba à União Soviética, o *Congreso Cultural de la Habana*, em 1968, redefiniu a política cultural no país ao estabelecer medidas que demonstraram a disposição do governo revolucionário em restringir a liberdade dos artistas e intelectuais, enquadrando-os na esfera da Revolução. O “caso Padilla”, famigerado internacionalmente pelo fato do poeta Heberto Padilla ter sido supostamente coagido, inclusive sob torturas, pelo governo cubano a fazer uma autocrítica e a assumir seus “desvios”, em razão de ter criticado a Revolução em um poema, foi o ápice do desencantamento de grande parte dos intelectuais latino-americanos e europeus com a Revolução Cubana. Julio Cortázar, como mostrou Vidal Costa, não rompeu com Cuba, como muitos o fizeram (o escritor peruano Mario Vargas Llosa foi o caso mais famoso de rompimento drástico), mas o desenlace dessa situação provocou nele “um certo esfriamento” nas relações com o país. COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., p. 171-210. Ver, também, MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução* (1961-1975). São Paulo: Alameda, 2009.

demonstraram a relevante integração entre chilenos e latino-americanos, amparados pela solidariedade dos intelectuais progressistas de várias partes do mundo, especialmente os europeus, norte-americanos e canadenses.

As revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, como é sabido, traçaram, cada uma a sua maneira, seus editorialismos programáticos calcadas em um viés político de esquerda, o que se percebe através dos intelectuais que nelas escreveram e na veia crítica de seus textos. De forma muito aproximada, as ideias direcionadas ao exílio e à função do intelectual estiveram majoritariamente alinhavadas com a perspectiva política de resistência ao pinochetismo por parte das revistas.

No caso específico dos escritores, evidentemente que a literatura consistiu no seu principal instrumento de intervenção pública. Para tal, portanto, foi necessário que se refletisse nas revistas não apenas sobre o papel dos escritores/intelectuais, mas também acerca da função da literatura chilena diante da repressão, que, dentre tantas atrocidades, significou uma radical censura à atividade intelectual no Chile.

Nos dois últimos capítulos, analisaremos a veiculação de uma literatura política em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, observando, sobretudo, os principais escritores retomados e os gêneros literários mais valorizados e promovidos por elas.

PARTE 3: A veiculação de uma literatura de resistência política em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*

Esta parte final da dissertação abarcou os capítulos 4 e 5. Foi nosso objetivo analisar como *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, a partir de suas perspectivas editoriais e dos textos de seus colaboradores, compreenderam a função da literatura. Foram contemplados nesta parte as interpretações concernentes ao legado político e literário de Gabriela Mistral e de Pablo Neruda, bem como os debates desenvolvidos em torno à literatura de testemunho, gênero que demarcou fortemente as dimensões políticas da escrita.

CAPÍTULO 4: Literatura e política nas revistas: reflexões acerca da trajetória e do legado de Pablo Neruda e Gabriela Mistral

Ao realizarmos o recorte temático de nossa pesquisa na literatura política chilena veiculada e, por conseguinte, promovida pelas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, queremos reforçar que tal decisão não se consumou de maneira forçosa. Como apresentamos na Introdução, isso ocorreu em função da importância e do espaço considerável que a literatura obteve em ambas as revistas, seja pela prosa, pela poesia ou por meio da crítica literária, dos ensaios, das entrevistas e dos discursos. Não é preciso maiores explicações quanto a isso quando tratamos de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*, que, em razão dos dois nomes que a revista possuiu, evidenciou seu caráter de periódico exílico com viés literário acentuado.

No primeiro capítulo, explicamos que, em comparação com *Literatura Chilena*, *Araucaria de Chile* foi uma revista de exílio muito mais ampla no que diz respeito a seu propósito editorial. Buscou-se, em suas páginas, abordar muitas áreas das ciências humanas e da produção do conhecimento no Chile e, por vezes, também da América Latina. Ainda assim, na revista, os debates tangentes à cultura chilena estiveram presentes de maneira sistemática. Teatro, artes plásticas, música, cinema e literatura consistiram em temas para os quais convergiram as maiores atenções críticas dos colaboradores da revista. Destas abordagens, a literatura obteve atenção especial por parte de seus editores.

No aspecto da cultura chilena, também *Literatura Chilena* se destacou. Todas as demais áreas da produção cultural chilena fizeram-se presentes nas preocupações dos intelectuais que contribuíram com o impresso. No entanto, a prevalência, obviamente, foi a literatura. Mesmo quando se tinha por discussão, por exemplo, as composições

inseridas no movimento artístico da *Nueva Canción Chilena*, as análises dos colaboradores, frequentemente, consubstanciaram-se tendo por objetivo a compreensão das letras das canções, ressaltando, em geral, seu conteúdo poético de viés político-social e o compromisso dos compositores contra as injustiças, a exploração econômica, o imperialismo estadunidense e as desigualdades da sociedade chilena e latino-americana.

Tanto *Literatura Chilena* como *Araucaria de Chile* veicularam estudos sobre a produção cultural do Chile antes e depois do golpe militar de 1973, bem como retomaram escritores e artistas que produziram em contextos históricos distintos. Foi o caso, por exemplo, da publicação de poemas e análises por parte da crítica a respeito das obras de ícones da literatura chilena, com especial ênfase em Gabriela Mistral e Pablo Neruda. Todavia, o objetivo central das duas revistas de exílio, elas próprias definidas por nós como bens culturais de resistência política, foi analisar e divulgar produções culturais chilenas no contexto do pós-golpe militar, marcado por uma violência política sem precedente na história do Chile. Os consagrados poetas mencionados, quando retomados pelos colaboradores das revistas, foram inseridos no debate quanto à função da literatura no contexto ditatorial vigente, em virtude do direcionamento dado por boa parte dos textos, organizados de acordo com os editorialismos programáticos de *Literatura Chilena* e de *Araucaria de Chile*.

Nosso enfoque se fez naturalmente na literatura de resistência política, com ênfase nos *testimonios*, pela valorização que essa perspectiva literária mereceu das duas revistas. Acompanhando uma tendência política na produção literária chilena das décadas de 1970 e 1980, que abundava como forma de combate à ditadura chilena e era devidamente divulgada pelas duas revistas, existiu uma crítica literária que, também de maneira predominante, deu respaldo àqueles que defendiam a emergência, antes ou

junto à valorização formal do texto literário, de uma escritura que se fizesse política. Nesse aspecto, a politização da literatura se deu, antes de tudo, pela necessidade, por vezes vital, de se opor a uma ditadura que tinha a intenção de coibir toda e qualquer pluralidade de pensamento e criação intelectual no Chile. Como parte da resistência exercida, pudemos perceber nos textos literários, nos ensaios e nas críticas a difusão de personagens históricos, valores e discursos pertencentes às culturas políticas socialista e comunista no Chile.

Pensando que os elementos culturais e políticos suscitados pelas revistas *Araucaria* e *Literatura Chilena* forneceram as bases de seus editorialismos programáticos, toca-nos, neste momento, analisar comparativamente de que maneira a literatura compreendida e difundida em ambas tiveram correspondência com o projeto coletivo mais amplo.

Como mencionamos, Pablo Neruda e Gabriela Mistral foram retomados nas revistas por perspectivas muito próximas, quais sejam, sob a ótica de um engajamento público que possibilitou em ambos a construção de uma literatura comprometida com as questões sociais e políticas do Chile, em especial, mas também de toda a América Latina.

Gabriela Mistral (1889-1957), pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, nasceu na cidade de Vicuña, na Província de Coquimbo, norte do Chile. Sua infância, contudo, transcorreu em Montegrande, pequeno povoado na mesma região, no vale Elqui. Teve uma infância pobre, marcada também pela ausência do pai, que abandonou a casa em que viviam quando ela tinha apenas 3 anos de idade. Cresceu sob os cuidados da mãe, com frequentes problemas de saúde, e da irmã. Devido aos baixos recursos financeiros de sua família, não pôde realizar uma

formação escolar completa. Leitora de clássicos espanhóis e russos, sua formação como educadora seria, em boa medida, autodidata.

Logo jovem, trabalhou como *maestra* rural em várias comunidades do Chile. Foi nomeada como educadora em colégios importantes do país, até trabalhar no México, na estruturação do ensino primário local.⁴⁴¹ Foi também cônsul geral do Chile em muitas cidades, como em Madrid, onde exerceu a diplomacia entre 1933 e 1935, pouco antes de seu conterrâneo, Pablo Neruda, assumir essa função. Exercendo essa atividade diplomática, Gabriela Mistral viveu também no Brasil, na cidade de Petrópolis, no contexto do Estado Novo.⁴⁴²

Sua carreira literária foi ainda mais ascendente, embora ela se reconhecesse, fundamentalmente, como educadora. Dentre seus livros de poesia, destacaram-se *Desolación* (1922), *Ternura* (1924), *Nubes blancas* (1925), *Tala* (1938) e *Lagar* (1954). Gabriela Pellegrino Soares, citando obras como *Desolación* e *Ternura*, apontou para a preocupação de Mistral com os problemas da infância em diversos aspectos.⁴⁴³ Sergio Macías, destacando o lado humanista e comprometido da poetisa, defendeu que, em sua obra, predominou uma riqueza de linguagem em que a dor social foi elevada à categoria estética. Por sua importante obra poética e alguns escritos em prosa, Gabriela Mistral foi ganhadora, em 1945, do Prêmio Nobel de Literatura, transformando-se na única

⁴⁴¹ Em 1922, convidada pelo governo do México, Gabriela Mistral atuou na reforma educativa proposta pela Revolução Mexicana. Nesse momento, ela trabalhou junto ao importante intelectual e político mexicano José Vasconcelos, Ministro de Educação Pública entre os anos de 1921 e 1924. Ver SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola Gabriela. *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil*. Tese (doutorado). 186 f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2014, p. 21. Sobre a relevante presença de Gabriela Mistral e de suas ideias no universo da educação pública e das políticas de leitura na Argentina entre os anos 1920 e 1950, sobretudo a respeito de suas concepções sobre a literatura infantil, ver SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

⁴⁴² Sobre a presença de Gabriela Mistral no Brasil e para pensar a escritora e diplomata chilena como um vetor “a realizar intercâmbios culturais” e intelectuais entre a América Hispânica e o país, ver SOARES, Gabriela Pellegrino, Op. Cit., p. 243-258; SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola Gabriela. Op. Cit., p. 59-109.

⁴⁴³ Ibid., p. 245.

escritora da América Latina a figurar entre os premiados. Seis anos depois, ela recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Chile. Morreu nos Estados Unidos em 1957, após longa enfermidade.⁴⁴⁴

Em seu primeiro número, *Literatura Chilena en el Exilio* deu mostras do reconhecimento que teve para com a poetisa chilena e a maneira como difundiu boa parte das análises tangentes à sua obra e à sua trajetória. Essa edição de abertura dedicou-se a render homenagens a Pablo Neruda e a Gabriela Mistral. No caso da escritora, a revista, com o objetivo de legitimar a grandeza da literatura de Mistral, a homenageou em razão de que, naquele ano de 1977, completar-se-iam 20 anos de sua morte.

Foram três textos em prosa dedicados a ela, acrescidos de um poema, do chileno Jaime Valdivieso, e de um trecho de uma carta, reproduzido na revista, redigida por Gabriela Mistral a um amigo.⁴⁴⁵ O texto da carta apareceu na segunda página de *Literatura Chilena*, após o editorial de fundação, como um prólogo daquela edição de abertura. Através do pensamento e das palavras de Gabriela Mistral na missiva, oriundos de um contexto de ascensão do fascismo na Europa, a revista intencionou edificar também seu viés militante, deixando subentendido que as ideias da poetisa serviriam integralmente para conjuntura que envolvia a realidade política chilena. Assim, Gabriela Mistral foi inicialmente publicada pela revista a partir de suas seguintes assertivas:

No creo en la mano militar para cosa alguna. Ni el escritor, ni el artista, ni el sabio, ni el estudiante pueden cumplir su misión de ensanchar las fronteras

⁴⁴⁴ Ver ALEGRÍA, Fernando. *Genio y figura de Gabriela Mistral*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1966; MACÍAS, Sergio. *Gabriela Mistral: poesía y justicia social, constantes en la vida de la más grande escritora iberoamericana*. España: Ayuntamiento de Gijón, 1998.

⁴⁴⁵ Esta informação a encontramos em SCHOPF, Federico. Reconocimiento de Gabriela Mistral. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, 1989, p. 71. Não temos maiores informações sobre a carta, em que ano precisamente a escreveu, por que razão e para qual amigo foi endereçada.

del espíritu si sobre ellos pesa la amenaza de las fuerzas armadas, del estado gendarme que pretende dirigirlos. El trabajador intelectual no puede permanecer indiferente a la suerte de los pueblos, al derecho que tienen de expresar sus dudas y anhelos. América en su historia no representa sino la lucha pasada y presente de un mundo que busca en la libertad el triunfo del espíritu. Nuestro siglo no puede rebajarse de la libertad a la servidumbre. Se sirve mejor al campesino, al obrero, a la mujer, a la estudiante, enseñándole a ser libres, porque se les respeta en su dignidad.⁴⁴⁶

A despeito da carta ter sido escrita em outro momento da história, a reflexão de Gabriela Mistral, ao ser resgatada, fazia todo o sentido no âmbito da resistência ao pinochetismo, fornecendo-nos o tom por meio do qual se retomaria a trajetória, o pensamento e a literatura da escritora chilena: sob a ótica do engajamento e da politização de suas ideias e de sua obra poética.

A primeira análise literária realizada em *Literatura Chilena* foi o ensaio de Bernardo Subercaseaux, no qual ele abordou a obra inicial de Gabriela Mistral a partir das suas *canciones de cuna* (canções de ninar). Tais canções estiveram presentes quase integralmente, como explicou Subercaseaux, nos livros *Desolación* (1922), *Lecturas para mujeres* (1923) e *Ternura* (1924). O autor referiu-se, dessa maneira, a um tipo de composição poética identificada com as tradições populares chilenas, imputando a Mistral o resgate de uma tradição importante da identidade chilena, sobretudo no que diz respeito às mulheres e ao amor maternal – *las madres que cantan los versos de cuna a sus hijos*. Assim, embora a análise de Bernardo Subercaseaux não demarcasse necessariamente o conteúdo político-social na poesia de Gabriela Mistral, não deixou de

⁴⁴⁶ MISTRAL, Gabriela. No creo en la mano militar. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 2. Aqui, se o pensamento da autora foi utilizado como prólogo, na edição de número 11 de *Literatura Chilena* suas ideias foram retomadas como epílogo, ao publicar-se, na contracapa da revista: “‘Basta!’ – décimos – ‘basta de carnicería!’ Hay palabras que, sofocadas, hablan más, precisamente por el sofoco y el exilio”. MISTRAL, Gabriela. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 11, 1979, s.p. O mesmo ocorreu no número 16 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, em que se publicou: “Las cosas tienen necesidad de ser descritas, las hermosas que parecen bastarse con su existencia menos que las vergonzosas. Es mayor la urgencia de atrapar a éstas por el daño que traen, y por el desorden que cumplen...”. MISTRAL, Gabriela. Las cosas tienen necesidad de ser descritas. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, s.p. Os prólogos e os epílogos, com fragmentos de textos de Gabriela Mistral, cumpriram na revista a clara função de dialogar com o contexto chileno de ditadura e exílio.

demonstrar que em suas *canciones* o “mundo dramático de la mujer del pueblo” esteve contemplado.⁴⁴⁷

Alejandro Witker⁴⁴⁸ voltou-se para as correlações existentes entre a literatura e a trajetória intelectual da poetisa. De acordo com ele, mais do que a imagem maternal e exemplar de educadora infantil forjada pelo pensamento da direita chilena, visando ocultar seu pensamento social, Gabriela Mistral foi, sim, uma intelectual comprometida com as questões políticas à sua volta. Sua atuação como diplomata e o prestígio adquirido como escritora exigiram dela tomadas de posição que a alinharam ao pensamento progressista latino-americano. Alejandro Witker destacou as denúncias públicas da escritora ao imperialismo dos Estados Unidos, assim como sua visão favorável às lutas guerrilheiras de libertação nacional de Augusto César Sandino na Nicarágua, na década de 1920. Sua “lenguaje literario traspasado de auténtica chilenidad”, afirmou Witker, revelou muito de sua posição contrária à “perversa política de entrega de nuestros pueblos, el latifundio de puños cerrados que impide una decorosa y salvadora división del suelo”.⁴⁴⁹

Aqui, pelas ideias que difundiu em seu texto, percebemos que o colaborador de *Literatura Chilena* deixou-se conduzir por um posicionamento político de esquerda que ele buscou atribuir à Gabriela Mistral, mas que, embora não refutemos de todo sua análise em relação à escritora, pareceu-nos pertencer muito mais ao próprio autor. Seus argumentos nos sugeriram uma Gabriela Mistral militante e altamente engajada nas causas da esquerda, posição política que ela não adotou, pelo menos do ponto de vista

⁴⁴⁷ SUBERCASEAUX, Bernardo. Gabriela Mistral: espiritualismo y canciones de cuna. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 6.

⁴⁴⁸ Alejandro Witker foi um militante socialista e um historiador que desenvolveu importante obra acadêmica. No momento do golpe, exercia o cargo de *director de Difusión Cultural en la Sede Los Angeles de la Universidad de Concepción*, onde lecionava. Exilou-se no México. Ver PERIS BLANES, Jaume. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008.

⁴⁴⁹ WITKER, Alejandro. Palabras de homenaje a Gabriela. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 33.

sistemático e pautada por visões de mundo socialistas ou comunistas. Witker criticou a apropriação conservadora da imagem da poetisa pela direita chilena, mas acabou por criar outra, diametralmente oposta, a partir da perspectiva socialista do autor.

Entendemos que o que de fato estava em discussão na abordagem trazida por Alejandro Witker era a disputa pelas representações de Gabriela Mistral, exercida tanto pelo ideário das esquerdas chilenas quanto pelo discurso oficial ou apoiador da ditadura. Neste último caso, após o golpe de 1973, a Editora Nacional Quimantú, diretamente associada ao governo de Salvador Allende, foi apropriada pela Junta Militar, que iniciou sua transformação a partir da mudança do nome, passando a se chamar Editora Gabriela Mistral. Buscava-se, com tal medida, desenvolver um projeto editorial pró-ditadura, mas que acabou por não possuir os êxitos comerciais almejados.⁴⁵⁰ A iniciativa, embora frustrada em razão do declínio da editora, inseriu-se na estratégia mais ampla da ditadura de (re)construção da imagem da mais importante escritora chilena, de maneira a transferir a ela valores morais associados à sua trajetória como educadora e como figura materna por excelência - “mãe de todos os chilenos” -, que se dedicou à pedagogia das crianças tanto quanto à literatura de alto valor estético, desprovida de ativismo político. O jogo do discurso oficial da ditadura – e de seus apoiadores - foi o de contrapor a imagem despolitizada e santificada de Gabriela Mistral à imagem

⁴⁵⁰ Situada nas mesmas instalações da antecessora Editora Quimantú, a Editora Nacional Gabriela Mistral foi assim rebatizada durante a direção do general Diego Barros Ortiz. De acordo com Viviane Bravo Vargas, a editora, portentosa durante a Unidade Popular, entrou em franca decadência financeira, até ser leiloada, em 1976, para a iniciativa privada. Sete anos mais tarde, declarou-se sua falência, e as máquinas para impressão de livros e revistas foram vendidas a baixos custos. VARGAS, Viviane Bravo. Quimantú: palabras impresas para la Unidad Popular. *ISTOR*, año XIV, n. 54, otoño de 2013, p. 74. Karen Donoso Fritz afirmou que o desmantelamento posterior da editora nacional resultou dos próprios princípios tecnocratas da ditadura implementados desde 1975, a partir dos quais não fazia sentido a manutenção dessa empresa pelo Estado. DONOSO FRITZ, Karen. Discursos y políticas culturales de la dictadura cívico militar chilena, 1973-1988. Dossier Chile contemporáneo, n. 29, agosto, 2012. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/chile_donosofritz.pdf. Consultado em: 21/06/2016. Ver também ALBORNOZ, César. La cultura en la Unidad Popular: porque esta vez no se trata de cambiar un presidente. In: VALLEJOS, Julio Pinto (org). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 154-156.

engajada do comunista Neruda, cuja militância enfraquecia as qualidades literárias de sua obra, “manchada” pelo teor político.

O sentido inverso dessa perspectiva foi a tônica dos debates contidos em *Araucaria de Chile*. Muito mais do que em *Literatura Chilena*, que, por sinal, em sua segunda fase, pouco retomou a escritora, *Araucaria* publicou análises bem desenvolvidas a respeito da literatura e da atuação pública da intelectual chilena. Soledad Bianchi, em ensaio denominado *Descubriendo la prosa de Gabriela Mistral* (*Araucaria*, número 6, 1979), sustentou aspectos muito similares aos evocados por Alejandro Witker em *Literatura Chilena*. Antes, porém, devemos mencionar que essas e demais reflexões sobre Gabriela Mistral ocorreram em função dos 90 anos do seu nascimento. Assim, o texto de Bianchi situou-se em uma seção especial da revista, chamada *Noventa años de Gabriela Mistral*, criada para reunir as análises e as homenagens à escritora. Soledad Bianchi, então, começou por criticar a utilização do nome da poetisa na nova Editora Nacional, fato que, contraditoriamente, proporcionou o desmonte na política de publicação e distribuição de livros para a população chilena. A autora expressou-se da seguinte maneira:

Detenida con el golpe de Estado su producción de doce millones de volúmenes, meses después recomienza la actividad de la “Editora Nacional Quimantú” con el nuevo nombre de “Gabriela Mistral”. Su orientación responde, entonces, a la política económica de las autoridades militares: se publican escasos títulos de reducidos tirajes.⁴⁵¹

Em seguida, Bianchi esclareceu que ocorria naquele momento uma tentativa dos militares de elevar a figura de Gabriela Mistral, ao passo que desqualificava o reconhecimento adquirido por Pablo Neruda enquanto poeta e intelectual: “los fascistas son incapaces de comprender que estos escritores no se oponen. Por el contrario, sus

⁴⁵¹ BIANCHI, Soledad. *Descubriendo la prosa de Gabriela Mistral*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 6, 1979, p. 9-10.

obras se complementan porque muestran desde distintas perspectivas la realidad chilena”.⁴⁵² Dessa forma, situada no espectro discursivo das esquerdas chilenas, diametralmente oposto ao discurso suscitado pela ditadura, Soledad Bianchi, como o fez Witker, a retratou sob a ótica da intelectual politicamente engajada, detentora de valores que poderiam muito bem ser associados àqueles pertencentes às culturas políticas socialista e/ou comunista no Chile:

Sutiles pinceladas muestran a la Mistral como la pacifista, antiimperialista, antimilitarista, antifascista y antinazi que fue. Mujer libertaria que nunca esquivó la ocasión de declararlo y expresarlo extensamente en artículos que serían censurados en el Chile de hoy. La mujer que se manifestaba por la justicia social: partidaria y propiciadora de la reforma agraria, defensora apasionada de la educación gratuita y obligatoria. Esta mujer que nunca negó sus orígenes y combatió contra la pobreza y las diferencias sociales, la campesina chilena siempre consciente de nuestra “americanidad” que se denominaba “indoespañola” o indoamericana. Nadie, entonces, más lejano en sus principios y creencias a la Junta y su aniquilamiento de la reforma agraria y de todos los logros educacionales y los avances sociales. Nadie más opuesto que Gabriela Mistral a la apropiación de Chile por las multinacionales. Nadie más contraria que Gabriela Mistral a la marginación de Chile del resto del continente americano y su miserable acercamiento a las tristes dictaduras argentina, paraguay, uruguay o brasileña. Hoy, Gabriela Mistral contemplaría con tristeza el fascismo chileno [...].⁴⁵³

O que referendou Soledad Bianchi a se posicionar dessa maneira em relação à escritora foi a análise que fez de seus escritos em prosa, redigidos, em geral, em formato de artigo para a imprensa ou de cartas destinadas a amigos ou companheiros diplomatas, textos originários, em grande medida, de sua carreira diplomática, das inúmeras viagens e vivências em países nos quais habitou. Por causa da distância geográfica do Chile e da América Latina, Soledad Bianchi afirmou que Gabriela Mistral pôde ver com profundidade problemas que afetavam aos latino-americanos. Utilizando-se de expressão da própria escritora chilena (entre aspas na citação da autora), extraída do texto *Conversando sobre la tierra*, escrito em San Juan de Porto Rico no ano de 1931, a

⁴⁵² Ibid., p. 10.

⁴⁵³ Ibid., p. 18.

ensaísta chilena apontou que Mistral “percib[ió] y alert[ó] sobre el peligro de perder la tierra propia, enajenada por ‘los intereses de los capitalistas criollos y de los capitalistas extranjeros’”.⁴⁵⁴ Interessante observamos que, ao apontar para a posição política da Nobel chilena, Bianchi constatou que as ideias da escritora fariam todo sentido se aplicadas para o ano de 1979 (momento em que redigiu o artigo), “cuando las burguesías nacionales latinoamericanas ceden interesadamente los países a las multinacionales”.⁴⁵⁵ Assim, de acordo com essa leitura, os pensamentos da ensaísta, Soledad Bianchi, bem como os da escritora, Gabriela Mistral, confluíam-se por sendas muito próximas: aquelas através das quais transcorreriam o ideário político de transformação social das esquerdas.

No ensaio de Soledad Bianchi, ainda encontramos referências elogiosas conferidas a Gabriela Mistral ao revolucionário Augusto César Sandino, apontado pela escritora como partidário da liberdade e da independência americana.⁴⁵⁶ Nesse sentido, dois números depois, na oitava edição de *Araucaria de Chile*, publicou-se um artigo político da escritora que nos deu mostras da sua ativa atuação como diplomata, em defesa da soberania dos povos latino-americanos, com especial atenção à Nicarágua. No texto, escrito em 1931, percebemos claramente que o contexto ao qual se referia era o da luta guerrilheira de Augusto César Sandino e seus seguidores pela libertação nacional da Nicarágua, sobretudo em relação aos interesses imperialistas norte-americanos. Gabriela Mistral fez duras críticas ao então presidente dos Estados Unidos, Edgard Hoover, cujos interesses faziam com que interferisse politicamente no país latino-americano. Sandino seria, portanto, um dos principais adversários da política externa

⁴⁵⁴ Ibid., p. 17.

⁴⁵⁵ Ibid., p. 17.

⁴⁵⁶ Ibid., p. 18.

norte-americana na região. Mistral escreveu, então, em defesa da luta de Sandino, contra a intervenção política e econômica estadunidense:

Mr. Hoover ha declarado a Sandino ‘fuera de la ley’. Ignorando eso que llamam derecho internacional, se entiende, sin embargo, que los Estados Unidos hablan del territorio nicaragüense como del propio, porque no comprende la declaración sino como lanzada sobre uno de sus ciudadanos: ‘Fuera de la ley norteamericana’.⁴⁵⁷

Nas revistas *Araucaria* e *Literatura Chilena*, a releitura feita pela crítica chilena de esquerda sobre Gabriela Mistral, no contexto da ditadura militar, enveredou, como podemos constatar, para sua trajetória política e engajada como escritora e diplomata. Não a retomaram enquanto educadora e figura feminina santificada, que pouco se envolvia com as causas sociais do Chile e da América Latina, como pretendiam os adeptos dos valores nacionalistas e conservadores da ditadura ao construírem sua memória.

Novamente Soledad Bianchi, em crítica literária publicada na edição 14 de *Araucaria de Chile*, evocou a escritora chilena tonificando novamente seu viés político, desta vez como “la Gabriela antibelicista y anti-militarista”. O que a levou a caracterizá-la dessa maneira foi a leitura de *Gabriela Mistral en el “Repertorio Americano”* (1978), antologia, realizada pelo chileno Mario Céspedes, dos artigos de Mistral escritos na importante revista cultural costarriquense *Repertorio Americano*, dirigida pelo intelectual Joaquín García Monge. Foram impressionantes 152 artigos públicos pela escritora nessa revista, entre 1919 e 1951, exemplificando sua potente produção intelectual também em prosa. Na resenha que fez da mencionada antologia de Mario Céspedes, Soledad Bianchi frisou que no final do livro, em especial, “aparece su tan conocido artículo ‘La palabra maldita’ - de 1950 -, donde la autora vuelve a definirse

⁴⁵⁷ MISTRAL, Gabriela. La cacería de Sandino. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1978, p. 19.

como la pacifista que fue pronunciándose contra las persecuciones de la ‘guerra fría’”.⁴⁵⁸

Embora não em forma de análise crítica, também foi feita referência a essa antologia em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 10, na seção *Documentos*, por meio do informativo da *Editorial Universidad de Costa Rica*, que publicou a obra. Dizia o texto que “la Editorial de la Universidad de Costa Rica se complace en presentar esta obra, a manera de muestra antológica de la gran escritora y maestra chilena, y como homenaje a su imperecedera labor literaria, educativa y humanística en pro de nuestra cultura”.⁴⁵⁹

Não foram apenas os textos em prosa aos quais a crítica chilena, na revista *Araucaria de Chile*, recorreu de modo a demarcar a atuação intelectual e política de Gabriela Mistral. Sua obra poética, a que a consagrou no âmbito literário nacional e internacional, foi objeto de análise dos ensaístas e críticos literários Raquel Olea e Federico Schopf. Os argumentos centrais das críticas de ambos, contudo, não se alteraram em relação ao que foi desenvolvido por Soledad Bianchi ao analisar os textos em prosa da escritora chilena. Permaneceram, assim, na revista *Araucaria*, os posicionamentos frontalmente discordantes à apropriação da memória de Gabriela Mistral pela ditadura.

Inserida, portanto, na disputa pela imagem da escritora, Raquel Olea, em resenha crítica da coletânea *Liebesgedichte* (Poemas de Amor), editada e publicada na Alemanha em 1981, observou que muito mais do que poemas de amor, assim denominados, segundo ela, por razões comerciais, o livro apresentou, em sua segunda parte, poemas de distinto conteúdo temático, entre eles “Sol del Trópico”, “Cordillera” e

⁴⁵⁸ BIANCHI, Soledad. Gabriela Mistral en el “Repertorio Americano”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 214.

⁴⁵⁹ INFORMATIVO DE EDITORIAL UNIVERSIDAD DE COSTA RICA. Gabriela Mistral, en el “Repertorio Americano”. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, 1979, p. 31.

“El Maíz”, importantes para uma visão identitária e soberana da América, fortemente presente na poetisa. Na sequência, Raquel Olea, analisando o prólogo da coletânea escrito por Federico Schopf, concordou quando ele argumentou que a vida profissional e a vocação de educadora de Gabriela Mistral foram deformadas pelas “exegeses oficiais”, que ocultaram suas verdadeiras ideias pedagógicas e políticas:

Si ella hubo de cumplir el rol social de maestra ejemplar, no fue porque estuviera de acuerdo con los contenidos y formas de la educación tradicional. Sus numerosas declaraciones sobre la necesidad de una educación comunitaria y ecológica así lo demuestran. Suficientemente claras son también sus opiniones sobre la democracia y los regímenes militares, que parecen ser desconocidas por los apologistas del régimen chileno actual, que pretenden apoderarse de su imagen.⁴⁶⁰

Nos números finais de *Araucaria de Chile* (edição 45, de 1989), foi o próprio Federico Schopf quem se expressou na revista sobre a questão em debate. Na seção *Aniversario*, dedicada, nessa edição, ao centenário de Gabriela Mistral, o crítico, no ensaio *Reconocimiento de Gabriela*, postulou uma imagem ambígua da escritora e poetisa, contraponto ao resgate oficial realizado pela ditadura e pela crítica tradicionalista, que a estabeleceram como uma mulher de religiosidade afluída, detentora de conduta moral ilibada e de obstinação à educação infantil. Tais qualidades, na concepção do Estado, deveriam servir de modelo à sociedade chilena.

Nesse aspecto, Federico Schopf afirmou que os discursos da ditadura procuraram explorar uma narrativa única ancorada na origem modesta da escritora, suas desilusões amorosas, a maternidade frustrada, os cuidados devotados à mãe e o trabalho como educadora, percorrendo o Chile em missão pedagógica e recordando as pessoas da necessidade de uma vida voltada para o sacrifício social e para a existência de Deus.

⁴⁶⁰ OLEA, Raquel. Gabriela Mistral. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 18, 1982, p. 214.

Contudo, para além das questões políticas, o autor observou que a publicação, nos últimos anos, das cartas de Gabriela Mistral revelou uma intimidade marcada por conflitos religiosos (críticas à rigorosa educação católica a qual foi submetida) e amorosos (a fascinação que exercia sobre ela o amor proibido), apresentando ao público uma personalidade mais complexa do que a tradicionalmente postulada.⁴⁶¹

Os principais aspectos apontados em Gabriela Mistral por Federico Schopf, de maneira a desarmar a imagem oficial de mulher despolitizada, foram, justamente, o contrário dessa proposição: seus posicionamentos políticos em favor de maior justiça social e em oposição aos sistemas políticos repressivos, levando-se em conta o conhecimento e as vivências possibilitados pelas inúmeras viagens e contatos consumados por ela no exercício de suas funções diplomáticas. Por exemplo, sua atitude ante o fascismo foi de rechaço completo, afirmou Schopf. *Tala*, um dos seus livros de poemas mais importantes, “fue publicado por la poetisa para ayudar a los niños que la Guerra Civil Española habia dispersado por el mundo”.⁴⁶²

Na mesma seção, em *Araucaria de Chile*, dedicada a homenagear os cem anos de nascimento de Gabriela Mistral, a jornalista Ruth González-Vergara optou por refletir sobre a obra da escritora de uma maneira geral (não apenas a poética), de forma a sublinhar seu pensamento político, que a autora classificou como progressista. Segundo González-Vergara, a crença de Gabriela Mistral

en la justicia social [...] es clara y evidente a lo largo de la trayectoria [...]. Lo que está claro es que Gabriela se alineaba en forma [...] permanente junto a los desgraciados, los desposeídos, los perseguidos. Testimonios son múltiples

⁴⁶¹ SCHOPF, Federico. Reconocimiento de Gabriela. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, 1989, p. 58-59. Nesse sentido, ver também, na revista: TEITELBOIM, Volodia. Historia de un amor atormentado. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, p. 73-85, 1989.

⁴⁶² Ibid., p. 70. Gabriela Pellegrino Soares afirmou que em 1938, a poetisa dedicou os recursos das vendas de *Tala*, na América do Sul, a instituições que abrigaram crianças refugiadas da Guerra Civil Espanhola. Essa obra poética foi publicada naquele ano, em Buenos Aires, por *Sur*, empresa editorial de Victoria Ocampo, amiga pessoal de Gabriela Mistral. SOARES, Gabriela Pellegrino. Op. Cit., p. 245.

no sólo en su copiosa obra [poética] en torno del niño, de la madre etc., sino su correspondencia epistolar, artículos periodísticos.⁴⁶³

Como se pode constatar, as publicações inseridas em *Araucaria de Chile*, majoritariamente, ao recorrerem à literatura de Gabriela Mistral, fizeram-no muito mais no sentido de resgatar seu pensamento político, com fortes pinceladas latino-americanistas, do que analisar seu legado literário sob uma vertente estritamente estética.⁴⁶⁴ Tanto foi assim que, para reforçarem seus argumentos tangentes a uma Gabriela Mistral comprometida politicamente, tomaram para análise não apenas seus poemas, mas, especialmente, seus textos em prosa, em geral atinentes também à sua atividade como diplomata. Como defendeu a jornalista e escritora chilena Virginia Vidal, “separar prosa de poesía en Gabriela es comprensible por razones metodológicas, pero ambas [ella] las usa indistintamente para expresar pensamiento medular, preocupaciones muy hondas, inherentes a su hacer cotidiano”.⁴⁶⁵

Se, em relação a Gabriela Mistral, optou-se, em *Araucaria de Chile*, por construir sua imagem de escritora consagrada associada ao político, no que se refere ao outro poeta chileno igualmente laureado com o Nobel de Literatura, Pablo Neruda, essa estratégia foi potencializada na revista em razão da trajetória comunista desse intelectual.

Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, nome de origem de Pablo Neruda (1904-1973), nasceu em Parral, pequeno povoado na região da Araucanía, no sul do Chile. Quando jovem, sobretudo depois de sua mudança para a capital Santiago, Neruda participou ativamente da vida política e literária local, ganhado, progressivamente, ao longo da década de 1920, projeção nacional após a publicação de algumas obras, como

⁴⁶³ GONZÁLEZ-VERGARA, Ruth. Una gran desconocida. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, 1989, p. 92-93.

⁴⁶⁴ A crítica literária de Jaime Concha foi exceção a essa tendência. CONCHA, Jaime. Gabriela Mistral: “Mi corazón es un cincel profundo”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 91-106, 1979.

⁴⁶⁵ VIDAL, Virginia. Gabriela, madre nuestra. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, 1989, p. 88.

Crepusculario (1923) e *Veinte poemas de amor y una canción desesperada* (1924). Contudo, foi com o livro *Residencia en la tierra*, publicado em 1933, que o poeta adquiriu também reconhecimento internacional. A poesia política mais notória de Pablo Neruda esteve no livro *Canto General*, publicado em 1950, década em que o poeta chegou a publicar mais oito obras poéticas, com destaque para a não menos política *Las uvas y el viento*, de 1954. Foi condecorado com vários títulos e prêmios literários nacionais e internacionais, porém, a expressão máxima desse reconhecimento ocorreu em 1971, quando ganhou o prêmio Nobel de Literatura.

Junto à carreira literária, Pablo Neruda iniciou-se, no final da década de 1920, no ofício da diplomacia, tendo sido cônsul geral do Chile em cidades do Oriente, vivendo também em Buenos Aires, Paris, Cidade do México e Madrid. Na capital espanhola, durante a década de 1930, mostrou-se de fato como um intelectual comprometido, ao se engajar na luta antifascista, sobretudo através da sua obra poética *España en el Corazón, himno a las glorias del pueblo en guerra*, da qual falaremos adiante. Após encerrar seus trabalhos diplomáticos, Neruda se engajou definitiva e institucionalmente na política, filiando-se ao Partido Comunista do Chile em 1945, mesmo ano em que se tornou Senador, representando as províncias de Tarapacá e Antofagasta, região das minas de cobre e salitre, no norte do Chile. Em 1969, foi nomeado, pelo PCCh, candidato à presidência do país, condição política renunciada posteriormente em favor da candidatura de Salvador Allende, que, como sabemos, venceu as eleições de 1970.⁴⁶⁶

O poeta comunista foi intensamente analisado em *Araucaria de Chile* sob aspectos diversos que contemplaram sua substancial produção poética. Contudo, interessa-nos as abordagens – majoritárias na revista, diga-se de passagem - que

⁴⁶⁶ Mais sobre as obras, a rica carreira literária e o engajamento político do poeta, ver COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

construíram suas representações a partir de duas instâncias que se imiscuíram em vários momentos ao longo de sua trajetória: a literária e a política.

As palavras apresentadas no editorial do oitavo número da revista, que, por sinal, dedicou uma seção especial em homenagem os 75 anos de nascimento do poeta, indicaram bem o modo como ele foi retomado, predominantemente, em suas páginas. Tais foram os dizeres em *Araucaria*: “Neruda es hoy, más que nunca, punto de partida y de llegada en cualquier proyecto antifascista”.⁴⁶⁷ Várias questões estariam implícitas nessa frase. Em essencial, acreditamos que o sentido dado por *Araucaria de Chile* foi o de que a resistência à ditadura, através do resgate da vida política e literária de Pablo Neruda, consistia, sobretudo, em analisar sua produção poética sob a ótica do poeta engajado, fortemente ligado ao comunismo, cuja militância, além da literatura, exerceu-se nos consulados, no Congresso Nacional ou em apoio ao companheiro Salvador Allende ao longo de suas campanhas à presidência do Chile e durante a Unidade Popular, sempre ao lado das causas populares e dos trabalhadores chilenos.

No número 26 de *Araucaria de Chile*, cinco anos após a publicação da oitava edição, novamente a revista homenageou o poeta pelos 80 anos que teria feito em julho daquele ano de 1984. Foram impressionantes 87 páginas dedicadas a diversas análises acerca da sua personalidade, da sua trajetória intelectual e política e, claro, da sua produção literária.⁴⁶⁸ No editorial desse número, os argumentos utilizados no texto assemelharam-se à expressão impressa no editorial do número 8 da revista, ao se afirmar que os versos de Pablo Neruda “han pasado a ser la palabra de casi todos los días. Punto de partida y punto de llegada en el proyecto popular, encarnan la verdad, la

⁴⁶⁷ EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1979, p. 4.

⁴⁶⁸ Tais análises estiveram na seção *Aniversario*, compreendidas entre as páginas 55 e 142. Foram publicados textos de Julio Cortázar e dos críticos chilenos Hernán Castellano Girón, Francisco Coloane, Humberto Díaz-Casanueva, Hernán Loyola, Osvaldo Obregón, Federico Schopf, Raul Silva Cáceres e José Miguel Varas. Alguns deles, como os de Cortázar, Díaz-Casanueva e Schopf, serão analisados mais à frente.

inteligencia y la belleza contra la mentira, el oscurantismo y el horror”.⁴⁶⁹ A essência de ambas as frases permaneceu a mesma de uma edição a outra. Pressupunha-se apropriar-se da imagem do poeta pelo viés da resistência política, bem como pela ótica associada aos valores da cultura política comunista no Chile, para a qual Neruda tornou-se um dos principais personagens - junto a Luis Emilio Recabarren. Foram substituídas, da oitava edição para a vigésima sexta, as expressões “projeto antifascista” por “projeto popular”, o que, interpretamos, relacionou-se à mudança no editorialismo programático de *Araucaria de Chile* que, se em seus primeiros anos preconizava a formação de uma frente ampla antifascista, passou a defender, posteriormente, a mobilização popular insurrecional contra Pinochet.

Na seção especial da mencionada oitava edição, destacou-se a entrevista do comunista chileno, Américo Zorrilla,⁴⁷⁰ ao jornalista José Miguel Varas, na qual ele explicou sobre a impressão clandestina da primeira edição da obra poética de maior fôlego e uma das mais conhecidas de Neruda, *Canto General*, finalizada durante a ilegalidade do PCCh no governo de Gabriel González Videla (1946-1952).⁴⁷¹ Américo Zorrilla, à época, era diretor do jornal comunista *El Siglo* e, como ele mesmo esclareceu

⁴⁶⁹ EDITORIAL. A los lectores. 80 años de Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 5.

⁴⁷⁰ Américo Zorrilla foi um importante membro do PCCh. Foi nomeado *Ministro de Hacienda* no governo de Salvador Allende, cargo que ocupou até 1972. Após o golpe, permaneceu um tempo atuando pela Comissão Política do Partido Comunista na clandestinidade, até sair, em 1975, para o exílio em Moscou, reduto da maioria dos chilenos comunistas. Ver: VALLEJOS, Rolando Álvarez. *Desde las sombras: una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980)*. Santiago: LOM Ediciones, 2003.

⁴⁷¹ Gabriel González Videla foi eleito em 1946 pelo Partido Radical. Seus discursos iniciais de campanha incluíam medidas em torno à maior justiça social, à reforma das instituições políticas, a melhor distribuição da terra e à proteção dos direitos da classe trabalhadora, condições que colaboraram para o apoio do Partido Comunista chileno à sua candidatura. Contudo, o início do governo de González Videla, marcado pelo contexto incipiente da Guerra Fria, sofreu influências decisivas dos Estados Unidos, que pressionaram para que houvesse o rompimento com os comunistas, que detinham três ministérios e mais alguns postos burocráticos no Estado. Cedendo às pressões e ao embargo de créditos destinados ao Chile pelos Estados Unidos, o presidente chileno rompeu definitivamente com os comunistas em 1947, fechou o jornal *El Siglo*, pertencente ao partido, reprimiu violentamente movimentos grevistas que contavam com o apoio do PCCh e encerrou as relações diplomáticas com a Iugoslávia, a Checoslováquia e a União Soviética. Foram retiradas do Partido Comunista chileno suas condições legais de atuação. Com isso, sua existência no Chile, durante esse período, deu-se através da clandestinidade. Ver COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 60-61; AGGIO, Alberto. *Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 151-152.

na entrevista, foi um colaborador muito próximo do Comitê Central do Partido Comunista chileno. Assim, o partido deliberou a ele, junto a um grupo reduzido, a função de coordenar a produção clandestina de *Canto General* no Chile, até que o livro saísse para distribuição. Coube a Zorrilla a elaboração técnica de impressão do livro. Ele revelou na entrevista as dificuldades materiais de se imprimir exemplares de uma obra de volume tão vasto (468 páginas nessa edição) e que, apesar dos obstáculos enfrentados na tarefa de impressão clandestina, optou-se, por razões políticas, que se a produzisse em um grande formato (27x19cm). Américo Zorrilla terminou por dizer que foi um orgulho enorme produzir um livro dessa magnitude em condições de sérias dificuldades materiais e políticas proporcionadas pela clandestinidade. Os resultados dessa missão estiveram, a seu ver, à altura dos desafios que ela representou, e que tal fato só demonstrou “la capacidad, la fuerza y la iniciativa de nuestro Partido, en cuyas filas militaba Pablo Neruda”.⁴⁷²

Entendemos que as respostas concedidas pelo dirigente comunista Américo Zorrilla, a partir do direcionamento dado por José Miguel Varas na entrevista, foram representativas na medida em que elas possuíam dois elementos em destaque ao se retomar a trajetória do poeta: a obra *Canto General* e os vínculos estreitos que ele teve com o Partido Comunista de Chile.

A junção, evidenciada na entrevista, entre literatura e política em Pablo Neruda foi a essência do ensaio publicado por Volodia Teitelboim na edição 26 de *Araucaria*. Para ele, resultava em missão árdua compreender a vasta obra poética nerudiana com a

⁴⁷² ZORRILLA, Américo. La edición clandestina de “Canto General”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, 1979, p. 34. Adriane Vidal Costa afirmou que *Canto General* foi publicada pela primeira vez em 1950, no México, em duas edições, uma do *Comité Auspiciador*, e a outra da *Ediciones Oceano*, ambas com ilustrações dos importantes muralistas mexicanos Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros. No mesmo ano, no Chile, foram feitas três edições clandestinas, a cargo do Partido Comunista, ilustradas por José Venturelli. COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 183.

profundidade e as significações que ela poderia alcançar. O objeto central das considerações de Teitelboim foi *Canto General*:

En la obra nerudiana hay colinas y macizos montañosos. Todos tienen su belleza heterogénea. Las colinas responden a un momento más breve y a un motivo singularizado. Las cimas son imponentes, del tamaño andino. Confundidas con lo profundo de la tierra, tienen la cabeza tapada por las nubes y tocan el cielo muy de cerca. Entre todas sus cumbres cordilleranas, sin duda, el *Canto General* es la mayor [...]. Efectivamente refleja muy de cerca esa época de la vida del poeta marcada por las experiencias de la Guerra Civil Española, de la Segunda Guerra Mundial, del Frente Popular chileno, de su participación en la victoria de Gabriel González Videla y su denuncia por la traición del turbio personaje. La tónica de esos días se la dio su vivencia política, la preocupación social.⁴⁷³

É nítida a exaltação a essa obra feita por Volodia Teitelboim. Sua predileção por *Canto General* possivelmente tenha se manifestado em função deste ter sido o livro que representou o ponto máximo do engajamento de Neruda, no qual a visão de mundo comunista do poeta sobre a história da América Latina exerceu-se de maneira mais evidente em seus versos. No ensaio, ao se referir elogiosamente ao estudo *Poesía y Política en Pablo Neruda. Análisis del “Canto General”* (1980), da porto-riquenha Maria Magdalena Solar, Teitelboim externou opinião favorável às possibilidades da aliança entre literatura e política. Confrontando as críticas literárias que tinham por tendência diminuir a poesia de Pablo Neruda em *España en el Corazón* (1937) e *Canto General*, pela politização incutida nelas, ele afirmou que Magdalena Solar “no cede a las presiones ambientales tendientes a denigrar o desfigurar el lado político del poeta”. Volodia Teitelboim apontou que, para a autora,

poesía y política van de la mano, arte y sociedad se entrelazan. Si cita en su apoyo a filósofos del arte o de la crítica literaria como Adolfo Sanchez Vázquez, Galvano Della Volpe, Lucien Goldmann, con su *Sociología de la Creación Literaria*, o se apoya en la expresión del alemán Theodor W.

⁴⁷³ TEITELBOIM, Volodia. Para leer el “Canto General”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 206.

Adorno, con su idea que “el pensamiento dirigido a la obra de arte está autorizado y obligado a preguntarse concretamente por el contenido social y a no contentarse con el vago sentimiento de un algo general y comprensivo ...”, lo hace a sabiendas que en la visión del mundo nerudiano hay una unidad entre poesía y sociedad, porque la hay entre el hombre y la política.⁴⁷⁴

Canto General começou a ser escrito em 1938 e foi finalizado em 1949, pouco antes de Neruda abandonar o Chile, dada a perseguição política que sofreu de um dos seus principais adversários políticos à época, o presidente González Videla.⁴⁷⁵ O livro esteve dividido em 15 seções, com a totalidade de 231 poemas e mais de 15 mil versos.

De acordo com Adriane Vidal Costa, *Canto General* foi um poema épico-social, orientado pelo compromisso político do poeta que, naqueles anos, experimentou intensa militância. Foi também o mais histórico, pois resultou das várias experiências vividas por ele, tais como a luta contra o fascismo, a colaboração com o triunfo da Frente Popular em 1938, a eleição como Senador, a filiação ao Partido Comunista do Chile e a clandestinidade durante o governo González Videla. A produção de *Canto General* inseriu-se também no contexto de Guerra Fria, e, diante do intervencionismo político e econômico dos Estados Unidos no Chile e na América Latina, Neruda, por sua vinculação ao comunismo e sua visão latino-americanista, expressou na obra um forte discurso anti-imperialista.⁴⁷⁶ A América foi o tema principal de uma série de episódios míticos, naturais e políticos versificados por Pablo Neruda em *Canto General*. Realizando um entrecruzamento entre história e poesia, tratou-se, assim, de um poema de evidente compromisso com a história latino-americana, assumindo a posição de resistência aos discursos dominantes e colocando-se ao lado dos indígenas, dos

⁴⁷⁴ Ibid., p. 207.

⁴⁷⁵ Em sua fuga, Pablo Neruda atravessou a cordilheira dos Andes pela região austral do Chile até a Argentina, de onde foi, com documentos falsos, a Paris. Mais detalhes a respeito, ver COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 61-66.

⁴⁷⁶ COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 185.

libertadores, dos trabalhadores, dos pobres, dos personagens centrais ligados à história do comunismo chileno e internacional.⁴⁷⁷

Não obstante a vastidão e a importância reconhecida de *Canto General*, as abordagens à dimensão política na poesia de Pablo Neruda, na revista *Araucaria de Chile*, não se limitaram a essa obra. Como reconheceu Federico Schopf, “la esencia social del hombre había comenzado a ser explícitamente proclamada, como se sabe, ya en *España en el Corazón*”. Nesse livro, afirmou, o povo começou a ser “el héroe colectivo” de seus poemas. O que teria ocorrido na poesia nerudiana a partir desse momento, segundo Schopf, foi “la reintegración del individuo a los hombres, el reconocimiento de su esencia social”.⁴⁷⁸

Publicada em 1937, no Chile, pela editora Ercilla, *España en el Corazón* foi escrita por Pablo Neruda em Madrid, onde vivia como cônsul geral de seu país. O poeta pôde, dessa forma, acompanhar de perto a violência da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), desencadeada pela reação dos militares, liderados pelo general Francisco Franco, à vitória eleitoral da Frente Popular, em 1936, buscando-se, com isso, perpetrar um golpe de Estado contra o governo democrático-republicano espanhol. A temática dessa obra poética sustentou-se, então, na solidariedade de Neruda com a resistência dos republicanos espanhóis aos nacionalistas conservadores, partidários do general Franco, e à ascensão do fascismo na Espanha.

Volodia Teitelboim, em sua biografia sobre Pablo Neruda, afirmou que *Espanã en el Corazón* foi a crônica dos conflitos durante a Guerra Civil e uma “dantesca

⁴⁷⁷ Ibid., p. 187-188. Adriane Vidal Costa concluiu que, pelo viés político e militante de *Canto General*, o propósito de Neruda, com o livro, foi a doutrinação política do leitor, por isso a utilização de uma “linguagem simples”, com nuances pedagógicas e didáticas. Ibid., p. 239.

⁴⁷⁸ SCHOPF, Federico. Las huellas del poeta. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 125-126.

condenação do general Franco aos infernos”.⁴⁷⁹ No livro, completou Adriane Vidal Costa - de maneira próxima ao que havia apontado Federico Schopf em *Araucaria de Chile* -, a poesia nerudiana adquiriu contornos históricos e uma dimensão político-social que se consolidaria, pouco mais de uma década depois, com *Canto General*. A Guerra Civil Espanhola desenvolveu em Neruda um envolvimento com os conflitos políticos daquele contexto, que giraram em torno ao nazifascismo, por um lado, e, por outro, ao bloco soviético e ao comunismo. Nesse momento, a posição política do poeta chileno foi a de participação na luta antifascista e de identificação com o comunismo.⁴⁸⁰

Retomando o texto de Federico Schopf em *Araucaria de Chile*, o crítico chileno mencionou que a primeira edição de *España en el Corazón* com a qual teve contato, quando ainda era um jovem estudante, trazia, junto a uma ilustração, poema autoexplicativo em que Pablo Neruda esclarecia a mudança temática de sua poesia através dos seguintes versos:

Preguntaréis por qué su poesía
no nos habla del sueño, de las hojas
de los grandes volcanes de su país natal?
Venid a ver la sangre por las calles,
venid a ver
la sangre por las calles,
venid a ver la sangre
por las calles!⁴⁸¹

Dessa maneira, por meio de versos tão incisivos, as referências feitas à *España en el Corazón* em *Araucaria de Chile* fizeram todo o sentido, dado o contexto de similar resistência exercida pela própria revista diante da ditadura chilena, cujas marcas autoritárias tiveram como inspiração a ditadura de Francisco Franco (1939 - 1975),

⁴⁷⁹ TEITELBOIM, Volodia. *Apud* COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 95. Teitelboim apresentou ideias nesse sentido em: TEITELBOIM, Volodia. *España en el corazón, Chile en el corazón. Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 98-111, 1987.

⁴⁸⁰ COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 95-97.

⁴⁸¹ NERUDA, Pablo *apud* SCHOPF, Federico. Op. Cit., 1984, p. 117.

iniciada após a Guerra Civil Espanhola.⁴⁸² Em 1987, no editorial da edição 40 de *Araucaria*, foram mencionados os 50 anos de publicação do livro, junto a outras datas significativas no entendimento de seus editores - algumas delas representativas para a cultura política comunista -, como os setenta anos da Revolução Bolchevique, os vinte anos da morte de Ernesto Che Guevara na Bolívia, os vinte anos da publicação de *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, e, por fim, os dez anos de circulação da própria revista no exílio.

Em *Araucaria de Chile*, no que se refere à literatura de Pablo Neruda, *España en el corazón* pareceu ter adquirido importância tão ou mais destacada do que *Canto General*. Uma explicação plausível para a questão foi a de que Neruda teria sido interpretado, nas páginas da revista, como o elo entre as duas experiências ditatoriais, a espanhola e a chilena.

O ensaio *España en el corazón, Chile en el corazón*, de Volodia Teitelboim – *Araucaria de Chile*, número 40 -, foi esclarecedor a esse respeito. Nele, o autor procurou compor paralelos e aproximações entre as ditaduras dos dois países através da figura de Pablo Neruda. Este, como se sabe, nutriu fortes vínculos intelectuais e afetivos com a Espanha através, por exemplo, da amizade com os poetas Rafael Alberti e Federico García Lorca, morto em 1936 pelas forças policiais franquistas após a tentativa de golpe militar que desencadeou a Guerra Civil. O Chile, com a ditadura militar instaurada após o golpe de 1973, receberia a solidariedade de escritores espanhóis, sobretudo do também comunista Alberti, como uma espécie de resposta ao afeto demonstrado por Neruda à Espanha republicana. Em um pequeno texto publicado como prelúdio ao ensaio de Volodia Teitelboim sobre *España en el corazón*, afirmou-se que

⁴⁸² Ver MUÑOZ, Heraldo. *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010; DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

esse livro não apenas marcou, segundo os estudiosos da obra nerudiana, o trânsito da poesia de recolhimento intimista, de *Residencia en la tierra*, para a poesia social e coletiva, de *Canto General*,⁴⁸³ senão que foi

el puente que vuelve a unirnos con el Continente cuya civilización nos ha prohiado. Sólo que los versos del poeta nos instalan en una conciencia que tal vez siga siendo tributaria, pero que es ahora, sobre todo, una conciencia crítica. De Europa nos ha llegado lo mejor del aliento civilizador, pero también lo peor: el fascismo y la guerra.⁴⁸⁴

Mais do as aproximações construídas com a Espanha através dos aspectos culturais que as irmanavam, constatou-se, pelo filtro crítico proporcionado pela poesia de Pablo Neruda, as influências negativas exercidas pelo país através do fascismo franquista. Foi essa experiência traumática vivenciada pelo poeta e exposta nos versos de *España en el Corazón* o que levou Volodia Teitelboim a aproximar os contextos de dois países que, mais do que nunca, pareciam unidos por tragédias semelhantes:

El autor salió de esa aventura transfigurado. En el Chile de aquella época recibimos *España en el Corazón* como si fuera un libro nuestro, no sólo por la nacionalidad del autor, sino, en primer término, porque España era nuestra causa y seguíamos las alternativas de la lucha minuto a minuto. Pero pienso que hoy día la obra posee para los chilenos aún mayor vigencia de la que tuvo entonces. Por una simple razón: porque esa *España en el Corazón* podría llamarse *Chile en el Corazón*. Y no en el noble sentido que le dan Rafael Alberti y muchos poetas españoles. [...] Pero la razón del por qué *España en el Corazón* tiene hoy para nuestra gente tanto sentido, en primer término, es otra. Se debe a que, modificando nombres de personas y de lugares, mudando toponimias y la forma de los hechos históricos, la situación de fondo es demasiado parecida. [...] De ahí que *España en el Corazón* es hoy para los nuestros *Chile en el Corazón*.⁴⁸⁵

Importante elucidar que Volodia Teitelboim fez menção ao livro *Chile en el Corazón* (1975), antologia em homenagem a Pablo Neruda e, porque não dizer, em solidariedade à resistência chilena à ditadura, que contou com poemas de Rafael Alberti,

⁴⁸³ Esse também foi o argumento apresentado introdutoriamente em: BERCHENKO, Pablo. “Espana en el Corazón”: bibliografía anotada. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 129-142, 1987.

⁴⁸⁴ ARAUCARIA DE CHILE. Perennidad de Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, 1987, p. 98.

⁴⁸⁵ TEITELBOIM, Volodia. España en el corazón, Chile en el corazón. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, 1987, p. 98-100.

Jorge Guillén, Vicente Aleixandre e outros poetas espanhóis. Como se nota, o livro foi concebido com clara alusão à obra poética de Pablo Neruda. Tratou-se de iniciativa concretizada como forma de gratidão ao apoio do poeta chileno aos espanhóis republicanos e comunistas, exercido não somente por meio dos versos de *Espanã en el Corazón*, como também através da fuga, que Neruda organizou, de muitos deles para o Chile, transportados pela embarcação *Winnipeg*.⁴⁸⁶

Outra publicação que julgamos relevante em *Araucaria de Chile*, e que se situou na tentativa da revista de abarcar a literatura mais política de Pablo Neruda, foi o texto *Neruda y su “Canto a Bolívar”*, do escritor chileno Humberto Díaz-Casanueva, inserido na série de análises sobre a obra do poeta presente na edição 26, que, como afirmamos, homenageou os 80 anos de seu nascimento. Diferentemente dos críticos e ensaístas, até o momento contemplados em nossa análise, que se remeteram a um livro ou à obra completa de Pablo Neruda, Díaz-Casanueva dedicou-se a refletir sobre um poema específico. *Un canto a Bolívar* foi escrito e lido pelo poeta no ano de 1941, em um ato realizado na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), publicado posteriormente no livro *Tercera Residencia* (1947).

O autor afirmou que Neruda escreveu esse poema em uma época em que se sentia “exarcebado por la tragedia española, que vivió tan de cerca, y por la segunda guerra mundial”. Além do mais, naquele tempo, o poeta chileno descobriu, segundo Díaz-Casanueva, “com mayor intensidad, su filiación americana”. Por essa razão, apontou, *Un canto a Bolívar* foi um canto de afirmação do destino da América, de suas

⁴⁸⁶ Com a derrota dos republicanos na Guerra Civil Espanhola, muitos deles tentaram se exilar na França do presidente socialista Léo Blum. Sofrendo pressão da direita francesa e do Comitê de não Intervenção, o presidente enviou boa parte desses exilados para a prisão. Nomeado embaixador na França pelo presidente Pedro Aguirre Cerda, Pablo Neruda recebeu como missão reunir grande número desses espanhóis e transportá-los para o Chile. Junto a membros do ex-governo republicano espanhol no exílio, Neruda embarcou mais de dois mil espanhóis no barco *Winnipeg*, que atracou em Valparaíso em fins de 1939. Ver COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 108.

liberdades, instituições e desenvolvimento.⁴⁸⁷ Ele reproduziu em seu texto a primeira estrofe do poema nerudiano:

Padre nuestro que estás en la tierra, en el agua, en el aire
 - de toda nuestra extensa latitud silenciosa -;
 todo lleva tu nombre, padre, en nuestra morada:
 tu apellido la caña levanta a la dulzura,
 el estaño bolívar tiene un fulgor bolívar,
 el pájaro bolívar sobre el volcán bolívar,
 la patata, el salitre, las sombras especiales,
 las corrientes, las vetas de fosfórica piedra,
 todo lo nuestro viene de tu vida apagada,
 tu herencia fueron ríos, llanuras, campanarios,
 tu herencia es el pan nuestro de cada día, padre.⁴⁸⁸

Analisando os versos acima, Humberto Díaz-Casanueva ainda destacou que o poeta, ao evocar Bolívar, sentia a vigência histórica do libertador como uma espécie de “guía inextinguible que ha de conducirnos a nuevas batallas y a nuevas conquistas”.⁴⁸⁹ *Araucaria de Chile*, desse modo, ao publicar as reflexões de Díaz-Casanueva, difundiu uma abordagem tipicamente latino-americanista da poesia de Pablo Neruda.

Diferentemente das análises na revista que situavam a politização da poesia nerudiana a partir de *España en el Corazón*, Hernán Loyola (*Araucaria de Chile*, número 3) interpretou que essa tendência, ainda que não fosse predominante, apareceu em suas primeiras obras ou naquelas posteriores em que a política e a história não foram, necessariamente, a questão central de sua poesia, como em *Memorial de Isla Negra* (1964). Em um longo estudo, ele enfatizou as reminiscências da infância na produção poética inicial de Pablo Neruda, e expôs que, ainda que não fervorosamente engajados social e politicamente, seus versos, por vezes primariamente, tendo por

⁴⁸⁷ DÍAZ-CASANUEVA, Humberto. Neruda y su “Canto a Bolívar”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 71.

⁴⁸⁸ NERUDA, Pablo *apud* DÍAZ-CASANUEVA, Humberto. Op. Cit., p. 71.

⁴⁸⁹ *Ibid.*, p. 73-74.

influência a observação do cotidiano e da natureza ao sul do Chile, remetiam a uma vertente materialista:

De un modo natural, ajeno al ateísmo vociferante y al anticlericalismo, la espiritualidad del poeta se orienta desde muy temprano hacia lo concreto y tangible, rechazando instintivamente la solución religiosa. Neruda tendrá clara conciencia del origen histórico-social de su actitud interior.⁴⁹⁰

Assim como ocorreu em relação a Gabriela Mistral, na revista *Araucaria de Chile* buscou-se, a um só tempo e de maneira quase indissociável, salientar a qualidade literária de Pablo Neruda e a relevância de seu engajamento com as causas sociais no Chile, na América Latina e mesmo na Europa.

A nosso ver, as palavras de Julio Cortázar sintetizaram bem a proposta da revista ao se apropriar do legado intelectual e político do poeta. Presente no encontro realizado pela UNESCO em Paris, em junho de 1983, destinado à lembrança dos dez anos da morte de Neruda, Julio Cortázar discursou para a plateia, apresentando seu texto intitulado *Pablo Neruda, ese sonriente guerrero*. Em sua exposição, ele procurou aproximar os escritores e os intelectuais, presentes na homenagem, à trajetória, aos ideários, e à literatura do poeta chileno, marcados, segundo Cortázar, pelo apreço à liberdade e pela confiança nos destinos dos povos da América Latina:

Si algo nos une a él [Pablo Neruda] y nos lo acerca es [...] nuestro diálogo con la luz y el aire, con la libertad y la confianza en el destino latinoamericano [...] la certeza del futuro, la certeza de Chile tal como su pueblo lo quiso y lo quiere y lo tendrá. Nuestra fiesta es combate, como lo fue siempre la poesía de ese sonriente guerrero; nuestro homenaje no es un epitáfio, sino una vela de armas, a la espera del alba.⁴⁹¹

Retomar Pablo Neruda sob essa ótica, na revista, não consistiu apenas em remeter a uma grandiosa produção literária chilena que, se não foi completamente

⁴⁹⁰ LOYOLA, Hernán. Neruda, el espacio fundador. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 3, 1978, p. 71.

⁴⁹¹ CORTÁZAR, Julio. Pablo Neruda, ese sonriente guerrero. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 56.

esquecida, no mínimo não mereceu o devido destaque no Chile, durante a ditadura militar. Conceder espaço considerável em suas páginas a análises da literatura e da vida de Neruda significou apresentá-lo não apenas como um grande poeta, mas, sobretudo, como um grande poeta comunista.

Em termos semelhantes, sua imagem e sua obra foram apropriadas em *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Como afirmamos anteriormente, a primeira edição da revista apresentou colaborações diversas de autores que buscaram pensar sobre o legado de Gabriela Mistral e Pablo Neruda e/ou direcionar palavras em homenagem à vida e à obra literária deles. A segunda página dessa edição, logo após o editorial de fundação da revista, apresentou fragmentos de textos dos dois poetas que sugeriram a perspectiva política e de compromisso social através da qual ambos seriam interpretados, o que envolveu a reprodução de uma literatura engajada.

O texto de Gabriela Mistral, já analisado, foi um trecho da carta *No creo en la mano militar*, supostamente escrita a um amigo. Já o de Pablo Neruda, embora tenha sido possível identificar sua origem, a revista argentina *Crisis*, não pudemos precisar a data de sua publicação, pois *Literatura Chilena* não apresentou as devidas referências. Afirmou Neruda:

Quiero decir a los lectores de *Crisis* que la vida política de mi país, no me ha permitido limitarme de una manera idílica a temas que tanto me interesan. Qué vamos a hacer. Mi posición es conocida y mucho me hubiera gustado hablar largamente de tantos temas que son esenciales para nuestra vida cultural. Pero el momento de Chile es desgarrador y pasa a las puertas de mi casa, invade el recinto de mi trabajo y no me queda más remedio que participar en esta gran lucha. Mucha gente pensará hasta cuando, por qué sigo hablando de política, ahora que debería estarme tranquilo. Posiblemente tengan razón. No conservo ningún sentimiento de orgullo como para decir: ya basta. He adquirido el derecho de retirarme a mis cuarteles de invierno. Pero yo no tengo cuarteles de invierno, sólo tengo cuarteles de primavera.⁴⁹²

⁴⁹² NERUDA, Pablo. Quiero agregar, por último. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 2.

Crisis foi produzida e dirigida na Argentina pelo escritor Eduardo Galeano. A revista foi fundada em maio de 1973 e editada até 1976, quando ocorreu o golpe militar argentino. A partir dessas informações, lembrando que Pablo Neruda faleceu cerca de quatro meses após a criação de *Crisis*, poucos dias após o golpe chileno, acreditamos que as palavras do poeta, destinadas aos leitores dessa revista, fizeram referência aos momentos finais do governo de Salvador Allende, com a forte ofensiva da direita, ou, o que é mais provável, pelo tom empregado, ao golpe militar recentemente desfechado. Tais ideias elucidaram sobre a tomada de posição de Neruda favorável à persistência de uma literatura engajada politicamente, em um momento tão importante para o Chile, mesmo ele estando, naquele momento, com a saúde extremamente debilitada. Esse fragmento de texto foi o “cartão de visita”, a maneira inicial que *Literatura Chilena en el Exilio* escolheu para “apresentar” Pablo Neruda a seus leitores.

Na página seguinte, encontramos um texto ensaístico de Gabriela Mistral, cuja publicação original não foi informada na revista. Nele, a escritora refletiu sobre a poesia de Pablo Neruda em *Residencia en la Tierra*, expressando sua admiração pela obra do compatriota e percebendo nela a atenção do poeta ao que era autóctone de nosso continente, mais especificamente, do Chile. Isso a fez pensar em uma certa “americanidade” existente em Pablo Neruda. Anteviu Gabriela Mistral a esse respeito: “Neruda hace estallar en ‘Residencia’ unas tremendas levaduras chilenas, que nos aseguran porvenir poético muy ancho y feraz”.⁴⁹³

Nessa primeira edição de *Literatura Chilena*, ainda foram publicados textos que tiveram em comum o fato de relatarem, como uma espécie de homenagem, mas manifestando fortemente um sentimento de lamento, a experiência de seus

⁴⁹³ MISTRAL, Gabriela. Recado a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 4.

colaboradores com a enfermidade e a morte de Neruda. Destacamos as palavras do escritor chileno Armando Cassigoli. A partir delas, percebemos suas impressões sobre os difíceis momentos vividos por aqueles que haviam experienciado tragicamente o golpe militar contra Allende e que, dias depois, tiveram de lamentar a morte do companheiro poeta. Todo o clima tenso, provocado pelo falecimento de Neruda e pelas condições políticas decorrentes da ascensão dos militares ao poder, foi descrito por Cassigoli:

Finaliza en Santiago un Septiembre de negra primavera. El eco de la pólvora se anida en los capullos que pugnan por nacer. Estado de Sitio; Consejos de Guerra; Toque de Queda en todo el territorio, desde las nueve de la noche hasta las seis de la madrugada; operativos bélicos y patrullas y armamentos por calles solitarias. Orillando la medianoche suena el teléfono: Pablo ha muerto, lo velan en la clínica Santa María. Pena sobre pena, golpe sobre golpe. [...] No hay palabras ni preguntas; abrazos y algunas lágrimas por Pablo, por Chile, por todo aquello que nos estaba sucediendo.⁴⁹⁴

No que toca às análises de sua poesia, na quinta edição da revista, Guillermo Araya inaugurou uma série de críticas literárias que deram especial atenção a *Canto General*. No mesmo sentido da ideia que Gabriela Mistral expusera sobre a “americanidade” na literatura de Pablo Neruda, Araya afirmou que “el *Canto General* se funda en la intuición de que el hombre americano es un ‘hombre de arcilla’, es hijo de la tierra de América”. Com base na reconstrução feita por Pablo Neruda, em *Canto General*, da mitologia em torno ao líder mapuche *Caupolicán*,⁴⁹⁵ Guillermo Araya concluiu, ao analisar a renovação temática e estética da poesia nerudiana nesse momento, que

⁴⁹⁴ CASSIGOLI, Armando. Última visita a Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 29-30. As outras publicações nessa edição foram: SILVA, Miguel Otero. La última vez que vi a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio...*p. 27; e ROJAS, Gonzalo. Carta a Pablo Neruda desde Sabana Grande. *Literatura Chilena en el Exilio...*p. 31.

⁴⁹⁵ Caupolicán foi um guerreiro araucano que lutou contra a ocupação espanhola na região da Araucanía. Essa reconstrução da mitologia, em Neruda, esteve ligada à afirmação da identidade chilena a partir da história de luta e resistência dos antepassados indígenas em relação à dominação espanhola no século XVI. Ver COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., p. 195.

El poeta [Neruda] radica el mito más profundamente en la tierra americana; tanto lo arraiga en su suelo originário [a *Caupolicán*] que lo transforma en árbol [araucaria], en produto natural de esa tierra. Esto no se puede hacer sino con una poética completamente distinta de las anteriores.⁴⁹⁶

Em texto publicado na edição seguinte de *Literatura Chilena*, o autor denominou essa nova etapa da poesia de Pablo Neruda, que compreendeu os anos de 1936 a 1950, como “período de plenitud épica”, subsequente ao “período de plenitud lírica”, no qual se destacou a série de *Residencia en la Tierra*.⁴⁹⁷ Na fase épica de sua poesia, de acordo com a divisão e denominação empregada por Guillermo Araya, *Canto General* foi a de maior impacto literário. Assim, o crítico chileno defendeu que esse livro consistiu no poema épico nerudiano “más extenso y más valioso esteticamente”, e completou, afirmando que poderia “encontrarse algunos bellos momentos épicos en su producción posterior, pero el *Canto General* es la más alta cumbre que alcanzó en este tipo de poesía”.⁴⁹⁸

Dando sequência a seus estudos sobre Pablo Neruda em *Literatura Chilena en el Exilio*, Araya ressaltou mais uma vez o aspecto latino-americanista de *Canto General*, porém acrescentou, em relação às críticas anteriores, que essa perspectiva esteve amparada no marxismo de Pablo Neruda, fortemente presente nessa fase literária do poeta. Guillermo Araya demonstrou que à medida que exaltava os mitos, a história e as qualidades da natureza e das sociedades latino-americanas em *Canto General*, Neruda erigia a imagem negativa do inimigo, desagregador da unidade do continente

⁴⁹⁶ ARAYA, Guillermo. Caupolicán, el árbol. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 3. O mesmo autor ressaltou, quatro edições depois, o sentido mítico/cosmogônico acrescido dos aspectos político-ideológico em *Canto General*. ARAYA, Guillermo. El hombre y la tierra de América en el Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 9, p. 2-4, 1979.

⁴⁹⁷ Essa série possui três momentos: *Residencia en la tierra I*, que contemplou os poemas escritos entre 1925 e 1931; *Residencia en la tierra II*, abarcando os poemas feitos de 1931 a 1935; e *Tercera residencia*, publicada em 1947 e que reuniu em livro *Las furias y las penas* e *España en el corazón*. COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 45.

⁴⁹⁸ ARAYA, Guillermo. Etapas en la obra de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, p. 3.

americano: o imperialismo dos Estados Unidos. Dessa maneira, por meio da análise realizada por Guillermo Araya, evidenciaram-se os traços marcantes da vinculação política comunista de Pablo Neruda em *Canto General*, difundidos por *Literatura Chilena*:

En la etapa histórica y cronística del Canto la unidad de fondo de todo el continente se muestra profundamente agrietada. La identidad de orígenes ha sido olvidada y sepultada por los intereses económicos del capitalismo que se ha desarrollado intensamente en los EEUU. La hermandad terrestre ha sido negada y el capitalismo norteamericano transformado en imperialismo explota al hombre, el subsuelo y las riquezas vegetales del resto del continente americano. [...] Una gran novedad del *Canto* respecto de la tradición épica es su carácter ideológico.⁴⁹⁹

Afirmamos, portanto, que, se em *Araucaria de Chile*, *Canto General* mereceu destaque dividido em comparação com outros livros do poeta, como *España en el Corazón*, em *Literatura Chilena*, sobretudo em sua primeira fase, certamente essa foi a obra poética de Pablo Neruda mais analisada em suas páginas. Não obstante, também *España en el Corazón* foi lembrada na revista.

Na 12ª edição, ao cumprir três anos de circulação e seis anos da morte de Pablo Neruda, *Literatura Chilena* dedicou o presente número ao poeta,⁵⁰⁰ especialmente a relação intelectual, política e afetiva que ele teve com os poetas espanhóis durante o tempo em que permaneceu em Madrid como cônsul. No seu editorial, de maneira

⁴⁹⁹ ARAYA, Guillermo. Lo épico de Canto General. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 3. Ideias semelhantes haviam sido apresentadas pelo crítico na edição anterior da revista. ARAYA, Guillermo. Estructura de Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, p. 2-5, 1978. Como comunista e escritor engajado, Pablo Neruda foi um ferrenho crítico das posições políticas dos Estados Unidos. Em *Literatura Chilena*, o texto do escritor, ensaísta e professor chileno Víctor Valenzuela versou sobre a presença do sentimento anti-ianque - como assim denominou -, na literatura hispano-americana, sobretudo a chilena. O ensaio foi marcado por um tom anti-imperialista do próprio autor, que, dentre outros escritores e poetas analisados, destacou as posições de enfrentamento aos EUA na literatura de Pablo Neruda. VALENZUELA, Víctor. El sentimiento antiyanqui en la literatura chilena. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 2-4, 1977. Sobre o anti-imperialismo no poeta chileno, ver COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007.

⁵⁰⁰ Ao longo das páginas dessa edição, foram apresentadas imagens fotográficas do cortejo que levou o corpo de Pablo Neruda ao Cemitério Geral, em Santiago. O cortejo ganhou a adesão de muitos admiradores e companheiros políticos do poeta à medida que avançava, tendo sido acompanhado de perto por tanques do exército chileno. Retomaremos esse acontecimento à frente, quando tratarmos de textos literários que o retrataram.

similar às análises publicadas em *Araucaria de Chile*, afirmou-se que *España en el Corazón* constituiu “momento clave de la evolución de la poesía de Pablo Neruda”. Para o poeta, concluiu o texto, essa obra foi “el modo doloroso, íntimo, de confrontar las opciones de la historia y de redefinir sus deberes y su voz”. Posicionando-se politicamente em relação à ascensão do fascismo e à ofensiva dos militares a partir do pronunciamento do general Franco, que levou à irrupção da Guerra Civil Espanhola, *Literatura Chilena* defendeu que esses acontecimentos constituíram-se em dura experiência, colocando à prova de maneira frontal duas opções políticas para a vida contemporânea: de um lado, a democracia, com as possibilidades de realização plena através do socialismo, e, de outro, a ditadura fascista.⁵⁰¹ Com essa reflexão, a revista estabeleceu uma correlação, em sua ótica, com o que ocorreu no Chile em setembro de 1973, e demonstrou, mais uma vez, um editorialismo programático que se irmanou aos valores socialistas chilenos.

Nessa edição, foram publicados poemas oriundos do livro *Chile en el Corazón*, organizado pelas espanholas Aurora de Albornóz e Elena Andrés, publicado no ano de 1975, em Barcelona, pela *Ediciones Península*. Como afirmamos anteriormente, o livro foi dedicado a Pablo Neruda e contou com poemas de escritores espanhóis, sobretudo os da *Geração de 1927*. Na seção *Poemas*, a revista selecionou textos de Jorge Guillén, Carlos Bousoño, Gabriel Celaya, José Augustin Goytisolo e Rafael Alberti. Todos os poemas, obviamente, fizeram referência elogiosa e saudosista a Pablo Neruda. Destacamos os representativos versos de José Augustín Goytisolo, portadores de lamento, mas, ao mesmo tempo, também de esperança, sustentada, como frisou, nas palavras do próprio poeta chileno:

⁵⁰¹ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Editorial. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, 1979, p. 1.

[...]
 Después de todo sobran los lamentos
 - no les gustaron nunca recordarlo –
 y así está la cuestión
 hasta que llegue la segunda vuelta:
 el camino es difícil pero andamos
 con sus palabras como estandarte.⁵⁰²

Ainda referente à edição de número 12, na contra-capá da revista, como epílogo, publicaram-se versos de Pablo Neruda, sem ser mencionado o título do poema, tampouco as referências completas, o que nos ajudaria em nossa interpretação. Todavia, inferimos que as palavras do poeta, ao mencionar “la gran victoria”, pareceram fazer referência à possibilidade vindoura de ascensão do comunismo ou, no mínimo, de uma sociedade mais justa e democrática. No caso da revista *Literatura Chilena*, recorrer a esses versos foi também amparar-se em uma mensagem de esperança trazida por Neruda, a de que dias melhores, sem a presença de governos ditatoriais e autoritários, consumir-se-iam em um futuro breve:

Cuando la victoria,
 no mi victoria,
 sino la gran victoria
 llegue
 aunque esté mudo debo hablar :
 yo la veré llegar aunque esté ciego.⁵⁰³

As referências feitas a Pablo Neruda atravessaram toda a trajetória no exílio de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*. Nesta última, a morte e o cortejo fúnebre que conduziu o corpo do poeta ao Cemitério Geral da capital Santiago foram narrados em um texto de caráter testemunhal de Juan González, pseudônimo de um jovem escritor

⁵⁰² GOYTISOLO, José Agustín. Con las palabras de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, 1979, p. 19. A edição contou ainda com um texto em prosa de outro poeta da Geração de 27, Vicente Aleixandre, no qual ele explicou sobre como conheceu Pablo Neruda, a amizade de ambos, os encontros com Federico García Lorca, e a última vez em que esteve com o poeta. ALEIXANDRE, Vicente. La última vez que vi a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 9, 1979.

⁵⁰³ NERUDA, Pablo. Contraportada. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, 1979, s.p.

chileno exilado na Espanha, que escreveu seu testemunho após assistir ao enterro de Neruda quando tinha apenas 16 anos, como informou a revista.

O autor relatou os momentos de comoção do cortejo e a apreensão inicial daqueles que se avolumavam pelas ruas de Santiago, junto ao ataúde do poeta, à medida que se avançava ao cemitério, vigiados por muitos militares em caminhões e tanques. Juan González retratou o cenário de tensão e medo que se seguiu ao golpe militar ocorrido dias antes, bem como os momentos de maior emoção e coragem proporcionados pelos gritos de homenagem ao “companheiro Pablo Neruda”, estendendo-se a Salvador Allende e a Víctor Jara, entoando-se também a Internacional Comunista. O autor expressou-se, assim, em seu testemunho:

Y era realmente el pueblo quien marchaba tras el féretro de un poeta. Era el pueblo que honraba con su presencia a Pablo Neruda. Qué orgullo para él si se hubiese erguido a mirar. Qué alegría para él ver a los pobres, los parias, los desposeídos, vestidos de negro y llorando. Sí lloraban. Lloraban al poeta, y con él a sus hijos, maridos o hermanos asesinados. Esa caja mortuoria encerraba miles de hombres y mujeres, miles de mártires, miles de héroes. Muchas mujeres y muchos hombres estaban de luto. Había muerto un gran compañero. Cómo lo querían al poeta militante! Marchaban los presentes con un clavel rojo prendido en la solapa, los pañuelos en la mano.⁵⁰⁴

Impressiona a similitude com que esse acontecimento foi narrado em outro texto publicado na revista, muitos números depois, já como *Literatura Chilena, Creación y Crítica* (número 25, 1983). Tratou-se do último capítulo da novela *Amor y Maleficio*, do escritor chileno Luis Merino Reyes. O único aspecto a realmente diferir do texto anterior residiu no nome fictício criado para um suposto poeta, Andrónico, glorificado na trama de Merino Reyes. As referências à enfermidade do personagem (um câncer), à sua morte e ao cortejo fúnebre não poderiam ser mais correlatas com o que ocorreu com Pablo Neruda. O mesmo vale para a descrição feita dos acontecimentos consumados

⁵⁰⁴ GONZÁLEZ, Juan. El entierro de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, 1977, p. 31.

momentos antes do enterro do poeta. Vejamos o trecho em que o narrador relatou o cortejo do fictício poeta Andrónico:

[...] Cuando el cuerpo de Andrónico fue llevado al cementerio, seguido de un pequeño cortejo, la multitud invadió la plazoleta desde los rincones más misteriosos. Era gente joven, hombres de trabajo, poetas enmudecidos y acongojados a quienes no les parecía cierto que Andrónico estuviera mudo para siempre, que anhelaban morir junto a él. Desde lejos los policías vigilaban atentos, con sus metralletas en las manos, sin moverse, aparentaban cumplir la orden de quedarse como saurios, pero sin dormirse. La gente empezó entonces a gritar: “Compañero Andrónico presente, ahora y siempre; compañero Andrónico presente, ahora y siempre; el pueblo unido jamás será vencido. Compañero Salvador Allende, presente, ahora y siempre”. De improviso, se coordinaron los compases de la Internacional y con ese himno se avanzó al interior de la necrópolis, a una tumba particular que albergaría por algún tiempo los despojos del genio [...].⁵⁰⁵

Tal qual *Literatura Chilena, Araucaria de Chile* dedicou sua seção literária *Textos*, na edição de número 9, para a publicação de poemas que se referiram devotamente a Pablo Neruda.⁵⁰⁶ Seleccionamos dois poemas que julgamos significativos e coerentes com a proposta editorial da revista ao se apropriar da imagem do poeta.

Ainda em torno à morte de Neruda, o escritor argentino Pedro Orgambide escreveu seu poema *Muerte de Pablo Neruda: Chile, 1973*. Nele, Orgambide retratou, assim como os textos acima, o cortejo fúnebre de Pablo Neruda. Contudo, não foi, precisamente, as referências poéticas ao redor desse fato o aspecto mais marcante desse poema, a nosso ver. Apresentamos versos que fizeram alusão a questões diversas que Neruda combateu ao longo de sua vida:

Cuidado, general

⁵⁰⁵ MERINO REYES, Luis. Las llaves del infinito. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, 1983, p. 25.

⁵⁰⁶ Foram eles *En estos años Pablo cuantas cosas Neruda*, de Hernán Castellano Girón; *Mensaje a Pablo Neruda*, de Evgueni Evtushenko; *Homenaje a Neruda*, de Óscar Hahn; *Los días del poeta*, de Omar Lara; *Muerte de Pablo Neruda: Chile, 1973*, de Pedro Orgambide; e *Invoco un nombre: Pablo*, de Enrique Valdés. À exceção de Pedro Orgambide, argentino, e Evgueni Evtushenko, soviético, os demais poetas eram chilenos e viviam no exílio, menos Enrique Valdés. Os poemas foram contemplados da página 173 até a página 186 da nona edição, publicada em 1980, de *Araucaria de Chile*.

Cuidado, capitán
 Cuidado, soldadito
 de tocar el temblor que ahora está quieto.
 Cuidado poetita del domingo
 Cuidado señorito del texto puro, puro texto,
 cuidado, recolector de erratas:
 respeto al gran impuro, al gran mal poeta como dicen!
 respeto a la grandeza!⁵⁰⁷

Ao adotar a advertência “cuidado” em todos os versos, o poeta listou tudo aquilo que foi objeto de crítica por parte de Pablo Neruda, a começar pelos governos autoritários de corte militar, como o fascismo na Espanha franquista, e, no contexto chileno, a ditadura de Augusto Pinochet, embora Neruda tenha morrido poucos dias após o golpe, não tendo tido tempo para o exercício efetivo de suas críticas que, certamente, ocorreriam. Além disso, do ponto de vista literário, Pedro Orgambide aludiu à oposição de Neruda à “poesia pura”, ou seja, a uma poesia destinada somente à fruição, mais atenta à forma do que ao conteúdo.

Em 1935, no primerio número da revista literária espanhola *Caballo Verde para la poesía*, Pablo Neruda publicou o polêmico artigo “Sobre una poesía sin pureza”, no qual ele questionou o sentido de uma “poesia pura” – expressão cunhada por Paul Valéry -, dando mostras de sua filiação a uma poesia comprometida com a realidade e com as questões sociais.⁵⁰⁸ Neruda mostrou-se, assim, favorável à “poesia impura”, como referenciou Orgambide no poema acima, de maneira a engrandecer o poeta e tudo o que ele representou para o Chile.

O outro poema teve como autor o chileno Óscar Hahn, exilado nos Estados Unidos, um dos principais poetas colaboradores das revistas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Reproduzimos integralmente seu pequeno poema *Homenaje a Neruda*:

⁵⁰⁷ ORGAMBIDE, Pedro. Muerte de Pablo Neruda: Chile, 1973. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, 1980, p. 181.

⁵⁰⁸ COSTA, Adriane Vidal. Op. Cit., 2007, p. 93.

Cuando el sol de la muerte
se beba toda el agua de tus ríos
y sus rayos voraces
mortifiquen tu piel y la resequen
el agua de tu cuerpo ascenderá a los cielos
y convertida en sangre
lloverá una vez más sobre los cauces
lloverá una vez más sobre los cauces.⁵⁰⁹

O sentido dos versos de Óscar Hahn possuiu estreita correlação com a intenção de *Araucaria de Chile* e de *Literatura Chilena* ao remeterem, sistematicamente e sob diversas formas, a Pablo Neruda: a de que sua trajetória política e seu grandioso legado literário servissem como resistência e como constantes ameaças simbólicas aos intentos autoritários da ditadura chilena. Nesse sentido se expressou Volodia Teitelboim sobre Neruda, em discurso proferido durante as *Jornadas Culturales Salvador Allende* e publicado em *Literatura Chilena en el Exilio*: “un muerto que anda vivo por Chile y por el mundo. Que se lee, se recita y canta en muchas lenguas del hombre. Un muerto que la Junta teme como a cien tanques”.⁵¹⁰

Em um momento em que os escritores progressistas chilenos, durante o governo da Unidade Popular, passaram a rever qual seria a função de sua literatura diante de ocasiões políticas tão importantes para o Chile, “Neruda volvía a ser”, explicou Federico Schopf, “en este punto, un ejemplo que recogíamos con respeto. Nosotros queríamos trabajar mano a mano con los compañeros”.⁵¹¹ Grande parte desses escritores, que depois se viram no exílio ou encurralados pela ditadura, tiveram mais uma vez que rever sua função enquanto intelectuais, e, por conseguinte, a função da literatura que produziam, dessa vez sob uma perspectiva da resistência política. Novamente Pablo Neruda pareceu-lhes o exemplo maior de escritor consagrado e

⁵⁰⁹ HAHN, Óscar. Homenaje a Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, 1980, p. 178.

⁵¹⁰ TEITELBOIM, Volodia. Modos de vivir, modos de morir. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 26.

⁵¹¹ SCHOPF, Federico. Las huellas del poeta. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, 1984, p. 124.

engajado, cuja literatura foi, ao mesmo tempo, qualificada e comprometida com as causas sociais e de radical oposição às ditaduras “fascistas”.

Dessa forma, um aspecto da proposta teórico-metodológica de Alexandra Pita González, ao refletir sobre a formação de redes intelectuais a partir das revistas culturais, apresentou-nos altamente pertinente. Sabemos que consiste em tarefa metodológica fundamental, ao se estudar uma revista, analisar o núcleo de “atores principais” de sua redação, composto pelo diretor e editor(es) da publicação, estes que se encontram encarregados de escrever editoriais e outros artigos, além dos colaboradores mais frequentes, que alimentam as edições com o envio de artigos, ensaios, notícias e comentários bibliográficos. Mais do que isso, e aí encontra-se a questão central à qual nos reportamos no estudo de Pita González, para a formação de uma rede intelectual nas revistas, devemos observar a participação de outros personagens, denominados por ela de “referentes”. Estes seriam os sujeitos, vivos ou mortos, os quais os textos mencionam através de citações ou simplesmente mediante sua evocação. A autora afirmou, ainda, que, mesmo que “en su mayoría estos personajes se encontraran muertos, su función dentro de la red era la de establecer verdaderas genealogías intelectuales donde los actores vivos se ubican temporalmente en los procesos de larga duración para legitimar su posición”.⁵¹²

Com base nessa ideia, acreditamos, portanto, terem sido esses os casos, em *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, dos poetas Gabriela Mistral e, sobretudo, Pablo Neruda, verdadeiras referências literárias para os editores e colaboradores das revistas, não apenas pelo viés estritamente literário, enquanto “poesia pura”, mas, principalmente, pelo aspecto de uma poesia, ou, ampliando, de uma literatura “sin

⁵¹² PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales. In: MONTIEL, Celia del Palacio; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (coord.). *Voces en papel: La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008, p. 77-85.

pureza”. Daí o relevo dado nas revistas à trajetória política de ambos, não obstante, no caso de Gabriela Mistral, a atenção devotada por *Literatura Chilena* tenha sido bem inferior àquela apresentada por *Araucaria de Chile*.

Podemos pensar, portanto, que Neruda e Mistral foram personagens históricos da literatura chilena que se inseriram, ainda que indiretamente, no interior das redes intelectuais de resistência política formadas e/ou consolidadas pelas revistas. Da mesma forma que essas duas referências literárias chilenas, os colaboradores, que a elas se reportavam, buscavam nas páginas de *Araucaria* e de *Literatura Chilena* dar continuidade, no momento de repressão política e de exílio, ao legado literário e de engajamento dos dois poetas. As imagens de Neruda e Mistral foram, portanto, durante o pinochetismo, apropriadas e ressignificadas pela esquerda chilena como símbolos da resistência.

Pablo Neruda foi, certamente, mais evocado pelas revistas do que Gabriela Mistral, e isso, em grande medida, pode ser explicado pela explícita atuação política do poeta junto ao antifascismo e ao comunismo. Em *Araucaria de Chile*, foram veiculados poemas extraídos de sua vasta obra. Dentre eles, reportamo-nos a um extremamente significativo, dedicado ao Partido Comunista chileno, demonstrando a filiação compartilhada, pela revista e pelo poeta, aos valores da cultura política comunista. Seleccionamos estrofes emblemáticas do poema *Al Partido Comunista de Chile*, publicado originalmente na revista *Principios*, n. 88, de 1962, com o título “Al Partido Comunista de Chile en su cuadragésimo aniversario”. Tratou-se de uma poesia política de devoção ao PCCh de Pablo Neruda:

Partido,
mi Partido!
Cuánto dolor, amor
y gloria encierras!

Qué larga historia pura
 y lucha larga!
 [...]

Partido, mi Partido!
 Qué larga lucha, larga
 como Chile,
 encarnizada como
 el territorio duro
 de la Patria!
 [...]

A los que ahora llegan,
 a los jóvenes,
 a los trabajadores
 de sol a sol, del campo, campesinos
 a los muchachos
 de las minas abruptas
 de la ciudad, inquietos,
 de las fábricas, talleres, oficinas,
 digo:
 este es el pan y el vino
 del Partido,
 este es el libro y el ejemplo: Lenin
 el ejemplo en acción es Recabarren,
 el hombre proletario es nuestra fuerza
 y nuestra estrella la familia humana!
 Nuestro camino es ancho.
 Hay sitio a nuestro lado para todos.⁵¹³

Os principais elementos da cultura política comunista no Chile encontraram-se evocados nesse poema: o louvor ao PCCh; a exaltação à URSS através da figura de Lenin; a elevação de personagens históricos, como Recabarren; a vinculação explícita aos trabalhadores do campo, das fábricas e das minas, tradicionalmente ligados ao comunismo chileno.

Nessa perspectiva, Cuba revolucionária foi também tema de poemas nerudianos difundidos por *Araucaria de Chile*. *La libertad* evidenciou toda a esperança em uma transformação social para a América Latina, a partir do exemplo da Revolução Cubana. Liberdade, dignidade e revolução americana, palavras utilizadas por Pablo Neruda no poema, significavam aquilo que Cuba conquistou, na visão do poeta, e que os demais países latino-americanos deveriam também almejar:

⁵¹³ NERUDA, Pablo. Al Partido Comunista de Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 17, 1982, p. 13-16. Esta edição da revista foi dedicada aos 60 anos do Partido Comunista chileno.

[...] ahora llegó la hora de las horas:
 la hora de la aurora desplegada
 y el que pretenda aniquilar la luz
 caerá con la vida cercenada:
 y cuando digo que llegó la hora
 pienso en la libertad reconquistada:
 pienso que en Cuba crece una semilla
 mil veces mil amada y esperada:
 la semilla de nuestra dignidad,
 por tanto tiempo herida y pisoteada,
 cae en el surco, y suben las banderas
 de la revolución americana.⁵¹⁴

Esse poema inseriu-se na série de textos publicados na 25ª edição da revista (de 1984) em homenagem aos 25 anos da Revolução Cubana. Do ponto de vista da literatura, recorrer a um poema de Pablo Neruda em louvor a Cuba - no qual ele exaltou o modelo de tomada do poder, na América Latina, pela via revolucionária armada -, no momento em que o PCCh adotava a via insurrecional/rupturista na luta contra Pinochet, em nosso entendimento, não se tratou de mera casualidade. Vinculou-se diretamente com o editorialismo programático da revista, cada vez mais afinado com as novas estratégias de enfrentamento do partido.

Para além das apropriações de Pablo Neruda e Gabriela Mistra pelas revistas, no que se refere à literatura política produzida no pós-golpe, certamente os textos que mais explicitaram a verve comprometida com a resistência política e com os ideários comunista e socialista no Chile foram os testemunhos. Tratou-se de um gênero de longa tradição no Chile, mas que, em virtude do golpe, da ditadura e do exílio, adquiriu novas projeções temáticas e estéticas, estreitamente acordes com a função da literatura e dos escritores/intelectuais instada nas revistas. Passamos, na sequência, a analisar a maneira como os colaboradores de *Literatura Chilena* e de *Araucaria de Chile* debateram a respeito desse gênero e da função da literatura durante a ditadura.

⁵¹⁴ NERUDA, Pablo. La libertad. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, 1984, p. 88-89.

CAPÍTULO 5: “Esa Literatura que surge de un cerco de púas”: debates sobre a literatura de testemunho e a função da literatura

Como observamos, especialmente, no Capítulo 3, *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile*, guardando as especificidades que corresponderam a cada revista, buscaram congregar em suas páginas publicações que se dedicaram a pensar sobre a função política que deveria ser adotada pelo escritor, o que, obviamente, passava pela necessária ressignificação do papel da literatura no contexto de ditadura militar e exílio.

Nesse sentido, pensando nos respectivos projetos coletivos das duas revistas, que se pautaram em editorialismos programáticos de esquerda, voltados para a resistência política e a reconstrução de alicerces institucionais democráticos, tanto *Araucaria de Chile* quanto *Literatura Chilena* veicularam, de modo substancial, um tipo de literatura que dialogou fortemente com o momento político pelo qual atravessava o Chile. Em ambas, buscou-se evidenciar que, ante a situação emergencial e, por vezes, vital que ora se apresentava para toda a esquerda chilena, incluindo seus intelectuais, a postura ética e comprometida, por parte do escritor, saltava-se para o primeiro plano nos debates promovidos sobre a criação literária.

Nesse momento, dentro da vasta poesia e narrativa de resistência política produzida durante a ditadura pinochetista, nosso escopo de análise, nas duas revistas, foi a literatura de testemunho ou *testimonio*, gênero literário e político por excelência, ao qual recorreram novos e consagrados escritores no Chile, como forma de resistir cultural e politicamente à Junta Militar e ao governo altamente repressivo de Augusto Pinochet. À crítica sobre a literatura de testemunho aderiu parte significativa dos estudiosos acadêmicos e literatos chilenos, que publicaram muitas análises a respeito

desse gênero que, mais do que nunca, no Chile, lançou-se à posição de destaque, dada a ressignificação que obteve no âmbito literário do país. Nesse aspecto, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* contribuíram sobremaneira para a valorização dessa literatura, publicando textos e críticas que vieram a se constituir como paradigmas para o entendimento dessa categoria. Antes, porém, faremos breves apontamentos teóricos sobre a literatura de testemunho, objetivando situá-la no contexto histórico-político latino-americano das décadas de 1970 e 1980.

Como apontou Nora Strejilevich, a urgência em denunciar os crimes de terrorismo de Estado consolidou um tipo específico de escrita, o testemunho, destinado a delinear a crônica do que ocorreu no exílio, na clandestinidade e nos “campos de concentração” no Chile, na Argentina e no Uruguai.⁵¹⁵ A autora ressaltou que a escrita do testemunho tende a se instrumentalizar em um espaço narrativo “donde el evento se inscribe [...] y la memoria actúa creando un texto donde elabora su horizonte desde la subjetividad”.⁵¹⁶ Devemos nos atentar para as caracterizações do testemunho apresentadas pela autora, que o concebeu enquanto interpretações, realizadas pelo autor, de um momento vivido que o faz revisitar constantemente a memória, de modo a compor a estrutura narrativa do relato, direcionado a se opor contra os alicerces de repressão montados pelas ditaduras.

Analisando a produção *testimonial* chilena, argentina e uruguaia durante as décadas de 1980 e 1990, Strejilevich destacou as variadas formas que assumiu a prática discursiva do testemunho, cujo registro constituiu-se

⁵¹⁵ STREJILEVICH, Nora. *El arte de no olvidar*: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90. Buenos Aires: Catálogos, 2006, p. 21. Podemos entender esse tipo de literatura, como expressou Valéria de Marco, como proveniente da zona de exclusão criada pela violência de Estado. Ver MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, 2004, p. 63.

⁵¹⁶ *Ibid*, p. 19.

desde la transcripción de un relato oral por un reportero hasta la redacción de una denuncia por parte del testigo. Desde la confesión de quien expone sus vivencias de manera ficcionalizada, hasta la novela documental producida con material e técnicas testimoniales. Desde lo periodístico hasta lo literario. [...] El testimonio puede combinar autobiografía, épica, novela documental, crónica y memorias. Su finalidad es desenmascarar procesos históricos devastadores que se ocultan sistemáticamente y que el testigo pone en la escena en la página impresa, a la manera de un relato de la memoria.⁵¹⁷

Os apontamentos de Nora Strejilevich foram esclarecedores no que diz respeito à produção diversificada do testemunho no Cone Sul em razão dos perfis estilísticos de seus autores e dos distintos contextos e momentos políticos pelos quais passaram as ditaduras militares, o que possibilitou criações e consequentes revisões da crítica especializada acerca desse gênero. No entanto, devemos nos atentar também para outras questões relevantes quando discutimos essa categoria literária e que foram, de certo modo, negligenciadas pela autora.

Em primeiro lugar, quando pensamos na literatura de testemunho, coloca-se a necessária distinção entre o testemunho da *Shoah*, termo hebraico cunhado em substituição à palavra Holocausto,⁵¹⁸ e os *testimonios* criados em nosso contexto latino-americano. Um importante estudo que alertou para a necessidade dessa diferenciação foi o de Valeria de Marco. Nele, a autora nos mostrou, amparada na atividade da crítica literária correspondente, a existência, no âmbito estritamente teórico, dessas duas

⁵¹⁷ Ibid, p. 31.

⁵¹⁸ Sobre a aporia relativa à utilização das expressões *Shoah* e Holocausto, ver DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto? A aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi, Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, nº1, v.1, outubro de 2007, s.p. Ainda que guardem especificidades quanto à origem do termo e os países e regiões de maior utilização de um em relação ao outro, *Shoah* e Holocausto referem-se ao extermínio de judeus europeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Reflexões concernentes à complexa, porém necessária, relação entre memória e história desse período traumático para a humanidade, ver, em especial: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88; CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 123-138.

grandes concepções da literatura de testemunho, a da *Shoah* e a latino-americana, bem como o fato de que tais vertentes não dialogam entre si.⁵¹⁹

Os testemunhos da *Shoah* inserem-se no contexto europeu do pós-Segunda Guerra Mundial, e os debates a seu respeito, pela crítica correspondente, evidenciam a tensão, por vezes o impasse, relativo à impossibilidade de reconstrução, através da escrita, das vivências pessoais e coletivas que estiveram e/ou estão irremediavelmente marcadas pela catástrofe e pelo trauma.⁵²⁰ Tangente à crítica literária voltada para a literatura de testemunho na América Latina, nota-se, segundo Valeria de Marco, o predomínio de duas acepções do gênero que tiveram em comum a vinculação entre produção literária e o resgate da História contemporânea.⁵²¹

Uma dessas correntes, que emergiu na década de 1980, foi a que se desenvolveu, principalmente, no espaço acadêmico norte-americano, e dialogou, de forma sistemática, com os estudos culturais. A partir do testemunho oral da líder indígena guatemalteca Rigoberta Menchú, recolhido, comentado e organizado em livro, em 1983, por Elizabeth Burgos-Debray, desenvolveu-se um tipo de literatura testemunhal no qual um letrado, espécie de voz autorizada socialmente, teria a incumbência de “recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à ‘história oficial’”. A esse letrado, editor/organizador do texto, caberia uma postura política de solidariedade para com o outro, devendo reproduzir fielmente seu discurso, que se legitimaria por ter sido “representativo de uma classe, uma comunidade ou um

⁵¹⁹ MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, 2004, p. 45-68.

⁵²⁰ No Brasil, nessa linha de reflexão acerca dos testemunhos, ver o trabalho de SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

⁵²¹ MARCO, Valeria de. Op.Cit., p. 45.

segmento social amplo e oprimido” e que necessitaria se autoafirmar diante de alguma situação desfavorável política, econômica e/ou culturalmente.⁵²²

A outra corrente de testemunhos latino-americanos foi aquela em que a crítica literária pautou-se na interpretação e no “exame de textos que, construídos a partir de múltiplas combinações de discursos literários, documentais ou jornalísticos, registram e interpretam a violência das ditaduras da América Latina durante o século XX”.⁵²³ Não temos dúvidas em afirmar que a crítica literária presente em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* ateve-se a esta última corrente explicativa acerca da literatura testemunhal.

Na América Latina, do ponto de vista institucional, o *status* de cânon dessa perspectiva de testemunho, originalmente, foi tributária da pauta estabelecida, em 1970, pelos intelectuais latino-americanos participantes do Júri do Prêmio *Casa de las Américas*. Em Cuba, esse gênero literário foi instituído dentro dos marcos da Revolução Cubana, de modo a cumprir funções políticas explícitas ao facilitar o acesso à linguagem da revolução, como indicou Idalia Morejón Arnaiz,⁵²⁴ através de narrativas que publicizavam experiências de participação em atos revolucionários. Adquiriu novas funções, contudo, à medida que se recorria a esse tipo de literatura em contextos latino-americanos distintos.

Atemo-nos na segunda corrente de testemunhos latino-americanos apresentada por Valeria de Marco, na qual Nora Strejilevich, em nossa visão, também se inseriu ao proceder na análise de diversas obras testemunhais que, em geral, estiveram marcadas, de modo comum, pela rememoração de experiências traumáticas resultantes da

⁵²² Ibid, p. 46.

⁵²³ Ibid, p. 46.

⁵²⁴ MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. *Política e polêmica na América Latina: Casa de las Américas e Mundo Nuevo*. 2004. 326 f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo (USP). Pró-Reitoria de Pesquisa, São Paulo, p. 124.

repressão política imposta pelas ditaduras militares do Cone Sul, durante as décadas de 1970 e 1980.

Foi nessa perspectiva de estudos que atuou, em grande medida, a crítica literária chilena a respeito dos testemunhos produzidos no país após o golpe contra Allende. A esse respeito, de acordo com Juan Armando Epple, a experiência do golpe militar no Chile ativou o registro testemunhal como fenômeno quantitativamente amplo, adquirindo definitivamente o estatuto de gênero literário no país. Segundo ele, grande parte da ficção chilena, produzida imediatamente após o golpe, construiu formas narrativas híbridas, algo como um “cuento testimonio” ou uma “novela testimonial”.⁵²⁵ Em estudo anterior, Epple, analisando a literatura chilena, em especial a do exílio, explicara a necessidade do escritor diante da repressão política:

Frente a la destrucción de los fundamentos cotidianos con que se vivía el mundo antes del golpe militar, y ante la necesidad de expresar y darle una significación a las nuevas experiencias vitales (tanto a que se vive en Chile como la del exilio), los escritores acuden a las más variadas formas narrativas, y no con un simple afán de experimentación formal, sino tratando de probar la eficacia de las opciones ofrecidas por el arte de la escritura para encauzar la necesidad expresiva.⁵²⁶

Dentre as variadas formas narrativas no Chile a partir de 1973, como colocou Epple, a literatura de testemunho certamente ocupou um espaço de relevo e, em linhas gerais, pode ser caracterizada, em sua visão, como aquela em que se registra a memória do trauma, da ruptura, da violência de Estado, da repressão política, da censura.⁵²⁷

⁵²⁵ EPPLÉ, Juan Armando. Acercamientos a la literatura testimonial de Chile. *Revista Iberoamericana*, v. LX, nº 168-169, julio-diciembre de 1994, p. 1148.

⁵²⁶ EPPLÉ, Juan Armando. La literatura chilena del exilio. *Texto Crítico*, nº. 22-23, julio-diciembre de 1981, p. 210.

⁵²⁷ Estudos referentes à literatura de testemunho no Chile, ver DÍAZ-CID, César. El discurso testimonial y su análisis literario en Chile. *Revista Electrónica: Documentos Lingüísticos e Literarios UACH*, nº 30, 2007. Disponível em: www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=1354. Consultado em 19/05/2015; PERIS BLANES, Jaume. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008; ROJO, Grínor. Casi veinte años de literatura chilena (1973-1991). In: GARRETÓN, Manuel Antonio; SUBERCASEAUX,

A partir desses apontamentos, torna-se interessante que comecemos as análises nas revistas pelo texto do próprio Juan Armando Epple, *Esa Literatura que surge de un cerco de púas*, publicado em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 5. O título dessa crítica literária remeteu, deliberadamente, à obra *Cerco de púas*, de Aníbal Quijada Cerda, publicada em 1977 e ganhadora do Prêmio *Casa de las Américas* pela categoria *testimonio*. Referiu-se também, de maneira mais ampla, aos demais *testimonios* surgidos do interior de um cerco de pontas agudas (*púas*), ou seja, de uma prisão ou “campo de concentração” chileno.⁵²⁸ Podemos expandir a interpretação e pensar em uma alusão à literatura criada a partir de situações adversas e limites impostas pelas forças de repressão da ditadura militar chilena, incluindo, nesse sentido, a condição do exílio.

Na mesma edição de número 5, poucas páginas depois do texto de Juan Armando Epple, *Literatura Chilena* publicou um fragmento do mencionado *testimonio* de Aníbal Quijada Cerda, em que o autor, logo no primeiro parágrafo, descreveu a chegada, a um galpão, de prisioneiros políticos da Junta Militar, boa parte deles ministros e próximos colaboradores de Salvador Allende, antes de serem levados ao “campo de concentração” situado em *Isla Dawson*, na gélida região de *Magallanes*:

Los primeros días fueron terribles, camarada. ¿Sabe usted que este galpón comenzó a recibir presos desde la misma mañana del día once? Eran

Bernardo. *Cultura, autoritarismo y redemocratización en Chile*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 57-70.

⁵²⁸ Em 16 de setembro de 1973, cinco dias após o golpe militar, foi aberto, no extremo sul do Chile, em uma antiga base para acampamento de engenheiros da Armada chilena, o “campo de concentração” de *Isla Dawson*, conhecido por abrigar os integrantes do governo destituído da Unidade Popular. Junto a eles, foram enviados para lá cerca de 300 prisioneiros políticos da província de *Magallanes*. Além dos trabalhos forçados, os detidos eram obrigados a marchar e a executar diversos tipos de formação militar. Esse “campo de concentração” foi fechado em outubro de 1974. Muitos dos ex-funcionários do governo de Salvador Allende, após o fechamento de *Dawson*, foram levados para *Ritoque*, prisão mantida sob a responsabilidade da Força Aérea chilena. Outro “campo de concentração” conhecido foi *Tres Alamos*, situado na cidade de Santiago, próximo à *Vicuña Mackenna*. Foi aberto em junho de 1974, substituindo ao Estádio de Chile. Abrigou cerca de 300 prisioneiros, homens e mulheres. Os detidos chegavam ao local depois de serem interrogados – e permanecerem um tempo desaparecidos – pelos serviços de inteligência da ditadura. Muitos foram torturados nesse local. Mais informações sobre esses e outros famigerados “campos de concentração” e centros de tortura criados durante a ditadura, ver ROJAS, Maria Eugenia. *La represión política en Chile: los hechos*. Madrid: IEPALA Editorial, 1988, p. 42-59.

arrojados aquí, con las manos amarradas a la espalda, con alambre. [...] El resto un peladero frío y malsano. Había dirigentes, altos funcionarios, profesores, obreros. Después se llenó de jóvenes estudiantes y más trabajadores.⁵²⁹

Além do *testimonio* de Quijada Cerda, Juan Armando Epple destacou a publicação de outros dois livros que, a seu ver, transformaram-se em paradigmas da literatura testemunhal chilena produzida no exílio e que fizeram referência à fase mais repressiva da ditadura, quais sejam: *Tejas Verdes. Diario de un campo de concentración en Chile* (1974), de Hernán Valdés, e *Prisión en Chile* (1975), de Alejandro Witker.⁵³⁰ Os três livros, como afirmou Epple, recorreram a experiências pessoais de sobreviventes da repressão, sofrida em distintos “campos de concentração”. Desenvolveram uma radiografia inicial da ditadura chilena, relatando o que ocorreu em três pontos distintos do Chile – a região austral (*Punta Arenas*, no “campo de concentração” de *Isla Dawson* – Aníbal Quijada), o centro do país (*Tejas Verdes* – Hernán Valdés) e o norte (prisão de *Chacabuco* – Alejandro Witker). Segundo Epple, as obras mencionadas se situaram na categoria *literatura-testimonio* porque “cifra[ron] su valor y sus límites en la autenticidad documental de la experiencia vivida”, diretamente vinculada, portanto, à

⁵²⁹ QUIJADA CERDA, Aníbal. Cerco de púas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 14.

⁵³⁰ Em fins de 1974, o novelista chileno Hernán Valdés, exilado na Espanha, publicou, em Barcelona, pela editora Ariel, o *testimonio Tejas Verdes. Diario de un campo de concentración en Chile*. No livro, o escritor reconstruiu detalhadamente os dois meses de prisão e trabalhos forçados no “campo de concentração” que deu nome ao título. Já em *Prisión en Chile*, Jaime Peris Blanes esclareceu que a narrativa de Alejandro Witker buscou manter o olhar de autor-narrador um pouco mais distanciado para abordar as torturas no “campo de concentração”. Na edição de *Prisión en Chile*, o autor, militante do Partido Socialista, afirmou empenhar-se na missão de realizar o projeto inconcluso para o socialismo da Unidade Popular, “tarea a la cual aspiramos con humildad sirva en parte este libro, que escribimos con pasión socialista por Chile y su destino”. Exilado no México, sua obra foi publicada pela editora estatal mexicana Fondo de Cultura Económica. Sobre *Cerco de púas*, do escritor comunista Aníbal Quijada, Peris Blanes, em outro trabalho, afirmou que existiram duas partes nessa obra: a primeira, propriamente testemunhal, em que o autor reconstruiu cenas de sua vida no campo de concentração de *Isla Dawson*; na segunda, foram reunidos textos de aparência ficcional em torno à figura metafórica/alegórica dos *perros* e a relação destes com seus amos, os prisioneiros políticos. Ver PERIS BLANES, Jaime. Una poética de las ruínas: testimonio y alegoría de Aníbal Quijada. *Revista Chilena de Literatura*, n. 74, p. 99-121, abril 2009; PERIS BLANES, Jaime. Combatientes de un nuevo cuño: supervivencia y comunidad en los primeros testimonios del exilio. *Revista UNIVERSUM: Universidad de Talca*, n. 24, 2009, p. 153-154; PERIS BLANES, Jaime. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008.

memória individual e coletiva, o que, segundo Epple, “no impide que, desde sus límites, irradien la fuerza y la belleza que se puede encontrar en cualquier obra de ficción bien hecha, y superando a muchas de ellas”.⁵³¹

Aqui, claramente, percebemos que Juan Armando Epple realizou discurso favorável aos *testimonios*, entendidos como gênero literário de capital importância e que, não necessariamente, deixariam de apresentar qualidade estética em função de seu teor altamente politizado. Ao contrário, o crítico apontou para o fortalecimento do testemunho no Chile, sobretudo a partir do golpe de 1973, por razões óbvias. Todavia, em sua perspectiva, “este tipo de literatura no es nuevo en Chile, como tampoco es nuevo el tipo de experiencias que la origina”.⁵³² Observando o gênero enquanto um fazer literário de tradição histórica no Chile, ele analisou, por exemplo, a novela de Volodia Teitelboim, *Pisagua. La semilla en la arena*, de 1957. Neste livro, Teitelboim expôs suas memórias a respeito daquele que foi considerado o primeiro “campo de concentração” do Chile, *Pisagua*, estabelecido durante a perseguição aos comunistas exercida por González Videla. Juan Armando Epple, porém, enfatizou que a produção de *testimonios* cresceu vertiginosamente à proporção da repressão e da violência implantadas no país a partir de setembro de 1973, ganhando projeção internacional sem precedentes.

Na mesma direção da análise de Epple, Jaime Concha, em *Araucaria de Chile*, remontou às origens do testemunho na literatura mundial e chilena, no ensaio intitulado *Testimonios de la lucha antifascista*. Ressaltamos, aqui, os vínculos quase filiais, na perspectiva do autor, que os *testimonios* surgidos após 1973, no Chile, possuíam com alguns poemas de *Canto General*, de Pablo Neruda:

⁵³¹ EPPLÉ, Juan Armando. Esa Literatura que surge de un cerco de púas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 7-8.

⁵³² *Ibid.*, p. 8.

Que esta actividad testimonial se vincula a las más altas fuerzas de la literatura chilena, lo revela el hecho de que uno de los primeros escritos antidictatoriales haya sido nada menos que un poema del Canto General [*Las Satrapías*, de *La arena traicionada*, I del *Canto General*, V]. [...] Así como en 1948 sus poemas [de Pablo Neruda] habían circulado «bajo las alas clandestinas de mi patria», reemprendían de nuevo el vuelo épico, en los labios mudos de los oprimidos de ahora, con vigor profético para 1973. Había, pues, una vinculación [por parte dos testemunhos] con la literatura chilena precedente, como lo prueba asimismo la circunstancia de que importantes escritores participaron muy pronto en denunciar los crímenes de la dictadura.⁵³³

Mais uma vez, como analisamos no capítulo anterior, Pablo Neruda foi apropriado na revista *Araucaria* como referência máxima de uma literatura chilena engajada. Seus versos, portanto, foram retomados, no contexto da ditadura, pela crítica de esquerda, que os reposicionou lado a lado com a literatura de resistência política resultante daquele momento.

Dando sequência aos argumentos de Jaime Concha no texto, ele considerou o discurso de Salvador Allende, realizado na manhã de 11 de setembro de 1973, como o primeiro testemunho produzido no Chile, dado o clamor com que o presidente evocou a resistência do povo chileno aos militares que iniciavam o processo truculento do golpe.⁵³⁴ Ademais, como Juan Armando Epple em *Literatura Chilena*, Concha analisou algumas obras que, embora distintas do ponto de vista da trama, da escrita e da linguagem utilizadas, foram consideradas por ele como representativas da narrativa de corte testemunhal, que buscou reconstruir os momentos do golpe e a violência instaurada posteriormente. Dentre elas, as já citadas *Tejas Verdes* e *Prisión en Chile*, e *El paso de los gansos* (1975), de Fernando Alegría.

Segundo o crítico, o livro de Alegría possuiu inegável valor testemunhal, visto que o escritor, embora já vivendo nos Estados Unidos há alguns anos, encontrava-se em

⁵³³ CONCHA, Jaime. Testimonios de la lucha antifascista. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 130.

⁵³⁴ Ver o tópico 2.3 do Capítulo 2 desta dissertação.

Santiago no momento do golpe, refugiando-se em um covento católico e acompanhando de perto, por meio de notícias das pessoas que se refugiavam no mesmo local, a sucessão dos acontecimentos. Nas palavras de Concha,

en cuanto al ámbito narrativo, en ninguna obra es más perceptible esta dimensión testimonial que en la novela de Fernando Alegría: *El paso de los gansos*. Ambientada en las últimas horas del presidente Allende, recogiendo testimonios de los primeros días del golpe militar contra el gobierno legítimo de la Unidad Popular, la obra de Alegría se alza como un alto documento sobre los mejores hombres que cayeron en esas jornadas. Y también como denuncia de los esbirros que traicionaron y masacraron a un pueblo completamente indefenso.⁵³⁵

Os melhores homens, aos quais se referiu Concha, foram Salvador Allende, Pablo Neruda, Víctor Jara e o general legalista Carlos Prats.⁵³⁶ Fernando Alegría não escondeu, na obra, como afirmou o professor e crítico chileno Víctor Valenzuela, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, a admiração por esses personagens centrais e simbólicos, sob a ótica da resistência, para a esquerda chilena.⁵³⁷ Em *El paso de los gansos*, como explicou Jaime Concha, Fernando Alegría evocou a presença intermitente de Salvador Allende como político socialista, herói e mártir da resistência. A través do

⁵³⁵ CONCHA, Jaime. Op. Cit., 1978, p. 138-140.

⁵³⁶ O fragmento de *El paso de los gansos* escolhido para ser publicado na segunda edição de *Literatura Chilena en el Exilio* teve como personagem central o general Carlos Prats. Reconhecido como um militar constitucionalista e leal ao presidente Salvador Allende, Carlos Prats, nos momentos de altíssima polarização política que antecederam ao golpe, marcados por intensa ofensiva da direita chilena contra o governo socialista, assumiu o Ministério da Defesa e sofreu forte contestação da Democracia Cristã, de setores do Exército e, sobretudo, da direita chilena quanto à sua representatividade. Em meio à crise política no país, Prats foi enfiado nas ruas de Santiago por manifestantes direitistas. Fernando Alegría narrou as ofensas e pedidos de renúncia ao general por chilenos de classe média, favoráveis à saída de Allende e à perseguição aos “comunistas”. Subsequente ao texto de Fernando Alegría, outro testemunho relevante, que narrou o momento do golpe, foi o de René Largo Farías, jornalista e ex-membro da *Dirección de la Oficina de Informaciones y Radiodifusión de la Presidencia de la República* no governo da UP. O autor relatou as horas que antecederam ao golpe militar até seu desfecho. Tratou-se de um relato pessoal de quem buscou resistir e viu de perto todo o processo no palácio *La Moneda*, narrando com riqueza de detalhes os fatos transcorridos, inclusive as falas do presidente Salvador Allende a seus correligionários, funcionários e até a suas filhas. Ver: ALEGRÍA, Fernando. *El paso de los gansos. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 23-24, 1977; LARGO FARÍAS, René. *El 11 de septiembre en la Moneda. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 25-28, 1977. Sobre os momentos de crise política que antecederam ao golpe, incluindo o fato específico envolvendo o general Carlos Prats, ver AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 109-152.

⁵³⁷ VALENZUELA, Víctor. Dos novelas del Golpe Militar. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, p. 6.

ensaio publicado em *Araucaria de Chile*, citamos um trecho da obra de Alegría, no qual ele descreveu o ambiente desventurado da morte e do funeral do ex-presidente:

Allende descende al mausoleo que tiene color de invierno porteño. Humos y neblinas y vientos marinos. Las higueras secas en los cerros, los mojados eucaliptus, la tierra roja de quebradas y colinas, alguna bocina lejana, esas fueron las marcas vagas, perdidas, de su funeral. El ruido de cadenas que bajan el ataúd, los rifles y cables de los uniformados, las voces de mando en la primavera que abortó, el avión viejo, tiznado, con una estrella opaca, todo parece distorsionado en la bruma. Desde los muelles, los letreros en trapo rojo flamean goteando, borrándose.⁵³⁸

Jaime Concha explicou que na novela-testemunho de Fernando Alegría, Salvador Allende, embora morto, permanecia presente o tempo todo, a partir das lembranças da “figura íntegra que [ele] siempre fue”, que por longo tempo em sua trajetória política buscou “contribuir a liberar a Chile de la miseria, la explotación y la dependencia”.⁵³⁹ Assim, o crítico, Concha, e o escritor analisado, Alegría, enquanto intelectuais da resistência a Augusto Pinochet no exílio, pareciam compartilhar valores políticos socialistas complacentes com a figura do ex-presidente chileno.

A análise empreendida por Jaime Concha sobre *Los pasos de los gansos* destacou a presença, nessa novela *testimonial*, de uma narrativa que procurou demarcar a resistência política do seu autor, Fernando Alegría, por meio da veiculação de um discurso combativo de esquerda. Nesse sentido, o acadêmico chileno Mario Boero Vargas, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, lembrou que a “visão de mundo marxista” foi a que predominou nos relatos das tramas testemunhais do imediato pós-golpe, como foi o caso, por exemplo, do livro de Alejandro Witker, *Prisión en Chile*.

Nesta última obra, Boero Vargas apontou que os elementos de esquerda encontraram-se ressaltados, por exemplo, quando Witker narrou os momentos que

⁵³⁸ ALEGRÍA, Fernando *apud* CONCHA, Jaime. Op. Cit., 1978, p. 141.

⁵³⁹ *Ibid.*, p. 142.

antecederam o fuzilamento de um dirigente mineiro, Isidoro Carrillo, no “campo de concentração” ao sul do Chile, em que se encontravam. Neste instante, inevitavelmente, explicou Boero Vargas, Carrillo recorreu a referências próprias de uma postura socialista, ao dizer: “Morimos por la patria y cuando se muere por ella y la revolución, se vive eternamente”. Na sequência, Mario Boero Vargas expôs outra passagem de *Prisión en Chile*, de modo a respaldar seus argumentos: “un militante socialista, en este mismo texto de Witker, haya dicho, en una actitud combativa después de ser torturado y humillado, que ‘no importa compañeros, si pierdo el brazo; con el que me queda seguiré peleando... Allende murió por nosotros’”.⁵⁴⁰ Boero Vargas mencionou também o *testimonio Prigué* (1977), contração de “Prisionero de Guerra”, como portador de uma linguagem calcada na posição confessadamente comunista de seu autor, o jornalista chileno Rolando Carrasco.

Fez-se presente, portanto, nos trechos apresentados do *testimonio* de Witker, uma característica que Boero Vargas sublinhou nos testemunhos chilenos de uma maneira geral: a do sacrifício físico e mental dos presos políticos nas situações de extrema violência sofrida por eles nos centros de detenção e nos “campos de concentração” da ditadura. Obviamente que os valores das culturas políticas comunista e socialista, frequentemente difundidos em boa parte dos *testimonios*, não seriam mera casualidade, visto que as principais vítimas da estrutura repressiva da ditadura no Chile foram os dirigentes, políticos e militantes do Partido Socialista e do Partido Comunista, boa parte deles próximos colaboradores do ex-presidente Salvador Allende, como foi o caso do socialista Alejandro Witker.

De acordo com Jaume Peris Blanes, fechados todos os canais de expressão e participação política no Chile após o golpe, a denúncia pública dos crimes cometidos

⁵⁴⁰ BOERO VARGAS, Mario. “Sentido” y perspectivas sobre algunos libros testimoniales chilenos. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 22, 1982, p. 12.

pela ditadura se converteu em uma das atividades principais da esquerda chilena, sobretudo no exílio. Os *testimonios* dos sobreviventes da repressão política adquiriram, então, nesse momento, importância central, na medida em que se tornaram uma forma de participar da resistência. No formato “reputado del libro”, ressoavam discursos dissidentes em relação à versão oficial da ditadura quanto à repressão política. Se, poucos anos antes, esse tipo de texto carecia de uma presença mais intensa no discurso político e literário, eles surgiam, a partir de setembro de 1973, como elementos fundamentais da inflexão entre a esquerda chilena e a vanguarda cultural que reivindicavam os testemunhos na nova ordem do literário. A escritura testemunhal, endossou Peris Blanes, propunha-se como elemento que possibilitava as aspirações expressivas de toda uma comunidade de esquerda silenciada com a ditadura militar chilena.⁵⁴¹ Segundo o autor, “lo importante es que esa comunidad sufriente [...] se valía explicitamente de la enunciación testimonial para rearticular sus luchas, postulando de esa forma su rol posible en la construcción del futuro socialista”.⁵⁴² Esses *testimonios*, complementou Jaume Peris Blanes, resguardavam na narrativa os valores da experiência social que haviam sido fundamentais no projeto da Unidade Popular e que a violência da ditadura buscou destruir. Alguns textos aludiram a tais valores, realizando um resgate dos “modos de interacción de los grupos políticos de izquierdas antes de que sus militantes fueran detenidos por los aparatos represivos: es decir, describiendo sus prácticas y la forma de articulación de sus colectivos”.⁵⁴³

Alguns *testimonios* publicados em *Literatura Chilena* suscitaram valores e modos de sociabilidade das esquerdas, aos quais se referiu Peris Blanes. As condições de adversidade comuns, vividas nas prisões políticas, levavam ainda mais a um

⁵⁴¹ PERIS BLANES, Jaume. Op. Cit., 2009, p. 146-147, p. 153 e p. 155.

⁵⁴² Ibid., p. 159.

⁵⁴³ PERIS BLANES, Jaume. Una poética de las ruínas: testimonio y alegoría de Aníbal Quijada. *Revista Chilena de Literatura*, n. 74, abril 2009, p. 103.

sentimento de cumplicidade e solidariedade entre os detidos. Assim o percebemos no texto do escritor Leonardo Carvajal Barrios, *De lo oscuro*, e do artista plástico Guillermo Nuñez⁵⁴⁴, *Diario*, ambos publicados na edição de número 3 da revista. O conto de Carvajal Barrios guardou marcas mais ficcionais em sua escrita,⁵⁴⁵ enquanto Guillermo Nuñez, no texto, possuiu uma linguagem direta, construindo sua redação na forma de anotações em diário, como o título sugeriu.

No *testimonio*, Nuñez evidenciou o fato de ser um prisioneiro no “campo de concentração” de *Puchuncaví*, expondo a obrigação dos trabalhos forçados nesse centro de detenção da ditadura. Contudo, não obstante as adversidades físicas e psicológicas, o autor, ao mencionar o nascimento de uma menina dentro de *Puchuncaví*, recorreu a uma mensagem de esperança e de luta por um Chile melhor e mais justo. O nascimento da pequena companheira pareceu ter sido um subterfúgio de parte dos prisioneiros políticos, especialmente do autor, para suportar os momentos difíceis sofridos na prisão. Ao se referir à recém-nascida como *compañerita* e ao incitar uma mensagem de luta, mostraram-se latentes vocábulos e expressões das esquerdas, presentes no imaginário de transformação social das culturas políticas comunista e socialista:

12 de Junio de 1975.

Anoche a las 5 de la mañana nació en la enfermería una niñita que pesó 3 kilos, parteros: los dos médicos presos. Hoy en la mañana todos sentimos algo de curiosidad y tanto orgullo. La canción nacional que cantamos al izar

⁵⁴⁴ Guillermo Nuñez, importante artista plástico chileno, foi professor na *Escuela de Bellas Artes de la Universidad de Chile*. Foi levado por militares do serviço de inteligência da Força Aérea chilena em maio de 1974. Ficou detido por cinco meses. Foi interrogado e violentamente torturado por quinze dias consecutivos, em razão de suas supostas relações com militantes e políticos de esquerda. Somente em outubro do mesmo ano foi posto em liberdade. Organizou uma exposição artística e literária, para ser apresentada em salas distintas de Santiago, entre os meses de março e maio de 1975, em que falaria do homem alienado, destruído, aniquilado, com olhos vendados e realidades distorsidas. Porém, só pôde inaugurar uma das exposições pretendidas, realizada no dia 19 de março, no *Instituto Chileno-Francés de Cultura*. Essa exposição foi abortada e, no mesmo dia, Nuñez foi novamente levado pelos agentes da DINA, para os “campos de concentração” de *Tres Alamos* e *Puchuncaví*. Exilou-se posteriormente na França. Mais informações, ver NUÑEZ, Guillermo. *Testimonio ante el consejo de la Unesco. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 29-32, 1978.

⁵⁴⁵ CARVAJAL BARRIOS, Leonardo. *De lo oscuro. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 19-22, 1977.

la bandera dejó de tener ese amargo sabor de lo mecánico y obligado, ya no era una tortura, sino que se transformaba en lo que siempre fue: el canto a la Patria limpia, la que vendrá algún día. Esta niñita tiene hoy 210 tíos, los presos (los carceleros no se cuentan, están en el mismo ítem de las alambradas, fusiles, metralletas, trabajos forzados, etc., condenados al olvido). Crecerá en el pueblo de Puchuncaví o quizá tenga que emigrar. ¿Quién lo sabe? Puede que estudie o no. Puede que sólo pueda subsistir trabajando desde chiquita o puede llegar a tener más posibilidades en un Chile mejor.

(Por eso lucharemos, compañerita).⁵⁴⁶

Nesse sentido, os fragmentos do que viria a ser a obra testemunhal *Dawson*, do filósofo, escritor e político do Partido Comunista chileno, Sergio Vuscovic' Rojo, foram ainda mais explícitos quanto ao exercício da militância de esquerda nas prisões da ditadura. Tais excertos, publicados na segunda edição de *Araucaria de Chile*, foram escritos de forma muito semelhante ao texto acima, de Guillermo Nuñez.

Vuscovic' Rojo permaneceu por um longo tempo no “campo de concentração” *Dawson*. Ali, ele conviveu com importantes dirigentes dos partidos que integraram a Unidade Popular, como Luis Corvalán, do Partido Comunista, e Clodomiro Almeyda, do Partido Socialista, e com ex-ministros e membros do governo de Salvador Allende, como José Tohá, Orlando Letelier, Miguel Lawner e Sergio Bitar. Em meio ao relacionamento com os companheiros presos, as humilhações sofridas diante dos militares e os trabalhos forçados, Sergio Vuscovic' Rojo escrevia, em manuscritos, suas observações da vida diária em *Dawson*, na inóspita região no extremo sul do Chile. Dessas anotações e intercalando-as com fragmentos de *testimonios* de outros prisioneiros políticos, como do ex-Ministro das Relações Exteriores, Orlando Letelier, do dirigente Clodomiro Almeyda e do militante do MIR, Osvaldo Puccio, publicou-se em 1980, na Itália, onde Vuscovic' Rojo encontrava-se exilado, o livro *Dawson*. Essa obra foi resultado, portanto, de distintos enfoques, vozes e experiências, “síntesis

⁵⁴⁶ NUÑEZ, Guillermo. *Diario. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, 1977, p. 29.

totalizadora de lo que fue la vida de los confinados en la isla de Dawson”.⁵⁴⁷

Posteriormente, o *testimonio* teria uma nova edição, publicada em 1984 pela mesma editora da revista *Araucaria de Chile, Ediciones Michay*.⁵⁴⁸

Interessa-nos, aqui, um trecho do livro, denominado por Sergio Vuscovic’ de *El espíritu de Dawson*, em que ele esclareceu sobre a experiência coletiva e solidária compartilhada pelos prisioneiros desse “campo de concentração”:

No todos comprenden a fondo lo que significa la solidaridad nacional e internacional para el torturado, para que el detenido por años no pierda la fe en sus ideales y en sí mismo. [...] Aún estando solo en una celda uno sabía, con plena certeza, que no estaba solo. Éramos hermanos en esencia, para nosotros mismos y para los demás, incluso hasta para nuestros verdugos. [...] ¿Cómo no recordar al «viejo, Silva, proletario hasta la médula de los huesos, modesto, firme, servicial, trabajador, enemigo acérrimo de los explotadores? Viejo obrero socialista que el día 11 de septiembre sintió que su conciencia de clase le dictaba ir a la Moneda. Nadie se lo dijo u ordenó, pero él fue, decidido a morir junto a su compañero presidente. No murió, sin embargo, sólo por milagro, y así yo pude conocerlo y tener el honor de ser su amigo. ¿Cómo no evocar la figura espartana de Daniel Vergara, resistiendo treinta días, sin emitir una queja, la bala que tenía incrustada en una mano? ¿Cómo no recordar las canciones que, bailando, nos cantaba todas las mañanas Anselmo Sule, presidente del Partido Radical, en el campamento de Río Chico? ¿Cómo olvidar al cultísimo Orlando Letelier, nuestro profesor de inglés? [...] Cómo no tener presente la actitud siempre amplia, siempre valerosa de Clodomiro Almeyda? Imposible no traer a cuento, en fin, a Luis Corvalán, la modestia personificada, el oído que siempre escucha, la palabra paciente que convence. Evocándolos he querido evocar lo que nosotros llamábamos, a menudo, “el espíritu de Dawson”, que es, en verdad, el espíritu de todos los campos, de todas las prisiones de Chile. El espíritu de Dawson, es decir: frente a la adversidad, la firmeza, la serenidad, la esperanza, la conducta humana común a los luchadores sociales; la lucha por sobreponerse a la prueba más feroz que pueda afrontar un revolucionario: la de la agresión fascista. El espíritu de Dawson es también, en fin, el afecto, el respeto mutuo, la imborrable hermandad que se establece entre los prisioneros.⁵⁴⁹

Percebemos, nas palavras do autor, mesmo após o duro golpe sofrido pela esquerda chilena, a persistência de um ideário político combativo, revolucionário,

⁵⁴⁷ V.R.O. Sergio Vuscovic’. Dawson. *Araucaria de Chile*, n. 16, 1981, p. 212. Esta referência resultou de uma resenha crítica do livro *Dawson*, realizada por autor de iniciais V.R.O, cujo nome não conseguimos decifrar. Acreditamos que, por vezes, alguns colaboradores das revistas preferiam não se identificar de modo a manter alguma privacidade e segurança.

⁵⁴⁸ Esta edição também foi resenhada na revista por autor de iniciais R.A. Ver R.A. Sergio Vuscovic’ Rojo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 31, p. 215-216, 1985.

⁵⁴⁹ VUSCOVIC’ ROJO, Sergio. Dawson. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, 1978, p. 75-76.

socialmente solidário, humanitário, que abasteceria a resistência ao “fascismo” e que se reproduziria, naquele momento, no único espaço possível em um Chile autoritário, a prisão política. Sergio Vuscovic’ remeteu-se a muitos companheiros da prisão em *Dawson*, intelectuais, políticos e trabalhadores com trajetórias marcantes na luta política pelo socialismo no Chile. Expressou-se, assim, no texto, a nosso ver, aquilo que Jaume Peris Blanes definiu como o estatuto coletivo das experiências narradas, marca indelével da literatura de testemunho chilena.⁵⁵⁰

De uma maneira mais ampla e abrangente, a crítica de Jaime Concha em *Araucaria de Chile*, a qual já nos referimos, buscou caracterizar os *testimonios* produzidos no Chile ou no exílio. Vejamos as características elencadas por Concha, essenciais para compreendermos os testemunhos chilenos como uma forma de resistência cultural e política à ditadura por parte das esquerdas:

Los innumerables testimonios político-literarios surgidos con ocasión del golpe militar de 1973 y sus inmediatas consecuencias participan de los caracteres mencionados: sujeto individual, testigo y a veces víctima de la misma situación que se describe; magnitud histórica en la derrota [...], y encauzamiento a través de diversos géneros o impregnación parcial de los mismos, son los ingredientes que caracterizan la actividad testimonial de los autores chilenos. [...] La primera forma de testimonio será entonces la noticia de lo que está ocurriendo. El simple y difícil acto de hacer salir una noticia del país, que dé cuenta de los abusos de la Junta, se convierte en un testimonio de inmensa valía. [...] Otras veces la experiencia sólo pudo ser narrada más tarde, en las condiciones de libertad que en Chile no regían [...].⁵⁵¹

Reforçamos, embora esteja claro na citação, que esse ensaio crítico, publicado em 1978, traçou uma caracterização geral da literatura testemunhal com base no que havia sido escrito clandestinamente no Chile nos primeiros momentos pós-golpe, assim como posteriormente, no exílio. Dentre a literatura produzida no Chile, antes de muitos escritores partirem para o exílio, Jaime Concha citou os poemas-testemunhos de Waldo

⁵⁵⁰ PERIS BLANES, Jaume. Op. Cit., 2009, p. 154-155.

⁵⁵¹ CONCHA, Jaime. Op. Cit., 1978, p. 135-136.

Rojas e de Óscar Hahn, este último prisioneiro político por vários meses após o golpe militar.

Os relatos testemunhais de Óscar Hahn sobre a experiência de 10 dias na prisão em Arica, cidade ao norte do Chile, onde trabalhava como professor pela *Universidad de Chile*, foram publicados em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*. Preso pelos militares um dia após o golpe, levaram-no de sua casa, teve livros e documentos apreendidos, e sofreu torturas e humilhações no cárcere. Foi colocado em uma cela com mais de 100 pessoas, espaço onde caberiam cerca de 10. Resulta interessante percebermos, contudo, na parte final do testemunho, como Óscar Hahn, dias depois de encontrar-se temporariamente em liberdade, descreveu a necessidade que sentiu de externar, através da poesia, os terríveis momentos experimentados na prisão:

Varios días después estoy en cama, reponiéndome. De pronto, siento algo en mi interior; algo que viene deslizándose poco a poco. Siento un poema gestándose dentro de mí. Lo siento nutrirse de mi propia sangre, de mis sueños y de mis fragmentos. Veo crecer su cuerpo hecho de palabras interiores; lo veo adquirir una fisonomía borrosa, pero ya perceptible. Entonces, tomo una hoja en blanco y me apresto a escribirlo gota a gota. Es una fuerza que pugna por hacerse presente.⁵⁵²

Essa necessidade sentida pelo poeta Óscar Hahn, que o impulsionou a redirecionar sua poesia a ponto de torná-la, naquele contexto, um instrumento de resistência à ditadura, apresentou-nos como representativa da maneira como muitas “vítimas” da repressão, não somente os escritores, engajaram-se politicamente através da escrita.

Quando Jaime Concha mencionou a expressão “magnitude histórica en la derrota”, fez referência às temáticas, presentes em muitas obras testemunhais, que explicitaram o forte impacto sofrido pela esquerda chilena com o golpe e a implantação

⁵⁵² HAHN, Óscar. Testimonio de un poeta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, p. 31.

da ditadura, como, de certa maneira, mostrou-nos a análise feita por Mario Boero Vargas, na revista *Literatura Chilena*, sobre *Prisión en Chile*, assim como nos esclareceram as análises feitas por Jaume Peris Blanes.

Um trecho do *testimonio* de Carlos Orellana foi bem representativo nesse sentido. Publicado em *Araucaria de Chile*, número 4, na seção *La Historia Vivida* - dedicada à difusão da literatura testemunhal e, principalmente, de relatos orais daqueles que sofreram com a violência da repressão -, o texto explicitou o sentimento do autor nos momentos imediatamente posteriores ao golpe, quando se encontrava preso, junto a tantos chilenos, incluindo também brasileiros e uruguaios, no Estádio Nacional, depois de ter passado alguns dias detido no Estadio Chile ao lado de ex-professores e funcionários da *Universidad Técnica del Estado*. Em dado momento, refletindo sobre a condição de todos naquele local, amontoados em repartições no interior do estádio, Orellana demonstrou seu desapontamento diante da derrota dos projetos da Unidade Popular. Em certo instante, narrou: “Murió Neruda, Corvalán fue detenido, qué es lo que todavía podría asombrarnos, herirnos más profundamente; soñar cien veces esta realidad para poder aprehenderla”.⁵⁵³ Enquanto comunista, Carlos Orellana, em meio à sucessão de acontecimentos funestos para toda esquerda chilena, lamentou profundamente a morte de Pablo Neruda e a prisão do então Secretário-geral do Partido, Luis Corvalán.

O testemunho de Carlos Orellana se inseriu em um conjunto de textos que adotaram uma forma narrativa-descritiva similar, pautada nas rememorações de seus autores acerca das situações de opressão vivenciadas por eles. Alguns *testimonios*, de modo ainda mais específico, enfatizaram a memória da violência política exercida nas

⁵⁵³ ORELLANA, Carlos. Primer mes. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 82. Este texto foi posteriormente incorporado em sua autobiografia: ORELLANA, Carlos. *Penúltimo Informe: memoria de un exilio*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2002, p. 26-35.

cruéis sessões de interrogatório, acompanhadas pelas formas mais atrozes de tortura física e psicológica, como foi o caso do mencionado *Tejas Verdes*, de Hernán Valdés. Abaixo, selecionamos longo trecho de um fragmento desse livro publicado na primeira edição de *Literatura Chilena en el Exilio*:

[...] Tengo mucho frío. Entiendo que debo apresurarme en convenir conmigo mismo mis respuestas, en reunir los elementos, tan dispersos, de una personalidad, en decidir cuáles aspectos debo mostrar y cuales debo ocultar. Pero el frío y la respiración tan entrecortada no me permiten concentrarme. [...] Siento pena de mi cuerpo. Este cuerpo va a ser torturado [...]. No seré una persona, no tendré expresiones. Seré sólo un cuerpo, un bulto, se entenderán sólo con él. [...] Me cuesta mucho respirar a través del saco. Tengo que pensar en algo, tengo que aprender lo que voy a decir. Doy por seguro que encontraron las copias de mis escritos. Esto no debe comprometerme sino a mí [...]. Sobre mi propio trabajo, está claro que trataré de presentarlo con el carácter más técnico posible. [...] Supongo que en todo este tiempo habrán examinado a fondo mis antecedentes y que habrán descubierto viajes a los países socialistas. Explicar su origen es, por supuesto, embarazoso. [...] ¿Y la literatura marxista? [...] Abren la puerta y me tiran del borde de la capucha. Camino a pasos cortos y rápidos, para no pisar los talones del que me conduce. [...] Es un coro de insultos alrededor mío, y yo giro inútilmente la cabeza de una voz a otra, ciego, extraviado. Uno de ellos se aproxima a mí, coge dos puntas de la capucha y hace un nudo fuertísimo sobre el puente de mi nariz, de modo que la mitad de la cara queda descubierta para ellos. Otro me enrosca un cable en cada uno de los dedos gordos de mis pies mojados. Hay un brevísimo silencio y luego siento un cosquilleo eléctrico que me sube hasta las rodillas. Grito, más que nada por temor. Me insultan, como escandalizados de mi delicadeza. Siento un desplazamiento de aire al lado mío y alguien me dá, con toda la fuerza de que es capaz un brazo, un puñete en la boca del estómago. Es como si me cortaran en dos. Durante fracciones de segundo pierdo la conciencia. Me recobro porque estoy a punto de asfixiarme. Alguien me fricciona violentamente sobre el corazón. Pero yo, como había oído decir, lo siento en la boca, escapándoseme. Comienzo a respirar con la boca, a una velocidad endiablada. No encuentro el aire. El pecho me salta, las costillas son como una reja que me oprime. No queda nada de mí sino esta avidez histérica de mi pecho por tragar aire. [...] Otro golpe de corriente. Los tipos se rién. No es dolor exactamente lo que produce la electricidad; sino como una sacudida interna, brutal, que pone los huesos al desnudo.⁵⁵⁴

O relato minucioso apresentado por Hernán Valdés foi composto e intercalado por diálogos que reproduziam o interrogatório, seguido das brutais sessões de tortura física e psicológica a que ele foi submetido na prisão de *Tejas Verdes*. Como se nota, o autor pautou a narrativa de seu texto testemunhal a partir da reconstrução, através da

⁵⁵⁴ VALDÉS, Hernán. *Tejas Verdes*. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, 1977, p. 17-18.

memória do ocorrido, dos instantes de tensão e intenso sofrimento como prisioneiro político. A trama restringiu-se na relação da vítima com seus “verdugos”. A linguagem de Hernán Valdés apresentou-se direta, clara, recorrendo a elementos de sua trajetória como escritor de esquerda, explicitando seus pensamentos, passo a passo, a cada momento, na sala de tortura. Relatou os choques elétricos sofridos durante o interrogatório, deixando claro seu intuito de denunciar publicamente, através da escrita, os crimes contra os direitos humanos cometidos pelo aparato de repressão das Forças Armadas chilenas após o golpe militar.

Como explicou Jaume Peris Blanes, *Tejas Verdes* levou ao limite esse tipo de construção enunciativa. O *testimonio* colocou em evidência a transcrição dos pensamentos e das sensações do próprio “narrador-personagem”, Hernán Valdés, e, à medida que avançava o relato, ele descrevia sua impossibilidade de se pensar como sujeito, “vinculándola a la emergencia de una corporalidad que, en su incontrolable materialidad, socavaba cualquier tipo de identificación subjetiva”.⁵⁵⁵

Em perspectiva muito próxima foi construída outra narrativa testemunhal de Sergio Vuscovic’ Rojo, publicada nas edições finais de *Araucaria de Chile*, na seção *Textos*. O autor, em uma trama psicologizante, relatada de modo complexo e não linear, buscou todo o tempo adotar uma postura que “separava” o corpo, a matéria que sofria com a violência da tortura, da mente, que deveria manter-se distante, o quanto fosse possível, da situação limite vivida por ele durante as sessões de interrogatório. Embora

⁵⁵⁵ PERIS BLANES, Jaume. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008, p. 70. Esse sentido da negação da condição de indivíduo, encontramos, em *Araucaria de Chile*, também no *testimonio* intitulado *Apuntes*, escrito no Chile, cujo autor o assinou sob pseudônimo, Álvaro Mulchén. No texto, Mulchén não relatou sessões de tortura em prisões, como no caso de Hernán Valdés, mas, sim, o fato de viver como clandestino em seu país, de ter de se anular enquanto sujeito o tempo todo, de maneira a escapar do sistema de vigilância e repressão da ditadura chilena. Em suas palavras, apropriando-se das observações de um suposto conhecido, Orlando, “me obligué a olvidar nombres, direcciones, números de teléfonos y perdí la memoria. A veces he llegado a sentirme planta, pero sin follaje, inerme”. MULCHÉN, Álvaro. *Apuntes. Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, 1980, p. 54.

passando por ocasiões de violência e tortura igualmente duras às relatadas por Hernán Valdés, Vuscovic' Rojo apresentou, no testemunho, uma mensagem de resistência psicológica impressionante, transferindo ao leitor um tom positivo em seu texto, mesmo diante dos atos de desprezo em relação à condição humana por parte dos torturadores. Abaixo, excerto que melhor retratou esse *testimonio*:

Durante toda la experiencia, siempre estuve consciente, centrado en mí mismo, con una actitud de [...] clarividencia y de consciente interioridad; [...] “Puchas que lo tienes chicos!”, escucho entre risotadas, mientras otro me colocaba los electrodos en la espalda. La intensificación de aquel cono de luz interior me permite verlo, en una silla oscilante [...]. La cegadora luz interior me permitía hacer transparente la venda. Sin ojos veía su presencia. A veces, el golpe de corriente me hace dar tirones involuntarios [...]. Tengo que tener confianza en mi cuerpo, que él continuará solo, como las otras veces, llevando adelante sus funciones. [...] El cuerpo aprende a cuidarse a sí mismo cuando si le abandona. [...] Sigo gritando, pero, la electricidad ya no me duele, por mucho que el otro me siga recorriendo toda la espalda con los electrodos sin interrupción. Gozo intensamente me discreta victoria. [...] Había una neta separación: él disponía de mi cuerpo y yo de mi mundo interior. [...] Los círculos concéntricos. Poner la mente en blanco. Pensar en los círculos concéntricos para no pensar en nada.⁵⁵⁶

A luz interior e os círculos concêntricos aos quais se referiu Sergio Vuscovic' Rojo foram estratégias mentais desenvolvidas pelo narrador-personagem de maneira a se manter psicologicamente forte diante da tortura sofrida. Ele, que havia sido levado, primeiramente, para *Isla Dawson*, onde permaneceu por longo tempo, foi reconduzido, após retornar de um breve exílio na Itália, a outras prisões políticas, como a de *Puchuncaví*. A capacidade de resistência adquirida pelo autor, expressa no texto, ao se confrontar com situações tão adversas, demonstrou que o presente *testimonio* resultou de sua passagem por prisões localizadas ao norte do Chile, após sua experiência em *Dawson*.

⁵⁵⁶ VUSCOVIC' ROJO, Sergio. Un viaje muy particular. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 170-173.

Um pequeno texto introdutório, publicado na revista como uma espécie de prólogo do conto-testemunho de Vuscovic' Rojo, foi escrito pelo filósofo Osvaldo Fernández, membro do Conselho Editorial de *Araucaria*. Nele, Fernández defendeu que no *testimonio* de Vuscovic' Rojo produziu-se pouco a pouco uma imagem que foi a do homem nú, vendado, diante da tortura. Essa situação exasperante provinha de um sistema de dominação, daquilo que ele chamou de “estructura de poder de un hombre frente a1 otro. [...] Situación de fragilidad del hombre reducido a su puro estar ahí, desnudo, y absolutamente amenazado, porque el poder ha llegado a1 límite de poder dar muerte al otro”. Osvaldo Fernández ressaltou a importância que um pensamento defensivo, como o do autor no *testimonio*, poderia ter em um momento de destruição de todo tipo de pensamento, “en el momento mismo del ataque final”.⁵⁵⁷

Acreditamos que as narrativas testemunhais de Hernán Valdés e Sergio Vuscovic' Rojo foram representativas de uma série de outros textos de mesmo caráter, publicados, sobretudo, em *Literatura Chilena*.⁵⁵⁸ Em *Araucaria de Chile*, mais do que a publicação dos *testimonios*, predominaram as análises críticas sobre esse gênero.⁵⁵⁹

Para além de qualquer avaliação estritamente literária, as narrativas testemunhais possuíram o aspecto político da resistência à ditadura e da denúncia direta dos crimes

⁵⁵⁷ FERNÁNDEZ, Osvaldo. Textos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, 1988, p. 167-168.

⁵⁵⁸ Destacamos os seguintes testemunhos, sendo que os dois primeiros foram assinados como pseudônimos: ROJAS, Juan. Tripulantes de la Niebla. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 23-28, 1977; ROJAS B., Juan. Estoy seguro que es de día. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 30-33, 1978; ROJAS, Germán. Los insondables senderos de la muerte. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 39, p. 27-29, 1987.

⁵⁵⁹ Sobre as críticas literárias, muitas delas resenhas, direcionadas a testemunhos de prisioneiros políticos dos mais distintos “campos de concentração”, alguns deles líderes dos partidos da UP e ex-funcionários do governo de Salvador Allende, ver: BIANCHI, Soledad. Miguel Lawner. Dos años en los campos de concentración de Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, p. 209, 1978; CARRASCO, Rolando. Jorge Montes. La luz entre las sombras. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, p. 211-212, 1981; SOTO, Hernán. Sergio Bitar. Isla diez. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 218-219, 1988. A respeito dos *testimonios* na revista, destacamos o texto do dirigente comunista Jorge Montes, outro que esteve em *Dawson*. Ao refletir sobre a origem, necessidade e utilidade de uma venda, Montes retratou os momentos de sofrimento durante sessões de interrogatório e tortura: “El día era más largo cada día. Cada minuto, interminable. Era la espera ciega como mis ojos. Traté de organizarla, proponerme metas, objetivos cercanos. La venda era mi peor verdugo. Me comenzó a doler desde el primer minuto, pero, sobre todo, desde que desperté, cuando estuve sentado. [...] Quién inventó la venda?”. MONTES, Jorge. La venda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, 1978, p. 187.

resultantes do aparato repressivo, como bem definiu o crítico e acadêmico chileno Jorge Román-Lagunas. Na edição 41-42 de *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, ele considerou o texto *testimonio* como a expressão literária contemporânea que melhor representaria a função que, de uma ou outra maneira, esteve, por diversas vezes, presente na literatura chilena e latino-americana: a “función denunciativa”. Dessa forma, segundo o autor, “el texto testimonio es una denuncia pública, un llamado a la opinión pública internacional”, possuindo um claro sentido de urgência em sua mensagem, resultante do “calor de la memoria”.⁵⁶⁰

Para parte da crítica chilena, os testemunhos não se limitaram necessariamente às narrativas em prosa, embora tenham se difundido mais intensamente sob essa forma. Também os poemas, sobretudo aqueles clandestinos, oriundos das prisões políticas no Chile, estiveram dotados da dramaticidade e da intenção de denúncia das narrativas testemunhais do exílio e dos “campos de concentração”. Em relação aos poemas de resistência do Chile, Naín Nómez ressaltou o caráter panfletário e muitas vezes anônimo de muitos deles. Segundo o autor, um dos mais significativos poemas dessa linhagem foi *Somos Cinco Mil*, também conhecido como *Estadio Chile*, escrito por Víctor Jara após ser detido no estádio homônimo.⁵⁶¹ Esse poema foi publicado na quarta edição de *Literatura Chilena en el Exilio*. Reproduzimos seus versos a seguir, na íntegra:

Aquí en esta pequeña parte de la ciudad
somos cinco mil
¿Cuántos seremos en total en las ciudades
y en todo el país?
Somos aquí diez mil manos
que siembran y hacen andar las fábricas.
Cuánta humanidad
con hambre, frío, angustia, pánico,
dolor, presión moral, temor y locura.

⁵⁶⁰ ROMÁN-LAGUNAS, Jorge. Memoria, testimonio y denuncia en la literatura chilena. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, p. 16.

⁵⁶¹ NÓMEZ, Naín. Transformaciones de la poesía chilena entre 1973 y 1988. *Estudios Filológicos*, n. 42, Valdivia, p. 141-154, sep. 2007.

Seis de los nuestros se perdieron en el
 espacio de las estrellas.
 Uno murió. Uno golpeado como jamás nunca creí
 se podía golpear a un ser humano.
 Los otros quisieron quitarse todos los temores,
 uno saltando al vacío,
 otro golpeándose la cabeza contra el muro
 pero todos... todos con la mirada fija en la muerte.
 Qué espanto causa el rostro del fascismo.
 Llevaban a cabo sus planes con precisión
 artera, sin importarles nada.
 La sangre para ellos son medallas.
 La matanza es acto de heroísmo.
 ¿Es este el mundo que creaste, Dios mío?
 ¿Para esto tus siete días de trabajo?
 En estas cuatro murallas hay un número
 que no progresa,
 que lentamente quiere más muerte.
 Pero de repente me golpea la conciencia
 y veo marea sin latidos
 y veo el pulso de las máquinas
 y los militares mostrando su rostro
 de matrona llena de dulzura.
 Y México, y Cuba y el mundo
 que gritan esta ignominia.
 Somos diez mil manos que producen.
 Cuántos somos en toda mi Patria?
 La sangre del compañero Presidente
 golpea más fuerte que bombas y metrallas.
 Así golpeará nuestro puño nuevamente.⁵⁶²

Como vemos, esses versos possuíram alto teor testemunhal, uma vez que retrataram, sob a ótica de Víctor Jara, os difíceis momentos dos presos políticos no Estadio de Chile, com clara intenção de denúncia pública. Sua visão de mundo comunista fez-se presente, rementendo-se às demais “vítimas” daquela situação como trabalhadores chilenos das fábricas, unidos pela humanidade, mas também pela fome, pelo frio, pela angústia e pelo medo. Referiu-se aos atores do golpe e da repressão instituída como “fascistas”, e encerrou o poema com a representação mítica e martirizada de Salvador Allende.

Soledad Bianchi afirmou, na revista *Araucaria de Chile*, que esse tipo de literatura chilena “se hace testimonio de la prisión o de la clandestinidad y no olvida nunca acusar y mostrar el presente para acabar con el dolor”. Analisando a antologia de

⁵⁶² JARA, Víctor. Somos cinco mil. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, 1977, p. 4.

62 poemas de autores chilenos, *La sangre e la palabra*, editada na Itália pelo professor Ignazio Delogu, a ensaísta explicou que a primeira parte da obra foi dedicada à publicação de poemas escritos nos “cárceres” da ditadura. Abriu-se essa seção com o poema de Víctor Jara, ao qual nos referimos, seguido de uma série de poemas de autores anônimos, para se encerrar com *Palabras*, do poeta Horacio Silva. Os versos deste autor mostraram, assim como no poema de Víctor Jara, possivelmente de maneira ainda mais atroz, a brutalidade dos agentes da Junta Militar para com os prisioneiros políticos:

[...]
 arrancamiento de dientes
 golpes con puños
 golpes con los pies
 golpes con las rodillas
 golpes con mangueras
 golpes con tubos
 golpes con laque
 golpes con culata
 arrancamiento de cabellos
 golpes simultáneos en los oídos
 ingestión de aguas con mangueras
 ingestión de excrementos
 ayuno forzado.⁵⁶³

Soledad Bianchi considerou este o poema “límite” da antologia *La sangre e la palabra*, uma verdadeira exposição de distintos procedimentos utilizados como forma de tortura pela ditadura chilena. Como apontou a autora, foram usadas no poema expressões sem a presença de verbo, e ainda que “nunca se da una opinión personal, la objetividad no provoca la indiferencia del lector sino que, por el contrario, las descripciones [...] duelen más y mueven a la rebeldía para que acabe esta interminable y repetida brutalidad”.⁵⁶⁴ Bianchi ainda defendeu que a literatura chilena, que se produzia naquele momento, expressava melhor os problemas do Chile em razão de adentrar,

⁵⁶³ SILVA, Horacio *apud* BIANCHI, Soledad. Poesía chilena: la resistencia y el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 7, 1979, p. 198.

⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 197.

como nunca, na realidade nacional. Grande parte dessa literatura continha elementos testemunhais, porque, segundo ela, “el testimonio es un género que se hace indispensable en ciertos momentos históricos que necesitan darse a conocer más que otros [...] la brutalidad con que se rompe, se deshace, se extingue, se mata”.⁵⁶⁵

Faz-se relevante ressaltar que os críticos chilenos de esquerda, como Soledad Bianchi, de um modo geral, “viram com bons olhos”, em *Araucaria de Chile* e em *Literatura Chilena*, a emergência significativa dos testemunhos no Chile durante a ditadura. Assim o percebemos, também, na expressão de Antonio Skármeta, ao concebê-los, esteticamente, como possuidores de uma “estructura eminentemente informativa sobre una experiencia personal”, e que, a seu ver, “constituye una de las manifestaciones más recurridas e interesantes de la literatura post-golpe”.⁵⁶⁶ Com semelhante reconhecimento da profusão de *testimonios* no exílio e de sua importante função literária de resistência cultural e política durante o pinochetismo, escreveu o crítico Guillermo Araya na revista *Literatura Chilena, Creación y Crítica*:

Personas que nunca habían escrito lo hacen ahora por centenares. Quieren desesperadamente contar lo que vieron o sufrieron. Quieren manifestar sus sentimientos y sus angustias. Novelas, cuentos, dramas, poemarios y ensayos se editan en los países más diversos [...]. A los escritores propiamente tales se ha sumado así una falange nutrida de personas impulsadas a escribir por su situación de desterrado y de víctima de los regímenes dictatoriales. La literatura de testimonio ha cobrado así un gran vigor.⁵⁶⁷

Em razão do caráter de urgência que a literatura adquiriu naquele contexto, foi uma tendência, nas revistas, a veiculação de posicionamentos favoráveis a um tipo de

⁵⁶⁵ Ibid., p. 194.

⁵⁶⁶ SKÁRMETA, Antonio. Narrativa chilena después del golpe. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 150.

⁵⁶⁷ ARAYA, Guillermo. Destierro y autodesmierro en la literatura hispanoamericana. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 17, 1981, p. 12. Este texto foi escrito por Guillermo Araya para sua participação nas *Jornadas Culturales Chilenas*, ocorridas em Los Angeles, Estados Unidos, em fevereiro de 1980. A respeito desse encontro, ver Capítulo 3, tópico 3.1.

linguagem que se expressasse de maneira simples, direta e explícita no que diz respeito à violência política do governo de Augusto Pinochet.

Nesse sentido, em colaboração à revista *Araucaria de Chile*, Fernando Alegría apontou para o fato do gênero novela ter se “convertido” em crônica no Chile e nos demais países da América Latina não pela simples vontade dos novelistas, mas em razão das exigências da impostergável luta dos povos latino-americanos em defesa de seu direito a sobreviver. Em consonância com os demais ensaios e críticas literárias publicados em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, Alegría relacionou o crescimento na produção dos *testimonios* no Chile, após 1973, às condições históricas que ora se apresentavam. Tais textos consistiram, portanto, em uma possibilidade cultural para “novelar la tragedia de un golpe militar, los dramas de la resistencia y los desgastes del exilio [...]”.⁵⁶⁸

Em nosso modo de ver, o que esteve subjacente à interpretação de Fernando Alegría a respeito da prevalência de um tipo de literatura sobre outro foi a valorização de certos gêneros literários, incluindo o testemunho, enquanto possibilidade efetiva de associação entre o fazer literário (aspecto estético) e a denúncia política (aspecto ético). As proposições formais e políticas da literatura pelo escritor comprometido, segundo ele, constituíam-se igualmente válidas, pois “si su crónica convence será porque su arte es grande, tan grande como su voluntad de acción. Y valdrá la pena ocuparse de ella, difundirla y defenderla”.⁵⁶⁹

A resenha crítica do livro *La ciénaga* (1975), de Matilde Ladrón de Guevara, feita pelos editores de *Literatura Chilena en el Exilio*, evidenciou a importância dada à linguagem viva da literatura de testemunho. Não se deveria exigir do livro de Ladrón de

⁵⁶⁸ ALEGRÍA, Fernando. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, 1982, p. 118.

⁵⁶⁹ Ibid., p. 119.

Guevara, necessariamente, virtudes técnicas da escrita, pois não era este o aspecto que realmente importava no texto. Na resenha, indagou-se acerca da importância estrita da qualidade formal da escrita, diante da sua utilização premente enquanto forma de resistência e, mesmo, podemos dizer, de sobrevivência:

Se comprende el amplio interés que ha despertado esta vigorosa novela de Matilde Ladrón de Guevara. Escrita bajo el fuego cruzado de la violencia política chilena de 1973, sorprende por su fondo documental lleno de apasionantes detalles e inesperadas revelaciones. El lector de la literatura chilena en el exilio verá aquí una novela en clave: identificará personajes, comprobará heroísmos [...], seguirá de cerca a la autora en su dolorosa y airada búsqueda de la razón del drama. El crítico literario, por su parte, verificará una vez más cuán difícil es el arte del testimonio novelesco. Porque, naturalmente, Matilde Ladrón de Guevara está demasiado cerca de la tragedia. Describe con pericia, pero también protesta, denuncia y condena con elocuencia. Su voz, a ratos lírica y, a ratos, tribunicia e histórica, es la voz de una mujer que reacciona con valentía y dignidad herida por los golpes de la dictadura. Sus personajes son más que individuos. Representan el sufrimiento de un pueblo, el estoicismo de quienes caen y se levantan para seguir combatiendo. No es posible aplicarle a esta obra estrictos cánones literarios. ¿Cómo pedirle técnica a un alegato de vida o muerte? Estilo, si lo tiene, ejemplar, vibrante, muy de acuerdo con la riqueza de su carrera como poeta y prosista.⁵⁷⁰

Com um viés interpretativo muito próximo a essa perspectiva, Juan Armando Epple, em sua resenha do livro *Las malas juntas* (1978), do escritor chileno Leandro Urbina, observou a importância da narrativa intensa, direta e precisa dos contos presentes na obra. Na análise feita, publicada em *Literatura Chilena en el Exilio*, número 14, e *Araucaria de Chile*, número 6, Epple defendeu que o mérito literário de Urbina foi o de possuir uma linguagem “alejado de tentaciones retóricas y de preocupaciones por acrecentar la figura del narrador, buscando en cambio despejar el camino para dejar fluir con mayor nitidez la historia”. Para o crítico chileno, portanto, a importância da obra de Leandro Urbina consistiu na capacidade que ele demonstrou de se aproximar, com sua trama ficcional de corte testemunhal, da experiência do vivido,

⁵⁷⁰ LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Matilde Ladrón de Guevara. La ciénaga. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, 1978, p. 36.

en este íntimo acto de rescatar el mundo inmediato a través de la memoria, la base necesaria para ir descubriendo la realidad. Contar cómo fueron las cosas es, nuevamente, un requisito para que esa lectura significativa del mundo que es la literatura tenga una base firme.⁵⁷¹

Sobre a obra de Leandro Urbina, expressou-se de maneira similar o escritor e poeta chileno Jorge Narváez, para quem a linguagem dos contos de *Las malas juntas*, “dentro del estilo del realismo dominante, es suelto y coloquial. [...] Nos hace palpar la realidad chilena y despierta la conciencia sobre ella [...]”.⁵⁷²

O esclarecimento acerca de uma “verdade histórica” relativa à repressão, não assumida pelo discurso oficial da ditadura pinochetista, tornou-se uma das principais missões políticas dessa literatura fundamentalmente engajada. De acordo com Lucía Cunnighan, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, número 29, na produção literária chilena, “el testimonio ha surgido como una respuesta vivencial a la imposición del poder, la vigilancia y la tortura”. Sua primeira condição era a necessidade de fixar em palavras aquilo que foi visto e vivido pelo autor em uma situação humana terrivelmente insólita, dando a conhecer “un sector oculto de la realidad otorgando a la experiencia subjetiva una trascendencia de alto valor histórico”.⁵⁷³ A perspectiva de realidade histórica, interpretada pela esquerda chilena para os testemunhos, similarizou-se com o que Jorge Román-Lagunas entendeu a respeito desse gênero que ele chamou de híbrido, e que, portanto, estaria na metade do caminho entre a ficção e a história.⁵⁷⁴

A nosso ver, as análises em questão nas revistas remontavam à perspectiva mais ampla do velho e recorrente debate em torno à “arte engajada” e à “arte pura” ou “arte

⁵⁷¹ EPPLE, Juan Armando. José Leandro Urbina. *Las malas juntas*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 6, 1979, p. 220-221; *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 14, p. 31.

⁵⁷² NARVÁEZ, Jorge. José Leandro Urbina. *Las malas juntas*. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, 1979, p. 35.

⁵⁷³ CUNNIGHAN, Lucía. Vigilancia y confesión en Abel Rodríguez y sus Hermanos. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 7.

⁵⁷⁴ ROMÁN-LAGUNAS, Jorge. Op. Cit., p. 15.

pela arte”, presente na América Latina pelo menos desde as vanguardas artísticas e literárias da década de 1920. A questão de fundo dizia respeito ao posicionamento ou não frente aos aspectos sociais e políticos, que variavam de acordo com o momento, os contextos e as experiências individuais dos envolvidos nos movimentos vanguardistas.⁵⁷⁵ Esse debate ganharia força na década de 1930, com o acirramento das lutas ideológicas em torno ao nazi-fascismo, ao comunismo, ao socialismo e ao liberalismo, assim como nas décadas de 1960 e 1970, após o impacto da Revolução Cubana no continente latino-americano.

Acreditamos que retomar essa discussão nas revistas e remetê-la a uma pretensa ideia da verdade na obra literária fazia todo sentido naquela conjuntura histórica chilena, pensando, sobretudo, na postura de enfrentamento das esquerdas, pelo viés cultural, em relação à ditadura. Assim, entendemos que esse tipo de interpretação forjou-se de maneira coerente com a trajetória de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* enquanto bens culturais de resistência política no exílio.

A leitura de Fernando Alegría quanto à literatura de testemunho não deixou dúvidas a respeito de sua posição em relação a esse debate. Mais uma vez, em *Literatura Chilena*, sobre os *testimonios* surgidos a partir de setembro de 1973, ele afirmou que “la severidad espeluznante de los hechos contados es tan filosa que no admite regodeos retóricos de ninguna clase” por parte dos escritores. Não se deveria, defendeu o autor, cair na literatura pela literatura.

Tal ideia foi apresentada por Alegría a partir da análise que desenvolveu sobre o livro do escritor Ilario Da (pseudônimo), *Relato en el frente chileno* (1977). O crítico chileno enfatizou o talento de um escritor que, surgido no contexto ditatorial em razão

⁵⁷⁵ SCHWARTZ, Jorge. Introdução. In: SCHWARTZ, Jorge (org). *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP/Edusp, 1995, p. 35-36.

de se opor ao *status quo* político através da literatura, conseguiu aliar, em sua obra testemunhal, técnica literária com compromisso político:

Ilario Da, a los 21 años, ha escrito un libro memorable, clásico, a la altura de los más conmovedores documentos literarios antifascistas del siglo veinte. Da es un narrador nato, que maneja los resortes de la estructura novelesca con maestría instintiva, que nunca se deja dominar por el lenguaje y que va creando un suspense irresistible, porque de suspense está hecha su vida. [...] Ilario Da lo dice con sencillez, con arte natural, con todo el poder de la resistencia de quien cayó a los 18 años, fue arrastrado de un campo a otro de torturas, hasta que los conoció todos, soportó cuanto suplicio físico y psicológico le aplicaron los expertos de la contra-insurgencia, y vivió y sobrevivió para contar el cuento con voz varonil, noble, plena de juventud y confianza en el triunfo final.⁵⁷⁶

Fernando Alegría observou as etapas pelas quais a literatura política e testemunhal chilena passou desde o golpe. Em suas palavras, “la narrativa testimonial del propio sacrificio cede poco a poco a un balance entre líneas de las causas de la tragedia y a una constatación de un profundo cambio de conciencia en las víctimas.”⁵⁷⁷ Posterior à literatura testemunhal de caráter emergencial e de denúncia, portanto, surgiu uma vertente da narrativa política chilena que recortou como eixo temático não mais a urgência da denúncia, a despeito dela ainda existir, mas, sobretudo, reflexões sobre o “destino de Chile y sobre el destino de una vida colectiva después de 1973”.⁵⁷⁸

Essa outra vertente ocasionou linguagens mais ficcionais, metafóricas e alusivas, que estavam presentes em algumas obras publicadas no exílio ao longo da década de 1980, como *No pasó nada y otros relatos* (1985), de Antonio Skármeta, e *Viudas* (1987), de Ariel Dorfman. Assim, a possibilidade de narrar a trágica experiência da repressão adquiriu um sentido, em geral, mais metafórico na utilização da linguagem e

⁵⁷⁶ ALEGRÍA, Fernando. Ilario Da, Relatos en el frente chileno. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, 1978, p. 34.

⁵⁷⁷ Ibid., p. 34.

⁵⁷⁸ MEMORIACHILENA, Biblioteca Nacional Digital de Chile. Literatura chilena en el exilio (1973-1985). Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3555.html>. Consultado em 28/05/2015.

não tão explícito em relação ao autoritarismo da ditadura, resultando na diversificação cada vez maior da literatura de resistência política que não se ateve, obviamente, aos *testimonios*.⁵⁷⁹

Embora esse não seja o nosso recorte de análise neste capítulo, dedicado especialmente à literatura de testemunho, consideramos importante mostrar, ainda que sumariamente, que a crítica chilena nas revistas se preocupou em dar conta, mesmo reconhecendo limites nessa difícil missão, de uma literatura política ampla, diversificada e complexa produzida durante a ditadura.

Jaime Giordano apresentou, em *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, um ensaio denominado *Literatura y exilio*, em que buscou abarcar, de maneira ampla, o movimento da literatura chilena de resistência política durante a ditadura, movimento do qual a literatura de testemunho foi parte integrante, uma das facetas em meio ao rico e variado processo de criação literária. De acordo com o autor, no Chile, dada a censura estabelecida, predominou uma espécie de literatura “neobarroca”, determinada pela necessidade de não se poder dizer as coisas diretamente.⁵⁸⁰ Dessa forma, teriam se desenvolvido “formas alegóricas, símbolos históricos del pasado, ambigüedad del discurso”. Tal manifestação literária predominante no país não obteve maior expressão no exílio, em que “la narrativa va desarrollando un narrador casi cronístico, muchas veces testimonial [...] lo que no significa que no exista el testimonio en Chile”. Citando alguns escritores chilenos no exílio e percebendo o potencial desenvolvimento dos *testimonios* chilenos e latino-americanos, afirmou que

⁵⁷⁹ STREJILEVICH, Nora. *El arte de no olvidar: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90*. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

⁵⁸⁰ A esse respeito, Juan Carlos Lértora publicou, na revista *Literatura Chilena*, artigo de caráter teórico, sob a ótica da linguística, sobre a função, as estratégias e os possíveis efeitos do discurso literário feito em um contexto de censura. Ver LÉRTORA, Juan Carlos. Rasgos formales del discurso censurado. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, p. 7-9, 1985.

Carlos Droguett, Fernando Alegría, Volodia Teitelboim, Poli Délano, Antonio Skármeta, Guillermo Atías, Claudio Giamoni presentan una visión del espacio narrativo que oscila entre la confusión existencial y la voluntad testimonial de dar cuenta de una trampa personal o colectiva. Los documentos testimoniales directos, como los de Hernán Valdés, Alejandro Witker, Jorge Montes, son recuentos que se inscriben en un género narrativo de amplio desarrollo y promesa en Latinoamérica. Generalmente tratan de la vida en prisión, entre la soledad y la tortura.⁵⁸¹

Também Manuel Alcides Jofré, crítico e acadêmico chileno, escreveu sobre os distintos caminhos tomados pela literatura chilena de resistência política, sobretudo a que se criou no Chile sob a ditadura pinochetista. Publicado em *Araucaria de Chile*, número 39, o texto de Manuel Jofré versou sobre as diferenças predominantes entre a literatura produzida no Chile e aquela criada no exílio. Dentre as principais distinções, encontraram-se, neste último caso, as referências explícitas ao golpe e à ditadura militar, e, por razões relativas à censura, a mensagem implícita nas obras oriundas do Chile, ainda que o diálogo com o contexto autoritário estivesse, de algum modo, sempre presente.

A análise da literatura realizada no país contemplou os personagens, a linguagem utilizada pelo escritor, enfim, as diferentes formas de relação da obra com seu contexto histórico. Em linhas gerais, o autor afirmou que a linguagem dos escritores no Chile se fez fortemente simbólica, metafórica, aludindo à realidade mediante referências indiretas. Por vezes, a personalidade das personagens, nos textos literários, aparecia fragmentada, o que poderia corresponder “a las numerosas escisiones de la sociedad chilena misma”.⁵⁸² Nesse sentido, Manuel Jofré mencionou, por exemplo, dentre tantas obras, o livro *Lumpérica* (1983), de Diamela Eltit. Contudo, completou o

⁵⁸¹ GIORDANO, Jaime. Literatura y exilio. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, 1984, p. 6.

⁵⁸² JOFRÉ, Manuel Alcides. Novela chilena del interior. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 39, 1987, p. 136.

autor, também foi utilizada no Chile a linguagem direta dos *testimonios*, constituindo-se, assim, em uma literatura clandestina de denúncia.⁵⁸³

Sobre a poesia chilena - ainda que a análise, feita no início da década de 1980, não possuísse ainda uma visão mais abrangente -, o crítico Marcelo Coddou apontou também para o seu dinamismo temático e estético após 1973, acompanhando “lo que han sido las variaciones en la situación [política] chilena”. Se, em um primeiro momento, “la tarea que el poeta sintió como suya casi de forma exclusiva fue combatir por los medios más directos el régimen de la Junta Militar, luego se ha abierto a otras instancias, en que el enfrentamiento asume modalidades nuevas”. Contudo, concluiu o crítico chileno, ressaltando o impacto provocado nesse âmbito com o golpe militar, “se puntualiza aquí una actitud que será dominante en la literatura chilena toda desde el 73, en que el hecho histórico determinó tanto los contenidos temáticos de sus obras como la potencialidad integral de la palabra poética y la perspectiva que ella instaura”. Assim, Marcelo Coddou, ao referir-se aos primeiros momentos da poesia chilena após setembro de 1973, afirmou que nesse instante de desconcerto, dor e medo, veio logo o canto aos heróis, “a los caídos con dignidad y valentía en los combates de la Resistencia”,⁵⁸⁴ perspectiva que, a nosso ver, assemelhou-se à poesia nerudiana, quando pensamos em *Canto General*.

Nesse sentido, a modo de exemplo, que, por sinal, mostrou-se coerente com o editorialismo programático da revista e sua aproximação com os valores da cultura política socialista no Chile, *Literatura Chilena* publicou um poema de seu diretor e editor, David Valjalo, intitulado *Biografía mínima de Salvador Allende, para ser leída en voz alta el 11 de septiembre*. A autoria do poema e seu título, por si só, já diziam muita coisa. Seus versos confirmariam o tom que o título sugeria, dando vazão à

⁵⁸³ Ibid., p. 139.

⁵⁸⁴ CODDOU, Marcelo. Poesía chilena en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, 1981, p. 103-104.

elevação mítica e martirizada da imagem do ex-presidente Salvador Allende, à exaltação de seu caráter, de sua liderança política junto ao povo chileno e à luta popular. Em essência, David Valjalo ressaltou poeticamente o viés da resistência política da mais acabada personificação de um projeto socialista a que se almejava atingir:

Allende Gossens, Salvador, nativo
de la fértil provincia señalada.
De edad 65, edad marcada.
Doctor en medicina, su motivo.
La lucha popular, el sustantivo.
El verbo similar a llamarada.
El pueblo que esperó su madrugada
te dió la presidencia al rojo vivo.
Con tu honradez de sol, alta la frente,
para encontrar la patria que confía
diste tu vida y hoy nos das tu muerte.
La historia se detiene con tu nombre.
El 11 de septiembre al medio día
Allende muere, como muere un hombre.⁵⁸⁵

Pensamos que se David Valjalo não tivesse um mínimo de afinidade política com Salvador Allende e tudo o que o ex-presidente significou enquanto líder político socialista, incluindo o sentido que ele, mais do que ninguém, representou, que foi o da “via chilena para o socialismo”, jamais teria escrito um poema desse porte e tampouco o teria publicado na revista que dirigia. Com esse tipo de filiação política, acreditamos ser evidente que o editorialismo programático de *Literatura Chilena* tenha se orientado por uma perspectiva semelhante, como tentamos argumentar até aqui neste trabalho, inclusive na fase em que a revista teve como diretor o engajado intelectual de esquerda Fernando Alegría.

A propósito, o entendimento deste intelectual em relação à função da literatura chilena e latino-americana, sobretudo em tempos de ditaduras militares, torna-se

⁵⁸⁵ VALJALO, David. Biografía mínima de Salvador Allende, para ser leída en voz alta el 11 de septiembre. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, 1983, p. 22. Esse poema já havia sido publicado na contra-capa do número 14 de *Literatura Chilena en el Exilio*, de 1980, como uma espécie de epígrafe dessa edição.

fundamental para a nossa compreensão de como teria se projetado o editorialismo programático que orientou a seleção e publicação, por parte do conselho editorial, da crítica e textos literários na revista *Literatura Chilena*. Essa ideia seria igualmente válida em *Araucaria de Chile*, revista na qual Alegría tanto contribuiu, expressando-se da seguinte maneira:

Literatura para mí no es solamente un cuerpo de narrativa, dramaturgia, poesía o ensayística, que adquiere su estructura y su ambiente vital por el simple peso de su testimonio creativo. Es algo más, o quizá sea mejor decir, algo diferente. Debe serlo si por creación estética entendemos un modo de comunicar una visión crítica del mundo en que vivimos y la tentación sagrada de actuar sobre ese mundo para desconstruirlo y reconstruirlo de manera que se aproxime a las imágenes en las cuales quisiéramos mirarnos integralmente. Es posible concebir una literatura sin ideología? Me parece dudoso y, acaso, más dudoso aún imaginar a un creador literario que escriba al azar, como decir, siguiendo la dirección de los vientos.⁵⁸⁶

A interpretação de Fernando Alegría acerca da função da literatura foi explicitada também em seu livro *Literatura y revolución*, publicado em 1971.⁵⁸⁷ O debate sobre o conflito entre os valores políticos e estéticos na literatura tornou-se frequente nas críticas do escritor, publicadas em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Nelas, como já foi possível perceber em nossas análises anteriores e no trecho supracitado, Alegría não hesitou em apontar para a junção de ambas as possibilidades em razão, como ficou evidente, de não haver uma criação literária estética pura e simples, sem se pautar por vínculos ideológicos. Diríamos mesmo que, em virtude da conjuntura histórica do Chile a partir de setembro de 1973, a função política da

⁵⁸⁶ ALEGRÍA, Fernando. Op. Cit., 1982, p. 113.

⁵⁸⁷ Destacamos *Literatura y revolución*, de Fernando Alegría, como fonte relevante na qual o autor explicitara sua posição a respeito da literatura em vertente próxima à colocada aqui a partir das revistas, embora o contexto de produção da obra tenha sido outro, anterior ao golpe militar de 1973. Nesse livro, ele analisou variados aspectos da narrativa e da poesia latino-americana. Ver ALEGRÍA, Fernando. *Literatura y revolución*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971. Em suas memórias, Alegría também indicou sua posição sobre a literatura, postulada desde o final dos anos 1930: “la narrativa debería ser un documento denunciador, llamando de atención hacia los más graves y urgentes problemas sociales dirigidos a las masas lectoras como excitante a la acción inmediata”. ALEGRÍA, Fernando. *Una especie de memoria*. México: Editorial Nueva Imagen, 1983, p. 116.

literatura, em Fernando Alegría, realçava-se em importância se confrontada com a discussão em torno à compatibilidade entre a estética e a política. Para esse intelectual, portanto, pelas leituras que fizemos de seus textos nas duas revistas, o elemento estético esteve condicionado à instrumentalização da literatura como bem cultural de resistência política à ditadura, embora a questão formal do texto literário, ressalvemos, não tenha sido desprezada em hipótese alguma por ele, pelo contrário.

Grande parte das críticas publicadas nas revistas creditou à literatura uma função pública primordial, que deveria ser compatível com o compromisso político dos escritores de resistir e combater em prol do retorno à democracia no Chile. As análises que buscamos realizar acerca da literatura de testemunho tiveram como questão de fundo a função política da literatura diante de uma conjuntura autoritária sem precedentes na história do país, se tomarmos em conta os desaparecimentos, as torturas e o exílio massivo.

A importância dada à literatura política em *Literatura Chilena*, em suas duas fases, foi significativa. A revista não somente debateu em demasia sobre a literatura do pós-golpe, como, através de seus diretores Fernando Alegría e David Valjalo e de seus principais editores, patrocinou encontros culturais no exílio e deu amplo espaço à repercussão de pelo menos dois deles, como apresentamos no Capítulo 3, as *Jornadas Culturales Salvador Allende* e as *Jornadas Culturales Chilenas*. Na primeira, houve um colóquio denominado *Literatura chilena de la resistencia y el exilio* e um outro específico sobre os *testimonios*. Contaram com a participação de Fernando Alegría, David Valjalo, Poli Délano, Alejandro Witker, Antonio Skármeta, Jaime Concha, Jaime Valdivieso, dentre outros colaboradores importantes da revista. O enfoque da segunda *Jornada* foi ainda mais na literatura de resistência política, e também contou com mesas

específicas para se debater o *testimonio*, a poesia e o ensaio. Fernando Alegría e David Valjalo foram dois dos principais coordenadores desse evento nos Estados Unidos.⁵⁸⁸

Araucaria de Chile, mais do que *Literatura Chilena*, concedeu espaço a argumentos de intelectuais chilenos e latino-americanos que buscaram responder diretamente sobre o que entendiam por literatura. Esse foi o caso do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano. Em entrevista, ele explicou sobre algumas de suas produções literárias, assim como se expressou sobre o ato de escrever e sobre o que pensava a respeito de uma literatura política e revolucionária. Obviamente, suas respostas estiveram condicionadas à pauta dos questionamentos feitos pelos entrevistadores, Maria Sandblad y Guío Darecy, que, de maneira recorrente, indagaram-no sobre suas posições acerca da política na literatura.

Em linhas gerais, Eduardo Galeano afirmou que para que a literatura fosse de fato revolucionária e cumprisse a função social que se esperava, ela deveria se apresentar com uma linguagem clara e atrativa para os leitores, possuindo, portanto, uma capacidade de comunicação que extrapolasse o que ele chamou de “las paredes de la parroquia”. Caso contrário, seria “una literatura cobarde”, porque se dirigiria a um público que estaria de antemão “dispuesta a recibir lo que recibe”.⁵⁸⁹

Subentende-se, com esse posicionamento, que Galeano defendia uma postura ativa no espaço público do escritor através de sua obra. Ele entendia que toda literatura era política, no sentido de que “tiene que ver con la libertad y la dignidad humana y, en consecuencia, con todo lo que lastima, hiere, mutila o mata a esa libertad, a esa

⁵⁸⁸ A divulgação da programação dos dois encontros pode ser conferida em: LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Programa de las Jornadas Salvador Allende. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 20-21; LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. En nuestro tercer aniversario. *Literatura Chilena en el Exilo*, Los Angeles, n. 13, 1980, p. 31. Alguns debates dos encontros, publicados na revista, foram contemplados em nossas análises.

⁵⁸⁹ GALEANO, Eduardo. Conversación con Eduardo Galeano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 3, 1978, p. 93.

dignidad”,⁵⁹⁰ em uma referência direta às ditaduras militares do Cone Sul. Em seguida, complementou sua ideia, com uma clara linguagem de esquerda:

Me niego a compartir la fracturación de la condición humana que hace el orden burgués, cuando dicen que hay una literatura política, otra de la vida interior, una literatura de amor, otra de los problemas sociales, así como la derecha dice que hay un alma y hay un cuerpo, que hay trabajadores manuales e intelectuales.⁵⁹¹

O direcionamento crítico à pretensa separação entre literatura e política, exercida supostamente por literatos politicamente vinculados à direita, foi feito também por Antonio Skármeta. Na edição seguinte da revista, a de número 4, ele qualificou de apolítica, reacionária e alinhada à direita chilena pinochetista toda uma literatura produzida no Chile, durante a ditadura, que não se posicionava criticamente à situação do país, tentando apartar a estética das questões políticas em sua produção ficcional.⁵⁹²

Por sua vez, ainda em *Araucaria de Chile* (edição de número 10, 1980), Ariel Dorfman ponderou sobre o fato de se evitar negligenciar, por parte dos escritores e artistas, valores relevantes que a produção cultural deveria ter, incluindo aí os elementos formais, estéticos e uma mensagem para além da denúncia política. Todavia, Dorfman enfatizou a necessidade de uma criação literária e artística combativa, em um primeiro momento, dada as circunstâncias urgentes de repressão política e da eminente busca pela democracia no Chile. Em suas palavras,

hoy, lo que está a la orden del día es luchar por la libertad, que surge como algo básico y previo a cualquiera otra ambición o escaramuza. [...] Entendemos que la tarea más apremiante es liquidar a la dictadura [...]. Esto conlleva una tendencia peligrosa a subordinar el trabajo intelectual a la propaganda, a la agitación, a la denuncia, pero en un primer momento [...] se aduce que los otros requerimientos pueden relegarse a tercer plano para

⁵⁹⁰ Ibid., p. 85.

⁵⁹¹ Ibid., p. 86.

⁵⁹² SKÁRMETA, Antonio. Narrativa chilena después del golpe. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, 1978, p. 149-167.

concentrarnos en la resolución de las emergencias. Cuando el barco se está yendo a pique, se argumenta, no vamos a ponernos a discutir de qué color pintar la cubierta.⁵⁹³

A utilização do trabalho intelectual de modo a se posicionar contrariamente à violação das liberdades, praticada pela ditadura chilena, tornava-se a tarefa central, antes mesmo de qualquer aprimoramento formal da escrita ou das artes. Ideia similar se fez presente em Jaime Concha, no momento em que ele, a partir de uma chave de leitura que primou pelo valor ético e histórico dos testemunhos, considerou que a principal função desse gênero, bem como da literatura como um todo, materializar-se-ia tendo em conta a situação em que “el sufrimiento de un pueblo se hace general, cuando se ve morir a amigos y a seres queridos, cuando uno es mutilado de su propio país [...] sin tierra y sin horizonte”. Defendeu que a literatura e as artes seriam depositárias dos desejos mais nobres dos homens, e, sendo assim, “es posible que ellas, en estas grandes ocasiones funerales, alienten e impulsen una vez más al trabajo político.”⁵⁹⁴

Acreditamos, portanto, que os argumentos utilizados por Ariel Dorfman e Jaime Concha contemplaram a ideia central acerca da proeminência da função pública da literatura chilena, destacadamente presente nos discursos de *Araucaria de Chile* não somente a respeito dos testemunhos, mas concernente à literatura de resistência política em geral. A própria revista manifestou-se a respeito através do editorial do número 27, ao destacar o papel da cultura na luta contra o “fascismo” de Augusto Pinochet, entendendo que seu governo seria a negação das manifestações artísticas. Ao especificar sobre a função da literatura, expressou-se de maneira a condensar coerentemente os argumentos que predominaram em suas páginas:

⁵⁹³ DORFMAN, Ariel. El Estado chileno actual y los intelectuales. *Araucaria de Chile*. Madrid: Ediciones Michay, n° 10, 1980, p. 38-40.

⁵⁹⁴ CONCHA, Jaime. Op.Cit., 1978, p. 147.

Un poema, ha dicho alguien, y es cierto, no tiene el poder, en tanto tal, de erradicar la miseria, eliminar la opresión, derribar a un dictador. Pero la poesía, manifestación creadora de la sensibilidad y de la inteligencia, siembra gérmenes en la conciencia del hombre que le permiten ver más y mejor en su entorno, separar las luces de las sombras, aprender a marchar desde la belleza hasta la verdad. La poesía, por otra parte, así como todas las otras formas del quehacer cultural, suman a su poder movilizador en el Chile del presente, el signo del consenso: aglutinan, unen, liman diferencias. Y esto es, quizá, en este 1984 de luchas populares en ascenso, lo más importante.⁵⁹⁵

A revista animava-se com o contexto de manifestações populares contra a ditadura através das *Protestas Nacionales*, e percebia na literatura uma ferrementa de conscientização das massas e de aglutinação em torno às lutas comuns pelo retorno à democracia no Chile.

Não obstante, opiniões divergentes sobre a literatura tiveram espaço em ambas as revistas. Em *Literatura Chilena en el Exilio* (número 11, 1979), o crítico Marcelo Coddou defendeu a importância de uma literatura política, mas sem que essa condição, ponderou, prejudicasse a composição estética de uma obra literária. O valor formal da obra não deveria estar, em sua ótica, subjugado à ideologia e à política, muito embora defendesse a relevância ética do escritor de resistir à ditadura no Chile.

No nosso entender, tratou-se de uma perspectiva que diferiu, em parte, em relação às ideias literárias e políticas predominantes nos textos publicados em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. A posição majoritária dos críticos entendia que a literatura tinha o papel precípua, naquele momento de repressão política, de resistir e denunciar os crimes contra a humanidade cometidos pela ditadura. Embora nenhum deles negligenciasse o valor estético da literatura, esta não foi uma ponderação que necessariamente a fizessem. Acreditamos que a valorização dos testemunhos enquanto gênero literário tradicional, válido e certamente necessário no Chile, após 1973, foi resultado dessa corrente.

⁵⁹⁵ ARAUCARIA DE CHILE. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, 1984, p. 5.

Marcelo Coddou, se, em um primeiro momento, reconheceu o papel que a literatura testemunhal cumpriu no Chile nos primeiros anos pós-golpe, construiu, na sequência, podemos interpretar, críticas indiretas ao gênero, ao apontar para o caráter ideológico e meramente reducionista de um tipo de narrativa de “episódios impactantes”.⁵⁹⁶ Nesse sentido, afirmou:

Para estos escritores chilenos en el exilio [citando, por exemplo, Fernando Alegría e Antonio Skármeta] son exigencias de la hora las que les obligan a centrar su atención en las inmediatas concreciones históricas del mundo en que viven, tan absolutamente urgidas, de denuncia y de protesta. Son imperativos éticos y políticos los que marcan para ellos la validez de los contenidos temáticos de sus obras. Entre los mejores, sin embargo - quiero decir los más conscientes del trabajo propiamente literario -, dignificar tal dimensión esencial no les lleva a asentar que la literatura se mida y se salve por la índole de su temática. Saben y postulan, los más implícitamente, que la honda verdad de la literatura existe mediante el acto poético - productor, que eleva tal contenido a forma, por el dominio eficaz de la materia instrumental: el lenguaje, la palabra.⁵⁹⁷

Crítica literária semelhante à de Marcelo Coddou foi feita por Hubert Cornelius, ao resenhar o livro *Joven narrativa después del golpe* (1976), antologia organizada pelo escritor Antonio Skármeta no exílio. Embora também compreendesse a premência da criação literária próxima à realidade política chilena naquela conjuntura, ao apontar, por exemplo, para uma valorosa literatura que “parece ir emparentándose con el testimonio”, Hubert Cornelius acreditava, todavia, que esse compromisso com a realidade tornar-se-ia mais eficaz e criador, do ponto de vista da qualidade formal e literária, quando existisse “una fuerza imaginativa dispuesta a ejercer sus fueros, a romper con las limitaciones de las cosas ya establecidas”. Em outras palavras, a literatura não poderia limitar-se ao relato testemunhal, à linguagem simples e direta,

⁵⁹⁶ Essa última expressão entre aspas foi extraída de outro texto crítico de mesmo tom de discussão, publicado anteriormente em *Literatura Chilena en el Exilio*, fruto de sua resenha do livro *Las malas juntas*, de José Leandro Urbina. CODDOU, Marcelo. José Leandro Urbina. *Las Malas Juntas. Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 9, 1979, p. 33.

⁵⁹⁷ CODDOU, Marcelo. Narrativa chilena en el exilio: notas de aproximación. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 11, 1979, p. 9.

mas, sim, construir-se de maneira criativa e com maior “libertad para entenderse con la realidad”.⁵⁹⁸

Críticas ainda mais contundentes a uma literatura altamente política, como os testemunhos, foram feitas pela escritora e jornalista chilena Virginia Vidal, em *Araucaria de Chile* (número 18, 1982). Na seção *Notas de Lectura*, mais do que as análises estritas da obra *El jardín de al lado* (1981), do escritor chileno José Donoso,⁵⁹⁹ interessa-nos, especialmente, a parte em que a autora contrapõe a qualidade formal e temática desse livro às limitações literárias dos *testimonios*. Segundo ela:

Esa novela [...] es el rechazo a todas las obras que se limitan a la relación del dolor y de los hechos. Es la saturación y la renuncia de editores y público - aún de los protagonistas de los hechos - a seguir aceptando esa mera relación. En esta obra de Donoso está presente la pre-visión del artista capaz de intuir que el fenómeno literario necesita nutrirse de galvanización, de mística, de capacidad de encarar las derrotas y convertirlas en triunfo. [...] Si es cierto que en su obra no hay lineamiento alguno que corresponda a un esquema militante determinado, no es menos cierto que su visión de la realidad es la del intelectual inmerso en el acontecer de su tiempo. [...] Acaso uno de los mayores méritos de “El jardín de al lado” sea justamente su absoluta prescindencia de lo testimonial, el auténtico proceso de re-creación, a partir del propio punto de vista.⁶⁰⁰

O que Virginia Vidal buscou fazer, a todo momento, foi realçar uma das ficções mais politizadas de José Donoso, ao passo que refutava a perspectiva temática “esterilizadora” da derrota, presente, em sua visão, nos testemunhos. A partir de *El*

⁵⁹⁸ CORNELIUS, Hubert. Antonio Skármeta. Joven narrativa después del golpe. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, p. 34.

⁵⁹⁹ José Donoso adquiriu notoriedade internacional quando seu nome passou a figurar entre um dos escritores do *boom* da literatura latino-americana, fenômeno literário de forte apelo comercial que consolidou, principalmente, as carreiras de Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes. Inclusive, José Donoso publicou, em 1972, seu livro *Historia personal del “boom”*, no qual narrou, sob um ponto de vista ao mesmo tempo literário e pessoal, os fatos relativos a esse fenômeno literário. Sua obra ficcional de maior relevo foi *Casa de Campo*, de 1978. Sobre o *boom* e, especificamente, sobre José Donoso, ver, respectivamente: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa* (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013; CORTÍNEZ, Verónica. La parroquia y el universo: Historia personal del “Boom” de José Donoso. *Revista Chilena de Literatura*, Universidad de Chile, n. 48, p. 13-22, 1996.

⁶⁰⁰ VIDAL, Virginia. José Donoso. *El jardín de al lado*. Seix Barral. Barcelona, 1981. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 18, 1982, p. 205.

jardín de al lado e sua temática ficcional e supostamente autobiográfica, com referências ao exílio e à ditadura, como explicou a autora, Vidal procurou romper com a ideia direcionada a Donoso, de um intelectual pouco comprometido com a causa chilena. Essa tese foi fortemente levantada pela esquerda chilena sobre o escritor, inclusive na própria revista *Araucaria de Chile*.

Na edição 29 desta revista, publicou-se uma pequena entrevista com José Donoso, extraída do jornal chileno *El Mercurio* (realizada por Enrique Lafourcade). Obviamente que os editores de *Araucaria* não estavam interessados em divulgar um jornal de direita. Ao contrário, a revista encarava o impresso como um inimigo de suas convicções políticas, como de fato o era. O que a interessou, em nossa interpretação, foi exatamente divulgar, de modo crítico, a entrevista de José Donoso a um impresso favorável à ditadura. Como se não bastasse, o escritor deixava claro, através de suas respostas, que não pretendia envolver sua obra literária com posições políticas mais explícitas.⁶⁰¹ Possivelmente em razão de sua postura pouco combativa em relação à ditadura militar chilena, Donoso não tenha sido retomado e analisado de maneira mais consistente pelos críticos e ensaístas colaboradores de *Literatura Chilena* e de *Araucaria de Chile*. Em ambas, os livros do escritor, praticamente, restringiram-se a pontuais resenhas críticas.

Em que pese a abertura dada nas revistas a pontos de vista mais flexíveis em relação à literatura política, sobretudo no que se refere aos *testimonios*, predominou em ambas, como vimos, a vertente da crítica que ressaltou a necessidade de expressão política do texto literário, do seu compromisso público, superando quaisquer pretensões meramente estéticas para a literatura. A questão formal do texto, que em momento algum fora desprezada pelos autores aqui analisados, acompanharia, obviamente, a

⁶⁰¹ ARAUCARIA DE CHILE. José Donoso. Literatura y política. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 29, 1984, p. 125.

renovação e a ressignificação da literatura chilena de resistência política, amplamente divulgada e promovida pelas duas revistas de exílio.

O desencadeamento do processo de reflexão acerca da literatura, de uma revisão crítica tangente à sua função social, decorreu de um movimento mais amplo que exigiu das esquerdas chilenas um profundo pensamento sobre o que as teria levado à derrota e como fariam para se reerguer do trauma enfrentado por elas. A reação imediata foi a resistência ao golpe e à ditadura implantada, a formação de frentes “antifascistas”, até as proposições alternativas para vencer Augusto Pinochet e retornar à democracia. Foram desde saídas mais negociadas até as alternativas insurrecionais, comungadas, em geral, pelos comunistas. Nos textos literários de resistência à ditadura, com destaque para os testemunhos, sobressaiu a prática política das esquerdas de denunciar a brutalidade da repressão dos militares, difundindo, sempre que possível, práticas, personagens e valores compartilhados por comunistas e socialistas, em especial.

Jaime Concha, um dos mais importantes colaboradores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, definiu muito bem, nesta última revista, o movimento enfrentado pela literatura chilena em seu sentido mais amplo, o que envolvia não somente os poetas e os escritores, mas também a crítica⁶⁰² e a cultura chilena como um todo. Segundo ele,

Por mucho tiempo, por un tiempo acaso incalculable, la cultura chilena tendrá que girar en torno al año fatal de 1973. [...] Más que una ruptura con todo un pasado predominantemente democrático, 1973 representa un trauma decisivo para la sociedad chilena en su conjunto. [...] Para responder al acontecimiento y como una serie de reacciones por él suscitadas, se produce dentro y fuera del país un intento múltiple de reflexión. [...] En el terreno literario, las diversas formas y géneros participan de ese esfuerzo de reflexión. Hay, en todas estas manifestaciones, un apetito por sorprender el secreto de lo que pasó, de lo que permanece todavía, muchos años después, como algo enigmático [...]. Es que todos estos escritores, oprimidos dentro o

⁶⁰² Soledad Bianchi, compartilhando de experiência de vida similar a muitos escritores e críticos chilenos sob a ditadura, expressou que “todos vimos y vivimos, oímos y sentimos, la prisión, la muerte, los exilios, la injusticia, pero también el gesto solidario, la ternura, la humanidad, en sus formas más variadas”. BIANCHI, Soledad. *Poesía chilena: miradas, enfoques, apuntes*. Santiago: Documentas /CESOC, 1990, p. 5.

exilados en el exterior, comparten un mismo aire de familia, que confiere al año 1973 un sello destructivo de sus vidas, de sus destinos profesionales y, a veces, en contadas ocasiones, hasta de su conciencia política.⁶⁰³

Enquanto escritor, que, aliás, não saiu para o exílio, o chileno Raúl Zurita, em entrevista concedida ao editor de *Araucaria*, Carlos Orellana,⁶⁰⁴ afirmou que a situação chilena afetou e comprometeu a todos os criadores dentro ou fora do país: “ellos transcriben de una u otra forma la situación del país, la dimensión de su sueño y de su dolor”. Estamos de acordo que a literatura chilena foi afetada de alguma forma. A emergência dos *testimonios*, como uma das possibilidades de expressão literária de forte projeção nesse período, foi um fator representativo desse processo.

Literatura Chilena, sobretudo em sua segunda fase, mais do que *Araucaria de Chile*, procurou divulgar os trabalhos não apenas dos escritores experientes, mas se preocupou em promover os jovens escritores, principalmente os que estavam no Chile e que iniciavam na literatura em meio a um processo político traumático, em que imperou a censura e a autocensura. Assim, a revista tentou cumprir um dos pontos que estiverem em seus editoriais programáticos, o de dar espaço, limitado no Chile, aos escritores que tinham a necessidade de se expressar. Fez, portanto, emergir uma literatura diversa, que pode ser observada, por exemplo, na seção *Poesía*, da edição de número 20, de 1982, em que se divulgou uma série de novos poetas chilenos no exílio, bem como na seção *Poesía Nueva de Chile*, na edição 26 (1983), que publicou vários poemas de jovens e/ou consagrados escritores chilenos que se encontravam em seu país.⁶⁰⁵

⁶⁰³ CONCHA, Jaime. Tres novelas chilenas posteriores al 73. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 39, 1987, p. 118-119.

⁶⁰⁴ Esta entrevista foi concedida a Carlos Orellana em Santiago no mês de maio de 1986, o que mostra que o editor de *Araucaria* esteve no Chile antes de seu retorno definitivo ao país, em 1990.

⁶⁰⁵ Do exílio, na edição de número 20, colaboraram Santiago Alcalá, Sergio Infante, Juan Eduardo Esquivel, António Arévalo, Jaime Vieyra, Martín Micharvegas e Mauricio Redoles. Do Chile, na edição de número 26, colaboraram Ana Iglesias, Antonieta Rodríguez, Teresa Calderón, Verónica Poblete, Leonora Vicuña, Natasha Valdés, Eduardo Llanos, Raúl Zurita entre outros. Nesta mesma edição 26, Soledad Bianchi tentou fazer um apanhado da jovem poesia chilena do exílio e do Chile. Ver BIANCHI,

Naín Nómez defendeu que depois da fase mais repressiva da ditadura, a partir da década de 1980 os novos vasos comunicantes surgidos entre os escritores chilenos do exílio e do Chile possibilitaram a multiplicação de estéticas nos poemas, algumas experimentais, como no caso dos trabalhos do poeta Raúl Zurita. A poesia chilena assumiu novas formas discursivas, dialogando com frequência com o político, em maior ou menor grau.⁶⁰⁶ Importa-nos, fundamentalmente, constatar que parte significativa dessa produção poética foi acolhida, por vezes lançada em primeira mão, pelas revistas, especialmente por *Literatura Chilena*, *Creación y Crítica*. Contudo, como afirmou Naín Nómez e com o qual estamos de acordo, em *Literatura Chilena* e em *Araucaria de Chile* privilegiou-se, extensamente, uma “mirada ideológica”, o compromisso temático por sobre as rupturas estéticas,⁶⁰⁷ o que ajuda a explicar a ausência de alguns nomes em suas páginas, como o da escritora chilena Diamela Eltit, autora pouco ou nada contemplada nas revistas, para ficarmos em um só exemplo.

Enquanto *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* priorizou a publicação de crítica e textos literários de autores chilenos, *Araucaria de Chile*, ainda que os colaboradores chilenos fossem majoritários na revista, buscou dar conta também de uma literatura latino-americana, retomando com muito mais intensidade seus grandes autores, incluindo a participação significativa na revista de nomes como Julio Cortázar, Mario Benedetti, Eduardo Galeano, Ernesto Cardenal, Gabriel García Márquez, este último um pouco menos em relação aos demais. Todavia, por possuírem editorialismos programáticos muito próximos em sua essência, qual seja, a da resistência política de esquerda à ditadura, bem como por apresentarem muitos

Soledad. Poesía chilena joven: una generación dispersa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 26, p. 12-16, 1983.

⁶⁰⁶ NÓMEZ, Naín. Op. Cit., p. 141-154, sep. 2007.

⁶⁰⁷ Ibid., p. 141-154.

colaboradores em comum, as duas revistas se aproximaram na luta que travaram contra Augusto Pinochet, contribuindo na formação de redes intelectuais muito sólidas.

A literatura publicada em suas páginas foi eminentemente política, muito bem atrelada ao editorialismo programático das revistas. Como parte desse todo literário, os *testimonios*, mais do que qualquer tipo de avaliação de sua estética, exerceram um papel importante na denúncia e na preservação e veiculação de valores socialistas e comunistas. Também nesse aspecto, a reverência ao legado literário e político de Gabriela Mistral e Pablo Neruda se mostrou coerente com a trajetória de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, que fizeram dialogar, mesmo que indiretamente, os textos engajados dos dois poetas com a literatura de resistência política que surgia e era devidamente divulgada por elas. Certamente, as duas revistas participaram ativamente da dinâmica do processo de resignificação da literatura chilena de resistência política. Ambas foram, em seu conjunto, riquíssimos instrumentos culturais do exílio chileno na luta contra o ditador Augusto Pinochet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos, comparativamente, a trajetória das revistas *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* e *Araucaria de Chile* através do recorte pautado no exílio, no papel do intelectual e na literatura de resistência política. O recorte proposto se fez necessário em função da amplitude temática de revistas tão ricas do ponto de vista cultural e político, por um lado, mas, especialmente, pela importância dada a esses aspectos em um momento histórico de fundamental importância para a história do Chile.

A queda do governo socialista de Salvador Allende no dia 11 de setembro de 1973 foi um profundo golpe na esquerda chilena que, ao longo do século XX, sobretudo através dos partidos comunista e socialista, possuiu um significativo respaldo popular, marcando a história do país pelos aspectos políticos, certamente, mas também do ponto de vista cultural. A produção cultural chilena esteve fortemente ligada a socialistas e, principalmente, a comunistas, vide o importante movimento da *Nueva Canción Chilena* e as relações estabelecidas entre política, utopia revolucionária e música popular.⁶⁰⁸ Vide, especialmente, como forma de expressão cultural e como resistência à ditadura pinochetista, as revistas de exílio *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*.

Nelas, foi possível compreender que o processo de reflexão das esquerdas chilenas, provocado pelo golpe militar e pela violência instituída por parte do Estado, abarcou também o âmbito cultural, refazendo criticamente suas posições diante das funções que desempenhavam, enquanto intelectuais, escritores e artistas, e, por conseguinte, da literatura ou do trabalho artístico que produziam no exílio e no Chile. Assim, os debates e reflexões sobre o papel dos intelectuais e a função da literatura nos

⁶⁰⁸ SCHMIEDECKE, Natália Ayo. “*Não há revolução sem canções*”: utopia revolucionária na Nova Canção Chilena (1966-1973). São Paulo: Alameda, 2015.

pareceram de central relevância para a compreensão da trajetória de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*.

De maneira comum, ambas destacaram, em editoriais ou por meio de seus colaboradores, a necessidade de atuação pública engajada por parte dos intelectuais. Refletiram sobre sua missão no exílio e no Chile autoritário, sempre sob a ótica da resistência cultural e política.

Araucaria e *Literatura Chilena* difundiram amplamente os encontros promovidos pelos intelectuais, em geral colaboradores em comum das revistas, evidenciando a existência de pujantes redes intelectuais de exilados chilenos, formadas em torno à solidariedade à causa chilena e contra a ditadura. As próprias revistas foram de fundamental importância na consolidação dessas redes, visto que difundiram a produção cultural do pós-golpe, os debates entre os intelectuais, as citações recíprocas, os encontros na redação e em eventos que elas patrocinaram ou ajudaram a promover. Percebemos, com a pesquisa, que as redes intelectuais formadas em torno à *Literatura Chilena*, que deram resultado à revista e, ao mesmo tempo, que foram estimuladas por ela, concentraram-se, do ponto de vista geográfico, nos Estados Unidos e no Canadá, não obstante existissem colaboradores exilados em distintos países. O caráter acadêmico foi característico da sociabilidade desenvolvida nessas redes, embora ele não se fizesse necessária e estritamente presente nas páginas de *Literatura Chilena*, que foi uma revista cultural e política. *Araucaria de Chile* se originou no seio de uma rede intelectual chilena comunista, que, no exílio, associou-se aos comunistas de distintos países europeus, com destaque para os franceses, os espanhóis e os soviéticos. Suas conexões, refletidas em suas páginas dada a gama de colaboradores, foram, nesse sentido, em comparação com *Literatura Chilena*, mais amplas e politicamente mais demarcadas.

Não necessariamente, mas de maneira frequente, as revistas atrelaram, cada uma à sua maneira, a resistência dos intelectuais aos valores das culturas políticas comunista e socialista. *Araucaria*, intimamente ligada ao Partido Comunista chileno através de Volodia Teitelboim e Carlos Orellana, bem como pelos inúmeros colaboradores comunistas que nela publicaram, veiculou ideais dessa cultura política que contemplaram seus principais líderes históricos, sua base social constituída por trabalhadores, sua política de alianças, as continuidades e as mudanças bruscas nas estratégias de luta política, como ocorreu durante a ditadura com a adoção da via insurrecional/armada contra a ditadura. *Araucaria de Chile* foi certamente uma revista comunista, mas não uma revista oficial do partido. Com um tom latino-americanista acentuado, mais perceptível nela do que em *Literatura Chilena*, a revista deu margem a outras vozes das esquerdas nacionais e latino-americanas, quase sempre pelo duplo viés cultural e político.

Já *Literatura Chilena*, nas duas etapas de sua história, diferentemente de *Araucaria de Chile*, não foi financiada nem possuiu vínculos estreitos com qualquer partido ou instituição política, seja do Chile ou do exterior. Esteve, sim, muito próxima ao ambiente acadêmico norte-americano em razão dos intelectuais chilenos colaboradores, mas sem perder sua condição de revista cultural de resistência política, como afirmamos. Seus fundadores, Fernando Alegría e David Valjalo, encontravam-se nos Estados Unidos e foram os eixos centrais da rede intelectual que se tecia em seu entorno, sobretudo o segundo, que permaneceu por mais tempo na direção e edição da revista. Ainda que sem laços político-institucionais, *Literatura Chilena* apresentou, inclusive em seus editoriais, representações políticas que a aproximaram do socialismo chileno. Nós a definimos como uma revista socialista em razão de veicular,

frequentemente, a figura e os ideias do personagem que possivelmente mais marcou essa cultura política no Chile, o presidente Salvador Allende.

Podemos dizer que em *Araucaria de Chile*, coerente com sua matriz comunista, o imaginário acerca de Salvador Allende foi também veiculado. Porém, aspectos que ressaltavam especificamente o comunismo chileno foram predominantes na revista, colocando a figura do presidente socialista, embora exaltada, em segundo plano. Como uma revista de esquerda, *Literatura Chilena* não deixou de apresentar valores da cultura política comunista chilena. Isso nos demonstrou que, nas revistas, e, porque não pensar, de uma maneira mais ampla, na história política do Chile, as distinções entre o socialismo e o comunismo foram, por vezes, muito tênues, possibilitando nuances ideológicas e o compartilhamento constante de visões de mundo.

Ainda assim, em *Literatura Chilena*, do ponto de vista político, as perspectivas positivas acerca da “via chilena para o socialismo” e o governo popular da UP se sobressaíram, demarcando, a nosso ver, sua estreita relação com os elementos socialistas de caráter allendista. Não podemos nos furtar ao valor dado à política de coalizão e unidade na resistência política desde o exílio que a revista tanto apregoou. Nesse sentido, remeter-se a governos de coalizão como a Unidade Popular e a Frente Popular chilena, na década de 1930, representava também o apelo à luta unitária. É importante que se diga que se apropriar de personagens, ideias e fatos políticos da história chilena, em momento algum, na revista, indicou um saudosismo ou uma pretensão de reproduzir aquele período histórico. No nosso entender, essa estratégia serviu para marcar as posições políticas da revista na resistência à ditadura de Augusto Pinochet. Tratava-se, portanto, de um resgate de um legado político-cultural que estava sendo solapado pelo pinochetismo, devendo ser retomado e preservado como inspiração

e referência histórica para a construção de uma sociedade mais justa, popular e democrática.

Foi nesse sentido que as revistas se apropriaram também do legado literário e político de Gabriela Mistral e Pablo Neruda, dois dos maiores nomes da literatura chilena e latino-americana, agraciados com o Prêmio Nobel. Durante a ditadura, Mistral esteve no centro de uma disputa pela sua imagem e por sua memória entre os apoiadores do pinochetismo, por um lado, e as esquerdas, por outro, estas com amplo espaço de difusão de suas ideias em *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Foi especialmente nesta última revista que Gabriela Mistral foi retomada pelo viés politizado de sua obra e trajetória intelectual, confrontando com a imagem conservadora e religiosa postulada pela crítica afeita aos valores da ditadura. Os poemas de Pablo Neruda, seu engajamento e as críticas sobre sua obra, por sua vez, estiveram substancialmente presentes nas duas revistas. Todavia, a vinculação política comunista do poeta foi mais destacada em *Araucaria de Chile* do que em *Literatura Chilena*. Nas revistas, Mistral e Neruda foram retomados como paradigmas de uma literatura igualmente qualificada e comprometida politicamente.

Nesse aspecto, a literatura que, nos dois impressos, mostrou-se eminentemente política foi a de testemunho. Percebemos que esse tipo de texto relacionou-se com o editorialismo programático de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, uma vez que demarcou claramente a função comprometida da literatura nas revistas, enfrentando e resistindo à ditadura através da denúncia de seus crimes contra os direitos humanos. Escritos no Chile ou, *a posteriori*, no exílio, os *testimonios*, em toda sua variedade formal, retrataram o que de mais brutal aconteceu nos “campos de concentração” e nas prisões chilenas nesse período. Ademais, foi uma maneira de canalizar ali as ideias e os modos de vida da esquerda chilena, cujos projetos e esperanças foram tragicamente

golpeados pela repressão institucionalizada. Dessa forma, tais textos veicularam valores tangentes, de maneira comum ou especificamente, às culturas políticas socialista e comunista, dialogando uma vez mais com os respectivos projetos coletivos das revistas.

Em que pesem as diferenças e as particularidades entre *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, elas estiveram, na nossa visão, muito mais próximas na resistência à ditadura Pinochet do que distantes. Ambas possuíram muitos colaboradores em comum e foram resultado do exílio massivo da esquerda chilena após o golpe contra Salvador Allende e a UP. Ainda que os meios divergissem de alguma maneira, o fim último postulado em suas páginas foi o mesmo, o restabelecimento das condições democráticas no Chile. O exílio e o caráter oposicionista e combativo dos editores, colaboradores e dos autores que tiveram suas obras analisadas influíram em certa homogeneidade de discursos no interior das revistas, evidenciando editorialismos programáticos muito bem coesos.

Nosso enfoque de análise ao longo deste trabalho foi marcado pela trajetória cultural e política de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*. Reforçamos que as duas revistas foram muito ricas na promoção da cultura chilena, sobretudo daquela mais politizada. Seria praticamente impossível esgotá-las, com toda sua variedade cultural, em qualquer estudo que se pretenda realizar. Assim, seguem em aberto diversas possibilidades de análise em ambas, especialmente em *Araucaria de Chile*, impresso cultural e político de fôlego. De maneira especial, a literatura divulgada pelas revistas contemplou uma diversidade estética que, do ponto de vista da História, se bem confrontada com a crítica literária chilena presente nas revistas e, principalmente, fora delas, podem render trabalhos interessantes. Análises sobre o teatro, o cinema, as artes plásticas e a música chilena do exílio possibilitariam, por meio de *Araucaria* e *Literatura Chilena*, estudos promissores. Também acreditamos ser possível aprofundar

no debate sobre as representações do exílio. No caso de *Araucaria de Chile*, análises acerca dos debates políticos tangentes à transição à democracia podem ser viáveis e profícuas.

Colocamos essas sugestões de estudo como desfecho do nosso trabalho, realizado com o intuito de poder contribuir, de alguma maneira, ainda que minimamente, com a riquíssima história de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile*, e, de uma maneira geral, também com a história da resistência chilena no exílio. A ditadura militar no Chile terminou oficialmente no dia 11 de março de 1990, quando o democrata-cristão Patricio Aylwin assumiu a presidência do país. Contudo, como sugeriu Ariel Dorfman, dadas as marcas profundas legadas ao país pelo período ditatorial, o adeus a Pinochet é longo e ainda continua.⁶⁰⁹

⁶⁰⁹ DORFMAN, Ariel. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ANEXO I - Entrevista com Pedro Bravo-Elizondo

Estimado profesor Pedro Bravo-Elizondo:

Cuáles eran los medios de financiación de la revista *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*? Ella tenía algún vínculo político-partidario?

Cuál fue su tirada (salida)?

La revista circuló en Chile durante la dictadura? Cómo ella llegaba al país?

Usted se encontraba en los Estados Unidos antes del golpe militar de 1973 o fue después, como exiliado? Cuándo salió de Chile?

Si hubiera ido antes, se consideraba, así mismo, con el golpe militar, como a un exiliado?

Usted tuvo alguna filiación o militancia político-partidaria en Chile o en el exilio?

Acerca de sus ex-compañeros en la redacción de la revista *Literatura Chilena* – Fernando Alegría, David Valjalo, Jaime Concha, Guillermo Araya y Nelson Osorio -, todos salieron al exilio después (en razón) del golpe?

Podría decirme en qué año ellos partieron al exilio?

Algunos de ellos tuvieron alguna filiación política o partidaria?

Yo podría considerarles a ustedes como intelectuales de izquierda? Tuvieron algún vínculo o participación en el gobierno de Salvador Allende?

De la misma manera, yo puedo pensar que el proyecto colectivo de la revista, en la dimensión literaria, cultural y política, de una manera general, fue un proyecto de resistencia política de valores socialistas?

Muchas Gracias!

Raphael Coelho Neto – UFMG, Brasil

Pittsburg, Agosto 1 del 2016

Estimado Raphael,

Hoy sale vía aérea mi envío del estudio que hicimos con mi esposa sobre LICHEX. Varias de tus preguntas están allí, no todas. A algunas me ellas me voy a referir en esta nota. Observo en general que le das preponderancia a lo político per se y creo que es un enfoque equivocado. Un exiliado tiende a reconocerse con otros por el hecho de haber salido del país voluntariamente o no. En general pienso que los que salieron voluntariamente o no, nos identificamos con los ideales de Salvador Allende, sin ser necesariamente hombre o mujer de partido. LICHEX no tuvo vínculo político en este sentido. Nunca recibieron un centavo por esta razón. El financiamiento se dio con suscripciones y el empuje de Valjalo, como lo leerá en sus declaraciones.

La tirada no se publicó o comentó nunca. No era importante. Sólo Valjalo sabía esto. La Revista circuló en Chile en forma encubierta, de mano en mano o fotocopias. El Correo nacional estaba en manos de la dictadura. Llegaba por medio de viajeros, amigos. Salí antes del Golpe, pues vine a obtener mi Master y Doctorado. El regreso habría sido un error y me quedé. Terminé mis estudios en 1974.

Acerca de Alegría y Valjalo, vivían en USA. El resto que tú mencionas salió por el Golpe. No tengo fecha en que salieron; no olvides que todos ellos eran docentes en Universidades y la razzia fue completa, a partir de septiembre de 1973 adelante. Las Universidades fueron intervenidas y los Rectores todos militares. Bastaba ser allendista, partidario de él, para ser expulsado, fusilado o torturado. O que un soplón o alguien malquistado contigo te denunciara para ser catalogado de rojo, tal como ocurrió en Brasil, Uruguay, Argentina en los 1960-70. Seguramente que eres muy joven para saberlo o experimentado.

De los que conozco, Alegría era amigo de Allende y vinculado con su gobierno. La Revista fue un proyecto cultural, y todo lo que sea cultura, en un gobierno fascista es político. No olvide la frase fascista: “Cada vez que escucho la palabra cultura, saco mi revólver”. Un dato al pasar: en Chile se dio “un apagón cultural”, como se le conoció. Nada pasaba la censura o autocensura. Clandestinamente apareció una revista “La Bicicleta” con artículos subversivos según el régimen. En Ámsterdam surgió “América Joven”, etc. Y no eran producto de colectividades políticas.

Tal vez Rápale, mi sugerencia principal para entender el asunto, es tener el entorno de la dictadura, con todas sus tropelías y abusos, torturas, muertes injustificadas como la de Víctor Jara y otros, para comprender el por qué de los exiliados de escribir sobre temas culturales y rescatar el país que conocimos. Sólo así entendemos el escribir para dejar memoria de algo en nuestra pequeña vida. Un abrazo mi amigo, y que disfrutes Santiago. (Cuidado con cámaras y celulares, somos un país de ladrones...).

Una pregunta que necesita respuesta: ¿Por qué escogiste Literatura Chilena en el Exilio para tu trabajo, o hay otras revistas que también investigarás? Gracias, un abrazo a la distancia. Pedro

ANEXO II – Entrevista com Juan Armando Epple

Estimado profesor Juan Armando Epple:

Cuál función usted ejercía en el Consejo Editorial de *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica*?

Yo estaba a cargo de la selección de colaboraciones y en algunos casos corrección de manuscritos.

Cuáles eran los medios de financiación de la revista? Ella tenía algún vínculo político-partidario?

La revista se financiaba con suscripciones, pero mayormente con el trabajo de impresión, papel, envío por correo y en general la donación de la imprenta comercial de David Valjalo. La revista nunca tuvo vínculos con partidos políticos.

Cuál fue su tirada (salida)?

No tengo la cifra exacta, pero fue un tiraje muy amplio.

La revista circuló en Chile durante la dictadura? Cómo ella llegaba al país?

Era llevada clandestinamente por viajeros que iban a Chile.

Usted se encontraba en los Estados Unidos antes del golpe militar de 1973 o fue después, como exiliado? Cuándo salió de Chile?

Yo estuve detenido por los militares en 1973, quedé libre tiempo después pero fui detenido nuevamente en 1974. Salí de prisión gracias a una beca de la Universidad de Harvard.

Si fuera (hubiera ido) antes, se consideraba, así mismo, con el golpe militar, como a un exiliado?

Hubo gente que vivía fuera de Chile y luego del golpe militar fue impedida de entrar a Chile cuando fue acusada de actividades en contra de la dictadura. Este hubiera sido mi caso.

Usted tuvo alguna filiación o militancia político-partidaria en Chile o en el exilio?

Fui integrante del Partido Socialista.

Acerca de sus ex-compañeros en la redacción de la revista *Literatura Chilena* – Fernando Alegría, David Valjalo, Jaime Concha, Guillermo Araya y Nelson Osorio –, todos salieron al exilio después (en razón) del golpe?

Solamente David Valjalo vivía fuera de Chile, en Los Angeles, California. Los demás escritores mencionados salieron al exilio a raíz del golpe militar.

Podría decirme en qué año ellos partieron al exilio?

Casi todos salieron el mismo año del golpe militar.

Algunos de ellos tuvieron alguna filiación política o partidaria?

No tengo información al respecto.

Yo podría considerarles a ustedes como intelectuales de izquierda? Tuvieron algún vínculo o participación en el gobierno de Salvador Allende?

La mayoría de nosotros participó en proyectos culturales durante el gobierno del Presidente Allende.

De la misma manera, yo puedo pensar que el proyecto colectivo de la revista, en la dimensión literaria, cultural y política, fue un proyecto de resistencia política de valores socialistas?

Nosotros lo entendimos como un proyecto de defensa y difusión de la cultura chilena sometida a censura por la dictadura militar.

Muchas Gracias!

Raphael Coelho Neto – UFMG, Brasil

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

A. DOCUMENTAIS

ALEGRÍA, Fernando. Discurso inaugural. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 22-24, 1978.

_____. El paso de los gansos. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 23-24, 1977.

_____. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, p. 113-119, 1982.

_____. Ilario Da. Relatos en el frente chileno. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, p. 34, 1978.

_____. Prisioneros desaparecidos. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, p. 17, 1980.

_____. Respuesta de Fernando Alegría. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, p. 1, 1981.

ALEIXANDRE, Vicente. La ultima vez que vi a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 9, 1979.

ALLENDE, Isabel. El compromiso del escritor exiliado. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 171-173, 1984.

_____. Por qué y para quién escribo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 41, p. 155-162, 1988.

ALLENDE, Salvador. Salvador Allende. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, p. 2, 1983.

_____. Últimas palabras. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, p. 2, 1977.

ANIVERSARIOS. Los héroes no están cansados. Pablo Neruda. Salvador Allende. Víctor Jara. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 24, p. 11-33, 1983.

ARAUCARIA DE CHILE. Ediciones Michay anuncia la aparición inmediata de la serie *Libros del Meridión*. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, p. 223, 1984.

_____. Encuentro cultural en California. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, p. 203-204, 1980.

_____. José Donoso. Literatura y política. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 29, p. 125, 1984.

_____. Libros de interés. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 224, 1984.

_____. Novedades de Ediciones Michay. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 35, p. 222-223, 1986.

_____. Perennidad de Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 97-98, 1987.

ARAYA, Guillermo. Caupolicán, el árbol. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 2-3, 1978.

_____. Destierro y autodestierro en la literatura hispanoamericana. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 17, p. 7-12, 1981.

_____. El hombre y la tierra de América en el Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 9, p. 2-4, 1979.

_____. Etapas en la obra de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 2-4, 1978.

_____. Estructura del Canto General de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, p. 2-5, 1978.

_____. Lo épico del Canto General de Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 2-4, 1978.

_____. Un hombre yace sobre la pampa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 24, p. 17, 1983.

BERCHENKO, Pablo. "España en el Corazón": bibliografía anotada. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 129-142, 1987.

BIANCHI, Soledad. Descubriendo la prosa de Gabriela Mistral. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 6, p. 9-19, 1979.

_____. Gabriela Mistral en el "Repertorio Americano". *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, p. 213-215, 1981.

_____. Literatura chilena en el exilio. *Araucaria de Chile*, n. 3, p. 224-225, 1978.

_____. Miguel Lawner. Dos años en los campos de concentración de Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, p. 209, 1978.

_____. Poesía chilena: la resistencia y el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 7, p. 193-198, 1979.

_____. Poesía chilena joven: una generación dispersa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 26, p. 12-16, 1983.

_____. Víctor Jara, por los caminos del pueblo. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 5-7, 1978.

BOCAZ, Luis. El humanista latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 157-161, 1984.

_____. La literatura chilena en un torneo internacional. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, p. 205-207, 1983.

BOERO VARGAS, Mario. "Sentido" y perspectivas sobre algunos libros testimoniales chilenos. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 22, p. 12-14, 1982.

BRAY, Donald; BRAY, Marjorie. Correspondencia. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 32, 1977.

CARRASCO, Rolando. Jorge Montes. La luz entre las sombras. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, p. 211-212, 1981.

CARTA DE LOS INTELECTUALES CHILENOS. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 209, 1978.

CARVAJAL BARRIOS, Leonardo. De lo oscuro. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 19-22, 1977.

CASSIGOLI, Armando. Claves para el reconocimiento de Chile. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, p. 12-16, 1981.

_____. Última visita a Pablo Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 29-30, 1977.

CERDA, Martín. El escritor chileno y su práctica social: los difíciles años de la dictadura. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 36, p. 129-136, 1986.

CINEASTAS CHILENOS. Los cineastas chilenos y el gobierno popular. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 27, p. 26, 1984.

CODDOU, Marcelo. José Leandro Urbina. Las Malas Juntas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 9, p. 33, 1979.

_____. Narrativa chilena en el exilio: notas de aproximación. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 11, p. 8-11, 1979.

_____. Poesía chilena en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, p. 99-111, 1981.

CONCHA, Jaime. Gabriela Mistral: "Mi corazón es un cincel profundo". *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 91-106, 1979.

_____. Testimonios de la lucha antifascista. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 129-147, 1978.

_____. Tres novelas chilenas posteriores al 73. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 39, p. 118-128, 1987.

CORNELIUS, Hubert. Antonio Skármeta. Joven narrativa después del golpe. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 34, 1978.

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exilio y literatura. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, p. 59-66, 1980.

_____. Contra el olvido. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 14, 1979.

_____. Ganar la calle y la libertad y la luz. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 7, p. 7-16, 1979.

_____. Negación del olvido. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, p. 21-23, 1981.

_____. Pablo Neruda, ese sonriente guerrero. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 55-56, 1984.

CORVALÁN, Luis. Presidente y amigo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, p. 11-17, 1983.

CUNNIGHAN, Lucía. Vigilancia y confesión en Abel Rodríguez y sus Hermanos. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, p. 7-8, 1984.

DÍAZ-CASANUEVA, Humberto. Neruda y su "Canto a Bolívar". *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 70-76, 1984.

DORFMAN, Ariel. El Estado chileno actual y los intelectuales. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, p. 35-50, 1980.

E.C.T. De los lectores. Araucaria en Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 28, p. 8, 1984.

EDITORIAL. A los lectores. 80 años de Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 5, 1984.

EDITORIAL. A los lectores. Anticomunismo y un aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 17, p. 7, 1982.

EDITORIAL. A los lectores. Las alternativas del "No". *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 7-8, 1988.

EDITORIAL. A los lectores. Lo que esperamos de 1986. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 33, p. 5-7, 1986.

- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 13, p. 5, 1981.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, p. 5, 1981.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, p. 5, 1981.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 20, p. 7-9, 1982.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 21, p. 5, 1983.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 23, p. 5, 1983.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, p. 5, 1984.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 35, p. 5, 1986.
- EDITORIAL. A los lectores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 41, p. 5, 1988.
- EDITORIAL. Aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 1, 1978.
- EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, p. 5-8, 1978.
- EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 4, 1979.
- EDITORIAL. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 11, p. 5, 1980.
- EDITORIAL. Basta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 21, p. 1, 1982.
- EDITORIAL. Basta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, p. 1, 1984.
- EDITORIAL. Contrahistoria. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 18, p. 1, 1981.
- EDITORIAL. Hay cosas que no se pueden discutir. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 20, p. 1, 1982.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, p. 1, 1981.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 17, p. 1, 1981.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 1, 1977.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 1, 1977.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 1, 1977.
- EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 1, 1978.

EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 1, 1978.

EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 1, 1979.

EDITORIAL. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, p. 1, 1980.

EDITORIAL. Los nombres de los hombres. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, p. 1, 1983.

EDITORIAL. Mensaje de los artistas e intelectuales chilenos que residen en el extranjero a los trabajadores y al pueblo de Chile con motivo del 1° de mayo. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 7, p. 1, 1978.

EDITORIAL. Misión cumplida?. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, p. 1, 1987.

EDITORIAL. Nos parece difícil aceptar. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 39, p. 1, 1987.

EDITORIAL. Tercera Etapa. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 33-34, p. 1, 1985.

EDITORIAL. Una forma de cambio. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 35, p. 1, 1986.

EDITORIAL. Un paralelo necesario. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 30, p. 1, 1984.

EPPLÉ, Juan Armando. Esa Literatura que surge de un cerco de púas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 7-8, 1978.

_____. José Leandro Urbina. Las malas juntas. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 6, p. 219-221, 1979.

_____. José Leandro Urbina. Las malas juntas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 14, p. 31, 1980.

FERNÁNDEZ, Osvaldo. Textos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 167-169, 1988.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Discurso de clausura. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 27-28, 1978.

GALEANO, Eduardo. Conversación con Eduardo Galeano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 3, p. 85-97, 1978.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. A todos los hombres democráticos y progresistas de América Latina y el Caribe. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, p. 1, 1979.

_____. La Soledad de América Latina. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 23, p. 2-3, 1983.

GIORDANO, Jaime. Literatura y exilio. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, p. 5-6, 1984.

GÓMEZ LÓPEZ, Mario. Más sobre los tres años de la revista. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 15, p. 202, 1981.

GONZÁLEZ, Juan. El entierro de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, p. 31-32, 1977.

GONZÁLEZ-VERGARA, Ruth. Una gran desconocida. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, p. 92-95, 1989.

GOYTISOLO, José Agustín. Con las palabras de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 19, 1979.

HAHN, Óscar. Homenaje a Neruda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, p. 178, 1980.

_____. Testimonio de un poeta. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, p. 30-31, 1981.

INFORMATIVO DE EDITORIAL UNIVERSIDAD DE COSTA RICA. Gabriela Mistral, en el "Repertorio Americano". *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, p. 31, 1979.

JARA, Víctor. Somos cinco mil. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, p. 4, 1977.

JOFRÉ, Manuel Alcides. Novela chilena del interior. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 39, p. 136-156, 1987.

LARGO FARIAS, René. El 11 de septiembre en la Moneda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 25-28, 1977.

LÉRTORA, Juan Carlos. Rasgos formales del discurso censurado. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, p. 7-9, 1985.

LEZAMA LIMA, José. La suprema prueba de Salvador Allende. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 29, p. 20, 1984.

LITERATURA CHILENA, CREACIÓN Y CRÍTICA. *Antología de poesía chilena a través del soneto (siglos XVII al XX)*. Madrid: Ediciones de la Frontera, 1988.

_____. *Canción de Marcela: mujer y cultura en el mundo hispánico*. Madrid: Ediciones de la Frontera, 1989.

_____. David Valjalo. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Santiago, n. 52 al 54, p. 137-138, 1990.

LITERATURA CHILENA EN EL EXILIO. Correspondencia. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 2, p. 33, 1977.

_____. Ediciones de la Frontera. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, 1978, s.p.

_____. Editores en Canadá. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 33, 1978.

_____. En distribución por Ediciones de la Frontera. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, 1978, s.p.

_____. En nuestro tercer aniversario. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 13, p. 31, 1980.

_____. Matilde Ladrón de Guevara. La ciénaga. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 36, 1978.

_____. Los héroes de septiembre tienen la palabra. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 4, p. 1-8, 1977.

_____. Programa de las Jornadas Salvador Allende. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 20-21, 1978.

_____. Segundo Taller de literatura hispanoamericana y realidad política realizado en Canadá. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, p. 36, 1979.

_____. Taller de literatura hispanoamericana y realidad política realizado en Toronto. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 34, 1978.

LOYOLA, Hernán. Neruda, el espacio fundador. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 3, p. 61-82, 1978.

MERINO REYES, Luis. Las llaves del infinito. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, p. 25, 1983.

MIRAS, Pedro. Carta de los intelectuales chilenos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 208-209, 1978.

MISTRAL, Gabriela. La cacería de Sandino. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 19-20, 1978.

_____. Las cosas tienen necesidad de ser descritas. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, 1981, s.p.

_____. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 11, 1979, s.p.

_____. No creo en la mano militar. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 2, 1977.

_____. Recado a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 3-4, 1977.

MONTES, Jorge. La venda. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, p. 187-189, 1978.

MULCHÉN, Álvaro. Apuntes. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, p. 53-56, 1980.

NARVÁEZ, Jorge. José Leandro Urbina. Las malas juntas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 10, p. 35, 1979.

NERUDA, Pablo. Al Partido Comunista de Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 17, p. 13-16, 1982.

_____. Contraportada. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 12, 1979, s.p.

_____. La libertad. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 88-89, 1984.

_____. Quiero agregar, por último. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 2, 1977.

NUÑEZ, Guillermo. Diario. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 29-30, 1977.

_____. Testimonio ante el consejo de la Unesco. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 29-32, 1978.

OLEA, Raquel. Gabriela Mistral. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 18, p. 213-215, 1982.

ORELLANA, Carlos. Advertencia a lectores y colaboradores. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 27, p. 9, 1984.

_____. Al cabo de diez años. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 24-31, 1987.

_____. Araucaria de Chile en España. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 189-193, 1988.

_____. Dos años de Araucaria. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 203-204, 1979.

_____. Homenaje a un pueblo pertinaz. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 37, p. 189-193, 1987.

_____. Julio Cortázar. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 11-12, 1984.

_____. Julio Moncada, poeta muerto en el destierro. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 24, p. 148-150, 1983.

_____. Las certidumbres de “Araucaria”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 189-193, 1988.

_____. Libros. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 6, p. 35, 1978.

_____. Los actos de aniversario. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 14, p. 206-209, 1981.

_____. Los adioses a/de España. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 47-48, p. 7-11, 1990.

_____. Primer mes. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 81-89, 1978.

ORGAMBIDE, Pedro. Muerte de Pablo Neruda: Chile, 1973. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, p. 180-182, 1980.

OSSANDON, Carlos. Salvador Allende: mas allá de su legado político. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 203-204, 1984.

PARTIDO COMUNISTA DE CHILE. Un pueblo en el combate. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 21, p. 177-188, 1983.

QUIJADA CERDA, Aníbal. Cerco de púas. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 14-15, 1978.

R.A. Sergio Vuscovic´ Rojo. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 31, p. 215-216, 1985.

ROJAS, Germán. Los insondables senderos de la muerte. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 39, p. 27-29, 1987.

ROJAS, Gonzalo. Carta a Pablo Neruda desde Sabana Grande. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 31, 1977.

ROJAS, Juan. Tripulantes de la Niebla. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 23-28, 1977.

ROJAS B., Juan. Estoy seguro que es de día. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 5, p. 30-33, 1978.

ROMÁN-LAGUNAS, Jorge. Memoria, testimonio y denuncia en la literatura chilena. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, p. 14-16, 1987.

SCHOPF, Federico. Fuera de lugar. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, p. 145-154, 1980.

_____. Las huellas del poeta. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 114-127, 1984.

_____. Reconocimiento de Gabriela Mistral. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, p. 57-72, 1989.

SILVA, Miguel Otero. La última vez que vi a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 27, 1977.

SKÁRMETA, Antonio. “Ahorrar bajo el ala del sombrero una lágrima asomada”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, p. 137-142, 1980.

_____. La nueva condición del escritor en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, p. 133-141, 1982.

_____. Narrativa chilena después del golpe. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 149-167, 1978.

SOTO, Hernán. Sergio Bitar. Isla diez. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 218-219, 1988.

SUBERCASEAUX, Bernardo. Gabriela Mistral: espiritualismo y canciones de cuna. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 5-9, 1977.

TEITELBOIM, Volodia. “Araucaria de Chile” en Chile. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 185-189, 1988.

_____. Encuentros con Cortázar. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 176-192, 1984.

_____. España en el corazón, Chile en el corazón. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 40, p. 98-111, 1987.

_____. Historia de un amor atormentado. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, p. 73-85, 1989.

_____. La Fiesta de las Araucarias. *Araucaria de Chile*, n. 14, p. 201-206, 1981.

_____. Modos de vivir, modos de morir. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 8, p. 25-26, 1978.

_____. Para leer el “Canto General”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 26, p. 205-209, 1984.

_____. Santa Fe y los intelectuales de América Latina. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 16, p. 19-29, 1981.

VALDÉS, Hernán. Sobre la inhibición del intelectual. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, p. 2-3, 1985.

_____. Tejas Verdes. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 17-21, 1977.

VALENZUELA, Víctor. Dos novelas del Golpe Militar. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 16, p. 5-6, 1981.

_____. El sentimiento antiyanqui en la literatura chilena. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 3, p. 2-4, 1977.

VALJALO, David. Araucaria de Chile cumple 10 años, Madrid, 1987. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, p. 66, 1987.

_____. Biografía mínima de Salvador Allende, para ser leída en voz alta el 11 de septiembre. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 25, p. 22, 1983.

_____. Carta del Editor. *Índice general: Literatura Chilena, Creación y Crítica* (1981, 1982, 1983). Los Angeles: Ediciones de la Frontera, 1984.

_____. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 17, 1981, s.p.

_____. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 32, 1985, s.p.

_____. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 40, 1987, s.p.

_____. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 41-42, 1987, s.p.

_____. Carta del Editor. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 55, p. 70-71, 1991.

_____. De David Valjalo a Fernando Alegría. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, p. 1, 1981.

_____. Editorial. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Los Angeles, n. 15, p. 1, 1981.

_____. Nuestro canto. *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, Madrid, n. 33-34, p. 2-4, 1985.

VIDAL, Virginia. Gabriela, madre nuestra. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 45, p. 85-91, 1989.

_____. José Donoso. El jardín de al lado. Seix Barral. Barcelona, 1981. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 18, p. 205-206, 1982.

V.R.O. Sergio Vuscovic'. Dawson. *Araucaria de Chile*, n. 16, p. 211-212, 1981.

VUSCOVIC' ROJO, Sergio. Dawson. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 2, p. 61-77, 1978.

_____. Un viaje muy particular. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 42, p. 167-173, 1988.

WITKER, Alejandro. Palabras de homenaje a Gabriela. *Literatura Chilena en el Exilio*, Los Angeles, n. 1, p. 32-33, 1977.

ZORRILLA, Américo. La edición clandestina de “Canto General”. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 8, p. 29-34, 1979.

ZURITA, Raúl. Construir una poesía tan vasta como la tragedia chilena. Conversación con Raúl Zurita. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 36, p. 115-126, 1986.

B. BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. *Frente Popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999.

ALBORNOZ, César. La cultura en la Unidad Popular: porque esta vez no se trata de cambiar un presidente. In: VALLEJOS, Julio Pinto (org). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 147-176.

ALEGRÍA, Fernando. *Genio y figura de Gabriela Mistral*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1966;

_____. *Literatura y revolución*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

_____. *Salvador Allende: a paz pelo socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Una especie de memoria*. México: Editorial Nueva Imagen, 1983.

ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota: Chile (1970-1973)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 09-28.

_____. *Intelectuales: notas de investigación*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

ALZATE MEJÍA, Diana Maritza. *Exilio y dictadura, una percepción cinematográfica*. 2013. 111f. Magíster en Historia. Universidad de Concepción. Departamento de Ciencias Históricas y Sociales, Facultad de Humanidades y Arte.

ARANCIBIA CLAVEL, Roberto. *La influencia del Ejército chileno en América Latina 1900-1950*. Santiago: Centro de Estudios e Investigaciones Militares, CESIM, 2002.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas, nº13, p. 7-21, 2007.

BARROS, Robert. *La Junta Militar: Pinochet y la Constitución de 1980*. Santiago: Editorial Sudamericana, 2005.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, año 8, n. 20, p. 105-115, marzo 2003.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: MAUAD, Ana Maria; AZEVEDO, Cecília (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 29-47.

BIANCHI, Soledad. *Poesía chilena: miradas, enfoques, apuntes*. Santiago: Documentas/CESOC, 1990.

BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOLZMAN, Claudio. De los europeizados a los deslocalizados: una tipología de las migraciones sudamericanas hacia Europa. In: ARTIGAS, José del Pozo (comp). *Exiliados, emigrados y retornados chilenos en América y Europa, 1973-2004*. RIL Editores: Santiago, 2006, p. 13-35.

BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual: itinerario de un concepto*. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

BRAVO-ELIZONDO, Pedro; BERRY-BRAVO, Judy. *Literatura Chilena en el Exilio: Fernando Alegría y David Valjalo*. Iquique: Ediciones Campvs, Universidad Arturo Prat, 2007.

CANALES, Sol Marina Garay. *Memoria y exilio a través de la obra de escritores chilenos exiliados en Alemania (1973-1989): una apertura al otro*. 486f. Tesis Doctoral. Universidad Autónoma de Madrid. Facultad de Filosofía y Letras, 2011.

CANCINO, Hugo. Exilio chileno e historiografia. *Sociedad y discurso*, Aalborg Universitet, Denmark, 2003.

CÁRDENAS, María Teresa. Literatura chilena del exilio. Rastros de una obra dispersa. Exilio chileno. Exilio chileno, cultura y solidaridad internacional. El Mercurio, 23/08/2003 (reproducción autorizada). Disponible em: <http://chile.exilio.free.fr/chap03f.htm>. Consultado em 14/03/2016.

CARREÑO, Rubí. El exilio de la crítica chilena: aportes para una nueva agenda literaria. *Anales de Literatura Chilena*, año 10, n. 12, p. 129-144, diciembre 2009.

CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución: la izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo” (1956-1970)*. Santiago: LOM Ediciones, 2010.

CLARO-MAYO, Juan. Dorfman, cuentista comprometido. *Revista Iberoamericana*, Vol. XLVII, Núm. 114-115, p. 339-345, Enero-Junio 1981.

COELHO NETO, Raphael. As representações sobre as revoluções cubana e sandinista na revista exílica *Araucaria de Chile* (1978-1990). *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*, México: UNAM, CIALC, n. 61, p. 157-184, 2015.

_____. O papel dos intelectuais e a literatura de resistência política na revista *Literatura Chilena en el Exilio*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 19, p. 152-185, jul./dez. 2015.

_____; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Revistas de intelectuais exilados como objeto de pesquisa: o caso de *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*. *Faces da História*, Assis-SP, v.1, nº1, p. 124-146, jan.-jun., 2014.

CORTÍNEZ, Verónica. La parroquia y el universo: Historia personal del "Boom" de José Donoso. *Revista Chilena de Literatura*, Universidad de Chile, n. 48, p. 13-22, 1996.

CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado: memorias*. Santiago: LOM Ediciones, 1997.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

_____. “Nicarágua na encruzilhada”: Cortázar, Vargas Llosa e a experiência sandinista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 44, p. 479-503, julho-dezembro 2009.

_____. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

COUTO, Cristiano Pinheiro de Paula. *Intelectuais e exílios: confronto de resistências em revistas culturais Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia* (1978-1984). 243f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

CRESPO, Regina. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010, publicación en CD-ROM.

CYMERMAN, Claude. La literatura hispanoamericana y el exílio. *Revista Iberoamericana*, v. LIX, n. 164-165, p. 523-550, julio-diciembre de 1993.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 123-138.

DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto? A aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi, Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, nº1, v.1, outubro de 2007, s.p.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Universidad Santiago de Chile, 2007.

DÍAZ-CID, César. El discurso testimonial y su análisis literario en Chile. *Revista Electrónica: Documentos Lingüísticos y Literarios UACH*, nº 30, 2007. Disponível em: www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=1354. Acesso em: 19/05/2015.

DONOSO FRITZ, Karen. Canción Huasa o Canto Nuevo? La identidad chilena en la visión de derechas e izquierdas. In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez *et al* (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, 2008, p. 231-261.

_____. Discursos y políticas culturales de la dictadura cívico militar chilena, 1973-1988. Dossier Chile contemporáneo, n. 29, agosto, 2012. Disponível em: http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/chile_donosofritz.pdf. Consultado em: 21/06/2016.

DORFMAN, Ariel. El Estado y la creación intelectual. Reflexiones sobre la experiencia chilena de la década de los setenta. In: CASANOVA, Pablo González (coord.). *Cultura y creación intelectual en América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1989, p. 321-353.

_____. *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: PUV, 2006.

EPPLE, Juan Armando. Acercamientos a la literatura testimonial de Chile. *Revista Iberoamericana*, v. LX, n. 168-169, p. 1144-1159, julio-diciembre de 1994.

_____. La literatura chilena del exílio. *Texto Crítico*, n. 22-23, p. 209-237, julio-diciembre de 1981.

ETCHEVERRY, Jorge. Poesía chilena en Canadá: historia e identidades. *Contexto*, Segunda etapa, v. 15, n. 17, p. 183-199, 2011.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Dictadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível (1973-1989)*. Franca: UNESP, 1998.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latino-americanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

GARCÉS, Joan. *El estado y los problemas tácticos en el gobierno de Allende*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1974.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *La aventura de Miguel Littín clandestino en Chile*. México: Editorial Diana, 1986.

GARRETÓN, Manuel Antonio. A redemocratização no Chile: transição, inauguração e evolução. *Lua Nova*, São Paulo, n° 27, p. 59-92, 1992.

_____. Mobilizações populares, regime militar e transição para a democracia no Chile. *Lua Nova*, São Paulo, n° 16, p. 87-102, março de 1989.

_____. *Partidos, transición y democracia en Chile*. Santiago: FLACSO, n° 443, 1990.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debate y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GREZ TOSO, Sergio. Salvador Allende en la perspectiva histórica del movimiento popular chileno. *História: debates e tendências*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 219-225, 1º sem. 2006.

HUNEEUS, Carlos. *El régimen de Pinochet*. Santiago: Sudamericana, 2000.

IBACETA PÉREZ, Guilda. Acercamiento a la crítica/ficción de Ariel Dorfman: del dominio a la liberación. *Espejo de Paciencia*, p. 16-23, 2000.

LAZZARA, Michael J. *Los años de silencio: conversaciones con narradores chilenos que escribieron bajo la dictadura*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2002.

LLAMBIAS-WOLFF, Jaime. The voluntary repatriation process of chilean exiles. *International Migration*, v. 31, n. 4, p. 579-599, 1993.

LOYOLA, Manuel. El *mandato sacrificial* y la cultura política del comunismo chileno. *Revista Izquierdas*, año 1, n. 1, p. 1-11, julio 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACÍAS, Sergio. *Gabriela Mistral: poesía y justicia social, constantes en la vida de la más grande escritora iberoamericana*. España: Ayuntamiento de Gijón, 1998.

MAÍZ, Claudio. Las re(d)vistas latinoamericanas y las tramas culturales: redes de difusión en el romanticismo y el modernismo. *Cuadernos del CILHA*, v. 12, n. 14, p. 73-88, 2011.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, p. 45-68, 2004.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider. *Militância política e solidariedade transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)*. Tese. 272 f. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina II: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 146-166.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Aberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MOREJÓN ARNAIZ, Idália. *Política e polêmica na América Latina*: Casa de las Américas e Mundo Nuevo. 2004. 326 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Pró-Reitoria de Pesquisa, São Paulo.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 15-37.

_____. A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 195-212, jul.-dez. 2007.

_____. As políticas universitárias das ditaduras militares do Brasil, da Argentina e do Chile. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 37-60.

_____. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-38.

MOULIAN, Tomás. *Chile actual*. Anatomía de un mito. Santiago: LOM Ediciones, 1997.

_____. *Fracturas: de Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

_____. La vía chilena al socialismo: itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*, Santiago, LOM Ediciones, 2005, p. 35-56.

MOYANO BARAHONA, Cristina. *El MAPU durante la dictadura: saberes y prácticas políticas para una microhistoria de la renovación socialista en Chile (1973-1989)*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2010.

MUÑOZ, Heraldo. *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MUÑOZ TAMAYO, Víctor. “Chile es bandera y juventud”. Efebolatría y gremialismo durante la primera etapa de la dictadura de Pinochet (1973-1979). *Historia Crítica*, Universidad de los Andes, núm. 54, septiembre-diciembre, p. 195-219, 2014.

_____. El Partido Socialista de Chile y la presente cultura de facciones. Un enfoque histórico generacional (1973-2015). *Revista Izquierdas*, Santiago, n. 26, p. 218-255, enero 2016.

NITSCHACK, Horst. El sujeto del exilio. In: SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier (orgs.). *La patria interrumpida: latinoamericanos en el exilio (siglos XVIII-XX)*. Santiago: LOM Ediciones, 2010, p. 231-240.

NÓMEZ, Naín. Transformaciones de la poesía chilena entre 1973 y 1988. *Estudios Filológicos*, n. 42, Valdivia, p. 141-154, sep. 2007.

NORAMBUENA, Carmem. El exilio chileno: río profundo de la cultura iberoamericana. *Sociohistórica: Cuadernos del CISH*, n. 23-24, p. 163-195, 2008.

_____. Exilio y retorno. Chile. 1973-1994. In: GARCÉS, Mario; ROJAS, María Teresa; PINTO, Julio et. al (comps.). *Memoria para un nuevo siglo*. Chile, miradas a la segunda mitad del siglo XX, Santiago: LOM Ediciones, 2000, p. 173-188.

OLIVERA, Sonia Mereles. Cruzando las fronteras del género: Mario Benedetti y Ariel Dorfman. *Cuadernos Americanos*, n° 131, p. 47-70, 2010.

ORELLANA, Carlos. Bitácora personal de una historia colectiva. *Araucaria de Chile: Índice General (1978-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 9-32.

_____. *Penúltimo Informe: memoria de un exilio*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2002.

ORTIZ GONZÁLEZ, Edison. *El socialismo chileno: de Allende a Bachelet (1973-2005)*. Valencia: Prensa Latino americana; FIADELISO, 2007.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 143-178.

PATÍÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 456-470.

PEREIRA, Anthony. *Ditadura e repressão: o autoritarismo e o estado de direito no Brasil, no Chile e na Argentina*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PERIS BLANES, Jaume. Combatientes de un nuevo cuño: supervivencia y comunidad en los primeros testimonios del exilio. *Revista UNIVERSUM*: Universidad de Talca, n. 24, p. 144-161, 2009.

_____. *Historia del testimonio chileno: de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. España: Universitat de Valencia, 2008.

_____. Una poética de las ruínas: testimonio y alegoría de Aníbal Quijada. *Revista Chilena de Literatura*, n. 74, p. 99-121, abril 2009.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales. In: MONTIEL, Celia del Palacio; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarelly (coord.). *Voces en papel: La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México, Universidad Autónoma de Chiapas, 2008, p. 77-85.

POZO, José del. Los chilenos en el exterior: ¿De la emigración y el exilio a la diáspora? El caso de Montréal. *Revue européenne des migrations internationales*, v. 20, n. 1, p. 1-16, 2004.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*. Universidade de São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

PRATES, Thiago Henrique Oliveira. “O mundo não acaba no Malecón”: exílio, intelectuais e dissidência política nas revistas *Encuentro de la Cultura Cubana* e *Revista Hispano-Cubana* (1996-2002). 249f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 95-105, março-abril, 1978.

REBOLLEDO GONZÁLEZ, Loretto. Exilios y retornos chilenos. *Revista Anales*, Séptima Serie, n. 3, p. 177-187, julio 2012.

_____. Vivir con miedo, morir en el terror: Chile (1973-1990). *Ecuador Debates*, Quito, p. 91-104, diciembre del 2003.

REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla* (Uruguai e Chile, 1932-1974). 426f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

ROJAS, María Eugenia. *La represión política en Chile: los hechos*. Madrid: IEPALA Editorial, 1988.

ROJAS MIRA, Claudia Fedora. *El exilio político chileno: la Casa de Chile en México (1973-1993)*, una experiencia singular. Tesis. 225 f. Universidad de Santiago de Chile. Instituto de Estudios Avanzados – Facultad de Humanidades, 2013.

_____; SANTONI, Alessandro. Geografía política del exilio chileno: los diferentes rostros de la solidaridad. *Perfiles Latinoamericanos*, n. 41, p. 123-142, enero/junio 2013.

ROJO, Grínor. Casi veinte años de literatura chilena (1973-1991). In: GARRETÓN, Manuel Antonio; SUBERCASEAUX, Bernardo. *Cultura, autoritarismo y redemocratización en Chile*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 57-70.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: Refazendo identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 39-73, 1999.

_____; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol.53, nº1, p. 91-123, 2010.

_____. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editorra FGV, 2011, p. 31-61.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALAZAR, Manuel. *Las letras del horror: la DINA*. Santiago: LOM Ediciones, 2011.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América, Cahiers du CRICAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, p. 9-15, 1992.

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. “*Não há revolução sem canções*”: utopia revolucionária na Nova Canção Chilena (1966-1973). São Paulo: Alameda, 2015.

SCHWARTZ, Jorge. Introdução. In: SCHWARTZ, Jorge (org.). *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP/Edusp, 1995.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

SEMELIN, Jacques. “Qu’est-ce que ‘résister’?”, *Esprit*, Paris, n. 198, p. 50-63, janvier 1994.

SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola Gabriela. *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil*. Tese (doutorado). 186 f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SHAW, Donald. Skármeta: contexto e ideias literárias. *Revista Iberoamericana*, Vol. LX, Núm. 168-169, p. 1051-1061, Julio-Diciembre 1994.

SILVA, Alexsandro de Souza e. “El cine de resistencia” de Miguel Littín no México durante o governo de Luis Echeverría (1970–1976). *I Jornadas de Trabajo Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. La Plata 26, 27 y 28 de septiembre de 2012, p. 1-14.

SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile (1978-1990): a intelectualidade chilena no exílio*. São Paulo: Alameda, 2013.

_____. *Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 10, p. 83-125, jan./jun. 2011.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOSNOWSKI, Saúl (org.). *Lectura crítica de la literatura americana: actualidades fundacionales*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1997.

STREJILEVICH, Nora. *El arte de no olvidar: literatura testimonial en Chile, Argentina y Uruguay entre los 80 y los 90*. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

SUBERCASEAUX, Bernardo. El imaginario político de transformación en Chile. *Contracorriente: Revista de historia social y literatura de América Latina*, v. 5, n. 3, p. 18-63, 2008.

_____. *Historia de las ideas y de la cultura en Chile: desde Independencia hasta el Bicentenario*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, v. III, 2011.

SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *La política del destierro y el exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

TAPIA VALDÉS, Jorge. *El terrorismo de Estado: la Doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur*. Ciudad de México, Nueva Sociedad: Editorial Nueva Imagen, 1980.

TEITELBOIM, Volodia. *La vida, una suma de historias (Antes del Olvido III)*. Santiago: Sudamericana/Señales, 2003.

THEML, Neyde, BUSTAMANTE, Regina da Cunha. História Comparada: olhares plurais. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXIX, n. 2, p. 7-22, 2003.

TIRONI, Eugenio. *Autoritarismo, modernización y marginalidad: el caso de Chile (1973-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1990.

ULIANOVA, Olga. El exilio comunista chileno. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 39, n. 2, p. 212-236, jul./dez. 2013.

VALDIVIA, Verónica. “Estamos en guerra, señores!”. El régimen militar de Pinochet y el Pueblo 1973-1980. *Historia*, n. 43, v. I, p. 163-201, enero-junio 2010.

_____. Los guerreros de la política. La Unión Demócrata Independiente, 1983-1988. In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez *et al* (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, v. II, 2008, p. 139-230.

_____. *Nacionales y gremialistas: el “parto” de la nueva derecha política chilena, 1964-1973*. Santiago: LOM Ediciones, 2008.

_____. Pinochetismo e guerra social no Chile. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 121-141.

VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p. 9-33.

VALLEJOS, Rolando Álvarez. ‘Aun temos pátria, ciudadanos’: el partido comunista de Chile y la salida no pactada de la dictadura (1980-1988). In: VALDIVIA, Verónica; VALLEJOS, Rolando Álvarez *et al* (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, 2008, p. 19-82.

_____. Cultura política y represión política: el caso del Partido Comunista de Chile. In: ABREU, Luciano Aronne de; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV: EdiPUCRS, 2013, p. 327-348.

_____. *Desde las sombras: una historia de la clandestinidad comunista (1973-1980)*. Santiago: LOM Ediciones, 2003.

VARGAS, Viviane Bravo. Quimantú: palabras impresas para la Unidad Popular. *ISTOR*, año XIV, n. 54, p. 47-76, otoño de 2013.

VERGARA, Pilar. *Auge y caída del neoliberalismo en Chile: un estudio sobre la evolución ideológica del régimen militar*. Santiago de Chile: FLACSO, n°216, 1984.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

YANKELEVICH, Pablo. Estudar o exílio. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 11-30.

WINOCK, Michel. La culture politique des socialistes. In: BERSTEIN, Serge (org.). *Les cultures politiques en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 179-214.

WYMAN, Eva Goldschmidt. *Los poetas y el general: voces de oposición en Chile bajo Augusto Pinochet (1973-1989)*. Santiago: LOM Ediciones, 2002.

Páginas da internet:

<http://www.economiaynegocios.cl>. Acesso em: 30/07/2016.

<http://www.ecured.cu>. Acesso em: 14/07/2015.

<http://www.internacional.elpais.com>. Acesso em: 30/07/2016.

<http://www.isabelallende.com/es/bio>. Acesso em: 03/08/2015.

<http://www.memoriachilena.cl>. Acesso em: 25/06/2013.

<http://www.voltairenet.org/article135365.html>. Acesso em: 20/10/2016.

Entrevistas:

BRAVO-ELIZONDO, Pedro. Entrevista concedida por e-mail ao autor deste estudo no dia 01/08/2016.

EPPLÉ, Juan Armando. Entrevista concedida por e-mail ao autor deste estudo no dia 04/09/2016.